

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**CASAS E GENTES:  
MODOS DE VIVER E MORAR EM UMA CIDADE DO INTERIOR DE ALAGOAS**



Thalita Lins do nascimento

MACEIÓ  
2015

**Thalita Lins do Nascimento**

**CASAS E GENTES:  
MODOS DE VIVER E MORAR EM UMA CIDADE DO INTERIOR DE ALAGOAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Fau/Ufal, área de concentração em Dinâmicas do Espaço Habitado, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

**Orientadora: Prof. Dra. Maria Angélica da Silva**

**MACEIÓ  
2015**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- N244c Nascimento, Thalita Lins do.  
Casas e gentes: modos de viver e morar em uma cidade do interior de Alagoas / Thalita Lins do Nascimento. – 2015.  
234f. : il.
- Orientadora: Maria Angélica da Silva.  
Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Tecnologia. Maceió, 2015.
- Bibliografia: f. 202-206.  
Apêndices: f. 207-234.
1. Arquitetura popular – Alagoas, Brasil – Memória. 2. Habitação popular.  
3. Casas de meia morada. 4. Espaço habitado. I. Título.

CDU: 711.4(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO – DEHA

**Thalita Lins do Nascimento**

**CASAS E GENTES: MODOS DE VIVER E MORAR EM UMA CIDADE DO  
INTERIOR DE ALAGOAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Fau/Ufal, área de concentração em Dinâmicas do Espaço Habitado, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Aprovada em: 14/12/2015

*Maria Angélica da Silva*

Prof. Dra. Maria Angélica da Silva  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

*Luis Antônio dos Santos Baptista*

Prof. Dr. Luis Antônio dos Santos Baptista  
Universidade Federal Fluminense – UFF

*Josymare Omena Passos Ferrare*

Prof. Dra. Josymare Omena Passos Ferrare  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

*Juliana Michaello*

Prof. Dra. Juliana Michaello Macedo Dias  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

*Á minha vó, Alice.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, primeiramente, por sua presença constante e iluminadora na minha vida. Sem Sua força eu não teria conseguido superar os duros golpes, muitas vezes difíceis de aceitar, que a vida insiste em nos dá. Sei, Senhor, que me destes sempre muito mais do que mereci.

A minha família, pelos laços que me afagam desde sempre. Aos meus pais Helena e Cícero; irmãos, Thiago e Thálisson; a minha irmã Thaís e seus pequenos; à Isabel, grande amiga. Por serem minha base para enfrentar todas as dificuldades que se colocam ao longo de minha caminhada. Por dividirem comigo aflições, frustrações, expectativas, ansiedades... Por torcerem e participarem das minhas conquistas, elas são suas também.

A Henry, pelo amor e companheirismo incondicionais. Pelas doces palavras ditas nos momentos precisos, pela escuta, atenção e cuidados diários... Certo poeta disse uma vez que as pessoas têm superpoderes, e que por trás da aparência e da normalidade, há uma vida multiplicada em talentos. Henry tem o superpoder da generosidade e de ser calma quando a vida nos sacode, agitada.

A minha meticulosa orientadora Angélica, a quem aprendi a admirar e que nunca dando respostas prontas e fáceis me fez refletir sobre caminhos, paragens, bifurcações... Pela sua habilidade rara para juntar o rigor acadêmico com uma postura sensível diante da vida, diante das pessoas. Agradeço por me acompanhar por estes caminhos tortuosos, às vezes difíceis, outras vezes fascinantes da pesquisa acadêmica, me conduzindo, orientando, mas sempre com uma atitude amiga. Caminhamos juntas.

Aos professores do DEHA e aos do curso de graduação, pela contribuição individual de cada um em minha formação acadêmica, especialmente à Ju Michaello, que continua sendo grande exemplo de pessoa e profissional para mim; e à Josy, nunca me esquecerei da escrita a contrapelo, que muito me marcou em suas aulas. Agradeço por fazerem do exame de qualificação um momento agradável de diálogo. Ao professor Luís Antônio, sempre disponível e gentil, pelas suas contribuições.

A todos os moradores que me abriram suas casas, me presentearam com lembranças, histórias, jeitos de fazer, de pensar... Agradeço pela paciência de

escutar, pela generosidade de acolher e pela confiança de me falar. Profundamente tocada pelos seus modos de viver, sou agora mais rica em afetos. Todos eles, mesmo sem saber, me ensinaram sobre arquitetura.

E finalmente, a minha voinha, Alice, que viu esse trabalho começar, mas não pôde vê-lo concluído. Eu não acredito que as pessoas passam pela vida sem deixar nada de si, elas permanecem em algum lugar além da memória daqueles que as amam. E assim, minha vó está presente não só no retrato da estante que sorri para mim um sorriso doce e gratuito. Sua presença se confirma em cada palavra sobre esses velhos e suas casas. É para ela este trabalho, dona da casa onde habitam minhas ternas lembranças infantis, casa que tanto se avizinha das que serão estudadas aqui e as tornam ainda mais próximas a mim. De todas as sortes que tive e de todos os presentes que Deus me deu sua presença em minha vida foi, sem dúvida, o mais bonito.

---

*“Tenho amado casas. No meu cortejo vai um vagão só de pedaços de arquitetura. E quando passo em revista a minha vida encontro as minhas dispersões em paredes embebidas de vozes, em portas e corredores com invisíveis presenças, em jardins e escadas que estão sentados comigo há imensos anos, e até em lugares onde nunca estive, mas com os quais me correspondo, e sei que me conhecem desde sempre, e, ainda quando pertençam a outros, para mim é que foram feitos.” (Cecília Meireles, “A Casa”, 1998)*

---

## RESUMO

Dentre as várias manifestações da arquitetura popular no Nordeste, destacam-se as casas de meia morada, tipologia arquitetônica que atravessa séculos e ainda hoje marca a configuração urbana das cidades interioranas de vários estados nordestinos. Para este estudo, foi tomada como referência a cidade de Quebrangulo, que tem pouco mais de 11 mil habitantes e fica localizada no agreste do estado de Alagoas. Dentro do recorte coberto pela pesquisa, foram elegidas casas habitadas por antigas famílias que ali permanecem desde a sua construção. Assim, elas acompanham o envelhecimento de seus moradores. Acalentadas por um acúmulo de objetos decorativos e religiosos, tangenciam experiências de habitar em que ganham destaque a fé e a memória. Acessando estas casas por meio da observação empírica e das narrativas dos seus moradores, investigou-se as maneiras como são habitadas, privilegiando as relações afetivas que as pessoas estabelecem com o espaço por elas habitado. O trabalho estrutura-se em três blocos: a primeira parte apresenta a cidade de Quebrangulo; a segunda constitui uma aproximação das casas que compõem o recorte proposto primeiramente através da literatura corrente sobre o assunto para então entender como estas edificações se apresentam em Quebrangulo; a terceira parte é um esforço de conhecer as casas por dentro para compreender suas dinâmicas. Adentra-se nos ambientes domésticos tal como eles vão sendo apresentados nas visitas guiadas pelos próprios moradores: salas, corredores, quartos, cozinhas e quintais. Há destaque para uma reflexão sobre como a religiosidade participa do habitar das casas em estudo.

Palavras-chave: Arquitetura popular. Espaço habitado. Casas de meia morada. Memória. Alagoas.

## ABSTRACT

One of the most striking examples of popular architecture in the North-East of Brazil is the "meia morada" house [a small Dutch-style house with a single door and two windows]. It belongs to an architectural style that has existed for centuries and still characterizes the urban configuration of towns that are situated in the interior of several states in the North-East. For the purposes of this study, the town of Quebrangulo has been chosen as a benchmark. It has 11 thousand inhabitants and is located in the wild landscape of the State of Alagoas. Within a passage taken from this research study, some houses were chosen that have been inhabited by traditional families who have remained there since the time they were first built. Thus they have accompanied the aging of those who dwell in them. Comforted and warmed by a wide array of decorative and religious objects, they are impregnated with the household experiences that underline the value of their faith and memories. By becoming acquainted with these houses through empirical observation and the narrative accounts of their residents, the researchers carried out an investigation into the ways they are inhabited, giving priority to the affective relationships that are established by the inhabitants within the spaces they occupy. This study is divided into three parts: the first examines the town of Quebrangulo; the second entails a close examination of the houses which form the passage that has been discussed in the current literature on the subject. The aim of this is to understand how these buildings appear in the setting of Quebrangulo; the third part is an attempt to get to know these houses from inside and to understand their dynamics. These different parts involved exploring the domestic surroundings in greater depth so that they could be seen in guided visits conducted by the residents themselves: the living-rooms, passages, bedrooms, kitchens and gardens. Prominence was given to reflecting on how religious feelings play a part in the dwellings examined in this study.

Keywords: Popular architecture. Inhabited space. Casas de meia morada. Memories. Alagoas.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Casario em Quebrangulo/AL.....	14
Figura 2: Fotografias dos diários de bordo.....	19
Figura 3: Fotografias dos objetos produzidos a partir das derivas.....	19
Figuras 4,5 e 6: Croquis de uma praça pública, fachada e detalhe decorativo de uma residência em Quebrangulo.....	22
Figura 7: Vista de Quebrangulo.....	32
Figura 8: Reserva de Pedra Talhada.....	32
Figuras 9, 10 e 11: Paisagens de beira de estrada. Quebrangulo- Al.....	33
Figura 12: Roupas na cerca.....	33
Figura 13: Paisagem próxima à Quebrangulo.....	34
Figura 14: Paisagem quebrangulense.....	35
Figura 15: Entrada da cidade.....	36
Figura 16: Vista aérea de Quebrangulo.....	38
Figura 17: Vista parcial de Quebrangulo.....	38
Figuras 18 e 19: Ruínas de casas em Quebrangulo.....	40
Figuras 20 e 21: Ruas do conjunto Frederico Maia.....	41
Figura 22: Casas no Conjunto Habitacional Geraldo Passos.....	41
Figura 23: Conjunto Habitacional Geraldo Passos visto da Rua da Cachoeira.....	42
Figura 24: Caminhantes em Quebrangulo.....	43
Figura 25: Rua da Palha (Rua 13 de Junho).....	47
Figura 26: Vista da Rua do Beco (Av. 15 de novembro).....	48
Figura 27: Antigo terreiro de xangô de mestre Zome.....	48
Figura 28: Estátua do Padre Cícero.....	48
Figura 29: Traseiras das casas na Rua Pernambuquinho.....	49
Figura 30: Rua Pernambuquinho em dia de festa.....	49
Figura 31: Rua da Cachoeira.....	51
Figura 32: Final da Rua da Cachoeira.....	52
Figura 33 e 34: Hábitos rurais no habitar urbano.....	56
Figuras 35 e 36: Construções rurais na paisagem urbana.....	57
Figura 37: Caminhante em Quebrangulo.....	58
Figuras 38 a 41 : Praças de Quebrangulo.....	59
Figura 42: Praça da Igrejinha de São Sebastião.....	60

Figura 43: Praça da Prefeitura (Praça Getúlio Vargas).....	60
Figura 44: Praça da Igreja Matriz.....	60
Figura 45: Praça da Independência no Centr.....	61
Figura 46: Igreja Matriz de Bom Jesus dos Pobres.....	62
Figura 47: O casarão dos Barros.....	62
Figura 47: Igreja do Rosário.....	62
Figura 49: Capela e cruz de beira de estrada.....	65
Figura 50: Praça Padre Cícero.....	66
Figura 51: Fachada com imagem do padre Cícero.....	66
Figura 52: Imagens de Frei Damião e Padre Cícero na Vila da São Francisco – Quebrangulo.....	66
Figura 53: Padre Cícero na Vila da São Francisco – Quebrangulo.....	66
Figuras 54, 55 e 56: Dia de procissão em Quebrangulo.....	68
Figura 57: Uma rua de Quebrangulo na década de 1930.....	69
Figura 58: Casa de taipa em Quebrangulo.....	69
Figura 59: Casa na década de 1930.....	69
Figura 60: Rua do Beco na década de 1940.....	69
Figura 61: Rua do Comércio na década de 1940.....	69
Figuras 62 a 63: Edificações com características ecléticas em Quebrangulo.....	70
Figuras 64 e 65: Fachadas em Quebrangulo.....	71
Figura 66: Arruado de casas em Quebrangulo.....	71
Figura 67: Sem título.....	73
Figura 68: Vista da Rua do Comércio na década 1940.....	77
Figura 69: Processo de transformação das fachadas.....	78
Figura 70: Detalhes de processo de surgimento e transformação das platibandas.	79
Figura 71: Rua da Cachoeira (casas mais recentes).....	79
Figura 72: Rua da Cachoeira (casas mais antigas).....	79
Figura 73: Esquema de distribuição das casas de meia morada em Quebrangulo..	81
Figura 74: Casas em Riacho das Pedras/ BA, 1986.....	82
Figura 75: Casas em Serrinha/BA1983.....	82
Figuras 76 e 77: Casas em Ingá/ PB, 1987 e 1985.....	82
Figura 78 e 79: Imagens da mesma casa na primeira e na segunda edição do Livro Pinturas e Platibandas – Bola/Paraíba/1985.....	83
Figura 80: Casa em Piaçabuçu/AL (1985).....	84

Figura 81: Casas em Forquilha/ CE (1983).....	84
Figura 82: Casa em Ribeira do Pombal/BA (1985).....	85
Figura 83: Casas em Japaratinga/AL (1985).....	85
Figura 84: Conjunto de casas em João Pessoa, PB, 1998.....	86
Figuras 85 e 86: Conjunto de casas de fachadas modernizadas em Alagoas.....	87
Figuras 87: Diferentes variações de casas de meia morada em Palmeira dos Índios.....	88
Figura 88: Grupo Escolar Desembargador Tenório.....	89
Figura 89 e 90: Fachadas em Quebrangulo.....	90
Figura 91: Esquema de composição de uma fachada em Quebrangulo.....	91
Figura 92: Fachada de uma residência em Quebrangulo.....	91
Figura 93: Fachada da residência de Dona Zefinha.....	92
Figura 94: Aparência de uma residência em 1941.....	95
Figura 95: Planta baixa de uma residência.....	95
Figura 96: Esquema de variabilidade das plantas baixas.....	97
Figura 97: Interior de uma residência em Quebrangulo.....	98
Figura 98: Detalhe de fachada em Quebrangulo.....	99
Figura 99: Cozinha de Dona Josefa.....	100
Figura 100: Esquema de leitura das casas.....	105
Figura 101: Casas em Igaratu/Ceará, 1983.....	107
Figura 102: Calçadas da Rua da Cachoeira.....	107
Figura 103: Casa em Quebrangulo/AL.....	108
Figuras 104 e 105: Atividades na calçada, Quebrangulo/AL.....	109
Figura 106: Interior e uma residência em Quebrangulo/AL.....	112
Figura 107: Interior de uma residência em Quebrangulo/AL.....	113
Figura 108: Sala de uma residência em Quebrangulo.....	114
Figura 109: Sala da residência de Josefa e Bié.....	115
Figura 110: Sala da residência de Jorge e Geilza.....	116
Figura 111: Dona Juvenília com sua máquina de costura.....	119
Figura 112: Máquina de costura de Dona Josefa Maria.....	119
Figura 113: Retrato dos pais de Dona Maria.....	121
Figuras 114 e 115: Residência de Dona Josefa e residência de João e Ana.....	121
Figuras 116 a 118: Interiores de casas na zona rural de Nova Olinda, CE.....	122
Figura 119: Retrato pintado.....	123

Figura 120: Retrato de Dona Juvenília e o marido.....	124
Figura 121: Processo de retoque e pintura do retrato.....	125
Figura 122: Fotografia do filho de Ana e João.....	127
Figura 123: Retrato na parede de uma residência em Quebrangulo.....	128
Figura 124: Dona Cícera em sua sala.....	131
Figura 125: Sala do meio na casa de Dona Josefa da Conceição.....	132
Figuras 126 e 127: “Salas do meio” na casa de João e Ana.....	133
Figuras 128 e 129: “Salas do meio” na casa de Josefa e Bié.....	133
Figuras 130 e 131: Sala do meio de Dona Juvenília.....	134
Figuras 132 e 133: Corredores nas casas de Olívia e Iracema.....	135
Figura 134: Corredor da casa de Cícera.....	136
Figura 135: Quarto da casa de Iracema.....	138
Figura: 136: Quarto da casa de Dona Maria.....	138
Figuras 137 a 139: Quartos em diferentes residências em Quebrangulo.....	139
Figuras 140: Quarto de Dona Maria.....	140
Figura 141: Quarto de Josefa Maria.....	141
Figura 142: Quarto de João e Ana.....	141
Figura 143: Quarto de visitas na residência de Josefa e Bié.....	141
Figura 144: Cozinha da residência de João e Ana.....	143
Figura 145: Tipologia das portas, residência de Cícera.....	144
Figura 146: Cozinha da casa de Dona Juvenília.....	144
Figura 147: Cozinha da casa de Josefa e Bié.....	145
Figura 148: Cozinha da casa de Cícera.....	146
Figura 149: Filtros de barro em diferentes residências de Quebrangulo.....	146
Figura 150: Utensílio de cozinha na casa de Josefa e Bié.....	147
Figuras 151 e 152: Pilões de madeira de Dona Juvenília.....	148
Figura 153: Urupembas na cozinha de Dona Juvenília.....	148
Figuras 154 a 157: Partes da cozinha na casa de Dona Juvenília.....	150
Figuras 158 e 159: Fotografias de cozinhas em casas rurais na Serra da Mantiqueira.....	151
Figura 160: Cozinha de casa rural na Chapada Diamantina.....	151
Figura 161 e 162: Cozinhas de casas rurais na Chapada Diamantina.....	152
Figura 163: Cozinha de casa rural na Chapada Diamantina.....	152
Figura 164: Cozinha interna de Dona Juvenília.....	154

Figura 165: Preparação do almoço na casa de Josefa e Bié.....	157
Figura 166: Vista para o quintal na casa de Dona Maria.....	161
Figuras 167 e 168: Quintais de duas residências em Quebrangulo.....	162
Figura 169: Quintal de Dona Maria.....	163
Figura 170 e 171: Quintal de Dona Maria em Set. de 2014 e em maio de 2015....	164
Figura 172: Área de lazer aos fundos do quintal.....	164
Figura 173: Planta baixa do quintal de Dona Maria.....	165
Figura 174: Quintal de uma residência em Quebrangulo.....	166
Figura 175: Planta baixa do quintal de Josefa e Bié.....	167
Figura 176: Dona Juvenilía e sua arara.....	168
Figura 177: Quintal de Dona Josefa Maria.....	170
Figuras 178 e 179: Quintais de Olívia e Zefinha.....	170
Figuras 180 a 182: Áreas de serviço no quintal.....	171
Figura 183: Residência de Dona Maria.....	171
Figura 184: Banheiros no quintal.....	172
Figura 185: Preparações de Dona Maria.....	173
Figura 186: Grãos para o café das 25 sementes.....	174
Figura 187: Dona Juvenilía no quintal.....	175
Figuras 188 e 189: Dona Juvenilía mostrando as plantas do quintal.....	176
Figuras 190: Quintal visto dos fundos do lote.....	176
Figura 191: Dona Juvenilía atrás de casa, segura a flor que mais tarde me daria de presente.....	178
Figura 192: Quintal de Dona Josefa.....	178
Figura 193: Imagem na parede da residência de Dona Cícera.....	181
Figura 194: Altar de Dona Maria.....	181
Figuras 195 e 196: Santos do quarto.....	182
Figura 197: Altar no quarto de Dona Maria.....	183
Figuras 198 e 199: Quarto e oratório de Dona Juvenilía.....	185
Figura 200: Altar na sala de Dona Cícera.....	186
Figura 201: Oratório no quarto de Dona Zefinha.....	187
Figuras 202 e 203: Cozinhas em Quebrangulo.....	188

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 PERCURSOS POR UMA CIDADE: QUEBRANGULO/AL.....</b>	<b>28</b>
<b>2 QUEBRANGULO E SEUS ESPAÇOS HABITADOS: CASAS DE MEIA MORADA.....</b>	<b>74</b>
<b>3 ATRAVESSANDO AS CASAS: NARRATIVAS E COTIDIANOS.....</b>	<b>102</b>
<b>3.1 Calçadas .....</b>	<b>106</b>
<b>3.2 Salas .....</b>	<b>113</b>
<b>3.3 Salas do meio .....</b>	<b>131</b>
<b>3.4 Corredores.....</b>	<b>135</b>
<b>3.5. Quartos .....</b>	<b>138</b>
<b>3.6 Cozinhas.....</b>	<b>142</b>
<b>3.7 Quintais.....</b>	<b>162</b>
<b>3.8 Perpassando os cômodos: o lugar do sagrado.....</b>	<b>179</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>191</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>202</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>207</b>
<b>Apêndice A – identificação dos entrevistados e plantas baixas.....</b>	<b>208</b>
<b>Apêndice B – Espécies vegetais do quintal de Maria.....</b>	<b>218</b>
<b>Apêndice C – registro da iconografia religiosa das casas.....</b>	<b>219</b>
<b>Apêndice D - roteiro de entrevista.....</b>	<b>229</b>
<b>Apêndice E – roteiro de pesquisa de campo.....</b>	<b>230</b>

## INTRODUÇÃO

A arquitetura popular, mesmo constituindo a maior parte do espaço construído das cidades brasileiras, tem sido pouco contemplada com estudos no campo da teoria e história da arquitetura. Nota-se que, ao ser enquadrada na categoria “popular”, muitas vezes ela é entendida como algo de menor valor. Dentre as suas várias manifestações no Nordeste, pode-se destacar as casas de meia morada, tipologia arquitetônica que atravessa séculos e ainda hoje marca a configuração urbana das cidades interioranas de vários estados nordestinos. É o caso de Quebrangulo, pequena cidade de pouco mais de 11 mil habitantes, localizada no agreste do estado de Alagoas.

Em Quebrangulo, o geminamento junto à sucessão de platibandas, fachadas e cumeeiras paralelas à rua vão formando verdadeiros corredores de casas em fita. Acessando a cidade pelas suas vias mais antigas nota-se que as casas de meia morada continuam compondo os caminhos mais familiares para os moradores e constituem-se um dos elementos definidores do lugar.

**Figura 1 - Casario em Quebrangulo/AL**



Fonte: Autora (2015).

Embora persistentes na paisagem, elas são ausentes na bibliografia. Sant’anna (2013) lembra que os estudos em relação à casa popular em geral não são abundantes no âmbito da arquitetura e do urbanismo, sendo vinculados principalmente às questões da preservação, conservação e restauração das edificações ou relacionados à problemática da habitação de interesse social

(SANT'ANNA, 2013, p. 41). Mesmo que autores clássicos como Gilberto Freyre e arquitetos como Lúcio Costa e Lina Bo Bardi tenham se debruçado sobre a produção popular, nota-se ainda grande lacuna em relação ao tema. Este trabalho, pretende, assim, contribuir para a diminuição de tal lacuna.

Casas de meia morada são construídas em lotes estreitos e profundos, em geral geminadas e com fachada composta de porta, janela e platibanda. Não havendo nenhuma barreira que as separe da rua, têm com esta uma relação bastante próxima. As que serão examinadas nesta dissertação são em geral, habitadas por velhos, e assim, vestem-se de um acúmulo de objetos decorativos e religiosos e seguem indiferentes aos avanços da tecnologia, parecendo cada vez mais tangenciar experiências que provém de outros tempos. Mesmo instaladas na contemporaneidade, assumem um habitar caterístico de outras épocas.

O tempo que enferruja as dobradiças é o mesmo que afeta os moradores. Construídas nas décadas de 50 e 60 ou mesmo antes, elas são na maior parte dos casos, habitadas por famílias que nelas permanecem desde a sua construção. Assim, envelhecem junto com os seus donos.

Dentro do recorte coberto pela pesquisa, observa-se que quando habitadas por pessoas jovens, estas casas desenrolam espaços de outra natureza. Mesmo que tenham o mesmo tempo de vida e as mesmas características arquitetônicas daquelas habitadas por idosos, mudam seu “jeito de ser”. As casas ocupadas por jovens são em geral alugadas e priorizadas devido à acessibilidade financeira. Assim, estes não possuem com aquela o mesmo sentido de enraizamento, não revelam um sentido de identificação com as mesmas. Portanto, serão priorizadas no estudo as casas dos moradores idosos. De fato, adentrá-las é penetrar nos territórios da velhice, às vezes labirínticos, sinuosos, desafiadores, há de se caminhar com cuidado.

O primeiro contato com esta arquitetura se deu já em meu trabalho final de graduação, em que procurei investigar de que maneira a arquitetura popular, neste caso da cidade de Palmeira dos Índios, era contaminada pela arquitetura moderna, ou seja, como as pessoas se apropriaram e reelaboraram alguns elementos do vocabulário formal modernista e produziram uma arquitetura de caráter híbrido. Como recorte do trabalho, foram analisadas cerca de 300 casas em diversos bairros de Palmeira dos Índios e desse universo, foram escolhidas 130 para a análise arquitetônica da fachada e aspectos formais. Dentre estas, prevaleceram as casas

de meia morada. Ao longo do estudo, as conversas, ainda que breves, com os moradores foram se tornando fundamentais para a compreensão da arquitetura sobre a qual eu estava debruçada, sendo um ponto fundamental para me conduzir pelos caminhos traçados até aqui.

Inicialmente a dissertação consistiria num aprofundamento do tema do TFG, tendo como foco a investigação dessa apropriação popular do modernismo agora na cidade de Quebrangulo, distante 28 km de Palmeira dos Índios. Tal escolha foi oportuna por se tratar de uma cidade de menor extensão, cuja configuração urbana é marcada por extensos conjuntos de casas de meia morada. Enquanto em Palmeira dos Índios, assim como em outras cidades próximas, estas já não formam conjuntos, mas estão salpicadas entre outras tipologias arquitetônicas.

A partir de uma aproximação mais sensível do objeto de estudo, foi possível construir outro olhar para a casa popular, olhar este atento não só a seus elementos e características físicas, mas também às questões dos usos cotidianos, da memória, dos afetos e aspectos mais subjetivos relativos ao espaço habitado. Dessa forma, o trabalho foi se configurando como um movimento de adentrar esta casa popular e conhecê-la por dentro, seguindo fios quase que invisíveis que ligam as vidas das pessoas a cada espaço de suas casas. Se antes eram priorizadas as fachadas, agora prioriza-se a maneira como são habitadas.

Muito mais do que as fachadas, os interiores foram se tornando reveladores de importantes aspectos do morar, seja no que tange aos hábitos e práticas cotidianas, seja pela religiosidade que se expressa em vários lugares da casa ou ainda pela grande quantidade de imagens que, junto aos moradores, também habitam o espaço doméstico. A arquitetura popular revela muito mais que formas e cores, estando profundamente ligada ao cotidiano e ao modo de viver dos indivíduos, porque morar numa casa significa habitar ao mesmo tempo um espaço físico e um espaço simbólico-afetivo. É nesse segundo aspecto da casa que concentraremos nossos esforços para entender a arquitetura através das relações que as pessoas estabelecem com o espaço que vivenciam.

A primeira impressão que tive ao penetrar as residências é a de que são escuras e silenciosas. Demorando-se em seu interior, os muitos objetos e imagens que preenchem essas casas desafiaram-me num inquietante exercício de tentar interpretá-los. Os olhos não paravam de receber estímulos e o pensamento não se enfadava de tentar compreender seus signos. Qual a lógica que rege sua

organização? Quais sentidos revelam-se no seu habitar cotidiano? Que referências supõem? Quem são seus sujeitos? Assim, o silêncio abandona as velhas casas. Elas inundam-se de vozes que se põem a diluir um pouco da racionalidade de quem pretende as decifrar. Não custei a entender que para acessar seus códigos era preciso um olhar desprofissionalizado e um ouvido atento. Pode-se dizer que essas casas desafiam o arquiteto a perder “a couraça que o domínio de uma disciplina cria, vencido pela força mesma da experiência real da casa, da domesticidade e da vida que ela contém” (ÁBALOS, 2003, p.9).

A dissertação pretende, assim, investigar o tema da arquitetura popular tomando como referência a cidade de Quebrangulo e privilegiando as relações afetivas que as pessoas estabelecem com o espaço por elas habitado.

O termo “arquitetura popular” é utilizado no trabalho com todas as ressalvas a respeito da carga semântica que tal palavra traz no sentido de qualificar esta arquitetura. Reconhece-se que quase todas as formas culturais são contraditórias, compostas por elementos antagônicos e instáveis, não podendo ser fixadas dentro de uma única posição. Nessa perspectiva, trata-se aqui a arquitetura popular como aquela que é elaborada pelas pessoas comuns no seu cotidiano, a partir do seu sistema de valores, condições materiais e repertório construtivo, mas que se apresenta de forma híbrida na medida em que sofre influências de valores e princípios de outros campos da cultura, inclusive daquela denominada “erudita”, sendo, por isso, um campo sempre variável.

A fim de se entender o processo de desenvolvimento do trabalho, são esclarecidas algumas etapas e procedimentos metodológico utilizados. A primeira etapa consistiu a apreensão sensível do objeto de estudo. Através das derivas, ou seja, do andar distraído pelos lugares, a produção de diários de bordo e de objetos físicos que materializassem a experiência destas incursões pela cidade e por arquiteturas, buscou-se uma aproximação sensível da arquitetura popular e da cidade de Quebrangulo.

A deriva é uma técnica que consiste na apreensão através da ação básica do caminhar, por meio dela é possível experimentar os lugares de modo que eles falem e toquem o pesquisador, permitindo um desnudar-se de conceitos pré-estabelecidos com relação a determinado objeto ou questão (JACQUES, 2003). É a experiência de um corpo que se desloca e sente o espaço, corpo que não se reduz aos olhos, mas percebe o lugar a partir de todos os sentidos.

Os situacionistas foram um dos primeiros grupos a criticar de forma radical o Movimento Moderno, lutando contra a espetacularização mercantil das cidades e fazendo uma crítica ao urbanismo tal como vinha sendo tratado pelos arquitetos modernistas. Propuseram novas maneiras de apreender o espaço urbano através de métodos como a psicogeografia, que possibilitaria o estudo das zonas de afetividade e as relações das pessoas com os espaços da cidade através de seus aspectos subjetivos, e a deriva, um dos seus principais instrumentos.

A ideia não foi utilizar essas ferramentas tal como foram propostas pelos situacionistas, mesmo porque a crítica situacionista se refere a um contexto político-social e histórico específico, mas sim tratá-las como uma inspiração que possibilitasse pensar novas formas de ver e experimentar a cidade e a arquitetura. Assim, as leituras situacionistas se constituíram muito mais em estímulo para o trabalho, do que em aparato teórico e metodológico principal.

A partir das derivas foram elaborados diários de bordo, que são blocos de anotações onde ficam registradas as impressões, detalhes e reflexões sobre as experiências. Eles foram escritos de forma bastante livre, entre palavras e desenhos o contato com a arquitetura e com o lugar vai se esboçando. Nos diários de bordo também são colocadas as motivações, frustrações e expectativas do sujeito que se entrega à experiência da deriva. Dessa maneira as impressões e relatos sobre os lugares e as casas são afetados também pela subjetividade da pesquisadora. Subjetividade esta, entendida aqui não como o engessamento de um eu sobre o qual o mundo “lá fora” seria capaz agir, mas como um agenciamento. A subjetividade do pesquisador não é relativa a este eu interior, individual, mas é atravessada por uma multiplicidade de práticas, forças, contextos. De modo que um diário de bordo em que se traduzem experiências com o campo é produto também desse conjunto de relações. Atravessada por múltiplas identidades, fui ora a “menina da pesquisa”, que vinha capital, estrangeira; ora a menina de Palmeira dos Índios, cidade próxima, familiar; ora a arquiteta, dona de medições.



peças estabelecem entre si tendo a rua como lócus, daí a ideia de um emaranhado de linhas que se tocam, se cruzam e parecem mover-se continuamente de um lugar a outro. Já o segundo foi produzido a partir das visitas às casas e nele foram colocadas as primeiras impressões dos interiores que se abriam para mim à medida que ia conhecendo os moradores. Uma caixa cuidadosamente decorada dentro da qual se situam monóculos com fotografias antigas e imagens de fragmentos de cidade busca falar algo do que sejam essas casas. Ambos os objetos requerem proximidade para serem manuseados e lidos.

As primeiras derivas em Quebrangulo foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2013, assim como os diários de bordo e a produção dos objetos. Entretanto, vale ressaltar que as derivas foram procedimentos realizados ao longo de toda a pesquisa e cada visita à cidade e às casas estudadas foram traduzidas em diários de campo. Mesmo na etapa de escritura da dissertação, as derivas foram importantes porque cada uma delas se constituiu numa descoberta, permitindo contemplar aspectos que não haviam sido percebidos antes e trazendo novas questões, o que permitiu que o processo da escrita acadêmica fosse perpassado e realimentado sempre pela experiência do campo.

A segunda etapa foi composta por visitas às casas estudadas, com a realização de entrevistas, que foram gravadas e posteriormente transcritas. O primeiro bloco foi realizado de agosto a novembro de 2014 com os moradores de 15 casas selecionadas e ocorreram de maneira semiestruturada. Algumas perguntas direcionaram o começo das conversas e foram importantes para criar um clima mais ameno entre o morador e a pesquisadora e para gerar um ambiente de confiança. Entretanto, nem sempre foram obtidos bons resultados, já que alguns entrevistados se limitaram a responder objetivamente às perguntas feitas. Mesmo assim com o tempo, a maioria dos moradores, principalmente os idosos, se mostraram bastante dispostos a abrir as portas das suas casas e suas vidas comigo, num gesto que em si já implica um modo de se relacionar com o outro de maneira generosa.

As perguntas que serviram de guia nas primeiras conversas estavam relacionadas num primeiro momento à pessoa entrevistada (idade, estado civil, com quem mora, há quanto tempo mora, se gosta de morar), depois à casa (se é própria, quando foi construída, quem construiu) e por último ao lugar onde a casa está situada (a relação com os vizinhos, se gosta da rua, da cidade) a fim de explorá-la além de seus contornos físicos. Mesmo apresentando um roteiro que se estruturou

em três grandes blocos - morador- casa- rua - as conversas foram tomando outros caminhos e adquirindo os contornos maleáveis dos diálogos informais, e por isso mesmo resultaram num material bastante rico. Assim o roteiro de entrevista foi sendo reelaborado constantemente ao longo da pesquisa.

Segundo Kaufmann (2013) apesar das repetidas tentativas, a entrevista parece resistir à formalização metodológica: “na prática, ela se mantém fundamentada num conhecimento artesanal, numa arte discreta da bricolagem”. (KAUFMANN, 2013, p.25). No nosso caso, a bricolagem pode ser aplicada não só às entrevistas, mas aos procedimentos metodológicos em geral, em que segui juntando, sobrepondo e recortando fragmentos que possibilitassem a apreensão de novas formas de ver o mundo e entender a arquitetura.

Depois deste primeiro bloco, outras visitas aconteceram às mesmas casas a fim de criar um vínculo maior entre a pesquisadora e a pessoa entrevistada, permitindo vislumbrar aspectos que não foram percebidos nas primeiras conversas e que só a partir de diálogos mais informais foi possível aprofundar. De acordo com Bosi, a entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade (BOSI, 2013, p. 60), as conduzidas neste trabalho foram conversas sobre vivências, lugares, crenças, histórias da infância, jeitos de ser e de viver. Muito mais do que uma coleta de dados, elas se constituem como a matéria-prima essencial do trabalho, fazendo parte preponderante da trama textual da dissertação.

Bosi lembra ainda que “a fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa” (BOSI, 2013, p. 20). Por isso, a interpretação das entrevistas foi atenta às pausas, silêncios e gestos do falar possibilitando descobrir os sentidos ocultos das palavras e enxergar os pontos em que as narrativas pessoais tocaram a arquitetura.

As falas dos moradores compõem diretamente o trabalho juntamente às reflexões da pesquisadora. A dissertação é habitada pelas palavras dos moradores, mas também pela percepção e subjetividade da autora, que interpretou, analisou e sistematizou o material trazido de campo. Daí o teor narrativo e pessoal que muitas vezes a escrita adquire.

Além destas entrevistas mais específicas, foram realizadas outras com moradores e transeuntes em geral para melhor apreender a cidade onde as casas se instalam. Para esta etapa do estudo, foram realizadas 30 entrevistas, com pessoas de diferentes faixas etárias, incluindo os moradores das casas acessadas.

Essas entrevistas (que se referiam exclusivamente à cidade) também aconteceram de forma semi- estruturada, apenas com algumas perguntas para direcionar o início das conversas.

Se as pessoas falam de espaços, os espaços também falam de pessoas. Mesmo sendo um meio de expressão bastante fértil, a fala por si só muitas vezes não consegue abordar alguns assuntos que do ponto de vista do morador são corriqueiros e, assim, sequer precisam ser ditos, já que a fala é também um processo de escolha. Por isso, ao lado das conversas, foi de fundamental importância a observação atenta e cuidadosa da própria entrevistadora. Assim, entrevistas e a observação empírica foram ferramentas complementares e essenciais em todas as etapas da pesquisa, pois através delas é que surgiram as questões colocadas ao longo da dissertação.

Outra ferramenta importante na apreensão da arquitetura e na própria construção da dissertação foi o registro iconográfico, realizado através de desenhos e fotografias. Mais do que coletar informações ou servir como ilustrações, as imagens falam e ajudam a compor o tecido do texto. Os desenhos funcionam aqui como um meio de expressão do olhar da autora sobre o objeto. Assim como a fotografia, têm a ver com uma tomada de posição frente ao que foi visto, referem-se também a uma escolha do que mostrar e como mostrar. Alguns deles foram elaborados em campo, outros a partir de fotografias, outros ainda, pelo viés da memória.

**Figuras 4,5 e 6 - Croquis de uma praça pública, fachada e detalhe decorativo de uma residência em Quebrangulo.**



Fonte: Autora ( 2015).

O desenhar implica outra relação com a arquitetura, não somente outro suporte de representação no qual as mãos ganham maior autonomia. O tempo lento do desenhar tem a ver também com o processo de reflexão de quem se debruça sobre o papel. Eles permitem “desembaraçar a mão”, para usar a expressão de Niemeyer<sup>1</sup>. Aqui, o desenho implica na tentativa de uma relação mais próxima entre a autora e a casa. Dessa forma, imagens, fotografias, desenhos e palavras seguirão juntos na tentativa de acessar e interpretar o objeto de estudo.

Depois de apreender o objeto de estudo num primeiro momento desprovida de leituras e aberta ao que as casas e a cidade de Quebrangulo me falariam, buscou-se a seguir referências bibliográficas que ajudassem a entender a cidade e as dinâmicas do habitar das casas em questão, seguindo os rastros de autores que enfrentaram questões semelhantes às que foram surgindo ao longo da pesquisa.

O encontro com as teorias de Eleanora Bosi, Michel de Certeau, e Gaston Bachelard possibilitou olhar para os espaços domésticos, seja através da memória, do cotidiano ou da poética dos pequenos espaços. Algumas referências de cunho artístico também foram essenciais, me refiro especialmente à fotografia, poesia e literatura.

Michel de Certeau dedicou sua obra ao “homem ordinário”, “herói comum” (CERTEAU, 2013), alcançando um modo de compreensão da história onde prevalecem as práticas cotidianas e as “artes de fazer”. Esse fazer da história, que incorpora a narrativa e os gestos anônimos, confirma-se a partir da interpretação do cotidiano.

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmo, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos, dos prazeres. [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível (CERTEAU, 2013, p.31)

As ideias de Certeau dialogam abertamente com o trabalho na medida em que falam sobre gestos, práticas, crenças e saberes que vão organizando maneiras próprias de se apropriar, organizar e usar espaços. Contribuem, assim, na

---

<sup>1</sup> Ver documentário “A vida é um sopro” dirigido por Fabiano Marciel, 2007.

investigação do habitar e, portanto, na interpretação das relações entre as pessoas, as casas e os lugares da cidade, relações estas que são tecidas no cotidiano.

Outro autor que ajudou a pensar os espaços domésticos foi Gaston Bachelard, que em sua clássica obra *A poética do espaço* (1989) propõe interpretações iluminadoras da casa enquanto espaço habitado pela memória, imaginação e pelo devaneio. É desse olhar fenomenológico que, penetrando a poesia, encontra casas que me valho para pensar muitos aspectos que foram surgindo na investigação.

No entanto, autoras mais próximas como Ecléa Bosi e Anna Mariani se constituíram em aparato teórico principal da dissertação. Em *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994), Ecléa estuda a história da cidade de São Paulo através das lembranças de pessoas idosas e descobre uma História tanto mais rica quanto mais “esquecida” pela História oficial. Assim também se pretendeu estudar as memórias dos moradores, para se entender como suas histórias de vida se misturam aos espaços habitados. Os argumentos de Bosi nos direcionam a uma história da arquitetura contada pelas pessoas, onde importam os hábitos e atitudes frente ao morar.

Apreender a arquitetura pela memória consiste não só em analisar as lembranças de casas e lugares, mas também em ver o passado como uma experiência consolidada capaz de nos ajudar a compreender o presente, porque, como afirma Faulkner “o passado nunca está morto, ele nem mesmo é passado” (Faulkner apud ARENDT, 1988, p.37). Seguindo a mesma linha de pensamento, outro título, também de autoria de Bosi, que trouxe importante contribuição foi *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social* (2003), no qual a autora reúne ensaios que complementam suas percepções sobre a memória e expõe “o dia a dia das oficinas escuras da investigação” (BOSI, 2013, p. 59), deixando valiosas pistas a serem seguidas pelo pesquisador que pretende trabalhar com a fonte oral.

Igualmente fundamental foi o encontro com o trabalho da fotógrafa Anna Mariani, que no pioneiro *Pinturas e Platibandas* (1987) registrou mais de 200 casas de porta e janela em várias cidades do Nordeste, das quais 21 ficam localizadas em Alagoas. Em seus retratos de fachadas, Mariani ressalta “o brilho frágil das cores e a simplicidade abstrata dos traços decorativos”, conforme ressalta Jean Baudrillard em texto ao final do livro. Já para Caetano Veloso, que prefacia o volume, tais retratos produzem um impacto estético que confirma e ultrapassa o sentido de

superação da miséria (VELOSO, 1988). As fotografias de Mariani relevam não só a poesia e singeleza destas casas, como também a imaginação e criatividade de artistas anônimos, pessoas que fizeram de suas habitações retratos de seus modos de viver.

Na obra *Arquitetura Rural na Serra da Mantiqueira* (1996), Marcelo Carvalho Ferraz traz fotografias de casas rurais nesta localidade. O arquiteto se utiliza da fotografia para revelar um mundo construído a partir das mais elementares necessidades das pessoas e das relações que estas estabelecem com o meio natural. Entendendo a arquitetura como tudo aquilo que é edificado pelo homem, o autor captura desde as cozinhas das casas da roça, o galinheiro, o forno de barro até o pequeno circo que perambula de cidade em cidade. As casas rurais retratadas por Ferraz revelaram inúmeros pontos de encontro com as casas estudadas, seja pela relação que estas estabelecem com a natureza, seja pelas práticas que regem a organização dos espaços.

Foi também importante a exposição *Casas do Brasil* (2006) viabilizada pelo Museu da Casa Brasileira que trouxe os olhares de quatro fotógrafos sobre modos de morar em diferentes microrregiões do país. Destes contribuíram para o estudo Lêda Marques com fotografias residências da Chapada Diamantina, se detendo especialmente às cozinhas e Anna Mariani, que revelou os interiores de casas rurais de Nova Olinda, no Ceará.

Além disso, é preciso mencionar a contribuição essencial da poesia e da literatura, que participaram da construção do trabalho direta ou indiretamente. Às vezes Graciliano Ramos irá nos falar sobre a cidade, outras vezes Manoel de Barros ajuda a entender os quintais. Trata-se aqui de casas que tocam mais do que a razão, há algo que se destaca não na pobreza que as afeta, mas na maneira como são habitadas, no cuidado com que são tratadas, no entrelaçamento de memória e cotidiano que vão bordando espaços e fazendo destas casas lugares pessoais, íntimos, próximos de seus moradores.

Que a poesia destas casas fale de coisas que não sabemos traduzir e que nos apresente outras possibilidades de compreensão da arquitetura. Que abra espaço para que se possa refletir também sobre a produção erudita, na medida em que falam de outras formas de pensar, criar e habitar o espaço aplicáveis ao conjunto dos seres humanos. Muito mais do que mera construção, estas casas

configuram-se como um campo de ação através do qual a pessoa comum, no seu cotidiano, passa a ser também produtora de um espaço carregado de significados.

Concebidas de modo ainda a passarem para os filhos e netos, estas casas se contrapõem a ideia do efêmero e à neutralidade da arquitetura contemporânea, cujos atores seguem produzindo edificações que duram menos do que pessoas.

[A senhora gosta de morar aqui?] *Minha filha, eu gosto demais porque foi a casa que meu marido fez e deixou eu dentro. Aqui eu sou rei e sou rainha. A casa é a minha, um dia quando eu morrer, se a minha neta quiser ficar dentro dela, é dela, pra ela ficar até ela ficar velhinha.* (Dona Juvenília em depoimento, 30/09/2014)

Em tempos onde os espaços de habitar tendem a ser cada vez mais estandardizados e monótonos e as vidas humanas, mais individualizadas, estas casas parecem falar qualquer coisa sobre a vivência afetiva do espaço. Contestam de certa maneira, um viver líquido, usando a coerente metáfora de Bauman (2001), tão característico da sociedade contemporânea, em que prevalecem o desapego, a provisoriedade e a individualização.

O trabalho se estrutura em três blocos principais: o capítulo 1 apresenta Quebrangulo pela percepção da autora e pela via das pessoas, simultaneamente pelo viés da lembrança, da história, da paisagem, de sua economia, da arquitetura. Todos esses aspectos integram-se na reunião de fragmentos de cidade, com marcas espaciais e temporais diversas, as quais serão abordadas nesta primeira parte.

O capítulo 2 constitui uma aproximação das casas que fazem parte do recorte proposto. A partir de diversos pontos de vista, sejam eles históricos, culturais ou técnicos, busca-se uma compreensão dos aspectos que procedem tanto da experimentação das casas por parte da autora e quanto da vivência delas por parte dos moradores. Aborda-se primeiramente, a literatura corrente sobre o assunto para então entender como estas edificações se apresentam em Quebrangulo.

No capítulo 3 adentra-se em tais casas a fim de conhecê-las e tentar compreender suas dinâmicas. O percurso inicia-se pelas calçadas, que além de serem uma fronteira entre as casas e a cidade, configuram-se como espaços também habitados. Ultrapassam-se as fachadas e adentra-se nos ambientes domésticos tal como eles vão sendo apresentados nas visitas guiadas pelos próprios moradores: salas, corredores, quartos, cozinhas e quintais. Há destaque para uma

reflexão sobre como a religiosidade participa do habitar das casas em estudo, já que se percebeu que tal aspecto se evidencia tanto nos ambientes domésticos quanto nos discursos dos moradores.

## CAPÍTULO 1

---

### PERCURSOS POR UMA CIDADE: QUEBRANGULO/AL

*Irene é o nome de uma cidade distante que muda à medida que se aproxima dela. A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade a qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente; talvez eu já tenha falado de Irene sob outros nomes; talvez eu só tenha falado de Irene. (Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*, 1994)*

---

Iniciaremos neste capítulo um passeio por uma pequena cidade. Muitas vezes nos embrenharemos em suas ruas e becos, outras vezes nos deixaremos guiar pelos moradores, que irão não só nos conduzir por caminhos familiares, mas também mostrar casas, lugares e histórias. A cidade se apresenta simultaneamente pelo viés da lembrança, da história, da paisagem, de sua economia, da arquitetura, dos sujeitos que a habitam. Esses aspectos integram-se na reunião de fragmentos de cidade, com marcas espaciais e temporais diversas.

A experiência do olhar pode ser realizada de diversas formas. À distância, pode-se ver uma cidade, por exemplo, a partir do seu ponto mais alto ou mais longínquo, a olho de pássaro, através de mapas e fotografias de satélites. O olhar distante pode ser revelador de aspectos importantes da paisagem, afinal, ele nos instrui na grande escala da observação. Mas, por si só não consegue ser balizador de uma interpretação do lugar. São percepções diferentes a de quem vê a cidade de cima e a de quem nela entra. O olhar do alto, usual do arquiteto, extrai do lugar uma imagem e emoldura essa imagem de modo a transformá-la numa realidade, já o olhar de quem vivencia o espaço obtém dele mais do que imagens, são cheiros, texturas, sons e histórias.

Mas o esforço de conhecer requer mais do que a visão, demanda um corpo que se desloca e sente o espaço em suas várias dimensões. Já cantava Luiz Gonzaga: “tem coisas que, pra ‘mode’ ver o cristão tem que andar a pé”<sup>1</sup>. Neste exercício de experimentar e pensar Quebrangulo, ela nos toca de todos os lados e vai se constituindo em cidade múltipla e dinâmica, que fragmenta sua malha dia a dia em diferentes caquinhos, retalhos de experiências com os quais se vai tecendo a trama do cotidiano.

Certamente o olhar de quem está no alto não alcança a cidade que fala de dentro de si e não sente o cheiro e a textura da vida das pessoas que estão imbricados nos lugares e na arquitetura. Certeau chama de “olho solar” o olhar totalizante que tudo vê e tudo sabe e que olha para baixo como um Deus. Tal olhar não contempla os praticantes comuns da cidade, ou seja, aqueles que moram “lá embaixo” e compunham o texto urbano a partir de suas práticas cotidianas (Certeau, 1994). Vistas de dentro, as ruas e lugares fogem às totalizações imaginárias produzidas pelo olhar. Se a cidade é texto, há de se procurar entender suas

---

<sup>1</sup> Trecho da música “Estrada para Canindé”, de autoria de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga.

metáforas e sentidos para uma compreensão do que seja o lugar. Nesse processo, importam as vozes dos sujeitos que falam e constroem a cidade.

Assim como Irene, a cidade imaginária de Ítalo Calvino, Quebrangulo se descortina em várias outras. Há a cidade dos velhos, a cidade dos jovens, a inscrita nos “documentos oficiais”, a cidade digna da História e aquela construída a partir de pequenas histórias... “A cidade será sempre outra, apesar de a mesma” (BRANDÃO, 2008, p. 36.) É a cidade vivida que mais interessa aqui, é aquela das práticas ordinárias (CERTEAU, 2013) e dos espaços banais. Qualquer parte do ambiente urbano, seja um quarteirão, uma praça, uma rua ou uma edificação, possui um significado que vai além de sua materialidade.

Espera-se que este breve passeio por Quebrangulo sirva como alimento à reflexão sobre a experiência do habitar, na medida em que aponta questões dos usos cotidianos da cidade, da memória, dos hábitos e das relações que se estabelecem entre as pessoas e o espaço habitado. Que possa trazer à tona a necessidade de se pensar as cidades dentro de uma escala mais humana, onde as dimensões do espaço e do tempo estejam presentes em sua multiplicidade. Sendo humanas, as cidades são também heterogêneas, constituídas por rupturas e descontinuidades, de maneira nenhuma são territórios fixos.

Para esta etapa do estudo, foram realizadas 30 entrevistas, com pessoas de diferentes faixas etárias. As entrevistas aconteceram de forma semi-estruturada, em que foram elaboradas algumas perguntas para direcionar as conversas com os moradores. Em alguns depoimentos as pessoas expuseram parte do seu cotidiano e da sua maneira de ver e viver a cidade (me refiro especialmente aos moradores mais idosos), outras, porém, se constituíram em simples respostas às perguntas que foram feitas. Mesmo assim, é a partir deste material, juntamente à observação empírica, que se desenha o campo sobre qual foi possível levantar as questões aqui apresentadas.

Oficialmente, Quebrangulo é uma pequena cidade situada no agreste alagoano. Com uma população de pouco mais de 11 mil habitantes (IBGE, 2010), ela limita-se ao norte com o município de Bom Conselho (PE); ao sul, Paulo Jacinto; a leste, Chã Preta; e a oeste, Palmeira dos Índios. Entretanto, rasurando os dados oficiais, seus limites às vezes estendem-se, outras vezes retraem-se, e a cidade vai se esboçando a partir de múltiplas possibilidades. Portanto, o exercício de pensá-la é buscar compreender diversos olhares e dimensões.

Para o historiador e folclorista quebrangulense José Maria Tenório, autor do único livro sobre a cidade<sup>2</sup>, Quebrangulo se apresenta a partir de uma imagem pitoresca, que surge já com a grafia do nome da cidade:

Como um antigo burgo medieval, parado no tempo e no espaço, a cidade é acanhada, tímida e tem um nome complicadíssimo: Quebrangulo, que muito chamam Quebrangula e até as enciclopédias, pernosticamente, grafam Quebra-ângulo. Encravada entre serras e morros, a cidade se esconde para não demonstrar a timidez congênita, o ar bucólico, campestre, caboclo, que marca a todos que nascem ali. Nessa cidade de nome incerto, surgem coisas misteriosas, imprevisíveis e fantásticas, como a própria denominação que deram a sí. (TENÓRIO, 1996, p. 440)

Olhar Quebrangulo pela percepção deste autor talvez nos ajude a pensar como as inúmeras faces de uma cidade vão sendo construídas a partir dos diferentes pontos de vista sobre ela. Tenório invoca palavras como “bucólico” e “campestre” operando uma romantização da paisagem e reforçando o estereótipo da pequena cidade interiorana onde tudo se dá devagar. De fato, se em cidades maiores, a rotina das pessoas é caracterizada pela compressão do tempo e pelo enfrentamento de grandes distancias, em Quebrangulo, o cotidiano dos moradores é afetado pela pequena escala da cidade, de modo que é possível num curto intervalo de tempo atravessá-la a pé. Ocorre aí outra relação de tempo e espaço, marcada pelos pequenos deslocamentos diários e pelo brando fluir dos acontecimentos. Talvez daí procedam a simplicidade dos modos de viver e a timidez da paisagem mencionadas por Tenório.

Vistos de longe, o relevo das serras que acolhem a cidade, a vestimenta verde das planícies e a singeleza da arquitetura contribuem para a construção de

---

<sup>2</sup> Refiro-me à publicação “*Quebrangulo, Quebrangulo sempre serás!*”, de José Maria Tenório, volume de mais de 500 páginas no qual constam dados e aspectos históricos, socioeconômicos e culturais do lugar. (Ver bibliografia)

uma imagem pitoresca da paisagem e das gentes. Essa representação da paisagem escondida entre serras é encontrada também em diversas fotografias do local.

**Figura 7 - Vista de Quebrangulo.**



Fonte: [www.quebrangulo.com](http://www.quebrangulo.com)

Assim, um viés para acessar Quebrangulo é por meio de suas paisagens naturais. Como principal patrimônio, Quebrangulo tem a Reserva Biológica Federal de Pedra Talhada, localizada na Serra das Guaribas, ponto culminante do estado, na divisa entre Alagoas e Pernambuco (Enciclopédia dos municípios de Alagoas, 2012). São 4500 ha de Mata Atlântica preservada que atrai pesquisadores e visitantes ao local.

**Figura 8 - Reserva de Pedra Talhada. Foto de Gianna Perrelli.**



Fonte: <http://caminhosdasalagoas.blogspot.com.br>

Mas há também as paisagens vizinhas, que de certa maneira fazem parte também da experiência urbana. De Palmeira dos Índios à Quebrangulo, os ipês e

buganvílias inundam o caminho de cores na primavera e as casas de alpendre marcam presença ao longo da estrada. A natureza se mostra generosa com o viajante que chega ao lugar. As serras e planícies enchem os olhos de entusiasmo e beleza.

**Figuras 9, 10 e 11 - Paisagens de beira de estrada. Quebrangulo- Al**



Figuras 8 e 9: Autora (2015). Figura10: Fonte: [www.quebrangulo.com.br](http://www.quebrangulo.com.br).

Ainda na estrada, as roupas estendidas na cerca dispostas sob o sol pintam a paisagem de um colorido singelo e humano. Nelas pode-se vislumbrar o trabalho das lavadeiras. E, por outro lado, um tipo de apropriação do rural. Através dessa e de outras práticas as pessoas vão compondo pequenas territorialidades tanto no campo quanto na cidade, onde as roupas são estendidas não mais sobre a cerca, mas em varais dispostos nas calçadas das casas.

**Figura 12 - Roupas na cerca.**



Fonte: Autora (2015).

Se um território começa a ser definido a partir do momento em que há uma apropriação, seja ela física ou simbólica de um lugar, pode-se dizer que as pequenas práticas cotidianas são também responsáveis por uma conjunção de agenciamentos dentro da cidade. Por mais que prevaleça o elemento natural, as paisagens são também humanas. Há sempre um rasgo de humanidade seja na cerca que margeia o caminho e tenta pretensiosamente delimitar um território, seja na casa rural que se ergue solitária entre as planícies.

**Figura 13: Paisagem próxima à Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

As relações entre homem e natureza se revelam não somente nos elementos construídos salpicados na paisagem quase natural, mas sobretudo na experiência do habitar que contempla ao mesmo tempo cidade e natureza.

As cidades têm sido pensadas tradicionalmente como construções humanas coerentes e completas à imagem do próprio homem, mas será que os elementos que as definem e constroem não são eles mesmos pedaços de natureza? Por outro lado, sempre é possível encontrar estilhaços da cidade espalhados pela paisagem natural, fragmentos seus que ficaram pelo caminho e que parecem insinuar silenciosamente que cidade e natureza estão num processo contínuo de diálogo e transformação.

**Figura 14: Paisagem quebrangulense.**



Fonte: <http://www.flaney.com.br/>

Existem também os retalhos de tempo, passados longínquos ou não que vão compondo a história do lugar. Se quisermos acessar Quebrangulo pelos seus dados históricos, sabe-se que o início de sua povoação data de 1740 (IBGE, 2010). No livro *Quebrangulo, Quebrangulo sempre serás!* (1996), José Maria Tenório afirma ter existido naquela região, por volta deste ano de 1740, uma aldeia dos índios Xucurus-Cariris. Há muitas versões sobre a origem do nome Quebrangulo. Na publicação ABC das Alagoas, de autoria de Barros (1997) e no próprio museu municipal consta que a palavra originou-se no termo indígena “*Quiabongola*” que significaria lugar de reunião, ajuntamento. Segundo outras fontes, naquelas terras havia um quilombo e teria sido em homenagem às habilidades do chefe desta comunidade na caça aos caíditus (pequenos porcos selvagens) o nome “quebrangulo”, que na linguagem dos negros significaria “matador de porcos” (IBGE, 2014). Alguns moradores contam ainda outras versões mais singelas:

*O nome Quebrangulo, diziam também, que os índios quando estavam aqui em Quebrangulo, as índias encontraram um ninho de ovos, e aquele ninho de ovos, uma dizia assim: quebra, engole! Quebra, engole! Aí daí veio Quebrangulo. E ali tem um bairro, ali na Rua Triangulo, é que o trem fazia um triângulo o trem só ia até ali, dali ele voltava, não prosseguia, aí formava um triângulo, quebrava pra poder voltar, aí dizem também que veio o nome dessa história do triângulo: quebra ângulo, pra vim Quebrangulo (Cícera Gomes Pereira em depoimento, 13/ 01/ 2015).*

A cidade do passado caracterizava-se pela presença dos coronéis, que mandavam e desmandavam no local, mas também de homens bons, como o missionário capuchinho frei Caetano Messina, responsável por pregar a paz entre os habitantes e concluir os trabalhos de construção da igreja matriz, ainda no século XIX (TENÓRIO, 1996). Quebrangulo teve seu desenvolvimento urbano lento e marcado por brigas violentas de famílias tradicionais da região. Pertenceu à Vila de Atalaia, depois se tornou distrito da cidade de Assembleia (atual Viçosa). Judicialmente também fez parte da comarca de Palmeira dos Índios. Foi elevada e rebaixada de categoria política várias vezes. Em 1890 a Vila de Quebrangulo passou a denominar-se Victória. E sob esta denominação, em 1910 ela foi elevada oficialmente à cidade. Em 1928 voltou a denominar-se Quebrangulo, mas somente em 1949, desligou-se totalmente de Palmeira dos Índios, sendo criada a comarca de Quebrangulo.

No campo da cultura, uma das conexões mais imediatas quando se fala na cidade é pensar no escritor Graciliano Ramos. Muitas vezes esta é referenciada como terra de Graciliano, seja em discursos de exaltação aos “filhos ilustres” do lugar, seja pelos próprios moradores, que sentem certa estima pelo escritor conterrâneo. À entrada da cidade, uma placa com seu nome recepciona quem chega.

Graciliano nasceu em 1892, mas permaneceu em Quebrangulo por poucos anos. Mesmo assim, em sua obra, o escritor parece falar algo sobre o lugar onde nasceu, seja pela atenção às maneiras de viver do povo, ou pelas paisagens que marcaram sua vivência no interior:

**Figura 15 - Entrada da cidade.**



Fonte: Autora (2015).

Encostei-me à grade de ferro que circunda a calçada. Montes à esquerda, próximos, verdes; montes à direita, longe, azuis; montes ao fundo, muito longe, brancos, quase invisíveis. Acendi um cigarro. E imaginei com desalento que havia em mim alguma coisa daquela paisagem: uma extensa planície que montanhas circulam. Voam-me desejos por toda a parte, e caem, voam outros, tornam a cair, sem força para transpor não sei que barreiras. Ânias que me devoram facilmente se exaurem em caminhadas curtas por esta campina rasa que é a minha vida. Os telhados da cidade estendiam-se embaixo; um cata-vento gesticulava no quintal do Cesário; a casa de Vitorino, distante, avultava, pesada e feia. Seis horas [...] Voltei a debruçar-me à grade. Surgiram luzes. Além da campina, mancha pardacenta, as serras tornaram-se massas negras. Nos morros à direita esmorecia um resto de sol. Lá em cima tremelicaram estrelas espalhadas. (RAMOS, 2006, p.150)

Outra forma de apresentar a cidade é através de sua economia. A área que mais emprega é o setor de serviços e de comércio. Na agropecuária, destaca-se o cultivo de banana, batata-doce, mandioca e manga, mas a cidade tem na produção de leite sua principal atividade econômica. Possuindo um baixo índice de desenvolvimento humano – segundo o IBGE, o IDH municipal de 0,559 vem aumentando desde o ano 1991, quando contabilizava 0,300 - Quebrangulo é uma cidade pobre e sem muitas opções de renda para os habitantes, muitos dos quais buscam alternativas de emprego nas cidades vizinhas.

O município possui uma agência bancária e poucos estabelecimentos de saúde. Das 32 escolas existentes, 29 são municipais e apenas duas estaduais. Sem uma instituição que ofereça cursos de graduação no local, os estudantes buscam os municípios próximos para cursar o ensino superior. Dessa forma, a cidade mantém estreito vínculo com Palmeira dos Índios para suas demandas de comércio e de serviços.

A olho de pássaro, Quebrangulo se descortina em ruas lineares e extensas, a maioria composta por lotes estreitos e profundos. As casas em geral geminadas e comprometidas com o alinhamento da rua reafirmam a continuidade das vias. Contrapondo-se aos quadriculados muitas vezes impostos pelo urbanismo, a malha viária desenvolve-se em extensas ruas que de certa forma, seguem o desenho do rio Paraíba.

**Figura 16 - Vista aérea de Quebrangulo.**



Fonte: Google Earth.

Vista de cima, a paisagem é caracterizada também pelo contraste entre as superfícies elaboradas pelo homem e pela natureza. Entre os telhados e cumeeiras, se faz presente o verde dos quintais, às vezes sufocados pelas construções, outras vezes resguardados por elas.

**Figura 17 - Vista parcial de Quebrangulo.**



Fonte: [www.quebrangulo.com](http://www.quebrangulo.com).

O elemento natural mais significativo é o rio Paraíba do Meio, que corta toda a cidade. O próprio rio vai condicionando um arruado que se desenvolve contornando as suas margens. Ele traz pontos positivos e negativos para cidade, lhe atravessa de forma suave e severa ao mesmo tempo, usando as palavras do poeta: “a cidade é passada pelo rio/ como uma rua é passada por um cachorro/ uma fruta /por uma espada”.<sup>3</sup>

Segundo alguns moradores, até mesmo o nome Quebrangulo estaria relacionado ao rio Paraíba, já que a cidade teria surgido no lugar onde ele faz uma curva e “quebra o ângulo”. Era no Paraíba que Dona Juvenília lavava roupa e seu Delson e o pai faziam o tijolo para a construção da casa:

*Eu costurava na máquina de noite, e arranjava o dinheirinho de comprar o café, o açúcar, o sabão de lavar a roupinha, chegava e fazia a feirinha, com as minhas costurinhas, no domingo eu ía pro rio lavar as roupas no rio... nesse rio que passa aí (Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 30/09/2014)*

*[E o senhor sempre morou aqui nessa casa?] Foi minha fia, foi papai que construiu isso aqui, foi. Nois batemo tijolo lá na beira do rio pra fazer essa casinha pra gente..” (Delson Leite em depoimento, 13/01/2014).*

Por outro lado, as cheias afetam a cidade periodicamente em maior ou menor grau, marcando a história do lugar e as lembranças dos moradores, como descreve dona Zefinha, que adiou a reforma da casa e abrigou a amiga e seu Antônio, que já viu muitas inundações do Paraíba:

*Eu ía ajeitando a casa aos pouquinhos, aí então, quando eu comprei as coisa pra ajeitar, aí deu uma cheia muito grande... Você conhece Zé Cícero da loja de móveis? Aí a casa de Zé Cícero, a água entrou, carregou Luzinete, Luzinete é irmã da minha cunhada. Aqui a agua não entrou não, dessa vez chegou aí na frente, passou no meio fio, muito muito foi... Aí Zé Cícero, pediu pra Luzinete ficar aqui, aí então ela ficou na minha casa, a gente ficou tudo acochadinho não sabe?! (Dona Zefinha em depoimento, 12/08/2014)*

*Essa casa aqui, a água entrou dois metro entrou. Dali pra baixo, levou as casa... E o senhor já viu quantas cheias aqui? Duas, mas as outras foi aguinha besta, que num instante passa, agora essa última foi pra lascas mesmo! Não... foi mais de três, agora que não foi assim que nem essa. (Antonio Gerônimo em depoimento, 13/01/2014)*

---

<sup>3</sup> Refere-se ao poema de João Cabral de Melo Neto “O Cão sem Plumas”. In: Poesias Completas (1940 -1965). 3ed. 1979.

A última cheia, a qual seu Antônio se refere, aconteceu em 2010 e deixou centenas de desabrigados. Destruiu pontes, casas, comércios e lugares. Ruínas de uma ponte de pedra, ruínas de casas, pedaços dos trilhos do trem que foram retorcidos pela força da água continuam dando seus testemunhos. Restos de casas ainda exibem pedaços da fachada. Construída também por suas memórias, Quebrangulo associa-se a essa enchente que ainda é assunto para muitos moradores. Seu Manuel me mostra a marca da água na parede da sala enquanto narra epicamente como salvou os móveis da inundação:

**Figuras 18 e 19 - Ruínas de casas em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

*Ói, a senhora tá vendo aqui?! Foi dessa altura aqui ó, dessa altura, aí foi uma cheia enorme num foi!? [...]Aí nois corre mo lá pra cima, botamo os móveis, geladeira, fogão, a água quebrou umas coisa, mas nós se defendemo.. E o senhor ficou em casa? Não, eu tive medo de ficar aqui, porque a água quis subir nesses degrau muito, aí eu corri, corri, fiquei lá na casa dos outros povo, lá na frente... Isso aqui a cheia num arrancou nada, num arrancou porta, não levou nada, só destruiu a calçada, aí eu fiz a calçada nova... (Manoel Vitor de Souza em depoimento, 18/08/2014)*

Em consequência, muitas casas que permaneciam com a mesma aparência desde a época em que foram construídas - mudando em geral, a pintura e algum retoque de manutenção que se fizesse necessário devido à ação do tempo - receberam revestimento cerâmico em suas fachadas numa tentativa de se proteger de outras possíveis cheias. Dessa forma, o rio traz benefícios e participa do processo de formação da cidade, mas também traz dificuldades.

Também em razão da cheia de 2010, grandes intervenções urbanas foram realizadas nos últimos quatro anos, quais sejam: a construção de dois conjuntos habitacionais viabilizados pelo programa “Minha Casa, Minha Vida”, do Governo Federal, e pelo programa estadual de reconstrução das cidades atingidas pelas chuvas, cujo objetivo era construir habitações e realizar obras de infraestrutura nas várias cidades afetadas pela enchente. Por serem intervenções urbanas de grande escala que modificaram a paisagem e a dinâmica da cidade, elas merecem atenção.

O primeiro deles, Conjunto Frederico Maia foi entregue em maio de 2012 e é composto de 201 residências de 40 m<sup>2</sup> cada; e o segundo, Conjunto Geraldo Passos Lima, foi entregue em dezembro de 2014 e é constituído por 353 unidades habitacionais. O próprio termo unidade habitacional parece denotar que ali ainda não existe uma casa. Por mais que haja uma estrutura física consolidada, uma unidade de habitação parece ainda não ter atingido a sua potencialidade de casa. A própria terminologia já deixa pistas de que a partir do momento em que o espaço é apropriado e vivenciado é que deixa de se situar na ordem do técnico e passa para a ordem do doméstico.

**Figuras 20 e 21 - À esquerda, rua do conjunto Frederico Maia; à direita, conjunto Geraldo Passos.**



Fonte: Autora (2015).

Estas novas unidades habitacionais se contrapõem quase que totalmente a grande parte das casas existentes na cidade. Elas assinalam novas tipologias arquitetônicas e induzem novos modos de habitar. A parede não é colada com a do vizinho, a casa não está no alinhamento da rua e o quintal é reduzido a uma área mínima. Para alguns moradores, as novas casas são bonitas, para outros, “casas de pombo”:

*Veio um fiscal da prefeitura com um papel pra eu assinar, pra sair da minha casa, mas num assinei, num saio de jeito nenhum. Aquelas casas ali, ninguém gosta não, umas casa pequena, sem graça, eu mesmo num gosto. (Dona Epigenia em depoimento, 24/08/2014)*

*[...] É, isso, desse lado aqui, não tem aquelas casas que fizeram agora? Aquelas bonitinhas? Depois é*

**Figura 22 - Casas no Conjunto Habitacional Geraldo Passos.**



Fonte: Autora (2015).

*ali a Rua dos Caboge. Ali tem escola, tem tudo ali.* (Dona Juvenília em depoimento, (30/09/2014)

*Muitos tá pra ir pro outro conjunto que fizeram pra acolá pra cima, já hoje saiu uma moradora daqui, foi morar lá, umas casa desse tamanho, aquilo é casa pra tem não tem nada, eu tenho minhas coisa aqui, fosse levar pra lá, tinha que botar numas quatro 'casa', parece umas 'casinha' de pombo.* (Antônio em depoimento, 13/01/2015)

Contra-pondo-se à Rua do Beco ou Rua da Cachoeira, por exemplo, que quase sempre levam os moradores a caminhos familiares, nestes novos conjuntos as ruas vão dar em lugar nenhum. Se por um lado eles são erguidos de forma a minimizar um problema, por outro lado são instaladas aí casas impessoais e alheias ao lugar, destacando-se na paisagem urbana pela sua aparência monótona.

**Figura 23 - Croqui do Conjunto Habitacional Geraldo Passos visto da Rua da Cachoeira.**



Fonte: Autora (2015).

Aos poucos, porém, as ruas vão ganhando novos muros, varandas, bandeiras coloridas em tempo de São João, cadeiras na varanda ou na calçada, lentamente vão se moldando ao cotidiano dos moradores e se tornando mais habitáveis. Assim também como os habitantes vão as assimilando como parte da cidade, confirmando assim, os argumentos de Jacques sobre a apropriação dos espaços urbanos:

Os praticantes ordinários das cidades atualizam os projetos urbanos e o próprio urbanismo, através da prática, vivência ou experiência dos espaços urbanos. Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os atualizam. São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano. (JACQUES, 2008, p.2)

Quando nas entrevistas, eu perguntava onde começa e onde termina Quebrangulo, seis das trinta pessoas entrevistadas responderam que ela começa no Conjunto Frederico Maia. Portanto, para esses moradores o conjunto habitacional estendeu os limites da cidade.

Mesmo que esta seja abstrata em muitos aspectos e não seja possível precisar suas fronteiras, os moradores entrevistados traçam os contornos da cidade de acordo com o arruado. Dessa forma, Quebrangulo termina ou começa sempre na ponta de alguma rua importante. Para Arnaldo, que mora em Quebrangulo desde que nasceu há 45 anos, a cidade começa na Rua da Cachoeira e termina na Rua do Beco, já para Seu Luiz ela começa na Rua da Palha e termina na Rua da Cachoeira. Assim, para além das fronteiras físicas, o território urbano vai se configurando de acordo com o habitar das pessoas.

Nesta cidade apresentada pelos moradores e construída a partir de suas experiências de cidade, as ruas recebem outros nomes que não os oficiais e a trama urbana se fragmenta em pequenas localidades, que obedecem a temporalidades diferentes e possuem características distintas. O Centro, a Cidade Alta, o Mutirão ou Triângulo são como bairros, mas sem limites oficiais e precisos, definidos pelos próprios moradores. Quando alguém fala que mora no “Triângulo”, para os do lugar é fácil de situar essa porção do espaço urbano. Tais lugares se constituem não em partes de um todo, mas em próprias miniaturas de cidade, pedaços de mundos familiares porque cotidianos. A construção de um mapa que representasse essas zonas surge do esforço de entender o espaço construído a

**Figura 24 - Caminhantes em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

partir da vivência de um grupo de indivíduos na cidade.

Esta não se impõe de forma absoluta e homogênea sobre seus habitantes. Se é possível apresentá-la através de um mapa, há de se entender que este mapa é movediço, ao mesmo tempo em que escapa ao engessamento, ele é construído a partir de cada pequeno gesto cotidiano capaz de criar territórios. A caminhada de quem vai todos os dias à padaria ou o percurso das crianças até à escola vão inventando sutis territorialidades de forma que a cada grupo de indivíduos correspondem diferentes cartografias.

As ruas desenhadas do alto, se transformam em ruas cheias de histórias, tradições, vivências, conflitos, preconceitos e lembranças quando esboçadas pelos moradores. Se vistas do alto, estas configuram-se como meios de circulação entre dois pontos, de dentro elas ganham múltiplos significados e variadas dimensões. Assim como um jardim escondido nos fundos de casa pode ser guardião de parte do passado do morador e um quintal com horta pode ser um refúgio da saudade, a igreja, a pracinha, a calçada e mesmo a rua são imbuídos de sentidos distintos de acordo com a vivência e o cotidiano dos habitantes.

As zonas definidas pelos moradores são nada mais do que lugares habitados cotidianamente por eles e que apresentam algumas características que as diferenciam de outros. Como o centro, que é definido pelo comércio e serviços, mas também é caracterizado pelo trânsito bagunçado, pelo burburinho dos homens na Praça da Independência, pela Igreja matriz, pelos motoristas de carros de lotação gritando por passageiros. Ou a “cidade alta”, que constitui uma área de valorização imobiliária e é chamada por alguns de “bairro dos ricos”. Assim como essas zonas, construídas ao longo da vivência do lugar, os lugares impostos pelo urbanismo também vão sendo apropriados, como o conjunto Geraldo Passos, ao qual se chama simplesmente “Conjunto Novo” ou o conjunto Frederico Maia, que foi construído no lugar que os moradores chamam de “Caboge”.

Em contraponto ao mapa oficial que permeia os projetos urbanísticos, é apresentado a seguir um desenho da cidade que tira proveito deste mesmo mapa, mas também o modifica. O desenho foi construído por meio do olhar da autora sobre o lugar, mas principalmente através dos discursos das pessoas entrevistadas, discursos estes que falam a cidade, e enquanto falam, a constroem.



Ainda nas primeiras conversas com os moradores, enquanto tentava me situar na cidade, perguntava a eles a qual bairro pertencia a Rua da Cachoeira e me respondiam “Centro”, o mesmo para a Rua da Palha, Rua do Beco, Pernambuquinho... À primeira vista, parecia que tudo ali era centro, mas se perguntava a qual bairro pertencia a Rua São José, me respondiam: “isso aqui é o Triângulo” , por mais que esta rua estivesse no centro da cidade. Quanto mais mergulhava em Quebrangulo, mais percebia as zonas sutis e sem limites precisos que a compunham, e que a geografia por si só diz muito pouco sobre um lugar. Há uma “geografia da experiência”, esboçada a partir das relações que as pessoas mantêm com os espaços e por meio da qual cada grupo de indivíduos se territorializa na cidade:

*Ô minha fia, eu num paro não em casa, que eu tenho meus negócio né?! Vou num canto, volto pra outro... [...] Às vezes em compro uma galinha, mas eu deixei, eu deixei que eu tô doente também, aí deixei de comprar [...] Ô minha fia, eu saio só aqui em Quebrangulo mesmo, só por aqui. É muito difícil eu sair pra outros canto, é só o centro da cidade que eu ando, tem aquela pracinha ali, converso com um conhecido, só por aqui mesmo, nessas outras rua, ando pouco. Rua da Palha.. é só o que eu conheço, agora tem tanta rua nova, que eu não conheço não... também não ando né, ando só nas minhas rua mesmo, que eu conheço. (Delson Leite em depoimento, 13/01/2015)*

Se a caminhada de seu Delson não consegue abarcar os novos lugares, ele organiza para si porções da cidade que, de tão familiares, são “suas ruas”, aquelas que compõem seus trajetos mais habituais e corriqueiros. Na primeira parte do livro *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*, Pierre Mayol (2013) dedica-se ao estudo das maneiras de morar na cidade através da interpretação dos processos de apropriação do espaço urbano no bairro. O autor observa a apropriação de partes da cidade pelo indivíduo, que segue, ele próprio construindo lugares de intimidade dentro do espaço urbano:

*Diante do conjunto da cidade, atravancado por códigos que o usuário não domina, mas que deve assimilar para poder viver aí, em face de uma configuração dos lugares impostos pelo urbanismo, diante dos desníveis sociais internos ao espaço urbano, o usuário sempre consegue criar para si um lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou seu prazer, que são as marcas que ele soube por si mesmo, impor ao espaço urbano. (MAYOL, 2013, p. 42)*

Algumas ruas são conhecidas principalmente pelos nomes que os moradores lhes dão, não fazendo parte necessariamente de nenhuma das zonas citadas. São as ruas principais, as mais visitadas, além de serem também as primeiras da cidade, consolidadas ao longo da história do lugar. Quando alguém diz que mora na “Cachoeira”, não é preciso informar a qual área tal rua pertence porque todos ali sabem onde fica. O mesmo acontece com a “Rua do Beco”, “Pernambuquinho”, “Rua da Palha”, fugindo a qualquer tentativa de delimitação ou organização, essas ruas também vão compondo pequenos territórios habitados cada qual a seu modo.

A Rua da Palha (Rua 13 de Junho) é onde está localizada a Igreja Matriz de Senhor Jesus dos Pobres. Sendo uma das ruas centrais, ela é passagem para as procissões, desfiles e outros eventos locais. O final da rua da Palha junto com o conjunto habitacional Frederico Maria constituem o “Caboge”. Diz-se que o lugar recebe esse nome por que localiza-se às margens do riacho Quebrangulinho. Quando chove, a região fica alagada e os moradores ficam como que “caboges<sup>4</sup>” a nadar pelas ruas. Vindo de Palmeira dos Índios, adentra-se a cidade pela Rua da Palha e passa-se ao lado do “Caboge”, daí essa rua ser percebida como um dos limites de Quebrangulo para grande parte dos moradores entrevistados.

**Figura 25 - Rua da Palha (Rua 13 de Junho).**



Fonte: Autora (2015).

---

<sup>4</sup> O Caboge (*Hoplosternum littorale*) é uma espécie de peixe que vive em riachos, lagoas e rios de correnteza moderada, sendo encontrada principalmente nas bacias dos rios São Francisco e Paraíba do Sul. Também é conhecido como tamboatá, camboatá, camboge ou caboja. (FERREIRA E SANTOS, 2009)

A Rua do Beco (Avenida 15 de Novembro) para as pessoas consultadas também é entendida como um dos limites da cidade, já que dá acesso aos sítios Lagoa Queimada, Impueira, Baca, além da cidade de Bom Conselho (PE); Esta rua é famosa por ser lugar dos terreiros de xangô. Nas palavras de Michel de Certeau, “os restos de passados que se foram abrem, nas ruas, escapadelas para o outro mundo.” (CERTEAU, 2013, p.191). A Rua do Beco traz sobre suas pedras os sons e histórias do terreiro de mestre Zome<sup>5</sup>, que permeia o imaginário dos moradores. Mas por outro lado carrega os traços da fé católica, por meio da qual os moradores conservam uma estátua do Padre Cícero numa redoma de cimento e vidro ao lado do terreiro.

**Figuras 26, 27 e 28 - À esquerda vista da Rua do Beco (Av. 15 de novembro); à direita (em cima) antigo terreiro de xangô de mestre Zome, em baixo, estátua do Padre Cícero.**



Fonte: Autora (2015).

De acordo com Cícera, esta é a primeira rua da cidade, antigamente chamava-se “Lasca Bode”:

<sup>5</sup> Manuel Soares de Melo, conhecido como Zome, foi um antigo mestre de xangô que morou em Quebrangulo e é bastante conhecido entre os moradores mais velhos. “Predestinado a fazer o bem, a caridade e a festa”, nas palavras do historiador José Maria Tenório, Zome praticou o espiritismo e umbanda junto ao catolicismo e sua devoção por São Sebastião e Padrinho Padre Cícero, construiu uma igreja e o palácio Balauaiê (hoje desativado), ambos localizados na Rua do Beco.

*Aí a primeira rua foi a do Beco, antigamente chamava Lasca Bode, Rua Lasca Bode, porque era onde eles matavam os bodes para vender. Aí tinha um beco que vai pra... ainda hoje existe, o Beco do Mijo, que vai pra o Paraíba, lá é onde eles lascavam os bodes, que nem diz eles. Onde é? Lá, antes de chegar lá onde tem o salão de mestre Zome, lá tem um terreno que junta uma areia, antes do terreno tem um beco que vai bater no rio, é ali. (Cícera Gomes Pereira em depoimento, 13/01/2015)*

Outra rua importante é a “Pernambuquinho” (Rua Paulo Jacinto). Esta se delinea paralelamente ao rio Paraíba e à linha férrea, que neste caso, faz parte das “traseiras das casas”, como alguns moradores definem. Este espaço refere-se à porção atrás da casa. Nos fundos do quintal há geralmente uma pequena porta que se abre para a traseira. Mesmo que não haja cercas ou qualquer fronteira que a delimite, esta é entendida como pertencente à habitação.

Figura 29 - Traseiras das casas na Rua Pernambuquinho.



Fonte: Autora (2015).

A Pernambuquinho raramente estará vazia, nas portas sempre haverá algum morador disposto a dar informação sobre o lugar. O correr de casas que a compõe sempre fica mais gracioso com o colorido das bandeirolas em tempos de São João.

**Figura 30 - Rua Pernambuquinho em dia de festa.**



Fonte: Autora (2015).

Já a Rua do Comércio, uma das poucas que mantém o nome desde o início da povoação é onde se desenvolveram os primeiros estabelecimentos comerciais de Quebrangulo. Ela aglomera grande parte dos serviços - mesmo que as lojas sejam poucas e o comércio, acanhado - é nela também que acontece a feira nos dias de sábado. A partir de determinado ponto, recebe o nome de Rua da Cachoeira (Rua 16 de setembro) e constitui um dos caminhos mais conhecidos para todos os moradores que foram entrevistados. Vai-se à Rua da Cachoeira para visitar os amigos e parentes, passa por lá também quem segue para Vila de São Francisco (povoado de Quebrangulo) ou para os municípios de Paulo Jacinto, Viçosa, Maceió. Dona Juvenília lembra o tempo em que trabalhava na roça e morava na Rua da Cachoeira:

*Se você subir naquela Rua da Cachoeira e vê meus compadres, e conversar com eles, você fica besta! Trabalhei mais meus compadres José do Brejo da Folha, compadre José da Rua da Cachoeira, Seu Luiz, compadre Antônio Tereza, compadre José Pedro, compadre João Caetano, nós tiramo o feijão todinho, ficou duas carreirinha. A gente botava roça, debulhava cinco, seis sacos de feijão de corda na boca de noite, eu sentada com umas amiga na calçada ali... Vivi ali muito tempo e trabalhei muito! (Juvenília Vieira Cabral em depoimento, 30/09/2014)*

Do ponto de vista dos velhos, a cidade aparece como um álbum de fotografias antigo do qual saltam fragmentos diversos de memórias. Por outro lado ela é lugar onde se desenvolve um cotidiano simples e lento. Sendo um conjugado de imagens, símbolos e caminhos, Quebrangulo parece estar inscrita num passado que permanece com grande vitalidade, seja nas ruas de “casas corridas” seja nos hábitos e costumes de seus velhos moradores. Nessa perspectiva, são coerentes as palavras de Calvino:

*a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas das mãos, escritas em ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelhas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 1994, p.)*

Pierre Nora argumenta que “a memória perdura em lugares, como a história em acontecimentos” (Nora apud Felix, 1998, p.41). Dentro da cidade há lugares que não são feitos de pedra ou tijolo, são lugares feitos de memória, nos quais ninguém pode tocar, mas que encontram suporte numa materialidade carregada de

elementos simbólicos e afetivos. Eles vão sendo construídos junto às histórias de vida de cada indivíduo que com eles se identifica e que ali se reconhecem. O que importa nesses lugares não é necessariamente sua forma exterior, mas os acontecimentos que ali se deram e que fazem parte das vidas das pessoas.

Na Rua da Cachoeira, as casas de calçada alta se amoldam à topografia do lugar, de modo que não só a calçada, mas toda a construção segue, de certa forma, o relevo da ribanceira na qual as casas se instalam. Como não são passagens para os pedestres, estas calçadas revestem-se de um sentido ainda mais privado. Há até quem gradeie a calçada e a acomode como parte da casa em uma clara demonstração do caráter difuso dos limites do público e do privado.

**Figura 31 - Rua da Cachoeira.**



Fonte: Autora (2015).

Uma intervenção recente nesta rua, assim como em várias outras, foi a pavimentação com asfalto, sob a justificativa de que ela daria acesso à rodovia AL 210, que liga Quebrangulo a Paulo Jacinto. Se para alguns, o asfalto é sinal de desenvolvimento, para outros é visto negativamente, principalmente para os moradores mais idosos, cujo caminhar lento se contrapõe a velocidade dos veículos que trafegam pela rua. Neste aspecto, a cidade dos automóveis prevaleceu sobre a cidade dos caminhantes: *“ninguém pode andar nessas rua, porque os carro e as moto passam voando”*, revela Dona Josefa da Conceição.

**Figura 32 - Final da Rua da Cachoeira.**



Fonte: Autora (2015).

Além destas, há outras como “Rua Galo Assanhado”, “Rua dos Doidos”, menos citadas nas entrevistas. Cada nome carrega em si significados cunhados ao longo da história da cidade pelos acontecimentos e histórias que ali se deram. Como a “Rua da Alegria” ou “Rua da Gandaia” que recebeu esse nome pela presença de um cabaré famoso no passado: *“É rua da alegria porque existia um cabaré, aí dizia que o cabaré, trazia muita alegria pros homens, não tem mais, acabou-se.”* (Cícera Gomes Pereira em depoimento, 13/01/2015); a “Rua do Cacete Armado”, assim chamada por causa das muitas brigas que antes havia no local. Há também aquelas ruas cujos nomes são substituídos por outros que remetem a algum marco edificado: Rua da Estação (Rua Major Cícero de Góes), Rua do Rosário (Rua Rio Branco), Beco do Cemitério (Travessa 13 de junho) entre outras.

Michel de Certeau fala dos poderes mágicos desfrutados pelos nomes das ruas, “eles são como estrelas dirigindo itinerários” (CERTEAU, 1994, p. 31), fazem parte do imaginário afetivo dos moradores e recebem diversos significados. Em contraponto a estes, há aqueles escolhidos por uma estrutura de poder que opera de modo a controlar e hierarquizar o espaço urbano.

Em Quebrangulo, os nomes antigos são substituídos pelos das autoridades locais, seja o pai do prefeito ou o filho do dono do cartório, em arranjos cronológicos e justificativas históricas que buscam ordenar a superfície da cidade, e, assim

acabam negando, ou pelo menos enfraquecendo, os significados produzidos ao longo da vivência do lugar pelas pessoas que ali habitam.

Há também uma violência simbólica neste esforço de apagar do local sua própria história e fazer as ruas da cidade se amoldarem às grandes datas como “16 de setembro” ou “15 de novembro” ou às “pessoas ilustres”. Há, assim, uma tentativa de extermínio das histórias e lendas que estão por trás dos “apelidos” das ruas, mas por outro lado, há uma subversão por parte dos moradores, que preferem os nomes inventados aos “nomes oficiais”. Assim, para eles, a Rua da Cachoeira raramente vai ser de fato a Rua 16 de setembro, conforme consta no mapa. Conversando com os moradores, logo fui aprendendo que os nomes oficiais das ruas são usados tão somente para as correspondências. São pequenas resistências que revelam a importância dos referenciais urbanos.

A expressão “alma da rua”, a partir da famosa obra de João do Rio, denota que determinadas ruas podem ter feições características, feitas de singularidades e especificidades. Elas também podem constituir-se em universos de sociabilidade. Em algumas ruas, estes se manifestam em hábitos como as conversas de calçada ou a brincadeira das crianças na rua, mesmo com o risco do atropelamento.

Certa vez, enquanto conversava com Dona Juvenília na sala da casa dela, passou pela rua um carro de som anunciando um enterro, costume bastante comum nas cidades do interior nordestino. Dona Juvenília parou a conversa e colocou-se na janela a fim de ouvir melhor o anúncio, preocupada se alguém daquela rua havia falecido e ela não tomara conhecimento. Ela começou a dizer uma série de nomes de quem poderia ser o enterro, ao mesmo tempo em que negava todos eles. Os seus 95 anos em Quebrangulo lhe permitiam, de fato, conhecer quase todos os moradores não só da Rua Pernambuquinho, mas de vários lugares da cidade. Todos eles eram seus vizinhos.

Para Mayol (2013), o bairro aparece como o lugar onde se manifesta um engajamento social, é onde acontece a convivência com pessoas que estão ligadas umas as outras, pelo fato concreto e essencial da proximidade e da repetição. É no espaço do bairro que se materializam as relações com o outro enquanto ser social, ele é lugar de passagem por este outro e onde as pessoas se sentem reconhecidas. A caminhada de quem passeia pelo seu bairro é sempre marcada por significados distintos, aí é impossível não encontrar um conhecido com o qual o sujeito se utiliza

de certos códigos de linguagem e comportamento (MAYOL, 2013). Segundo o autor, a prática cotidiana do bairro demanda também encontrar um equilíbrio entre a proximidade imposta e a distância necessária para resguardar a privacidade.

Em Quebrangulo, as relações entre vizinhos e conhecidos marcam o habitar não somente no nível do bairro. Muitas vezes, ouvi durante as conversas com os moradores a frase *“Aqui eu conheço todo mundo”*. A pequena cidade é percebida como uma totalidade, composta tão somente por ruas: Rua da Palha, Pernambuquinho, Rua do Beco, Rua dos Doidos... desaparecendo, então, a ideia de bairros delimitados. Por outro lado, o sentido de vizinhança é estabelecido graças à proximidade e ao uso cotidiano de um mesmo território.

Os moradores em sua individualidade, quase nunca aparecem sozinhos, é sempre o filho de seu João, a neta de Dona Maria, a sobrinha do Zé da venda. Essa rede de relações constitui vínculos formados a partir das relações de parentesco e amizade ou mesmo a partir de experiências compartilhadas em um mesmo lugar e tempo. Bosi (1994) fala sobre as testemunhas da memória, que são aquelas que sustentam a veracidade dos fatos acontecidos: *“Está aí alguém que não me deixa mentir”* dirão muitas vezes os entrevistados. Formada através da vivência do lugar e materializada no cotidiano, essa teia de sociabilidade é um dos elementos definidores das maneiras de morar na cidade em estudo:

*Mas minha filha, eu sou um Saci Pererê. Você pensa que fico o dia todinho socado só em casa? O diabo é quem passa! Deixo aí a menina e me dano pra rua, vou pra rua pra casa de Né, vou pontar Zezé, vou dá uma palestra mais Paulo, vou pra Cachoeira pra casa dos meus dois netos que moram lá, as amigas que tiver doente eu visito, ainda essa semana eu fui ali na casa de Lulu, passei o tempo todinho lá mais ela conversando e ela babulejando... levou uma queda, rachou a bacia e o osso do quadril, aí esse ano ela não dançou não, aí a gente brinca dizendo que a borboleta quebrou o espinhaço... (Dona Juvenília em depoimento, 30/09/2014)*

O habitar da cidade revela muitas vezes as ligações que esta estabelece com a zona rural. O Centro é muitas vezes sinônimo de rua para os moradores: *Dona Consuelo, vai pra rua hoje?* Pergunta a vizinha à espreita de alguém que lhe possa fazer um favor. Em muitos casos, a rua também significa cidade, se contrapondo a sítio ou à zona rural. Certo dia enquanto conversava com um senhor que estava sentado na calçada, perguntei a ele quais eram as ruas que ele mais frequentava, ele prontamente me respondeu: *“Aqui é Palmeira, Paulo Jacinto, Viçosa, Capela,*

*Tanque D' Arca*". Ou seja, para ele, a palavra rua estava tão relacionada à cidade, que ele não pensou que as ruas às quais eu me referia poderiam ser lugares dentro da própria cidade.

Quase metade da população de Quebrangulo mora na zona rural (dos quase 12 mil habitantes pouco mais de cinco mil habitam esta área, de acordo com o censo de 2010). Além disso, muitas pessoas que hoje vivem na cidade, vieram dos povoados e sítios que ficam nos arredores e por isso carregam hábitos e costumes rurais, o que se reflete de algum modo nas suas habitações urbanas.

As fronteiras entre urbano e rural são, portanto, bastante flexíveis na cidade em questão, com isto o habitar parece se expandir da casa para o espaço urbano, e extrapolar até mesmo este em direção às áreas rurais onde estão localizados os pequenos sítios e casas dos parentes e amigos. Para muitos entrevistados, lembrar o passado muitas vezes significa evocar histórias do trabalho com a terra. Nos seus discursos, ora o sítio aparece como lugar de dificuldades, ora como lugar melhor do que a cidade, já que, para alguns a prática da agricultura de subsistência garantia o sustento da família: *Eu vivia de roça, criava meus bicho, era tranquilo de viver. Agora a pessoa vive de aposentadoria. Na rua a pessoa só vive se for aposentado.* (Alzira Pereira em depoimento, 02/02/2015)

*Eu sou daqui de Quebrangulo, agora que eu nasci no sítio sabe, aí vim pra aqui pequena, pixota, menina aí de uns 10 anos... Aí então, eu sou de roça, meu pai era muito pobre, muito pobre, digo logo, porque antigamente não tinha ninguém rico. Quem disser que é rico tá mentindo, porque faltava de tudo [...]O que é que roça dá? Nunca tive nada de roça... aqui se tiver de comer é de roça, que planta hoje pra comer daqui a 4 meses, pra quem tá com fome come hoje, pra comer nesses 3 meses.. porque feijão tem mês né isso?! Ói, a gente de roça vive porque Deus é bom. (Dona Zefinha em depoimento, 12/08/2014)*

Para Dona Juvenília, que durante toda a infância morou na zona rural, mudar para cidade foi a alternativa encontrada para oferecer uma vida melhor aos filhos:

*Vamo simhora comprar uma casinha na rua! Nois tinha duas bezerrinha. Vamo comprar uma casinha na rua que esses menino tão crescendo e tão bom de colocar na escola! Pra não se criar analfabeto, como eu me criei não. Aí ele [o marido] disse: não vai, não vai. Eu disse: Nois vamo! Aí botei o cabra no eixo! Foi! Se eu tivesse amolecido, os menino tinham sido criado como uns filhote de bicho bruto no sítio, como eu me criei, que os meus outros três irmãos estudaram e eu não tive a sorte. Aí nois viemo simhora, chegemo aí na rua da Cachoeira, compremo uma meia aguinha que tinha lá, dois quatinhos, duas salinha e uma cozinha. Aí continuemo a viver e*

*botamo eles na escola, Zezé e Tonho.* (Dona Juvenília em depoimento, 30/09/2014)

Com o relato de Dona Juvenília, não há como não lembrar os personagens de *Vida Secas*, retirantes do campo e em busca de uma cidade onde os filhos estudariam e teriam um futuro melhor. Se no romance, os retirantes “mudar-se-iam para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferente deles.” (RAMOS, 2008, p. 127), na vida de Dona Juvenília, a cidade também se configura como lugar de mais oportunidades e melhores condições de vida. Mesmo que a lida com a terra permanecesse, já que Juvenília e o marido continuariam trabalhando nas fazendas próximas e batalhando dia e noite para criar os filhos. Eles foram morar na cidade, mas seu habitar era permeado pela vivência da ruralidade.

Se tradicionalmente pensa-se o rural como sendo o aposto do urbano, Quebrangulo mostra que urbanidade e ruralidade estão longe de serem apartadas. Cidade e campo misturam-se de forma que é possível encontrar a galinha ciscando à beira do asfalto tão à vontade como se estivesse no terreiro do quintal. Se em outros lugares, os vetores de crescimento fazem a cidade engolir a zona rural, em Quebrangulo esta última incorpora-se a primeira não só em termos espaciais, mas também organicamente por meio de hábitos, práticas e saberes dos moradores.

**Figura 33 e 34 - Hábitos rurais no habitar urbano.**



Fonte: Autora (2015).

O cavaleiro que passeia pela rua, os animais pastando à beira do rio, tudo isso faz parte da paisagem urbana de Quebrangulo e junto a outros elementos materiais e imateriais compõem um território que vai se configurando como lugar híbrido, trama de rural e urbano. Muito comum é o transporte de pequenas cargas e

peças por carroça de burros, que cruzam as ruas e dividem o espaço com um grande número de moto-táxis. Assim como a criação de animais no quintal das casas e nos vazios urbanos.

A experiência da ruralidade se mostra não só através dos hábitos e costumes dos moradores, mas também por meio da arquitetura, como nas construções rurais salpicadas na paisagem urbana ou na cerca de madeira que convive com o asfalto da rua.

**Figuras 35 e 36 - Construções rurais na paisagem urbana.**



Fonte: Autora (2015).

O interessante nessa experiência é pensar que, em Quebrangulo, urbano e rural não são espaços fixos, mas porosos, flexíveis e abertos à multiplicidade de paisagens, tradições, práticas e valores que tanto a cidade quanto o campo encerram. Desta forma, a cidade pode ser apresentada como uma colcha de retalhos costurada por diferentes territorialidades que vivenciam o rural e o urbano simultaneamente.

O homem que trabalha na roça e atravessa a cidade todos os dias, carregando a enxada nas costas e a cabaça d'água do lado, leva consigo pedaços de cidade que vai semeando pelo caminho, da mesma forma, quando volta, traz sementes do campo que vão germinando pelas ruas da cidade. Ele não sabe ao certo em qual dos lugares estará ao próximo passo. Se a cidade é campo ou se o campo é cidade para ele não tem importância, só lhe interessa cultivar a terra e seguir, mesmo que inconscientemente, plantando territórios.

Figura 37 - Caminhante em Quebrangulo.



Fonte: Autora (2015).

Do ponto de vista de quem analisa a cidade formalmente, o espaço urbano de Quebrangulo é caracterizado por dezenas de pequenas praças, algumas das quais são construídas nos espaços vazios entre os lotes e a rua. Por vezes, somente uma

árvore e um banco definem uma praça. Seus usos variam conforme as características dos lugares onde se instalam. Algumas servem apenas ao repouso momentâneo do transeunte que deseja descansar por alguns minutos, não sendo espaços de longa permanência; umas são mais utilizadas para as brincadeiras das crianças, outras são habitadas por velhos que jogam dominó nos finais de tarde. Outras, ainda, por mais agradáveis que possam parecer ao visitante, são raramente usadas pelos moradores. Bonitas de ver, difíceis de permanecer.

**Figuras 38 a 41 - Praças de Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

Quando se constituem em “espaços do vivido”, como bem colocou Ana Fani Carlos (CARLOS, 2007, p.18), as praças públicas, assim como as ruas e outros lugares banais são capazes de criar laços de identidade entre os habitantes e o lugar.

A apropriação das praças se dá também no nível do simbólico. Quando o morador adota a praça como parte da residência, há ali um sentido de pertencimento. Existem algumas na quais há sempre um banquinho preferido, o

mesmo lugar sempre escolhido para gastar o tempo, uma árvore marcada com nomes de namorados. Extrapolando a dicotomia público/privado, as roupas estendidas no varal indicam que uma praça também pode ter algo de doméstico.

**Figura 42 - Praça da Igrejinha de São Sebastião.**



Fonte: Autora (2015).

Quando perguntados sobre os lugares mais bonitos, mais da metade das pessoas entrevistadas citaram a praça da prefeitura (Praça Getúlio Vargas) e a praça da Igreja Matriz, cujo nome “oficial”, nenhuma delas sabia. Parece haver um esforço do poder público em manter as praças sempre verdes e limpas, o que é um ponto positivo na manutenção do uso dos espaços públicos.

**Figura 43 e 44 - À esquerda Praça da Prefeitura (Praça Getúlio Vargas) e à direita Praça da Igreja Matriz.**



Fonte: Autora (2015).

O centro da cidade também é marcado por uma pequena praça (Praça da Independência) de precária qualidade paisagística, apesar das frondosas árvores sob as quais se aglomeram principalmente os homens. É, de fato, uma praça masculina. As conversas sobre futebol, política e notícias da cidade e seus arredores precisam ser cada vez mais altas para competir com os sons de carrinhos de cds tocando os últimos lançamentos da balada brega. A grande quantidade de moto-taxis à espera de passageiros se amontoa num canto da praça; no centro, fixa-se um pequeno comércio alimentício: uma barraca de caldo de cana e pastel, carrinhos de picolé e sorvete e carrinhos de mão adaptados para a venda de doces e guloseimas. Aqueles homens habitam a praça de uma maneira característica: tratam de negócios, jogam dominó, jogam conversa fora... Enquanto para as mulheres, ela se configura como lugar de passagem apressada.

**Figura 45 - Praça da Independência no Centro.**



Fonte: Autora (2015).

Como principais marcos edificados destacam-se: a Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus dos Pobres, cuja construção iniciou-se ainda no século XIX por iniciativa do Frei Henrique e foi concluída pelo Frei Caetano Messina; a igreja do Rosário, construída em 1818 por uma das primeiras famílias a habitarem o local; A Estação ferroviária, inaugurada em 1912 (TENÓRIO, 1996); O “castelo”, sobrado de características arquitetônicas ecléticas que se sobressai na paisagem horizontal da

cidade e, segundo alguns moradores, deverá ser a nova sede da prefeitura municipal; e o Obelisco da Independência, construído em 1922 (TENÓRIO, 1996).

**Figuras 46, 47 e 48 - À esquerda Igreja Matriz de Bom Jesus dos Pobres; no meio, o casarão dos Barros; e à direita, a Igreja do Rosário.**



Fonte: Autora (2015).

Além destas referências formalmente constituídas, as pessoas têm os seus próprios marcos referenciais, que às vezes coincidem com aqueles que o poder público elege para representar a cidade, e outras vezes não. Eles podem ser somente espaciais, como o cemitério, que sempre é evocado como ponto de referência: “*na ladeira do cemitério, o beco do cemitério, subindo no cemitério, no alto do cemitério*”; a prefeitura, localizada na praça Getúlio Vargas, chamada apenas de praça da prefeitura. Ou podem ser referências que têm um valor afetivo para os moradores, como a igreja de São Sebastião, chamada pelo nome de “igrejinha da Rua Pernambuquinho” ou somente “igrejinha”.

Para Certeau, “o imaginário urbano, em primeiro lugar, são as coisas que o soletram.” (CERTEAU, 2013, p. 192). Essa população de objetos inanimados, mas que ao mesmo tempo impõe sua presença no cotidiano urbano são para o autor os “espíritos do lugar”, eles pintam as faces da cidade e lhes imprimem caracteres. Se cruzam em espaços heterogêneos e compõem os entrelaçamentos de nossas memórias (Certeau, 2013, p. 193). Tais espíritos são não apenas os monumentos já consagrados da cidade, mas podem extrapolar os limites do urbano e penetrar na esfera cotidiana:

Se os grandes deuses antigos estão mortos, os “pequenos” – os das florestas e das casas- sobreviveram aos sismos da história; eles pululam,

transformando nossas ruas em florestas e nossas construções em casas assombradas; ultrapassam as fronteiras dogmáticas de um suposto “patrimônio”; eles possuem lugares, quando nós achamos que os prendemos, empalhamos, etiquetamos e colocamos sob vitrines nos hospitais de artes e tradições populares. Certamente alguns morrem nesses zoos museológicos. Mas eles não representam afinal de contas senão uma ínfima proporção entre a população dos fantasmas que fervilham na cidade e que formam a estranha e imensa vitalidade silenciosa de uma simbólica urbana. (CERTEAU, 2013, p. 194)

Entre os patrimônios já reconhecidos, existem tantos outros que não ganham a mesma legitimidade junto aos órgãos públicos, mas que são importantes para os moradores. Eles proporcionam não só um sentido de pertencimento, mas também de participação na história do lugar. Afinal, conforme lembra Certeau, habitar a cidade é também a possibilidade de imaginá-la.

Nas entrevistas, as referências mais citadas foram a Igreja Matriz, que muitas pessoas mencionaram como a construção mais bonita da cidade e onde seu Delson fez questão de dizer que se batizou; a igreja do Rosário, onde Dona Maria frequenta o grupo de oração todas as quartas-feiras; a estação ferroviária, que define o nome da rua onde se instala “Rua da Estação Ferroviária”; o Castelo; que segundo Dona Juvenília foi a primeira casa de tijolo construída na cidade; e a casa do escritor Graciliano Ramos, que não se destaca das demais casas, mas para os moradores, tem um valor histórico, já que foi lá que nasceu o escritor conterrâneo.

A cada referência correspondem discursos sobre elas, sejam as lendas que os mais velhos contam, sejam as histórias que os envolvem. Às vezes, enquanto falam sobre determinados lugares da cidade, os moradores evocam suas próprias lembranças. O desenho a seguir aborda as referências espaciais e culturais, segundo o grupo de moradores entrevistados. Da mesma forma que fui descobrindo estas referências, elas se mostram agora ao leitor; acompanhadas dos discursos que falam sobre elas.



Dentro da cidade há também os espaços de fé, que podem não ser a igreja ou o cemitério, declaradamente sagrados pelos rituais ali professados. São lugares onde se exprimem valores de devoção, construídos a partir de motivações individuais ou coletivas.

A fé já começa se espacializar nos caminhos até Quebrangulo. À beira da estrada de Palmeira dos Índios a Quebrangulo comparecem as pequenas cruzes tão comuns às rodovias que ligam cidades interioranas do Nordeste. Elas revelam um costume tradicional que talvez proceda da necessidade de assinalar no espaço um acontecimento, fazendo com que ele não seja esquecido, mas que de alguma forma faça parte da paisagem.

Essas cruzes são abrigadas geralmente em capelinhas construídas em escala mínima e demarcam o local de acontecimentos nefastos, sendo, de certa forma, uma reverência ao lugar e às pessoas que ali morreram. A memória dos mortos é geralmente resguardada nessas interessantes miniaturas de

capelas, onde comparecem basicamente uma cruz envolvida em fitas coloridas, flores de plástico e a imagem de algum santo, geralmente, o Padre Cícero ou Nossa Senhora.

A devoção ao Padre Cícero é bastante comum entre os moradores e torna-se visível em vários lugares de Quebrangulo. A estátua dele se faz presente seja em redomas de vidro instaladas em algumas ruas, seja na praça que recebe seu nome, ou até mesmo nas fachadas de algumas casas.

**Figura 49 - Capela e cruz de beira de estrada.**



Fonte: Autora (2015).

**Figuras 50 e 51 - À esquerda, praça Padre Cícero; à direita, fachada com imagem do padre Cícero.**



Fonte: Autora (2015).

Outra figura religiosa importante é frei Damião, que habita não só os altares a ele dedicados, mas também o imaginário dos moradores, há até quem diga que foi ele o responsável pelo nome da cidade: *“Sei não, mas toda vida foi Quebrangulo. Acho que foi o padre velho que colocou, era quebra engole porque matava muita gente aqui também. Era, Frei Damião dava sermão, passava por aqui pra ir pra Vila.”* (Íris Gomes da Silva em depoimento, 02/02/2015)

**Figura 52 e 53 - Imagens de Frei Damião e Padre Cícero na Vila da São Francisco – Quebrangulo**



Fonte: Autora (2015).

Com a grande maioria da população de católicos - dos quase 12 mil habitantes, mais de 10 mil são católicos, segundo o censo do IBGE de 2010 - e uma religiosidade bastante expressiva, os moradores continuam dando vida e graça às procissões, novenas e festas da padroeira, mesmo que ultimamente, as festas religiosas estejam enfraquecidas. Seguindo uma tradição popular, algumas mulheres idosas ainda desenvolvem o ofício de benzedadeiras e rezadeiras na cidade.

Na Vila de São Francisco, povoado de Quebrangulo, a fé se mostra de maneira mais ainda expressiva. A Vila ficou conhecida por ser o local onde Frei Damião fazia retiro no período do carnaval, rezando e celebrando com os fiéis. Após sua morte, os romeiros continuam a tradição do retiro. Além disso, em outubro é celebrada uma festa em homenagem ao padroeiro São Francisco, que aglomera grande quantidade de fiéis de Quebrangulo e cidades vizinhas.

De acordo com Elíade (1992) um elemento significativo na experiência do sagrado está relacionado à temporalidade. Assim como o espaço, o tempo não se apresenta contínuo e homogêneo. Na vivência religiosa ele é constituído também de fragmentações: há o tempo sagrado, o tempo das festas (geralmente festas periódicas) e o tempo profano. Quando, durante as entrevistas perguntava aos moradores se em Quebrangulo havia alguma festa importante e se ele frequentava alguma, muitas pessoas mais idosas relacionaram a pergunta a alguma festa católica. Seu Delson lembra os tempos em que havia os leilões e os forrós:

*Festa? Anterior era festa importante, anterior... Minha fia, era uma festa boa quando meu pai botava roça, botava aquela roupa que nós saia todo bonito, tinha o forró na praça, tinha a missa, tinha leilão, tinha tudo, mas agora é banda, essas coisa... aí eu mermo num ando mais... antes que era bom. (Seu Delson Leite em depoimento, 13/01/2015)*

Na procissão de *Corpus Cristi*, realizada em ciclos temporais, os moradores enfeitam as ruas com desenhos e pinturas religiosas, assim como as janelas das casas, que ganham vasos de flores e toalhas de renda indicando que estão prontas para receber o Santíssimo Sacramento que passeia pelas ruas. Os grupos religiosos, formados principalmente por mulheres idosas, puxam a procissão e os outros cristãos acompanham, num sentido de fé e tradição. A religiosidade marca também os espaços domésticos, cuja configuração obedece a uma linguagem rica em símbolos e alegorias do sagrado.

**Figuras 54, 55 e 56 - Dia de procissão em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

Outra maneira de ver a cidade é através de suas casas. Segundo José Maria Tenório, no começo do século XX a maioria das residências de Quebrangulo era de taipa e muitas delas tinham até mesmo o telhado de palha, o escritor as descreve como “feiosas e de biqueira” (TENÓRIO, 1996, p.87). Mesmo assim, algumas permanecem e fazem parte da história de vida de muitos moradores mais velhos. Nas entrevistas, vários habitantes caracterizam a Quebrangulo do passado através das casas de taipa. Dona Íris lembra com nostalgia do tempo que habitava uma casa de taipa, e Dona Alzira destaca os benefícios desse tipo de habitação:

*Era diferente antes [a cidade], toda no barro, não tinha calçamento, as casas tudo de taipa. Minha casa antes era de taipa também. [...] Era normal, não muda nada, igual essas de tijolo. Era na rua da Cachoeira. As coisas eram difíceis, mas eu era mais feliz. (Dona Íris Gomes da Silva em depoimento, 02/02/2015)*

*Sabe que a melhor casa é a de taipa? O boi querendo dá uma peitada, não tem quem derrube. Eu mesmo quando casei morei numa casa de taipa, o ‘cabra’ caía ela, pronto, não tem diferença nenhuma para casa de tijolo, do mesmo jeito. (Dona Alzira Pereira dos Santos em depoimento, 02/02/2015)*

Para outros moradores, as casas de taipa caracterizam um tempo em que a cidade era tomada pela pobreza e pelo atraso.

*Quando eu cheguei aqui minha fia, num tinha casa aqui não, hoje tá bom... tinha umas casinha de taipa veia minha fia, umas casinha veia de taipa... Antigamente era tudo de taipa, era... Quando eu cheguei aqui era, aí depois foi construindo... (Seu Delson Leite em depoimento, 13/01/2015)*

Graciliano Ramos, no livro *Viventes das Alagoas* (1962) descreve, com seu realismo peculiar, uma habitação sertaneja:

[...]baixa, de taipa, cheia de esconderijos, lúgubre. O teto, chato, acaçapado, quase sem declive, é negro; é negro o chão sem ladrilho, de terra batida, esburacado e sujo; negras as paredes sem reboco, com o barro que reveste a rachar-se, deixando ver aqui e ali o frágil madeiramento que serve de carcaça. (RAMOS, 2007, p. 47).

Com os passar dos anos as casas de taipa vão sendo substituídas cada vez mais pelas de tijolos, ainda que sobrevivam atualmente alguns exemplares de edificações construídas com este tipo de técnica construtiva.

**Figuras 57 e 58 - À esquerda uma rua de Quebrangulo na década de 1930. À direita, casa de taipa em Quebrangulo.**



Fonte: TENÓRIO, 1996. Fonte: Autora (2015).

Casas da mesma tipologia, porém construídas de tijolos começam a surgir posteriormente. Nos anos seguintes, elas passam a adotar platibandas e as ruas tornam-se cada vez mais definidas por sucessões de paredes contínuas. A partir de fotografias antigas é possível vislumbrar o processo de transformação das casas.

**Figuras 59, 60 e 61 - À esquerda casa na década de 1930. No meio, Rua do Beco na década de 1940 e À direita, Rua do Comércio na década de 1940.**



Fonte: TENÓRIO, 1996.

Deste processo, algumas edificações próximas ao estilo eclético sobreviveram. O ecletismo teve grande difusão nas cidades nordestinas, como é o

caso de Quebrangulo e outras cidades interioranas de Alagoas. Essas edificações apresentam forte presença de adornos em formas orgânicas, relevos decorativos, platibandas bem trabalhadas, esquadrias verticalizadas e marcações horizontais e verticais na fachada principal e no volume como um todo.

**Figuras 62 a 63 - Edificações com características ecléticas em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

Sendo construções das décadas de 1910 e 1920, conforme consta nas próprias fachadas, essas edificações hoje abrigam, em sua grande maioria, órgãos públicos. Testemunhas de uma época em que a cidade começava a se estabilizar economicamente, elas surgem como a aparência de uma arquitetura mais trabalhada e acabam se diferenciando das demais casas que compunham a cidade.

Destacam-se também residências de maiores dimensões e que apresentam alguns elementos protomodernos<sup>6</sup>: as estreitas marquises que se unem aos frisos horizontais e verticais para reforçar a geometrização das fachadas e o escalonamento das platibandas. Em geral construídas em lotes maiores e com extensos espaços laterais, já não apresentam as mesmas características do correr de casas das ruas em que se instalam, mas se harmonizam com o conjunto porque possuem a mesma linguagem que se quer moderna, mas que não abre mão dos elementos tradicionais, como a implantação no alinhamento da rua e as platibandas.

<sup>6</sup> O protomodernismo situa-se genericamente na intersecção entre o que se convencionou chamar de Eclétismo e o Modernismo. Se constituindo como precursor do modernismo no Brasil, ele está relacionado a formas que procuram traduzir uma noção de modernidade associada a um novo vocabulário formal, que geometriza as linhas decorativas e volumétricas da edificação. Abarca expressões características da produção Art Decó, Art Nouveau e, de certa maneira, da própria arquitetura moderna.

**Figuras 64 e 65 - Fachadas em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

Em meio a estas, as casas de porta e janela, ou casas de meia morada, permanecem cheias de vitalidade. Elas constituem a maior parte das residências da cidade e localizam-se principalmente nas ruas mais antigas, sendo em geral habitadas por famílias que ali permanecem desde a sua construção. O seu habitar contempla, em alguns casos, a calçada e a rua, permanecendo, assim, em diálogo constante com a cidade.

**Figura 66 - Arruado de casas em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

Os múltiplos olhares para Quebrangulo revelam que ela está longe de ser um tecido contínuo. A cidade é plural, mas não caótica, se desenha a partir de lógicas diversas e é construída por fragmentos que constituem não partes de um todo, mas diferentes territorialidades.

Por cidade não se deve entender apenas um traçado regular dentro de um espaço, uma distribuição ordenada de funções públicas e privadas, um conjunto de edifícios representativos e utilitários. Tanto quanto o espaço arquitetônico, com o qual de resto se identifica, o espaço urbano tem seus interiores. São espaço urbano o pórtico da basílica, o pátio e as galerias do palácio público, o interior da igreja. Também são espaço urbano os ambientes das casas particulares; o retábulo sobre o altar da igreja, a decoração do quarto de dormir ou da sala de jantar, até o tipo de roupa e de adornos com que as pessoas andam, representam seu papel da dimensão cênica da cidade. Também são espaço urbano, e não menos visual por serem mnemônico-imaginárias, as extensões da influência da cidade além dos seus limites: a zona rural, de onde chegam os mantimentos para o mercado da praça, e onde o cidadão tem suas casas e suas propriedades, os bosques onde ele vai caçar, o lago ou os rios onde ele vai pescar; e onde os religiosos têm seus mosteiros e os militares, suas guarnições. O espaço figurativo, como demonstrou muito bem Francastel, não é feito apenas daquilo que se vê, mas de infinitas coisas que se sabem e se lembram, de notícias. Até mesmo quando pinta uma paisagem natural, um pintor está pintando, na realidade, um espaço complementar do próprio espaço urbano. (ARGAN, 1998, 43)



## CAPÍTULO 2

---

### QUEBRANGULO E SEUS ESPAÇOS HABITADOS: CASAS DE MEIA MORADA

*“Quando alguém, naquela região dura de espinho, deseja construir uma casa, pega lápis e papel, traça firme as paredes, as portas, as janelas, as salas e as camarinhas. Escolhe o material e dirige os carpinteiros e pedreiros, que executam, sem regras complicadas, uma espécie de habitação. Não se consulta arquiteto. Realmente não existe arquiteto no lugar. Se existisse porém, seria desprezado pois quem vai morar na casa é o proprietário – e não há razão para submetê-la ao gosto de pessoas estranhas. As paredes ficam baixas, as portas e as janelas pequenas, os quartos escuros. Foi assim que sempre se fez e não se modifica a tradição.”*

*Graciliano Ramos, Viventes das Alagoas, 1961.*

---

Este capítulo dedica-se a compreender melhor a habitação estudada, a partir de diversos pontos de vista, sejam eles históricos, culturais ou técnicos, para depois verificarmos os aspectos que procedem da experimentação das casas por parte da autora e da vivência delas por parte dos moradores.

Apesar de serem persistentes na paisagem das cidades nordestinas observa-se que as casas de meia morada ainda são pouco referenciadas na literatura. Entre as fontes e estudos iniciais sobre elas destaca-se o clássico texto de Louis Vauthier “*Casas de Residência no Brasil*”, cartas do engenheiro francês publicadas em Paris em 1853. No Brasil as cartas de Vauthier vieram a público inicialmente através do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do ano de 1940, com prefácio e notas de Gilberto Freyre. Já em 1960 o livro *Um engenheiro francês no Brasil*, também de autoria de Freyre, reúne novas as cartas e textos de Vauthier consolidando a importância deste autor no estudo da sociedade brasileira. Recentemente as cartas e o diário do engenheiro foram reeditados no livro “*Pontes e Ideias: Louis-Léger Vauthier - um engenheiro fourierista no Brasil*” de Claudia Poncioni (2010).

Em “*Casas de Residência no Brasil*”, Louis Vauthier, vivendo em Recife no século XIX (de 1840 a 1846) observa que os centros mais populosos se povoaram quase que exclusivamente de casas térreas, que, sozinhas, ocupavam ruas inteiras (VAUTHIER, 2010, p. 291). O engenheiro ressalta que as fachadas destas casas tinham a mesma largura dos sobrados, mas diferente destes, apresentavam uma ou duas janelas no máximo, em que “a porta quase sempre fica de um lado, enquanto as janelas formam um par”. (VAUTHIER, 2010, p. 291). Tais casas são descritas a partir de sua disposição no espaço urbano e suas reduzidas dimensões:

Numa cidade brasileira, a disposição em xadrez das casas acarreta a existência de um grande número de prédios independentes. Quer por tradição da mãe pátria, quer por necessidade de construção local, essas habitações são estreitas e longas. Cada casa ocupa sobre a rua apenas uma largura de 5 a 8 metros; as que ultrapassam essa dimensão constituem fenômenos (VAUTHIER, 2010, p. 272)

O artigo “Documentação Necessária”, de Lúcio Costa, publicado na Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) de 1937, que monta uma história evolutiva da casa brasileira, também constitui-se em importante fonte no estudo das casas de meia morada. Neste artigo, Lúcio Costa, investigando não

somente as casas de fazenda ou “sobradões de cidade com sete, oito, nove janelas e portas bem ao meio” (Costa, 1937, p. 33), mas também as casas térreas, as caracteriza como “de pouca frente e muito fundo e duas águas apenas, alinhadas ao longo das ruas” (Costa, 1937, p. 33).

Tomando como referência os escritos de Valthier, outros autores também se debruçaram sobre o tema, entre eles Nestor Goulart Reis Filho, com o livro *Quadro da Arquitetura no Brasil (ano)*, Carlos A. Lemos com *Cozinhas e etc. (1978)* e *História da casa Brasileira (1989)* e, mais recente, Gunter Weimer em *Arquitetura Popular Brasileira (2005)*.

De acordo com este último autor, as moradias eram classificadas pelo número de portas e janelas das fachadas: eram chamadas de meia morada, quando possuíam um número mínimo de portas e janelas, ou moradia inteira, caracterizada por várias janelas. Weimer fala ainda em “casas de três quartos de morada”, quando as casas possuíam três janelas e “casas de morada e meia”, casas com cinco ou mais janelas que remetiam a proprietários de maior poder aquisitivo. ALBERNAZ e LIMA (1998) substituem o termo “casa de meia morada” por “casa de porta e janela”, embora sua descrição remeta ao mesmo tipo de habitação:

Casa térrea, de pequeno porte, cuja disposição interna determina a presença de uma porta e uma janela em sua fachada frontal. Até o início deste século foi um tipo muito comum de habitação que se adaptava muito bem aos estreitos lotes urbanos. Era formada basicamente por uma sala na frente, que se unia a uma alcova, seguida de uma sala de refeições, que por sua vez se ligava a um pequeno puxado onde se encontrava a cozinha. (ALBERNAZ e LIMA, 1998, p. 130)

Em Quebrangulo, as casas de meia morada marcam não só a composição das ruas, como fazem parte do próprio processo de desenvolvimento da cidade. Se, segundo os moradores, no início da povoação, a cidade era composta pelas casas de taipa com telhado de palha, em fotografia da década de 1940, já se observa que as casas de meia morada definem ruas inteiras, que passam a ser marcadas pela sucessão de fachadas comprometidas com o alinhamento das ruas, sejam elas de residências ou de casas comerciais, cujas frentes apresentam de 3 a 6 metros de largura.

**Figura 68 - Vista da Rua do Comércio na década 1940.**



Fonte: TENÓRIO, 1996.

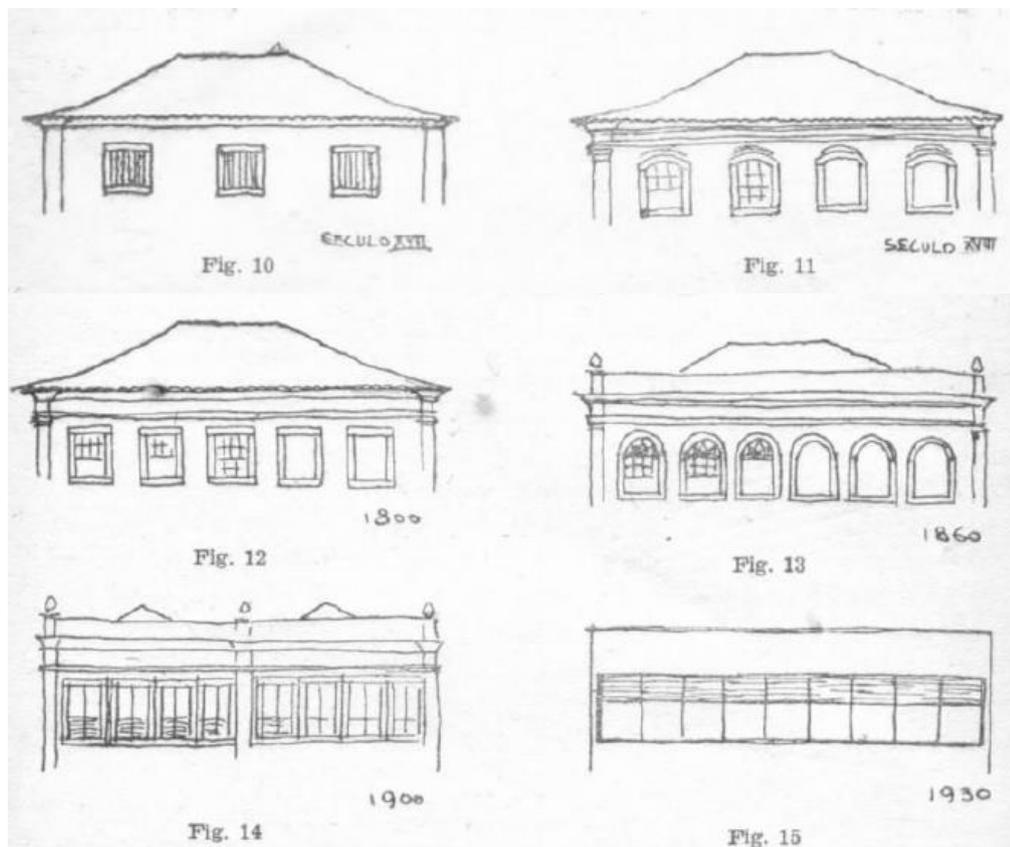
O geminamento junto à sucessão de platibandas, fachadas e cumeeiras paralelas à rua vão compondo verdadeiros corredores de casas em fita. Na rua do Comércio, elas são residências mistas: abrigam a família, mas também funcionam como estabelecimento comercial, talvez daí proceda a necessidade de mais portas do que o habitual. Algumas delas apresentavam somente portas, o que supõe uso apenas para o comércio. Outras ruas como da Palha, do Rosário e do Beco também se povoam de forma semelhante.

De acordo com a genealogia proposta por Costa, a primeira casa a surgir é a casa mínima, a do colono. Depois aparecem as casas térreas, de “pouca frente e muito fundo” (COSTA, 1937, p 34), em seguida, surgem as platibandas. A partir da segunda metade do século XIX o número de janelas e a configuração das platibandas passam a definir o aspecto das casas. No final da linha do tempo construída pelo autor, está a casa moderna. O autor observa que nas casas do fim do século XVI e durante o século XVII, os cheios teriam predominado, à medida que

a vida ía se tornando mais “fácil” e “policiada” (COSTA, 1937, p. 36), o número de janelas aumentava:

Já no século XVIII cheios e vazios se equilibraram (fig 11) e no começo do século XIX predominaram francamente os vãos (fig 12); de 1850 em diante, as [sic] ombreiras [sic]quasi se tocam (fig 13), até que a fachada, depois de 1900, se apresenta praticamente toda aberta, tem os vãos, muitas vezes, [sic] ombreira comum (fig 14). O que se observa, portanto, é a tendência a abrir sempre e cada vez mais.(COSTA, 1937, p. 37)

**Figura 69 - Processo de transformação das fachadas.**

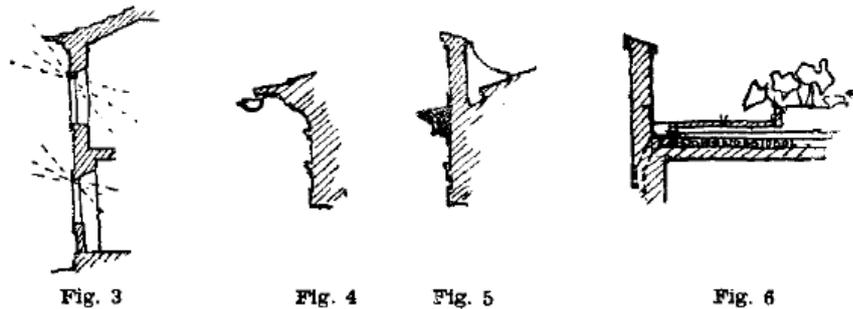


Fonte: COSTA, 1937.

Ainda segundo ele, a substituição dos beirais pelas platibandas se dá a partir do aparecimento das calhas.

[...] Com o aparecimento das calhas (fig 4), surgiram aos poucos, logicamente, as platibandas, continuando as cornijas – já sem função – presas ainda à parede pela força do hábito e meio sem [sic] geito (fig. 5), até que, agora, com as coberturas em terraço jardim, a transformação se completou (fig. 6) (COSTA, 1937, p. 35)

**Figura 70 - Detalhes de processo de surgimento e transformação das platibandas.**



Fonte: COSTA, 1937.

Conforme já visto, em Quebrangulo, observa-se processo parecido: as primeiras casas são de taipa, cuja tipologia segue o que Lúcio Costa caracteriza como casas mínimas. Posteriormente as casas começam a serem construídas “agarradas umas às outras” usando a expressão de Gilberto Freyre (1985). Surgem novos materiais e as platibandas, que vão mudando de acordo com os estilos arquitetônicos adotados, desde o eclético, passando pelo art deco, protomoderno até o moderno.

Entretanto, ao mesmo tempo em que se desenha tal linha do tempo, ela é também rasurada, na medida em que casas mínimas, como as descritas por Costa são os tipos construídos mais recentes na cidade e casas de meia morada construídas já na década de 1970 adotam uma aparência das décadas anteriores. Assim, a ideia de uma genealogia é posta em questão a favor de uma visão mais diversificada de processos e posturas frente ao habitar.

**Figura 71 e 72: Rua da Cachoeira, à esquerda as casas mais recentes, à direita, as mais antigas.**



Fonte: Autora (2015).

Por meio de fotografias antigas também é possível perceber que as casas de taipa convivem com casas de frontões e fachadas ecléticas e com aquelas mais modernizadas e que esses três modelos de configuração de fachada não constituem uma cronologia fixa nem são os únicos possíveis. Assim, o *continuum* de uma sucessão vetorial é quebrado, dando lugar às diferentes temporalidades que perpassam simultaneamente a cidade.

Há, por exemplo, um tipo de casa chamado por alguns moradores de casa de “meia- água”. Tal casa tem dimensões tão reduzidas, que torna-se mais viável construir o telhado com apenas uma água. Dona Juvenília caracteriza a casa do passado a partir deste tipo de telhado, o qual é substituído por outro de duas águas quando da ampliação da casa e construção da platibanda. A “meia-aguinha” a que a moradora se refere define a casa não só em termos de telhado, mas também implica uma casa de dimensões mínimas e bastante simples.

*Meia aguinha é a casinha tapada de barro, só assim coberta assim... e os quartinho tudo tapado de barro. [...]Eu morava lá na rua da Cachoeira, aí depois o marido comprou a meia-aguinha que era essa casa, e construiu, quando ele acabou de construir, ele faleceu, vai completar 40 anos. Era uma meia aguinha, aí nois fomo construindo devagarzinho, até que ela ficou assim desse jeito. (Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 30/09/2014 )*

Diferente das casas de meia água, que em Quebrangulo, perduram apenas na memória dos moradores, as casas de meia morada permanecem vivas na paisagem. Acessando Quebrangulo pelas suas vias mais antigas, nota-se que elas continuam compondo os caminhos mais familiares para os moradores.

**Figura 73: Esquema de distribuição das casas de meia morada em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

Embora as platibandas já não compareçam em algumas ruas, as casas continuam caracterizadas pelo geminamento e pela fachada de porta e janela. Observa-se ao longo dos anos, processos de permanência, mas também de busca por transformação deste tipo de casa. Enquanto na Rua Pernambuco e na Rua Galo Assanhado, as fachadas se apresentam mais “modernizadas”, na Rua 13 de Junho e Rua da Palha, estas adotam elementos próximos a um vocabulário eclético. Já as Ruas da Cachoeira, da Alegria e do Beco compõem-se de casas de fachadas mais limpas, sem quaisquer elementos geométricos, apenas o gigante<sup>6</sup> comparece em alguns casos. Assim, nota-se que mesmo naquelas casas que conservam suas platibandas desde a época em que foram construídas, algumas fachadas adotam uma fachada de aparência mais modernizada.

<sup>6</sup> O elemento popularmente chamado de “gigante” é um friso vertical de alvenaria ou argamassa que ressalta as extremidades laterais das fachadas (NASCIMENTO e SILVA, 2014). Sua função parece ser principalmente delimitar o espaço visível de cada residência, contrapondo-se, de certa forma, ao geminamento.

Um importante registro iconográfico referente a essa produção popular já modernizada é o pioneiro livro *Pinturas e Platibandas* (1987), já citado, no qual a fotógrafa Anna Mariani documenta mais de 200 casas populares em várias cidades do Nordeste, das quais 21 ficam localizadas em Alagoas, nos municípios de Arapiraca, Delmiro Golveia, Japaratinga, Olho D'água do Casado, Piaçabuçu e São Luís do Quitunde.

As fotografias que compõem o livro foram tiradas ao longo de 10 anos de trabalho (de 1987 a 1997), e organizam-se em escala única, dispostas em linha de terra de mesma altura, permitindo ao leitor experimentar o livro como quem passeia por ruas de casas corridas.

**Figuras 74 e 75 - À direita casas em Riacho das Pedras/ BA (1986) e à esquerda em Serrinha/BA (1983).**



Fonte: MARIANI, 2010.

Em suas fotografias, Mariani captura a cor vibrante obtida graças às práticas tradicionais de caiçação, as composições geométricas e as formas das platibandas, que fazem com que estas fachadas se assemelhem a pinturas cromáticas. Segundo a autora, obtidas sem qualquer método pré-estabelecido, sem tripé, sem proximidade fixa ou qualquer projeto, as fotografias aparecem contextualizadas num cotidiano simples e espontâneo, onde o “moderno” contamina a casa popular de cores e formas. (NASCIMENTO e SILVA, 2014)

**Figuras 76 e 77 - Casas em Ingá/ PB, 1987 e 1985.**



Fonte: MARIANI, 2010.

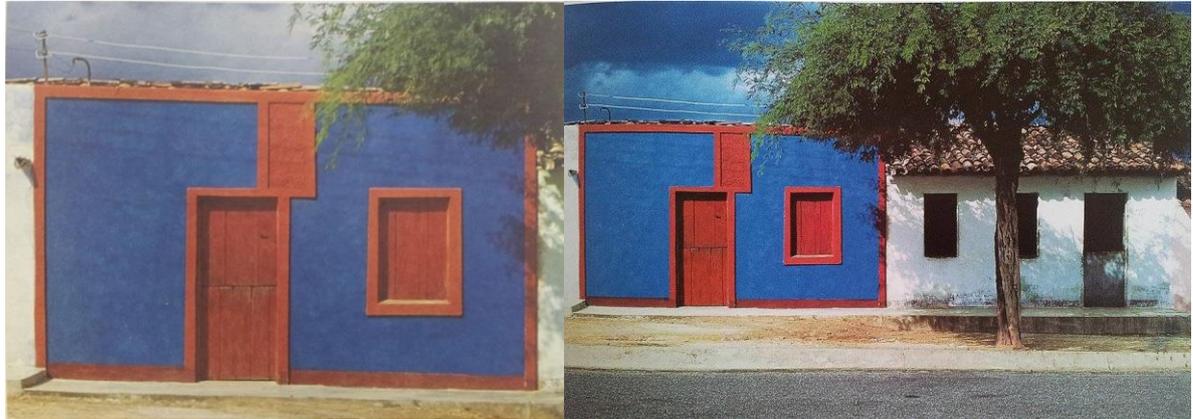
As fachadas retratadas por Mariani revelam não só a singularidade da arquitetura concebida pelos moradores das pequenas cidades nordestinas, mas principalmente uma estética popular, elaborada a partir de outros códigos e outros repertórios que não necessariamente os dos arquitetos. São casas que cativam, lugares onde dia após dia se desenrola a vida de pessoas pobres e simples, mas também são lugares de sonho, possibilitam uma experiência estética que, de certa forma, rompe com a dureza do cotidiano.

Na epígrafe da primeira edição do livro, Ariano Suassuna compara as fachadas destas “pobres casas populares” às roupas dos negros dançarinos, cujas intensas cores funcionam como protestos contra a monotonia, a miséria e a feiura de suas vidas. Para o poeta, “tomado pela embriaguez dançarina das cores, aquelas casas eram também como joias que rebrilhavam ao sol, de modo a que Deus as avistasse com alegria” (SUASSUNA, 1987, p.7).

Uma nova edição do livro de Anna Mariani é lançada em 2010, revista e ampliada pela própria autora. O novo volume mantém as características do primeiro, embora o enquadramento fotográfico de algumas imagens deixe aparecer embora discretamente o entorno das casas. O tratamento das fotos a partir de processos digitais permite também uma melhor visualização das cores, aspecto fundamental nas casas retratadas. Enquanto na primeira edição as fachadas eram as “protagonistas indiscutíveis” como ressalta a autora, na segunda, as paisagens que envolvem as casas, sejam elas urbanas ou rurais, são também importantes. Desta forma, “a fotógrafa abre mais a lente da câmera para deixar à mostra a roupa

estendida no varal ao lado ou o velho beiral da casa vizinha convivendo junto à jovem platibanda”. (NASCIMENTO e SILVA, 2014)

**Figura 78 e 79 - Imagens da mesma casa na primeira e na segunda edição do Livro Pinturas e Platibandas – Bola/Paraíba/1985.**



Fonte: Mariani, 1987/2010.

Esta segunda edição também traz um texto de Caetano Veloso elaborado para a abertura da Exposição *Des maisons comme des tableaux* em Paris, em que o artista, encantado pela singeleza e poesia destas casas revela:

O que dizem estas casas? Sob o sol-a-todo-sol do Nordeste brasileiro, em meio à dura vida humana, o que insinua sua lírica geometria? De frente pra câmera de Anna Mariani, elas parecem sorrir um sorriso silencioso. A câmera não pretende interpretar os seus signos, mas entrar numa espécie de estado amoroso com a delicadeza de sua poesia. [...] Vendo essas casas reduzidas à sua essência formal, em retratos frontais, sobretudo aquelas que Anna foi encontrar longe de minha microrregião, no sertão, onde exibem mais inspiração e rigor, eu me pergunto qual o caráter do ensinamento que elas trazem. O impacto estético que produzem em nós sem dúvida alguma confirma e ultrapassa o sentido de superação da miséria. Os homens que desenvolveram esse estilo visual numa região tão pobre do Brasil nos fazem ver que há muitos níveis insondáveis, muitos estágios misteriosos nas relações entre as massas e o que se convencionou chamar de modernidade. ( MARIANI, 2010, p. 225)

As portas e janelas abertas sugerem um interior doméstico que, mesmo encoberto pela sombra, deixa rastros de hábitos tradicionais do Nordeste: o costume de sentar à porta de casa, o cacho de bananas pendurado na parede sinalizando que ali vende-se frutas, o mosquiteiro deixado à mostra na janela do quarto... A tudo isso esteve atenta Mariani ao registrar estas casas.

**Figuras 80 e 81 - À esquerda casa em Piaçabuçu/AL (1985) e à direita casas em Forquilha/ CE (1983).**



Fonte: Mariani, 2010.

Por vezes as portas abertas revelam aos fundos da casa o verde dos quintais, outras vezes este vaza por cima dos telhados. Mesmo que as pessoas não compareçam nas fotografias de Mariani, sua presença se mostra o tempo todo seja na roupa que é estendida no varal, seja na bicicleta deixada à porta de casa. Algumas fachadas trazem ainda as marcas do tempo, que mãos zelosas já não mais repararam.

**Figuras 82 e 83 - À esquerda casa em Ribeira do Pombal/BA (1985) à direita casas em Japaratinga/AL (1985).**



Fonte: MARIANI, 2010.

As casas de meia morada também comparecem, embora com menos ênfase, na publicação *Moradas do Brasil (2008)*, livro composto por fotografias de Rui Faquini, com texto de Carlos A. C. Lemos. Neste junto às casas de palafitas e às

moradias de palha indígenas, as casas de meia morada seguem também como uma das arquiteturas que caracterizam o Brasil. Com todos os textos traduzidos para o inglês, o livro pretende mostrar não só as casas que marcam as paisagens brasileiras, mas também maneiras particulares (jeitos nossos) de morar e viver.

**Figura 84 - Conjunto de casas em João Pessoa, PB (1998).**



Fonte: FAQUINI e LEMOS, 2008.

Nas palavras do escritor Ivan Ângelo no texto inicial do livro, tais casas são produções anônimas, mas também expressões pessoais dos seus moradores/construtores:

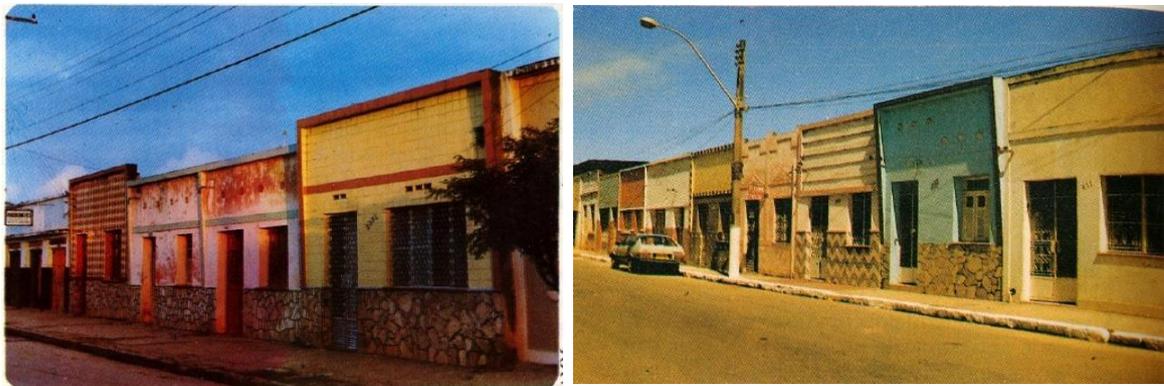
Concepções anônimas, resultantes de necessidades objetivas, construídas com técnica transmitida de mestres e aprendizes ao longo de séculos, finalizados por artesãos, decoradas pelas cores do gosto popular, limitadas pelas carências das pessoas e dos lugares, enriquecidas pela imaginação, aquecidas pelo calor humano. São expressões pessoais, por mais que se pareçam umas com as outras. Alguém terá chegado ao mestre pedreiro ou carpinteiro e dito: “Eu quero uma casa assim” e terá explicado sua ideia. (ANGELO, 2008, p. 11)

Assim, nota-se que ao contrário dos preconceitos recorrentes em relação à arquitetura popular, estes autores revelam que a pessoa comum, no seu cotidiano, também pode ser produtora de uma arquitetura carregada de beleza e sentidos diversos. Elaborada sob outros códigos e outras motivações, que não necessariamente as “acadêmicas”, esta arquitetura investe-se de uma estética e uma lógica próprias. Construídas pelo o “outro”, que mesmo morando na casa ao

lado, nos parece tão distante, elas colocam-se como desafios de apreensão e compreensão para arquitetos e urbanistas.

Em Alagoas, as casas de meia morada foram estudadas por Silva (1991) no livro *Arquitetura Moderna: a atitude alagoana*. Tal obra cobriu um longo arco do erudito que é relativizado em relação ao popular, incorporando-se ao estudo não só a obra dos arquitetos e engenheiros, mas também o trabalho dos desenhistas. Em um capítulo do livro a autora se debruça sobre casas de meia morada cujas fachadas sofrem influências da arquitetura moderna. Neste capítulo, destaca-se o tratamento plástico empregado nas fachadas; o uso de novos materiais de revestimento e acabamento como, por exemplo, o azulejo tanto na fachada como nos interiores; e uma maior versatilidade dos elementos arquitetônicos. Além da capital Maceió, foram referenciadas no estudo as cidades de maior projeção na época: Arapiraca, Penedo, União dos Palmares, Santana do Ipanema e Palmeira dos Índios.

**Figuras 85 e 86 - Conjunto de casas de fachadas modernizadas em Alagoas.**



Fonte: SILVA, 1991.

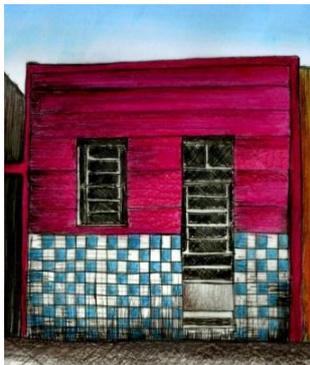
Esse tipo de casas foi contemplado também em minha pesquisa de TFG, realizada em 2012, na cidade de Palmeira dos Índios, na qual se observou que a partir do anos de 1950, momento de maior desenvolvimento urbano e econômico da cidade, as casas de porta e janela passaram a receber elementos geométricos e recursos decorativos estilizados visando a uma atualização ou modernização de suas fachadas<sup>7</sup>. Conforme já ressaltado, tal pesquisa teve fundamental importância

<sup>7</sup> A pesquisa se refere ao trabalho intitulado “Quando o popular vira moderno: transformações e contaminações da arquitetura popular de Palmeira dos Índios”, sob orientação da professora Dra. Juliana Michaello Macedo Dias.

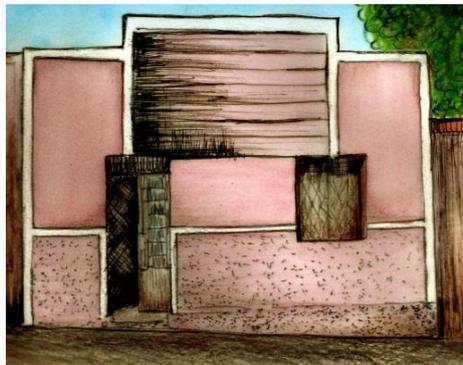
para este trabalho não só por constituir uma primeira aproximação com a tipologia em estudo, mas também por ser um esforço de analisar a concepção e as características arquitetônicas dessas casas em termos de fachada e aspectos formais.

Neste estudo chegou-se a uma classificação das fachadas agrupadas conforme as tipologias arquitetônicas identificadas, dentre as quais predominaram as casas com fachada de porta, janela e platibanda. Estas últimas foram avaliadas de acordo com as formas das platibandas, já que se observou que é principalmente nesta parte da fachada que vão ser usados os mais variados recursos para atualização das casas, desde o acréscimo de frisos horizontais ou verticais até recortes e escalonamentos. Este detalhe arquitetônico foi analisado conforme três variações: casas de platibanda reta com elementos geométricos (1), casas de platibanda escalonada (2), e casas de platibanda deslocada (3).

**Figuras 87 - Diferentes variações de casas de meia morada em Palmeira dos Índios.**



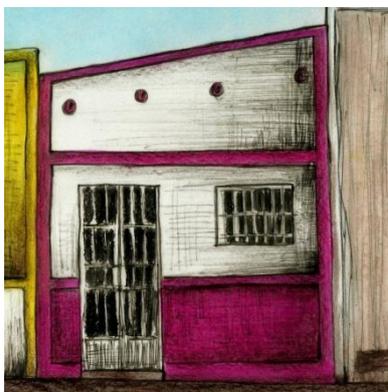
(1)



(2)



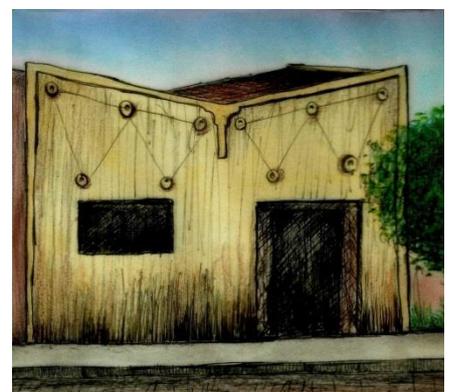
(2)



(3)



(3)



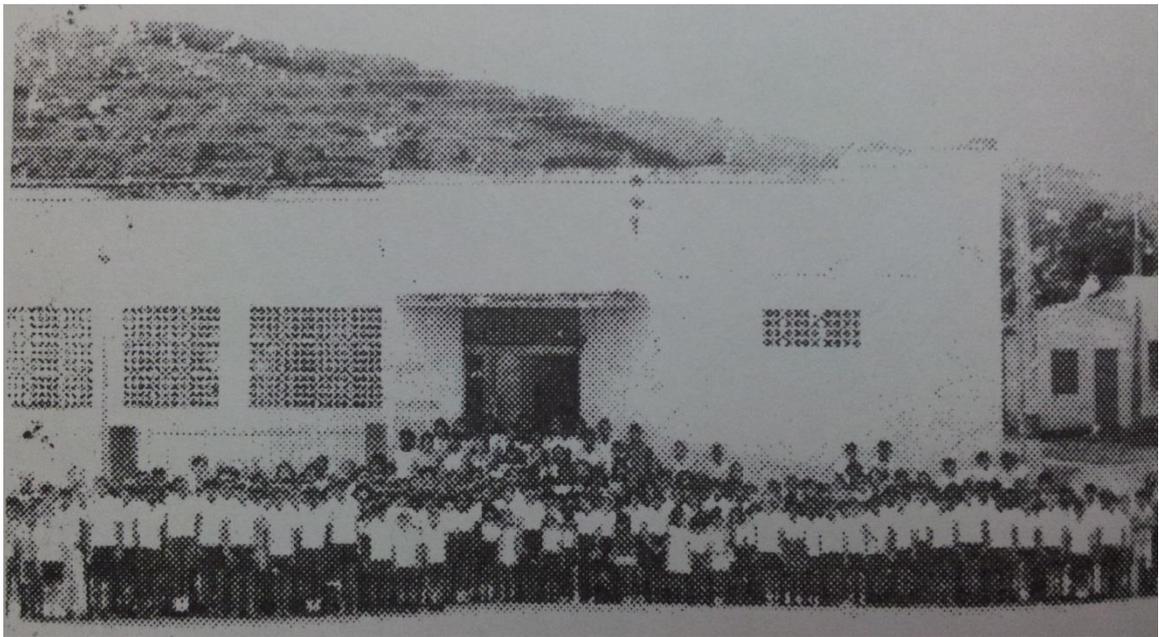
(3)

Fonte: NASCIMENTO, 2012.

Além disso, essas casas vão ter em comum o acréscimo de frisos e elementos em argamassa ou alvenaria visando ressaltar sua geometrização e a configuração da cobertura, que por vezes, foge do tradicional telhado de duas águas com cumeeira paralela à rua. Assim, verificou-se que os moradores/construtores inspiraram-se nos signos criados pela arquitetura moderna brasileira, mas ao mesmo tempo os adaptaram e reelaboraram, produzindo uma arquitetura popular de caráter híbrido, que se aproxima a um vocabulário formal moderno, sendo, de certa forma, contaminada pela chamada arquitetura erudita.

Observa-se em Quebrangulo, processo semelhante. As décadas de 1950 e 1960 são marcadas pela construção de alguns prédios públicos em estilo moderno, entre eles destaca-se o Grupo Escolar Desembargador Tenório, fundado em 1950. Em termos arquitetônicos pode-se perceber neste prédio já a presença de elementos bastante difundidos pela arquitetura moderna, quais seja, os cobogós e marquises.

**Figura 88 - Grupo Escolar Desembargador Tenório.**



Fonte: TENÓRIO, 1996.

Na década de 1950 aparece uma arquitetura que começa a se desvencilhar dos elementos tradicionalmente utilizados até então. Quanto à infraestrutura, a luz elétrica, antes instalada somente nas ruas do centro, chega às casas em 1963, quando a lâmpada substitui os candeeiros e lampiões que muito serviam à gente

como Dona Juvenília, que quando era jovem fazia renda até tarde da noite sob a luz do lampião:

*Agora você não pense que tinha lamparina não! Lamparina é depois, que tudo é iluminado né?! Era as candeeira acesa de um lado e a gente fazendo, trocando os bilro ali, aí enfiava o alfinete, aí ia trocar outra vez pra fazer as coisas [...] Teve um tempo que faltou o gás, a gente descascava a mamona, pisava com um algodão no pilão, fazia uns cordão dessa altura, enrolava ele assim como uma corda, num prato de barro e botava a cabeça dele assim e acendia... fazia renda até umas horas... Nesse tempo eu tinha a vista boa, a gente quando é novo tem a vista boa. (Dona Juvenília em depoimento, 30/ 09/ 2014)*

Ainda na década 1960 ocorre a expansão da rede de abastecimento de água viabilizada pelo DENOCS e os moradores assistem à chegada da água encanada a suas casas. Estes melhoramentos são acompanhados de obras de infraestrutura urbana, tais como pavimentação de ruas e construção de pontes, além da fundação do primeiro ginásio da cidade, estabelecimento escolar onde se cursava o que hoje equivale ao ensino médio. Assim como em Palmeira dos Índios, este relativo progresso e experiência de atualização da arquitetura vai se refletir de algum modo nas casas de meia morada, nas quais os moradores se utilizaram de alguns artifícios para conferir a elas uma ambiência “moderna”.

**Figura 89 e 90 - Fachadas em Quebrangulo.**

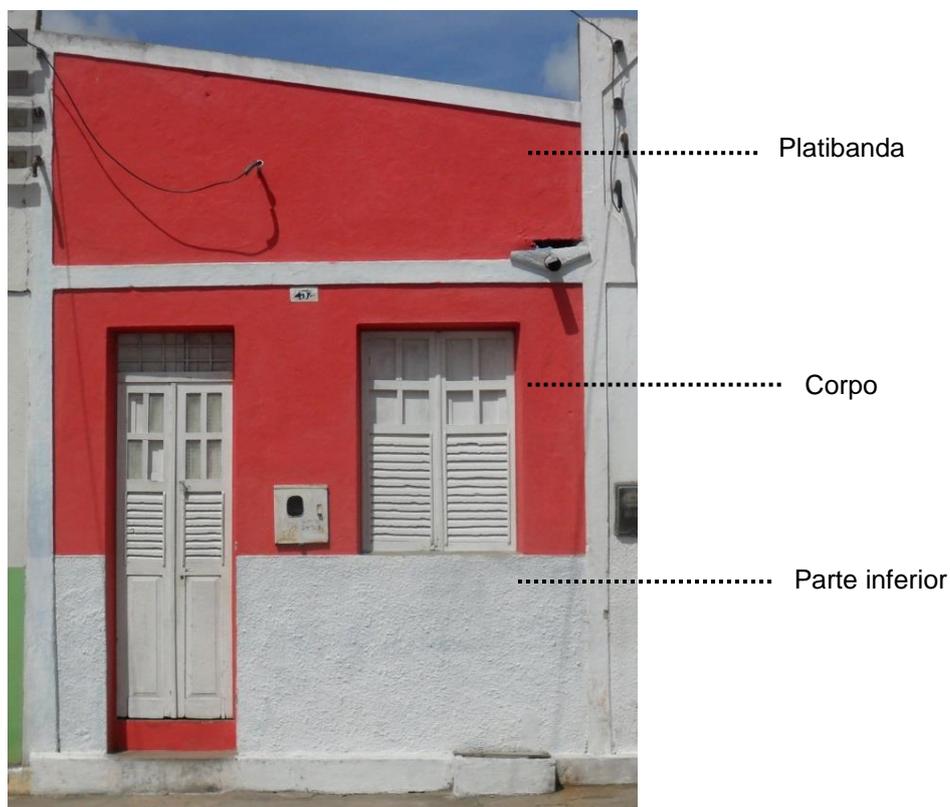


Fonte: Autora (2015).

Em termos plásticos, estas casas obedecem a certas regras de composição, como por exemplo, a divisão da fachada em três partes: platibanda, corpo e parte inferior. No corpo da fachada ficam localizadas as aberturas, e em alguns casos os

frisos aparecem também nessa parte, ou definindo o alinhamento superior das aberturas ou ressaltando o limite entre corpo e platibanda. Normalmente o corpo recebe apenas pintura, ficando a variação dos materiais de acabamento na platibanda e parte inferior. Esta é diferenciada do corpo principalmente pelo material de revestimento que vai desde a pedra, revestimento cerâmico (intervenção mais atual) até o chapisco pintado, que vai conferir uma textura rústica e acessível financeiramente.

**Figura 91 - Esquema de composição de uma fachada em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

Outro acréscimo estético bastante empregado é a cor, que em geral é renovada. O gigante e os frisos são usualmente pintados com cores diferenciadas do resto da fachada, ressaltando, assim, o seu efeito visual. Na maioria das casas estudadas em Quebrangulo, o gigante aparece na cor branca, assim como os frisos e detalhes em argamassa.

**Figura 92 - Fachada de uma residência em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

As fachadas das casas de meia morada foram aos poucos ganhando novos materiais de revestimento e acabamento. Lentamente foram sendo transformadas para se instalar melhor num contexto contemporâneo. Uma intervenção mais atual é o revestimento cerâmico na parte inferior, como já foi visto, instalado sob o pretexto de proteger as casas de futuras cheias do Rio Paraíba.

Observa-se que tais fachadas parecem não ser significativas para os moradores jovens, já que elas correspondem a aspirações e motivações dos pais ou avós na época em que as casas foram construídas. E não necessariamente é preservado por vontade destes, para quem, hoje, os espaços internos são muito mais expressivos. Entretanto, quando habitadas por velhos, muitos do quais moram na mesma casa há mais de 40 anos, elas recebem de um sentido mais afetivo. A frente da casa muitas vezes vai ser referenciada por eles como o “jeito da casa”: *“O jeito da casa era esse mesmo, não foi reformada nada, só esse negócio: o forro e o piso. Aí dentro, já fui eu que fiz isso...”* (Dona Zefinha em depoimento, 12/08/2014).

Uma porta e três janelas, detalhes florais e frontão arredondado: a casa de Dona Zefinha ainda tem o “jeito” da década de 1940, quando foi comprada pelo companheiro. Desde que ele faleceu, Zefinha mandou mudar o piso, colocar forro de PVC no teto, aumentar a cozinha, construir o banheiro, mas a fachada da casa continua a mesma.

**Figura 93 - Fachada da residência de Dona Zefinha.**



Fonte: Autora (2015).

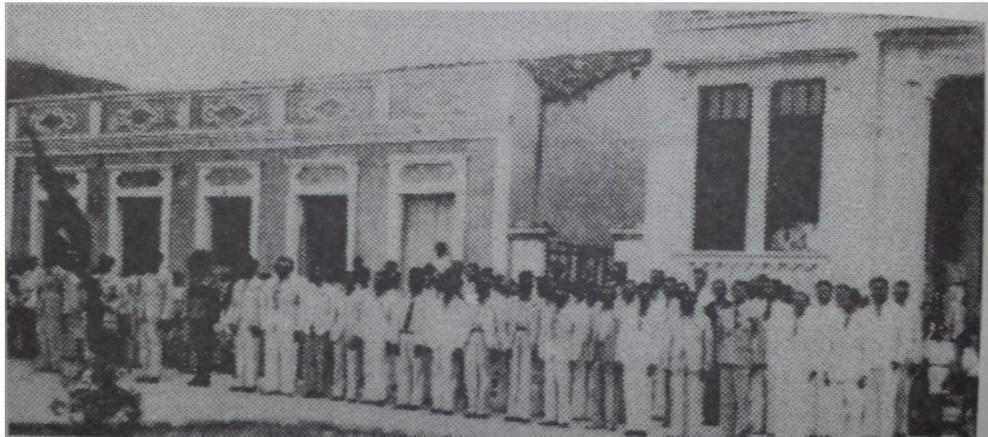
Assim como a moradora, outros também executam pequenas mudanças no interior, mas em geral, as fachadas das casas habitadas por pessoas idosas permanecem. A residência de Dona Zefinha mostra também que nem todas as casas têm suas fachadas “modernizadas”, assim a vontade de ser moderno é relativa.

Para o estudo foram escolhidas 15 casas em diferentes ruas de Quebrangulo. Se no trabalho de TFG as casas foram classificadas conforme as formas das platibandas, este conjunto de 15 casas engloba pelo menos três aspectos: casas mais antigas cujas fachadas adotam frisos e apresentam já algum trabalho decorativo; casas de fachada limpa de ornamentos, definidas somente pela porta, janela e platibanda; e aquelas cujas platibandas são escalonadas ou deslocadas e que adotam uma aparência mais “modernizada”. A casa de Dona Zefinha (figura 89) se destaca das demais pela solução estilística mais antiga, marcada pelas três janelas verticais, pelo frontão arredondado, frisos e motivos florais próximos ao eclético.



Através dos depoimentos dos moradores, não foi possível descobrir o ano em que as casas foram erguidas, entretanto, grande parte delas foi construída pelos pais ou cônjuges dos moradores, que nelas habitam há mais de 30 anos. A partir de fotografias das décadas de 1940, é possível constatar semelhanças entre as fachadas das edificações deste período e algumas das casas que compõem o recorte proposto.

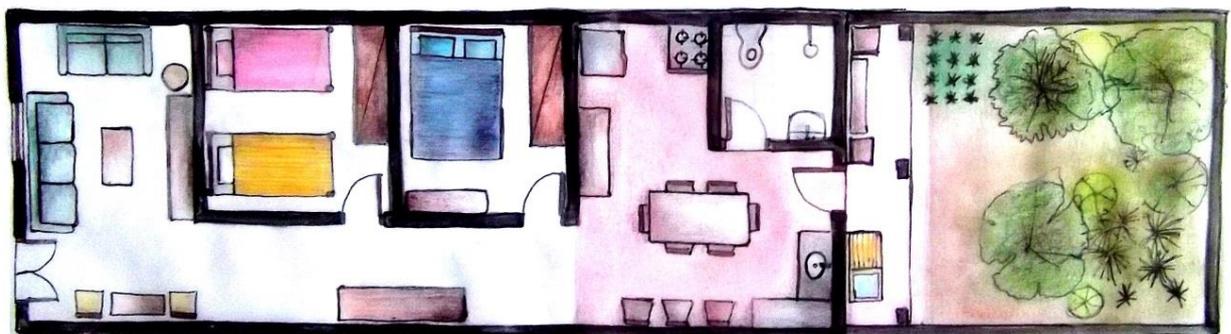
**Figura 94 - Aparência de uma residência em 1941.**



Fonte: TENÓRIO, 1996.

Acessando os interiores das residências, mesmo naquelas que aderiram a uma fachada de linguagem “moderna”, encontra-se uma configuração tradicional em termos de distribuição espacial. Remetendo ainda à memória das casas térreas dos tempos coloniais, essa configuração interna se dá a partir do enfileiramento dos cômodos compondo uma sala logo à entrada, dois ou três quartos ao longo de um corredor estreito que leva até a cozinha e o quintal aos fundos do lote.

**Figura 95 - Planta baixa de uma residência**



Fonte: Autora (2015).

PLANTA BAIXA  
E.C. 1/75

Tal divisão interna já é descrita por Vauthier em *Casas de Residência no Brasil*:

[...] O que serão essas construções compridas que só recebem ar e luz pelas extremidades? Essa forma rígida, esse tipo único, comprimido na largura [...] Ao fundo da sala da frente, encontraremos as alcovas ou a alcova única, se a largura for pequena, bem como a porta do corredor que conduz à sala dos fundos, para o qual dão um ou dois quartos sem janelas. Essa sala dos fundos, disposta como a da frente, dá para um pequeno pátio contíguo à casa e serve, ao mesmo tempo, de sala de jantar e de cozinha, a menos que um pequeno puxado, que se prolonga no pátio, venha a exercer esta função. (VAUTHIER, 2010, p. 292)

Mencionando a regularidade e rigidez da disposição dos cômodos, o autor afirma que “quem viu uma casa brasileira, viu quase todas” (VAUTHIER, 2010, p. 275), se referindo à recorrente configuração de planta descrita por ele na maioria das residências da época colonial e até mesmo nas décadas posteriores.

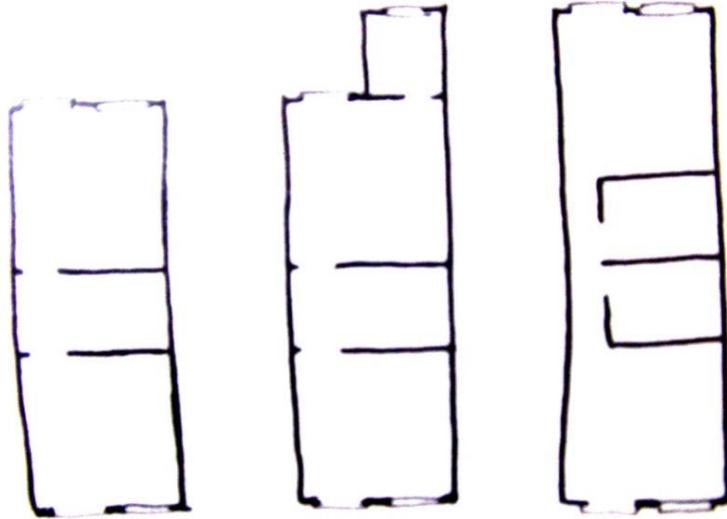
Valendo-se de Valthier, Lemos (1996) menciona que as casas populares urbanas do período colonial tiveram praticamente a mesma planta em todo o Brasil, embora as técnicas tenham sido diversificadas. Em sua *História da casa brasileira* ele também descreve a configuração da planta desta casa a partir do enfileiramento dos cômodos:

[...] todas as moradias possuíam cômodos encarreirados. O da frente, com a janela no alinhamento da rua, quase sempre era sala de recepção, quando não abrigava alguma oficina de artesanato ou mesmo uma loja. Os cômodos intermediários, acessíveis por corredor lateral, eram dormitórios, naquele tempo chamados de camarinhas, alcovas ou “casas de dormir”. Nos fundos fechava a fila a cozinha, a varanda alpendrada que dava acesso ao quintal, onde sempre havia um arremedo de instalação sanitária. (LEMOS, 1996, p. 32)

Lembra ainda, que quando as casas possuíam mais janelas, o corredor de acesso à sala dos fundos dividia as alcovas em dois blocos simétricos.

De forma semelhante, Weimer observa que as casas de meia morada eram compostas por “uma sala na frente, ligada à cozinha que se encontrava no fundo, por meio de um corredor que passava ao longo de uma, duas ou mais alcovas” (WEIMER, 2005, p. 195). Entretanto, o autor considera que existem alguns variantes deste tipo de organização em planta. A implantação da porta revelava sempre o lado em que se encontra o corredor.

**Figura 96 - Esquema de variabilidade das plantas baixas.**



Fonte: WEIMER, 2005.

Em Quebrangulo, nota-se que pequenas mudanças são efetivadas na organização dos cômodos com o acréscimo posterior da área de serviço logo após a cozinha e o banheiro, que antes era instalado no quintal e independente da residência, vai ser posteriormente incorporado ao bloco da casa. Em geral, nos três grupos de casas estudados, as plantas seguem a configuração tradicional. Apenas quando possuem maior largura, o corredor se alarga e dá lugar a duas ou três salas. Substituem-se por vezes os materiais de acabamento, o piso, em alguns casos, e o madeiramento do telhado.

Sobre os telhados, observa-se que a maioria das cumeeiras apresenta-se paralela ao alinhamento da rua. Das 15 casas acessadas internamente, apenas em 3 delas as cumeeiras colocam-se perpendiculares à rua. São definidas pelo encontro entre as duas águas do telhado e sustentadas em geral por escoras de madeira.

Das 15 casas, 10 apresentam-se geminadas nas duas laterais, 2 geminadas em uma das laterais e 3 completamente soltas do lote. A implantação muitas vezes vai depender da rua em que estas casas estão situadas: na Rua da Cachoeira, grande parte delas já apresenta os recuos laterais formando estreitos becos entre as residências. Já na Rua do Comércio, Rua Paulo Jacinto, Rua do Beco e Rua 13 de

Junho as casas são geminadas se não completamente, em pelo menos uma das laterais.

Sendo geminadas, adotam um telhado mais tradicional, com as duas águas caindo para as fachadas posterior e frontal. Quando aparece algum recuo lateral torna-se possível adotar o telhado de duas águas caindo para as laterais. Mesmo que este segundo tipo seja menos recorrente se considerando a cidade como um todo, ele comparece no conjunto de casas estudado.

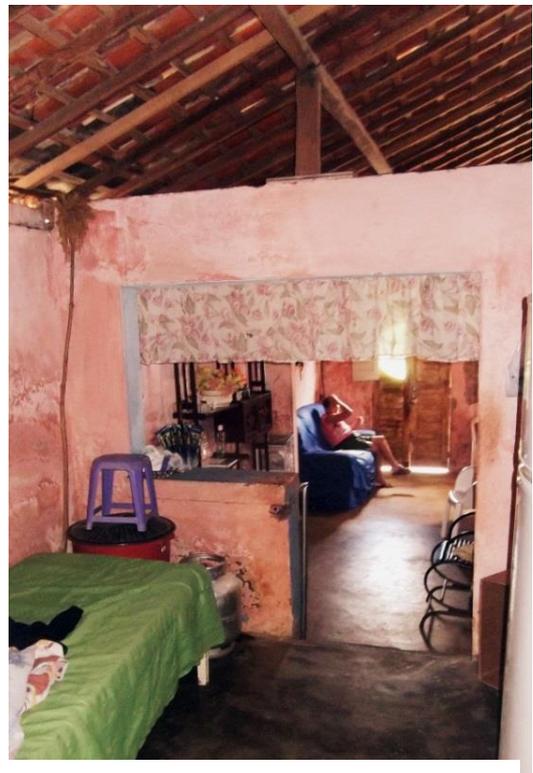
O telhado de duas águas é descrito por Reis Filho (2006) como o sistema de cobertura mais utilizado nas casas do século XIX. No entanto, a adoção dos sistemas de condução de águas pluviais através de tubulação, surge a possibilidade das platibandas substituírem os beirais.

O sistema de cobertura, em telhado de duas águas, procurava lançar uma parte da chuva recebida sobre a rua e a outra sobre o quintal, cuja extensão garantia, de um modo geral, a sua absorção pelo terreno. Evitava-se, desse modo, o emprego das calhas ou quaisquer sistemas de captação e condução de águas pluviais, os quais constituíam verdadeira raridade. A construção sobre os limites laterais, na expectativa de construções vizinhas de mesma altura, procurava garantir uma relativa estabilidade e proteção das empenas contra a chuva. (REIS FILHO, 2006, p.26)

Quando a cumeeira é transversal, a calha é colocada logo após a platibanda. Por vezes, um cano salta da fachada e faz a descarga da água da chuva na calçada. Quando é longitudinal, ou a calha é colocada no final do telhado sobre a parede ou ela não existe, a descarga d'água é feita nos estreitos becos que separam as residências.

No interior, o telhado de telha-vã é deixado à mostra. Se em outros tipos de habitação, ele é escondido por forros ou lajes, nestas, ele participa diretamente da experiência do morar tal como o piso e as paredes. Apenas duas das quinze casas estudadas apresentam forro de PVC.

As casas exibem suas entranhas,



**Figura 97 - Interior de uma residência em Quebrangulo.**  
Fonte: Autora (2015).

acima das paredes se descortina toda a estrutura de caibros, ripas e telhas que formam a cobertura. Mesmo nos quartos, dorme-se olhando para as telhas. Quantos devaneios elas já não terão testemunhado? Os espaços vazios entre as paredes e a cobertura são preenchidos pelos ruídos da casa que os atravessam. Do quarto, escutam-se as conversas que vêm da sala e os barulhos da cozinha. Da mesma forma, a privacidade dos quartos é prejudicada por essa porosidade dos espaços. É como se aí, acima das paredes e abaixo do telhado, estivesse suspensa uma atmosfera que conecta todos os espaços domésticos seja pela luz que invade um ambiente quando a lâmpada do outro está acesa, seja pelos cheiros e ruídos que vazam entre os cômodos.

Quanto aos materiais de construção, a maior parte das casas têm paredes de tijolos de barro maciços, apenas em uma residência as paredes são de taipa. Ao que tudo indica, os tijolos de barro eram feitos artesanalmente nos arredores próximos das casas, conforme afirma seu Delson em depoimento já citado, que os produzia para a construção da casa junto com pai às margens do rio Paraíba (ver capítulo 1, p. 29).

Os estragos do tempo nas paredes de algumas casas revelam os materiais de que são feitas. Fiada após fiada, os tijolos avermelhados de barro cozido são unidos entre si por um rejunte também de argila. Em alguns casos, o reboco das paredes é composto por um tipo de argamassa chamada de “caliça”. A “caliça”, segundo os moradores entrevistados, é um composto de terra, cal e água, que é usada tanto como rejunte como também no reboco das construções.

**Figura 98: Detalhe de fachada em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

Na época em que as casas foram erguidas, o cimento ainda não era um material acessível financeiramente, como afirma dona Josefa Maria:

*A enchente rachou essa parede. [...]passei cal, pronto, tô morando. ((risos)) [...] Ela [a casa] foi construída desde o começo sem engenheiro, e porque um rachão precisava? Mete barro aí e passa cal. ((risos)) [...] Ela é construída só com areia e tijolo de barro e caibro... Não tem assim... Quer dizer que no mercado tinha cimento, mas não chegou aqui a nós não. E tá aqui, eu acho maravilhosa minha casa, não troco por nada no mundo! Só vou sair daqui quando morrer. (Josefa Maria da Conceição em depoimento, 18/08/2014)*

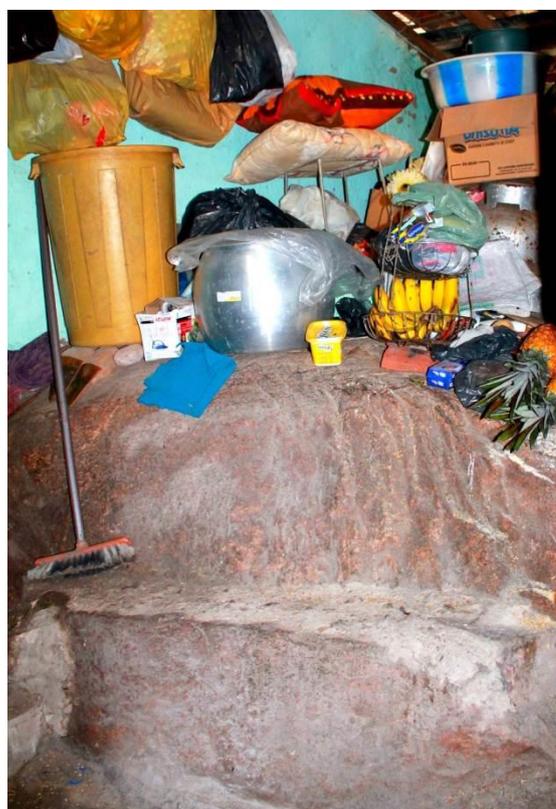
A cal, ao contrário, é um material bastante familiar aos moradores. Assim como o barro, ela é utilizada na composição do rejunte, do reboco e, por vezes, também na pintura das paredes. Observa-se que as casas estudadas têm uma relação bastante próxima com o elemento natural, seja pelos materiais utilizados em sua construção, seja pela relação que estas estabelecem com o lugar onde se instalam.

Quando a casa de Dona Josefa foi construída, havia uma pedra fincada no terreno. Como não fosse possível removê-la daquele local, a casa abraçou a pedra, que passou a fazer parte da cozinha.

Mesmo que Dona Josefa não tenha se acostumado com a presença dela dentro de casa, a convivência com esse elemento se dá de maneira funcional. Quase como um elemento natural que foi “domesticado” pelo uso, a pedra de Dona Josefa serve como aquele quartinho onde se coloca tudo que a cozinha nega às vistas do visitante.

*[...]Se eu pudesse, eu mandava quebrar uma peda que tem ali na cozinha, tem uma pedona, bem grandona ela, aí eu boto as coisa em cima dela, mas eu queria...mas o rapaz veio olhar e disse que eu num podia quebrar nada por causa do casa do vizinho. [...] Só mudava isso somente. [...]. A peda eu tava achando ruim, mas me serviu na cheia, que eu peguei e coloquei um monte de coisa em cima dela pra não molhar na água. (Dona Josefa Maria da Silva, 18/08/2014)*

**Figura 99 - Cozinha de Dona Josefa.**



Fonte: Autora (2015).

Não somente no caso de Dona Josefa, que aceita uma pedra como parte do espaço doméstico, a aproximação com a natureza na maioria das casas acessadas se dá de forma mais visível através dos quintais, conforme veremos mais adiante.

A casa enquanto objeto físico não está sendo considerada como elemento neutro, suporte de acontecimentos e da história transcorrida. Ela materializa modos de viver, mas também sonhos, preconceitos, desejos, frustrações, visões de mundo... A separação entre materialidade e imaterialidade esbarra na estéril compreensão do espaço arquitetônico como um vazio indiferente àquilo que o preenche, espaço inerte. Entende-se, neste trabalho, a arquitetura não como suporte dos acontecimentos, mas como produtora de sentidos. Portanto, a casa física não está desvinculada da casa habitada, ela também vai se construindo enquanto estrutura a partir de toda a imaterialidade que compõe o viver.

## CAPÍTULO 3

### ATRAVESSANDO AS CASAS: NARRATIVAS E COTIDIANOS

*Falemos de casas, do sagaz exercício de um poder  
tão firme e silencioso como só houve  
no tempo mais antigo.  
Estes são os arquitectos, aqueles que vão morrer,  
sorrindo com ironia e doçura no fundo  
de um alto segredo que os restitui à lama.  
De doces mãos irreprimíveis.  
- Sobre os meses, sonhando nas últimas chuvas,  
as casas encontram seu inocente jeito de durar contra  
a boca subtil rodeada em cima pela treva das palavras.*

*Digamos que descobrimos amoras, a corrente oculta  
do gosto, o entusiasmo do mundo.  
Descobrimos corpos de gente que se protege e sorve, e o silêncio  
admirável das fontes*

*[...]  
Estas são as casas. E se vamos morrer nós mesmos,  
espantamo-nos um pouco, e muito, com tais arquitectos  
que não viram as torrentes infindáveis  
das rosas, ou as águas permanentes,  
ou um sinal de eternidade espalhado nos corações  
rápidos.  
- Que fizeram estes arquitectos destas casas, eles que  
vagabundearam  
pelos muitos sentidos dos meses,  
de lírica flor na mão, violino debaixo do braço,  
dizendo: aqui fica uma casa, aqui outra, aqui outra,  
para que se faça uma ordem, uma duração,  
uma beleza contra a força divina?*

*Alguém trouxera cavalos, descendo os caminhos da montanha.  
Alguém viera do mar.  
Alguém chegara do estrangeiro, coberto de pó.  
Alguém lera livros, poemas, profecias, mandamentos,  
inspirações.  
- Estas casas serão destruídas.  
Como um girassol, elaborado para a bebedeira, insistente  
no seu casamento solar  
[...]*

*Casas são rosas  
Para cheirar muito cedo, ou à noite, quando a esperança  
Nos abandona para sempre.  
Casas são rios diurnos, nocturnos rios  
Celestes que fulguram lentamente  
Até uma baía fria – que talvez não exista,  
como uma secreta eternidade.*

*Falemos de casas como quem fala da sua alma,  
Entre um incêndio,  
Junto ao modelo das searas,  
na aprendizagem da paciência de vê-las erguer  
e morrer com um pouco, um pouco  
de beleza.*

*(Herberto Hélder, in “A colher na boca”, 1961)*

Depois de investigar as casas de meia morada pela bibliografia e entender como estas se apresentam na cidade de Quebrangulo, adentra-se agora em tais casas a fim de conhecê-las por dentro e tentar compreender suas dinâmicas. Mas antes de adentrarmos tais interiores, algumas características deste conjunto serão mencionadas para que se tenha uma ideia do universo estudado.

Conforme visto no capítulo anterior, para esta etapa do estudo foram acessadas 15 casas em diferentes ruas de Quebrangulo. Deste conjunto, 11 pertencem a pessoas idosas, que moram sozinhas (4 pessoas), com os cônjuges (2 casais) ou com familiares próximos como filhos e netos (3 pessoas). Também é importante mencionar que 13 das 15 casas são próprias e apenas 2 alugadas, estas últimas são habitadas por moradores mais jovens (23 e 46 anos).<sup>8</sup> Tal conjunto foi escolhido com base nas experiências de deriva pela cidade. As primeiras impressões dos interiores, vistos inicialmente através das portas e janelas abertas, foram essenciais neste processo, somando-se a isso a disponibilidade dos moradores em acolher a pesquisadora.

Durantes as derivas, enquanto passava pela calçada, era surpreendida por uma infinidade de objetos, imagens e símbolos que saltavam da penumbra das casas e vinham me tocar. Tais elementos não só abriam para mim um universo de novos significados como também falavam sobre pessoas com uma maneira particular de estar no mundo e, portanto, de habitar. Tal conceito é entendido aqui conforme Heidegger (1954) como a forma como estabelecemos nossa existência no mundo, habitar se relaciona ao ser/ estar/ permanecer/ ficar do homem sobre a Terra. Por isso, muito mais do que as fachadas, os interiores foram se tornando reveladores de importantes aspectos do morar, seja no que tange aos hábitos e práticas cotidianas, seja pela importância dada à religiosidade ou à memória dentro das dinâmicas domésticas.

De imediato é fácil perceber a casa a partir de sua estrutura física, que pode ser quantificada e mensurada. Entretanto, ela se constitui também em espaço vivenciado, carregada de hábitos, práticas, sentimentos e aspirações de seus moradores. Para Bachelard, a casa, num primeiro momento mostra-se como objeto

---

<sup>8</sup> Essas e outras informações mais detalhadas (nomes das pessoas entrevistadas, endereço, idade, quantidade de depoimentos fornecidos, situação do imóvel, planta baixa das residências junto com fotos internas e externas) são apresentadas em fichas referentes a cada casa que se encontram anexas ao texto. Entretanto, achou-se relevante expor tais aspectos de antemão para que se conheça melhor em que circunstâncias se encontram as casas que serão referenciadas no estudo.

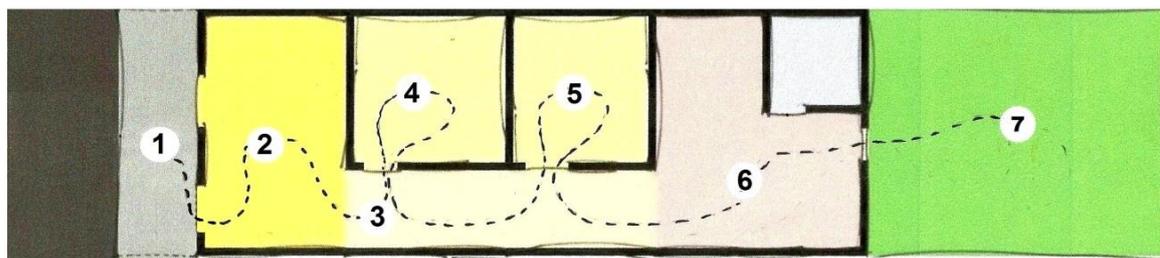
sólido, tangível, que induz interpretações sobre sua natureza material, entretanto, como espaço habitado, ela adquire um sentido humano principalmente a partir dos valores aí condensados. Nesse sentido, os limites do espaço são sensibilizados e passamos a entendê-la não mais através de suas características geométricas.

A casa é, a primeira vista, um objeto rigidamente geométrico. Somos tentados a analisa-la racionalmente. Sua realidade inicial é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vigas bem encaixadas. A linha reta predomina. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio. Tal objeto geométrico deveria resistir a metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição para o humano ocorre de imediato, assim que encaramos a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade. (BACHELARD, 2008, p. 63)

No poema de Gonzaga Leão, a habitação adquire feições humanas. A casa construída pelas palavras do poeta parece falar de como a arquitetura transcende a geometria e a mensurabilidade. Neste trabalho, entende-se que casa física e casa vivida não existem enquanto espaços isolados, mas ao contrário, comunicam-se e perpassam uma à outra. De modo que não é possível uma compreensão da edificação que não leve em conta seus aspectos imateriais e subjetivos. Portanto, as casas estudadas em Quebrangulo não se dão a ver por completo através da disposição dos móveis, objetos e ambientes. É preciso ir percebendo-as aos poucos, através dos usos, gestos, práticas, crenças, valores e histórias presentes tanto na materialidade dos espaços domésticos quanto nas palavras das pessoas.

A leitura das casas reflete então, a experiência de conhecer os moradores e ir descobrindo as suas habitações. O percurso inicia-se pelas calçadas, que além de serem lugares entre as casas e a cidade, configuram-se como espaços de permanência. Ultrapassam-se as fachadas e adentra-se nos ambientes domésticos tal como eles vão sendo apresentados nas visitas guiadas pelos próprios moradores: primeiro as salas, depois os corredores, quartos, cozinhas e quintais. Os banheiros não foram acessados durante as visitas, já que a grande parte dos moradores não se sentiu à vontade para me mostrar este cômodo. “*Você pode me mostrar sua casa?*” Foi a pergunta feita ao final das conversas na sala, e, enquanto se revelavam os ambientes, iam surgindo outras tantas histórias e “palestras”. O esquema abaixo representa o movimento realizado no interior das habitações, o mesmo será oferecido ao leitor para conhecer estas casas.

**Figura 100: Esquema de leitura das casas.**



1. CALÇADAS  
2. SALAS

3 CORREDOR  
4 QUARTO

5 QUARTO  
6 COZINHA

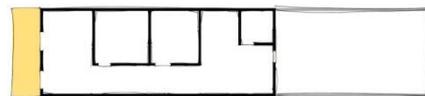
7 QUINTAL

Fonte: Autora (2015).

Mesmo que estas estejam longe de ser centros concisos e estáticos, fisicamente elas são compostas por blocos que se comportam de diferentes maneiras na dinâmica do habitar. Ludmila Brandão (2002) ressalta que casas são também territórios e as funções do habitar que visam à proteção, provisão, descanso, são móveis e transformáveis, não sendo totalmente preestabelecidas. Na casa território é o habitar cotidiano que vai rabiscando os contornos de cada cômodo, de cada espaço, acompanhada da imaterialidade dos cheiros, dos sons e outras percepções. Os espaços domésticos atendem a uma multiplicidade de usos de acordo com as experiências vivenciadas pelas pessoas, que definem, em certa medida, elas próprias os usos singulares e subjetivos de cada espaço.

Veremos mais adiante que enquanto as salas são caracterizadas como lugares mais abertos e voltados ao social, funcionando quase como um lugar onde estão expostas as crenças e histórias dos moradores para o “outro”, os quartos implicam intimidade, mas também variados usos e valores. Já os corredores, configurando-se como lugares de transição, ordenam os fluxos entre todos os cômodos. Quando os lotes possuem maior largura, eles são substituídos pelas “salas do meio”. As cozinhas, com suas regras e dinâmicas próprias demonstram o quanto estas casas se aproximam da casa rural, funcionando ligadas aos quintais, que muito mais do que meros fundos de lote, são tratados com bastante cuidado pelos moradores, constituindo-se em espaços onde se dá um relacionamento direto destes com a natureza e onde se perpetuam práticas e saberes tradicionais.

### 3. 1 CALÇADAS



As cadeiras à porta de casa, costume comum nas cidades interioranas nordestinas, já foram inspiração de diversos poetas, entre eles Chico Buarque, Vinícius de Moraes e Garoto, que na música *Gente humilde* (1970) percorrem as paisagens de subúrbio e encontram aí imagens de um cotidiano em que a força da sobrevivência parece vir da simplicidade dos modos de viver:

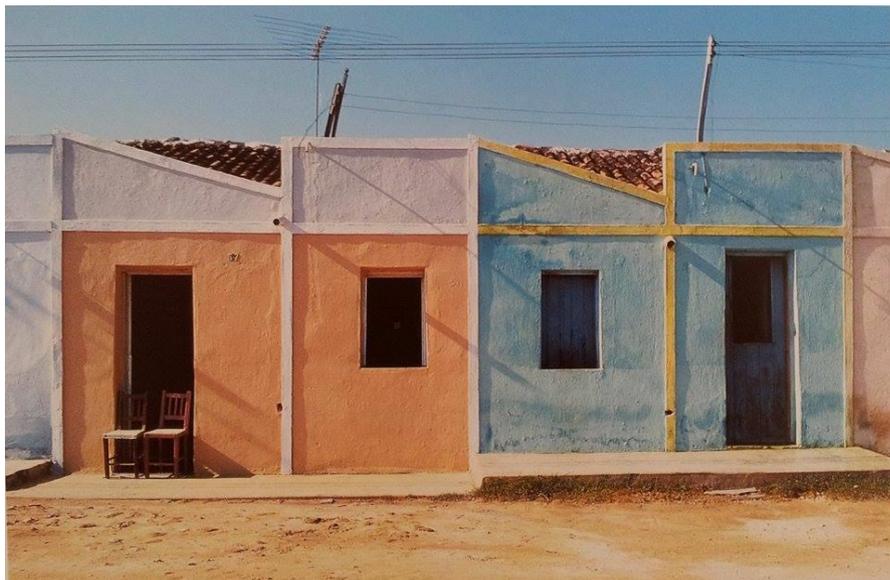
São casas simples  
Com cadeiras na calçada  
E na fachada  
Escrito em cima que é um lar  
Pela varanda  
Flores tristes e baldias  
Como a alegria  
Que não tem onde encostar.

O poeta Mário Quintana menciona as cadeiras na calçada como características de uma época distante do excesso de luz da modernidade e a rua era usada como lugar de permanência:

Havia um tempo de cadeiras na calçada.  
Era um tempo em que havia mais estrelas  
Tempo em que as crianças brincavam sob a claraboia da lua.  
E o cachorro da casa era um grande personagem. (QUINTANA, 2006, p. 112).

As cadeiras na calçada também foram registradas por Anna Mariani em *Pinturas e Platibandas* (2010). Em meio às fachadas solitárias, as cadeiras denunciam uma presença humana: alguém que teria deixado o assento há pouco tempo voltaria mais tarde.

**Figura 101: Casas em Igatu/Ceará, 1983.**

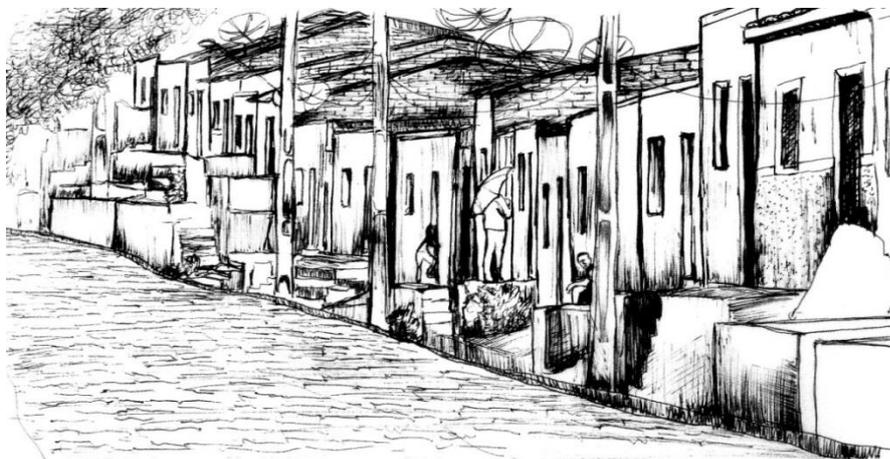


Fonte: Mariani, 2010.

Em Quebrangulo, nas ruas da Cachoeira e do Comércio, as calçadas são altas e usadas como bancos para os moradores que frequentemente ocupam este espaço nos finais de tarde, quando o sol se faz suave e o movimento de volta do trabalho dos conhecidos é mais intenso. Dona Josefa Maria fala do degrau da calçada com apreço e cuidado:

*Tinha o meu batentezinho, mas uma caçamba quebrou um pedaço do batente. [A senhora gosta de ficar na calçada?] Eu me sento aqui no degrau, assim de tarde, quando não tá fazendo sol eu me sento, aí ele [o marido] senta ali, minha irmã senta aqui e a gente fica conversando... Os conhecido passa aí e fala. [...] Aí a caçamba fez o favor de quebrar meu batente! (Josefa Maria da Silva em depoimento, 18/08/2014).*

**Figura 102: Calçadas da Rua da Cachoeira.**



Fonte: Autora (2015).

Se a calçada coloca-se no mesmo nível da rua, os moradores não hesitam em ocupá-las com cadeiras e tamboretas, em algumas casas é possível encontrar até mesmo extensos bancos de madeira que já tem ali seu lugar. Talvez atento a este costume dos cidadãos, o poder público buscou instalar bancos de cimento em várias ruas e nas muitas praças que ajudam a compor a cidade. Não tendo o conforto daquela cadeira antiga que já amoldara ao corpo, os bancos de cimento parecem não atingir a mesma intimidade com os moradores.

Quando são altas e com degraus as calçadas não são caminhos para os pedestres. Configurando-se como espaços de permanência e não somente de passagem ou transição, elas são dotadas de um sentido ainda mais privado, funcionando, efetivamente como extensão das casas, que dificilmente possuem varanda. Algumas poucas casas adotam uma pequena cobertura logo após a fachada cuja principal função parece ser a de proteção solar. A área de sombra permite a permanência na calçada em horas mais quentes do dia.



**Figura 103: Casa em Quebrangulo/AL.**  
Fonte: Autora (2015).

Observa-se que as conversas neste local rendem geralmente até o começo da noite principalmente para as mulheres, já que na maioria das vezes ainda cabe a elas o trabalho de preparação do jantar. As calçadas vão ser lugar de encontro e onde as trocas sociais com os vizinhos acontecem. Outras vezes funcionam como lugar de contemplação da vida cotidiana, muitos moradores demoram-se ali a olhar o movimento da rua.

O espaço intermediário entre a casa e a rua, seja ele a calçada ou um pequeno recuo, atenua a dicotomia público/privado e possibilita o contato com a vizinhança e uma multiplicidade de usos, desde a roupa que é estendida à frente de casa e perfuma a rua até a brincadeira das crianças sob a vigilância da mãe. Se contrapondo à individualidade cada vez maior e à necessidade de segurança em grandes cidades contemporâneas, Quebrangulo parece ensinar qualquer coisa

sobre a experiência da alteridade e a apropriação do espaço urbano enquanto espaço de vivência e sociabilidade.

**Figuras 104 e 105: Atividades na calçada, Quebrangulo/AL.**



Fonte: Autora (2015).

Não só nas calçadas, os moradores se conhecem e se habitam, no sentido de habitarem também o espaço do outro: dos familiares, dos vizinhos, do irmão da igreja, da comadre. Se cada vez mais as casas atuais têm a função de preservar a individualidade, reforçando o privado, neste conjunto estudado, elas configuram-se como espaços em diálogo com as ruas, algumas das quais preservam ainda o sentido do encontro.

As conversas de calçada se constituem, assim, numa tradição que se realiza dia-a-dia, colocam este espaço como parte da residência e num lugar aberto ao outro. Nesse sentido, pode-se falar em calçadas habitadas, que se conformam como um dos muitos espaços cambiantes onde é possível distinguir inúmeros arranjos intermediários entre padrões como público/privado, aberto/fechado, cheio/vazio.

Em Quebrangulo, as calçadas colocam-se como os primeiros espaços da casa. Por mais que se proclame que elas são lugares públicos, aqui funcionam como extensão das residências. Sua limpeza faz parte, inclusive, da lista de afazeres domésticos. As calçadas são os espaços do meio: entre o fora e o dentro há fios que se entrelaçam, se cruzam, e formam nós de convivência.

Depois das calçadas, são pela porta que se adentra aos demais espaços da casa. Em alguns casos as fachadas vão funcionar como membranas que permitem às casas esconder seus interiores, mas também que se expandir para a cidade.

Mais do que delimitar a fronteira entre a rua e o espaço doméstico, as portas assumem um conjunto de significados diversos. Quantas coisas podem acontecer com o suporte de uma soleira! (SANTOS & VOGEL, 1985). Muitas vezes é da porta que a mães controlam a brincadeira das crianças, é lá também que se iniciam as conversas com os estranhos e estes se põem a chamar o morador através do bater de palmas ou do sonoro “*Ô de casa!*”.

Quando nas primeiras visitas à Quebrangulo, ainda estava me familiarizando com a cidade, as portas e janelas de madeira pareciam denunciar a idade das casas mais do que as outras marcas temporais que estas carregavam. Aquelas portas pareciam estar ali há décadas, intactas e resistindo às chuvas, cheias e intempéries. Elas também pareciam falar algo dos seus moradores, que permaneciam a olhar com desconfiança a estrangeira que chegava ao lugar. Vistas de longe, pareciam barreiras entre eu e o morador, de perto, me convidavam generosamente a conhecê-lo.

Nas casas acessadas, as portas e janelas cumprem também o papel de iluminar as casas durante o dia. Como não possuem quaisquer aberturas laterais, o sol penetra somente por meio das aberturas frontais e traseiras. Mesmo que estas não sejam suficientes e as casas permaneçam escuras, a luz das lâmpadas é solicitada somente no final da tarde, quando as sombras vão ficando compridas, segundo alguns moradores revelaram em entrevista. Quando indagados sobre a falta de janelas laterais, os habitantes afirmaram que tal aspecto não lhes causa incômodo. Mesmo assim, as paredes úmidas no inverno e com mofo, em alguns casos, denunciam que a ausência de maior número aberturas torna estas casas insalubres.

As janelas vão ser chamadas por alguns autores de “olhos da casa”, por meio delas “a casa olha para fora” (BACHELARD, 2008, p. 51). Em Quebrangulo, é pelas janelas que observa-se o movimento da rua, mas sem a mesma disponibilidade de quem se senta à calçada. Elas permitem o cumprimento dos conhecidos, a fuga temporária da rotina de atividades domésticas, a contemplação das paisagens caras ou a especulação sobre a chuva que se aproxima... As portas e janelas são os principais elementos de comunicação da casa com o exterior. Se esta é um universo particular, carregado de significados e valores simbólicos, é por meio das aberturas que a cidade aí se instala. Por meio delas a casa vasa para o urbano.

Assim, ao contrário da passividade que as janelas podem denotar, acontece através delas um movimento em dupla direção: da casa para a rua e da rua para a casa.

Na residência de dona Maria, o postigo da porta aberto sinaliza para os conhecidos que ela já começou seus afazeres domésticos, mesmo que isso não tenha, de fato, acontecido, estabelece-se uma comunicação silenciosa entre a moradora e os vizinhos: *“Bem cedo, eu me alevanto, abro a janelinha ali e vou e me deito... mode o povo num pensar que eu num pude abrir a porta, aí eu abro a janelinha ali por cima, e a bandinha aqui dessa porta, vou e me deito, só me alevanto oito hora”* (Maria Vieira Cavalcante em depoimento, 29-05-2015).

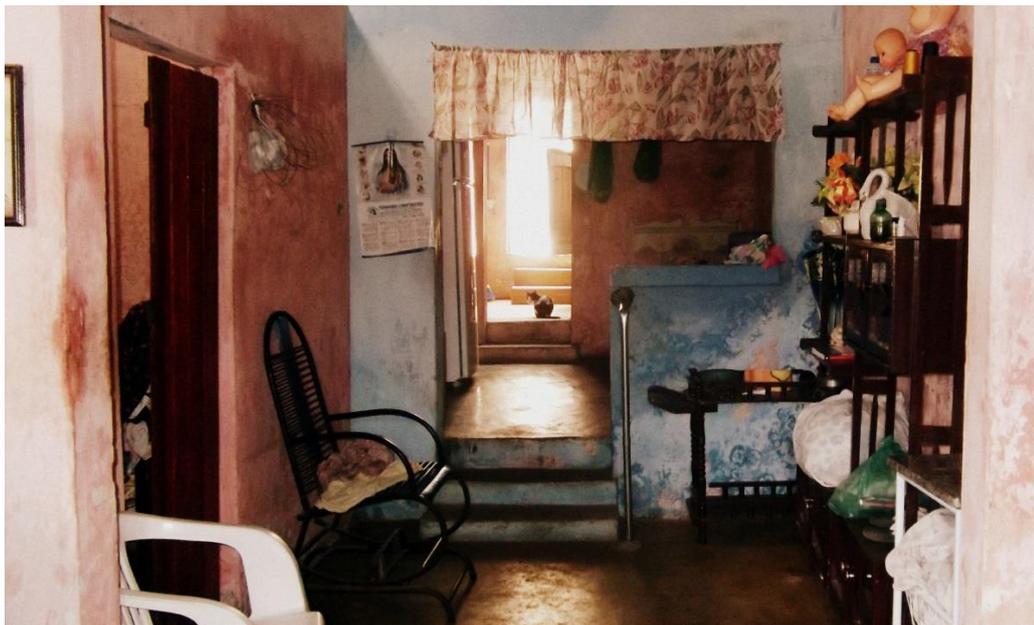
As portas abrem as casas permitindo que estas sejam experimentadas em suas entranhas e lugares mais reservados, permitem também adentrar a ordem dos espaços e dos objetos. Antes de seguirmos o percurso sugerido e abordar as salas, alguns elementos marcam as primeiras impressões das casas de forma geral. São eles: os “batentes”, as cortinas e as imagens religiosas.

O “batente”<sup>9</sup> é chamado aqui os degraus de acesso à residência, que podem ser internos ou externos às mesmas. Por vezes, amoldando-se à topografia, os pisos apresentam alturas diferentes e os ambientes são separados entre si por degraus. Nesses casos, o movimento de atravessá-las é uma subida. Na Rua da Cachoeira, onde elas foram erguidas de 1 a 2 metros acima do nível da rua, os “batentes” aparecem já nas calçadas altas e continuam no espaço interno. Na residência de seu João, de dois em dois degraus, sobe-se da sala principal até chegar à cozinha e depois ao quintal. A casa parece pousar na ribanceira de maneira que nenhum movimento de terra mais complicado foi efetuado. Nesta residência, o corrimão dos “batentes” da sala do meio foi uma intervenção imposta pela velhice.

---

<sup>9</sup> Enquanto dicionários de arquitetura explicam o batente como “uma guarnição dos vãos de portas e janelas quando fechados” (ALBERNAZ e LIMA, 1998, p.88), os moradores entrevistados em Quebrangulo chamam os degraus de “batentes”.

**Figura 106: Interior e uma residência em Quebrangulo/AL**



Fonte: Autora (2015).

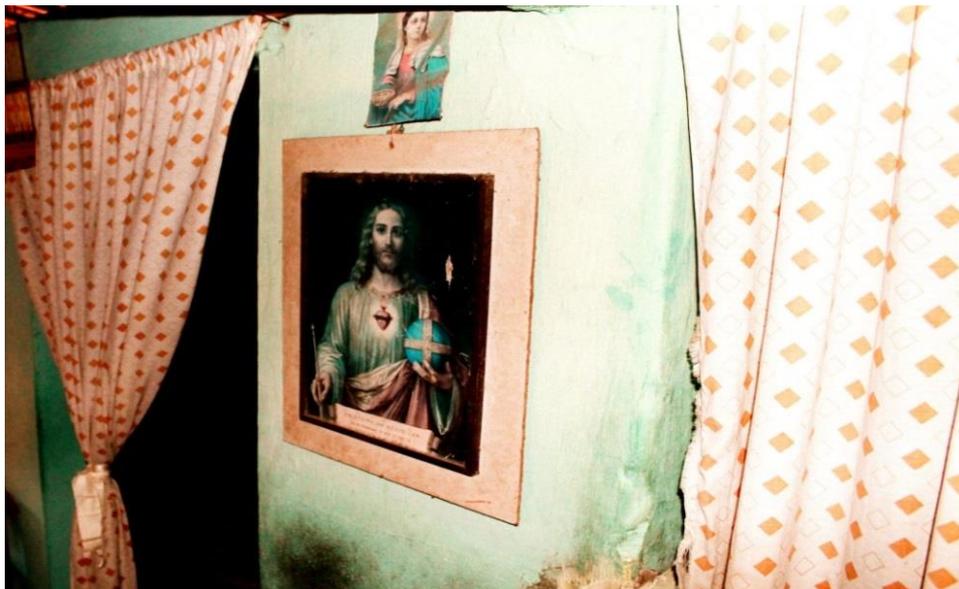
Na casa de Dona Josefa e Bié, os “batentes” da cozinha ajudaram a livrar este cômodo da inundação na última cheia do Rio Paraíba:

Ô Zefinha, agora sabe porque não entrou [a água]? Por causa daquele batente que dá pra cozinha. A água ficou assim, três dedo e não entrou. E não foi sorte?! Que não molhou as coisa. [...] Se não tivesse esses degrau aqui, a água tinha espaiado até lá pra área. Aí nós sentado lá na cozinha, no degrauzinho que tem. [...] Ai amanhecemo o dia. (Josefa Maria da Silva em depoimento, 18/08/2014).

Entretanto, quando perguntados se mudariam alguma coisa na casa, alguns dos moradores revelaram que tirariam os “batentes”, assim, estes adquirem um aspecto negativo para estas pessoas.

Mesmo antes de se adentrar à casa, observa-se que os limites entre os cômodos são demarcados na maior parte das vezes através de cortinas (solução encontrada em 11 das 15 casas que compõe o recorte da pesquisa). No lugar das portas internas, as cortinas constituem-se em barreiras mais visuais do que físicas, sendo permeáveis aos sons, cheiros e gestos. Se convencionalmente são utilizadas para abrandar a luz do sol que entra pelas janelas, nas casas estudadas elas protegem, de forma barata, a intimidade dos quartos e salas. Mesmo que ao soprar de uma brisa, diluam-se, deixando à mostra aquilo que sem grande sucesso pretendiam esconder.

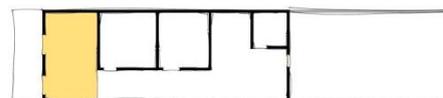
**Figura 107: Interior de uma residência em Quebrangulo/AL.**



Fonte: Autora (2015).

Outro ponto a enfatizar é a experiência do sagrado que perpassa quase todos os ambientes domésticos. As estatuetas e imagens de santos comparecem na sala, no quarto, na cozinha, nos corredores... Essa religiosidade que se expressa nos móveis, nas paredes e nos objetos é apenas uma das muitas maneiras de imprimir à residência um jeito particular de morar. Por ser uma característica marcante do habitar das casas em estudo, mais adiante debruça-se sobre este aspecto com maior ênfase.

### 3.2 SALAS

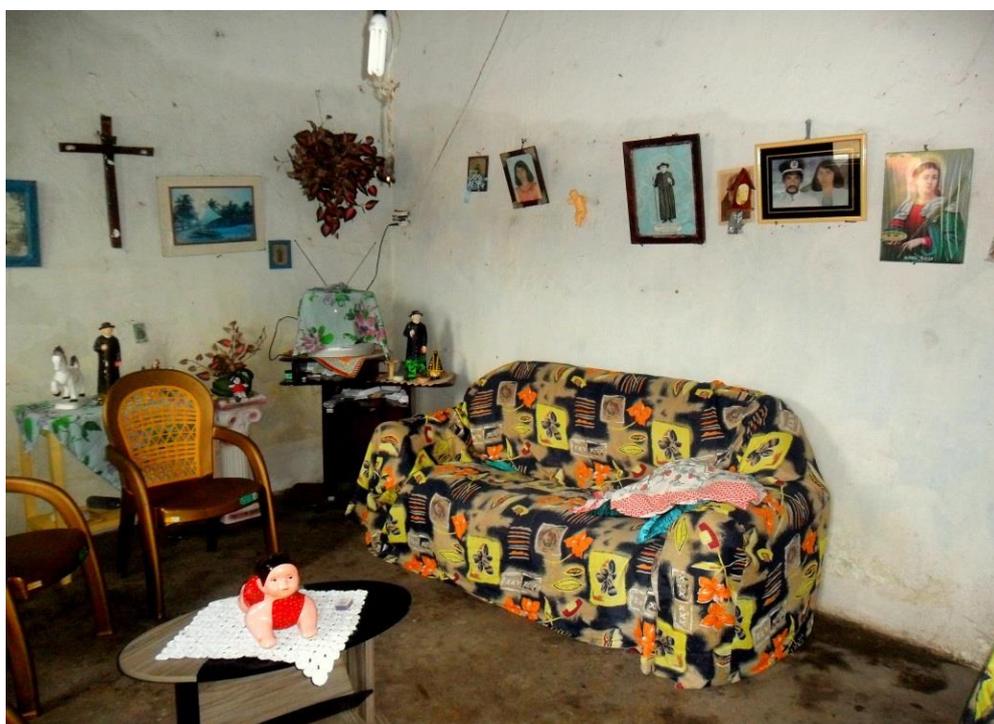


As salas foram os primeiros espaços internos me concedidos. Por mais que delas se veja os corredores e parte da cozinha, a casa não se oferece por completo à visita que se posiciona nestes cômodos. Sendo ambientes mais próximos da rua, recebem os ruídos, imagens e cheiros que vêm de fora, constituindo-se em espaços mais abertos ao outro, mas ao mesmo tempo pessoais. São, em geral, os maiores ambientes das casas, seguem a largura destas (3 a 5 metros) e possuem área de 12 a 15 m<sup>2</sup>. Além disso, são os únicos cômodos contemplados com janela. Em relação aos móveis, na maioria nos casos, há um par de sofás, uma estante ou rack (às vezes os dois), cadeiras (de balanço e de plástico) e as mesinhas de centro.

É aí que o morador assiste aos programas de TV e acolhe as visitas mais formais, as quais geralmente apenas este cômodo é dado a conhecer.

São principalmente as salas que vão abrigar os mais diversos objetos de decoração, além das imagens de santo, frases de cunho popular e pequenos quadros com fotos de entes queridos ou dos próprios moradores quando jovens. Mesmo que nos quartos e cozinhas também compareçam tais imagens, na sala elas revestem-se de um sentido mais público e são exibidas de forma mais cuidadosa.

**Figura 108: Sala de uma residência em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

Nas visitas, começo a conversa com os moradores sentando-me, geralmente, no sofá e não deixo de observar que, em grande parte das casas, eles perdem a neutralidade e ganham capas de tecido coloridas de estampas diversas com o pretexto de serem protegidos da poeira e sujeira. O ato de cobrir os móveis parece ser indicativo de uma apropriação dos objetos de modo que eles se incorporem e tornem-se parte dos agenciamentos que compõem a casa, não alterando muito a ordem das coisas, mas se adaptando ao que já está bem consolidado em seu devido lugar. Não só os sofás, mas as mesinhas, centros e, por vezes, as prateleiras da estante são cobertos por paninhos estampados. Confirma-se Bosi, que diz que

a organização dos objetos dentro da dinâmica doméstica é também responsável pelo sentimento de estabilidade e de pertencimento dos indivíduos, especialmente dos velhos, em relação ao espaço.

Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a disposição tácita, mas eloquente. Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal. O arranjo da sala, cujas cadeiras preparam o círculo das conversas amigas, como a cama prepara o descanso e a mesa de cabeceira os derradeiros instantes do dia, o ritual antes do sono. (BOSI, 2003, p. 26)

As estantes são frequentemente povoadas por animais de porcelana: cachorros, elefantes, cavalos, coelhos ou cisnes dividem o espaço com abóboras e melancias do mesmo material. Tais objetos parecem não satisfazer uma ordem ou disposição específica, obedecendo somente à simpatia de uns pelos outros. Na casa de Josefa e Bié, tais animais compartilham a estante também com a estatueta de Nossa Senhora de Fátima envolta em uma fita de cetim colorida.

**Figura 109: Sala da residência de Josefa e Bié.**



Fonte: Autora (2015), 2014.

Um item que não falta a estes espaços é a velha cadeira de balanço, presente em todas as 15 residências acessadas. Para alguns, a pior coisa para um velho é uma cadeira de balanço, que lhe impõe a repetição e a monotonia de um único movimento. Entretanto, nessas casas, tais cadeiras são usadas ou para o merecido descanso quando já não há tarefas domésticas a serem cumpridas ou como lugares próprios para atividades que demandam mais tempo, delicadeza e cuidado. Em uma das visitas, era aí que Josefa sentava-se pregando os botões da camisa de Bié enquanto conversava comigo, remetendo aos belos versos de Gilberto Freyre: "Um dia sobre os tijolos soltos/ a cadeira de balanço será o principal ruído/ as mangueiras/ o telhado/ o pátio/ as sombras/ o fantasma da moça/ tudo ouvirá em silêncio o ruído pequeno" <sup>9</sup>.

**Figura 110: Sala da residência de Jorge e Geilza.**



Fonte: Autora, (2015).

A televisão não adquire muita importância, por vezes ela vai estar numa mesinha no canto da sala coberta por uma toalha bordada a mão, outras vezes na estante. Não se abre mão das conversas de calçada a favor dos programas de TV.

<sup>9</sup> Trecho extraído do poema Silêncio em Apipucos, de Gilberto Freyre. In Voz Poética, CD organizado por Paulo Bruscky. Recife: CEPE-UFPE, 1997.

Esta é utilizada mais frequentemente pela noite quando os habitantes assistem ao noticiário e às novelas ou aos programas religiosos como a missa e o terço. Entretanto, há casos em que a TV consola a solidão das viúvas e imprime uma presença humana às casas silenciosas.

*Eu assisto muito não televisão, televisão de dia é um empaio só, assisto mais assim de noite... depois de 4 hora, aí eu tô aqui pela porta, as veze eu ligo, ela fica aí ligada. Quando começa as novela boa, aí eu ligo, às veze vou lá pra dento e ela fica aí ligada... mas assisto só mais a noite mesmo, que num tem muita coisa pra fazer. (Cícera Fortunata da Silva em depoimento, 26-05-2015)*

*Eu num gosto muito de assistir não, só gosto mais de assistir terço, agora terço eu gosto! Na Canção Nova.. [novela a senhora num gosta muito não?] Não, na canção nova é que tem muita novidade né? (Juvênília Cabral da Silva, 25-05-2015)*

Em contrapartida, o rádio vai ser um grande personagem dentro das residências: é através dele que chegam as notícias da cidade e regiões vizinhas, ouve-se as músicas preferidas e induz um cantarolar nos trabalhos domésticos. Não só nas salas, os rádios são colocados muitas vezes na cozinha, lugar onde as donas de casa passam maior parte do tempo.

*Quando eu tô meia nervosa eu boto o rádio pra tocar que pia mermo, aí vou, como uma maçã, vou chupo uma uva, como uma banana e ali vou e tiro a tarde... e o rádio tocando, tocando... ((risos)) E quando é uma musquinha bonitinha ainda eu danço! ((risos)) (Maria Vieira Cavalcante em depoimento, 29-05-2015)*

Além de serem preenchidas pelos sons dos rádios ou TVs, as salas são compostas também por variados elementos de cunho religioso: imagens e estatuetas de santos, calendários com temas cristãos, plaquinhas com frases retiradas de salmos e uma série de objetos religiosos expressam a fé e muitas vezes estão emaranhados à história de vida das pessoas. Dessa forma, eles adquirem um sentido transcendental ao mesmo tempo em que descrevem histórias particulares:

*Essa santinha aí é Nossa Senhora das Dore, essa pequeninha. Essa pequeninha tá com vinte ano que uma madrinha me deu. Ela criava uma veinha e a veinha faleceu, aí a gente fomo lá, demo banho na veinha e chegemo vestimo a veinha e os rapaz botou a idosinha no caixão, aí ficou. Quando foi no outo dia nós lavemo os pano dela, os pano que ficou, aí depois ela chamou nós pra ir lá. Um, ela deu dez conto, o outro ela deu uma caxinha de sabunete e eu cheguei lá, ela disse assim: Ói, o seu é essa santa, é um futurozinho. Aí me deu, tá com vinte ano que ela me deu... vinte*

*ano que ela me deu essa santinha, eu tô com ela, toda prece eu peço a ela, que ela disse que era meu futuro, aí qualquer coisa eu peço a ela....* (Maria Viera Cavalcante em depoimento, 29-05-2015)

A santinha de Dona Maria, além de ser uma representação de Nossa Senhora das Dores para a qual a moradora reza em determinados momentos, é também capaz de contar uma história. Assim, diferencia-se dos demais santos que habitam o mesmo altar e ganha um sentido também afetivo.

Bosi (1994), citando Violette Morin, fala de objetos biográficos para definir aqueles objetos que envelhecem junto do seu possuidor e se incorporam à sua vida. Expressam valores que ultrapassam muito o seu uso funcional e caracterizam as casas em estudo. “Penetrar na casa em que estão é conhecer as aventuras afetivas de seus moradores. Daí vem a timidez que sentimos ao entrarmos em certos quartos em que os objetos nos revelam quem é seu dono” (BOSI, 1994, p 441).

*Aquele rosário, meu irmão, o primeiro ano que ele veio de São Paulo aqui, ele me trouxe aquele rosário.. Tá com bem uns 50 ano, tá com mais de 40 ano que tem aquele rosário ali. Aquele é minha estima, o meu rosário... De eu morrer e deixar pro outro zelar que nem eu zelo... Tá lá na parede, que é a imagem do Senhor dentro do meu quarto.* (Juvenília Cabral da Silva, 25-05-2015)

O rosário de Dona Juvenília ou a santinha de Dona Maria podem ser definidos como tais objetos, eles não só envelhecem com seus donos, mas dialogam secretamente com eles. Afinal, se pessoas falam de espaço, o espaço também fala das pessoas:

O espaço que encerrou os membros de uma família durante anos comuns, há de contar-nos algo do que foram estas pessoas. Porque as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos. (BOSI, 1994, p. 443)

Trata-se, portanto, de objetos que ultrapassaram a barreira da funcionalidade e ganharam autonomia, se transformando em caras recordações de momentos importantes da vida. Alguma coisa de nós está presente na materialidade das coisas, nos objetos caros, cunhados por marcas pessoais. Bosi contrapõe os “objetos biográficos” aos “objetos de status”, aqueles que são arrumados para aparecer ou patentear o status do seu dono e que não se enraízam nos interiores. (BOSI, 1994, p. 441). Enquanto os primeiros nos proporcionam um sentido de

permanência frente à transitoriedade da vida, os segundos logo se deterioram. “O que poderá se igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco? Elas nos dão a pacífica impressão de continuidade.” (BOSI, 1994, p. 441)

As casas estudadas estão povoadas por estes objetos que vão compondo relatos de vida. Raramente eles têm valor em si mesmos, não possuem valores de troca, mas são os moradores que lhes dão alma ao atribuir sentidos ao longo do convívio com eles. Enquanto alguns são expostos nas salas, outros são guardados no “baú das lembranças”. Alguns ainda continuam com seus usos primeiros, como a máquina de Dona Juvenília, que lhe serve à memória e às pequenas costuras e reparos:



Figura 111: Dona Juvenília com sua máquina de costura.  
Fonte: Autora (2015).

*[...]Depois de casada ainda fiz renda por muito tempo! Custurava pro pessoal carça, camisa, cueca, caçola, tudo eu fazia... vestido de noiva, tudo eu fazia... Hoje em dia ainda abanho uns lençó, ainda abanho uma toaia de mesa, ainda faço uma fronha, ainda faço um enxovazinho de neném [...] Tenho a minha máquina de mão! Antiga! Essa máquina é mais véia de que o meu marido! O meu marido, quando essa máquina foi comprada, a minha sogra comprou, ele tinha dois ano, tá ouvindo? Ele tinha dois ano... e eu comprei a ela, que ela tava pra morrer, aí eu comprei essa máquina a ela por 20 reá.. repara... por 20 reá. Que tempo faz? Eu já tô com 40 ano de viúva, já vai pra 50... [E ainda funciona?]Funciona! E o ponto dela pra você desmanchar dá trabaio...[Depois a senhora descobre ela pra eu ver?] Descubro agora omi! Que ela tá aqui toda enrolada! Ela é uma máquina boa!Boa toda visse?! [...] Esse pano eu vou colocar aqui.. mas o pano dela tá ali enxaguado, que eu coloco nela pra ela não sentir frio! ((risos))(Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 25-05-2015)*

Diferente é a máquina de costura de Dona Josefa Maria, não utilizada há muito tempo devido à vista curta que lhe impede de costurar, mas guardada como testemunha de uma época de trabalho duro. De objeto utilitário, tornou-se objeto de recordação: “Tire uma foto dela! Pode tirar minha filha, deixa eu acender aqui a luz e tirar o paninho pra você pegar ela bem bonita” (Josefa Maria em depoimento, 30/09/ 2014)

Certeau e Giard também falam de uma



Figura 112: Máquina de costura de Dona Josefa Maria. Foto de Thalita Lins, 2014.

população de objetos que são como os “espíritos do lugar”, estes sobrevivem não só no espaço urbano, mas também descem “aos labirintos do habitat”. Rasuram as fronteiras do tempo e seguem moldando, articulando, compondo espaços, especialmente os domésticos.

Esta população estende suas ramificações, penetra toda a rede de nossa vida cotidiana, desce aos labirintos do habitat, cujas profundezas ela coloniza silenciosamente. Assim a camisa de linho que abre, como uma musa, *Le cheval d'orgueil*: ela passa de geração em geração usada sucessivamente pelos membros da família, lavada, ornada duas vezes por ano como outrora as estátuas dos santos patronímicos, deusa muda, sujeito de uma história cujas circunstâncias e adjetivos só os humanos podem construir. Com o relógio, o armário, a pá ou o vestido plissado bordado de verde e amarelo, ela atravessa o tempo, sobrevive à exiguidade das vidas humanas, ela articula um espaço. (CERTEAU e GIARD, 2013, p. 193)

Ábalos menciona os “objetos sentimentais” como característicos de uma relação fenomenológica entre as pessoas e o espaço habitado. O “sujeito fenomenológico” é descrito pelo autor como aquele que desenvolve uma relação afetiva com as coisas que lhes são familiares:

O sujeito fenomenológico se faz rodear por coleções de objetos sentimentais que constituem um inventário notório, a memória, de sua atividade. Mas o faz através de sua própria desordem e de uma ausência de hierarquização, em certa medida, da organização labiríntica dos objetos, o que seria uma reprodução ou homotetia da casa: uma organização particular, labiríntica, através da qual o habitante apropria-se do espaço.[...] O habitante fenomenológico buscará o bem estar através de relações essencialmente afetivas com os objetos, recriando, através deles, um mundo miniaturizado – para o qual os brinquedos serão uma referência indispensável -, desinteressando-se por qualquer visão tecnicista do ambiente. Os objetos ressaltam o caráter particular, íntimo, quase infantil da casa fenomenológica: baús, cofres, armários, caixas, chaves habitarão e colonizarão o seu espaço. (ÁBALOS, 2003, p. 101)

Se podemos comparar as casas de Quebrangulo à casa descrita por Ábalos é pela complexidade das experiências que estas agenciam, pela intensidade do vínculo pessoal com o espaço habitado e por uma relação com o tempo mediada pela subjetividade que o transforma em um tempo autobiográfico, personalizado, um tempo fenomenológico (ÁBALOS, 2003, p. 95).

Entre os objetos biográficos e sentimentais, outro elemento significativo na composição dos espaços domésticos são os retratos de parede: pequenos quadros de molduras simples que expõem fotografias de familiares que já morreram, dos próprios moradores quando jovens, dos filhos, sobrinhos e netos quando ainda pequenos ou acontecimentos importantes como formaturas e casamentos.

Alguns desses quadrinhos são retratos pintados ou foto-retratos, produções fotográficas de originais ampliadas, retocadas e coloridas à mão. Tais imagens constituem-se numa maneira de eternizar o ente querido, já falecido na maioria das vezes, preservando e, por vezes, idealizando a beleza guardada na memória.



Figura 113: Retrato dos pais de Dona Maria.  
Fonte: Autora ( 2015).

Em Quebrangulo, tais retratos colocam-se principalmente nas salas, onde, em meio à festa dos objetos, misturam-se a fotografias analógicas e digitais, imagens de santos e paisagens campestres ou marinhas.

**Figuras 114 e 115: Residência de Dona Josefa e residência de João e Ana.**



Fonte: Autora (2015).

Os retratos de parede foram registrados por Anna Mariani em um dos ensaios que compõem a mostra Casas do Brasil, viabilizada pelo Museu da Casa Brasileira, em 2006. Se em *Pinturas e Platibandas* ela se detém às fachadas, neste ensaio a

fotógrafa adentra os interiores domésticos, encontrando aí ambientes carregados de imagens e símbolos de religiosidade, onde comparecem vez ou outra um retrato pintado. Nas casas reportadas por Mariani, os lugares privilegiados serão as salas, preenchidas geralmente por pequenos altares domésticos, imagens de santos e de pessoas.

Figuras 116 a 118: Interiores de casas na zona rural de Nova Olinda, CE.



Fonte: MARIANNI, 2006 Disponível em [www.mcb.org.br](http://www.mcb.org.br).

As fotografias, em sua maioria, verticais, deixam aparecer o pote de barro na cozinha, o candeeiro que pende do teto e a cabaça suspensa na parede, elementos que Mariani já ressaltava nas fachadas de *Pinturas e Platibandas*. Pode-se dizer que a sutil presença desses objetos que revelam hábitos tradicionais do Nordeste é uma marca na fotografia da autora e, se primeiro se dá nas calçadas e fachadas, agora acontece nos interiores das casas.

Entretanto, observa-se nestas últimas fotografias uma nova proposta estética. Dentro de uma outra postura de enquadramento, a autora captura pedaços dos interiores, os quais não se mostram por completo ao espectador. O homem sentado na sala (provavelmente de sua casa) adquire enormes proporções em relação ao espaço, o retrato pintado no ângulo das paredes e o pequeno altar doméstico também ganham destaque.

Diferente das fotografias de fachadas apresentadas no livro, em que as pessoas sequer apareciam nas janelas, estando sua presença subtendida através

dos objetos como cadeiras e bicicletas à porta de casa - estas últimas falam mais claramente sobre hábitos, crenças e sobre um modo de habitar em que ganham destaque a fé e a memória, o que aproxima também estas casas daquelas estudadas em Quebrangulo.

Em artigo publicado na Revista do Patrimônio do ano 1998. Cristiane Parente investiga a utilização de fotografias pintadas à mão no Nordeste através dos retratos de parede nos interiores de casas populares, de casas de milagres e cemitérios no estado do Ceará. A autora usa a expressão “retrato pintado” para caracterizar “as produções fotográficas de originais como o retrato fotográfico 3X4 ou outras fotografias antigas e estragadas, ampliadas em preto e branco, retocadas e coloridas à mão, reunindo uma miscelânea de pigmentos e outros materiais”. (PARENTE, 1998, p. 270).

Acerca do processo de produção de tais retratos, ela explica que estes obedecem a antigas técnicas de pintura combinadas com fotografias que a princípio foram desenvolvidas para restaurar retratos antigos, pequenas imperfeições no papel, corrigir sombras nas fotografias ou ainda para retocar nos fotografados detalhes indesejáveis, tais como sinais e verrugas.

Parente destaca que há uma separação entre a produção e a comercialização dos retratos, existe a figura do organizador e a do retocador (que em geral permanece anônimo). O organizador é a pessoa que vai de porta em porta oferecer o serviço, é quem convence o morador acerca da qualidade do produto e colhe a fotografia original. Depois leva a encomenda até a oficina, onde o retocador fará o seu trabalho.



**Figura 119: Retrato pintado.** Fonte: PARENTE, 1998.

De fato, em Quebrangulo, o comércio desse tipo de produto parece ocorrer de maneira semelhante, pois quando perguntados sobre quem produziu os retratos, os moradores sempre afirmam terem comprado do “*rapaz que passava de porta em porta*” e não sabiam quem teria os produzido.

**Figura 120: Retrato de Dona Juvenília e o marido.**



Fonte: Autora (2015).

Os retratos pintados passam por um longo processo de elaboração, que conforme a autora, acontece da seguinte forma: Depois de ter recebido o material original, faz-se uma revelação do negativo em preto e branco, mesmo que o original seja em cor. A seguir vem a etapa do *contorno*, que é feita com o auxílio de uma mesa de luz adaptada e um pincel com tinta látex vermelha. Nesta etapa reforçam-se as linhas da face e do cabelo, havendo aí uma separação entre a figura e o fundo. O contorno de cada pessoa é produzido separadamente e a montagem do casal ou do conjunto de rostos é feita posteriormente, na etapa de *ampliação*.

Com a ampliação relevada, é a hora da *lavagem*, é nesta etapa que são realizados os demais retoques, como o branqueamento dos pontos escuros e falhas, realizado com iodo. Após a lavagem, o retrato segue para a fase do *retoque e colorização*. Nesta parte do processo, a primeira tarefa é a pintura da face. O retoque, nesta etapa, não é o tradicional da fotografia, que corrige falhas obtidas com a ampliação da foto, mas é o delineamento dos principais traços do rosto, que

são desenhados e pintados sobre os pontos originais da fotografia. É nessa hora que aparece para o retocador a face completa da pessoa fotografada/pintada e cabe a ele a decisão sobre a idade, cor da pele, rugas, cicatrizes. Assim vai-se floreando detalhes e plastificando os sinais do tempo e do sol sobre a pele.

**Figura 121: Processo de retoque e pintura do retrato.**



Fonte: PARENTE, 1998

A autora menciona ainda a figura do *roupeiro*, que é o responsável pelo desenho e pintura da roupa das pessoas retratadas. E, após a roupa posta, há o momento final da afinação e o esbate: “A afinação é o trabalho de pontear e riscar com leveza o retrato, igualando a retícula original da prata revelada sobre o papel. Onde há falhas e irregularidades fazem-se pontos claros regulares, dando diversidade aos diversos cinzas da fotografia” (PARENTE, 1998, p. 274). Cabe, por último, ao esbatedor a coloração do fundo do retrato com pistola de pressão, utilizando tinta fosca. Depois, o retrato é fixado com verniz cristal, o que impede futuras manchas.

Sobre o uso dos retratos nas paredes das salas de estar, Parente confirma o que já se verificou nas casas de Quebrangulo: que as imagens contam histórias, nelas habitam recordações e sentimentos que tomam mais do que o espaço a elas reservado.

Há muitas razões para que um retrato específico seja elegantemente emoldurado e pendurado na parede da sala principal de uma casa, à parte de todos os outros retratos ou fotografias guardados no *baú das lembranças*. A coleção de objetos expostos na parede pode narrar uma história ou uma crença particular ou coletiva, pontuando importantes momentos ritualísticos da vida. (PARENTE, 1998, p. 175)

A autora finaliza o texto com bonitos fragmentos do depoimento de um retocador, no qual ele reflete sobre seu ofício e sobre a relação que este tece com o tempo. Essa prática tem a ver não só com ato de pintar retratos, mas implica também um trabalho cuja matéria-prima é o passado e as recordações das pessoas:

Quando você pinta o retrato, você tem que pensar em tudo, na vaidade da pessoa, como ela queria estar. A gente procura não mudar o parecer da pessoa. Eu não tenho o original desse retrato, mas como o menino fez aqui ele acentuou o desvio dos olhos dela. A gente tem a obrigação de diminuir, nesse caso. Os olhos dela são separados, então você traz as duas luzes não pra fora, mas pra dentro. Tem a obrigação de trazer pra cá. Levar os olhos mais pro canto. O olho é fundamental no retrato. As pessoas não querem a fotografia nua e crua que mostra a realidade com espinhas, sombras, rostos pálidos, roupas pobres. Elas querem apresentar-se o melhor possível. Elas todas também tem vaidades, não é só o rico que tem vaidade. [...] Nós vivemos de recordações, não podemos investir verdadeiramente no futuro porque ele pertence a Deus. Como eu posso pintar o futuro? Eu pinto o passado, eu faço com que as pessoas se sintam bem em seus passados. Eu acredito que enquanto existir o amanhã haverá trabalho a fazer, eu sou recuperador. Daqui a pouco posso não ser mais ou ser. [...] Eu trabalho em cima de um momento especial, de uma recordação. (Júlio Santos em depoimento, PARENTE, 1998, p.277)

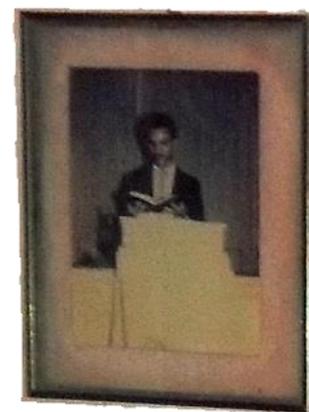
A relação que Barthes faz da fotografia com a morte pode também nos ajudar a pensar acerca dos retratos nas casas de Quebrangulo. Segundo este autor, a fotografia é um certificado de presença (BARTHES, 2007, p. 98), através dela temos a certeza de que aquilo realmente existiu, ela é a representação de um corpo simultaneamente vivo e morto, é um esforço de manter vivo o que já passou, conjugando assim, passado e realidade. Para o autor, na foto há uma emanção do ser que foi fotografado (referente fotográfico) que sai da foto e vem tocar o *espectador* (aquele que olha a fotografia):

De um corpo real, que estava lá, partiram radiações que vêm tocar-me, a mim, que estou aqui. Pouco importa a duração da transmissão; a foto do ser desaparecido vem tocar-me como os raios emitidos por uma estrela. Uma espécie de ligação umbilical liga o corpo da coisa fotografada ao meu olhar: a luz, embora impalpável, é aqui um meio carnal, uma pele que eu partilho com aquele ou aquela que foi fotografado (Barthes, 2008, p. 91)

O elo que une o sujeito que olha ao sujeito que foi fotografado é um elo carnal carregado de sentimentos e emoções, o sujeito que olha reconhece na fotografia aquilo que define a pessoa querida. A fotografia, neste momento, oferece uma sensação tão segura quanto uma recordação. Através da imagem podemos reproduzir infinitamente aquilo que só aconteceu uma vez e nunca mais poderá repetir-se existencialmente, por isso Barthes expõe tais relações entre a fotografia e a morte, a primeira é como um quadro vivo através do qual vemos os mortos, através dela (algo real e palpável) vemos algo que não mais existe a não ser na nossa memória.

Ecléa Bosi afirma que o diálogo com o passado torna-o presente, “o pretérito passa a existir, de novo” (BOSI, 1992, p.27), talvez seja esse certificado de presença que ofereça os pequenos quadros: a segurança de que aquelas pessoas existiram de fato e que elas ainda estão presentes de alguma maneira, mesmo que já tenham morrido ou partido para outros lugares. Eles são ganham valores que ultrapassam o sentido meramente decorativo, povoam a sala, a casa e a vida dos moradores:

*Esse aí é o meu fio, que ele morreu num acidente na Serra do Muro, o ônibus virou, morreu um monte de gente, aí ele tava lá que ia pra Palmeira, tá com uns 20 ano... [E a senhora colocou a foto dele aqui] Foi, coloquei aí na parede que é pra eu ficar olhando pra ele de vez em quando... vez em quando não, que eu sempre olho, penso nele... (Ana Nunes Vieira de Castro em depoimento, 29-05-2015)*



**Figura 122: Fotografia do filho de Ana e João.**  
Fonte: Autora (2015).

Na casa de Dona Zefinha, o retrato do companheiro, falecido há mais de vinte anos, também toma um lugar especial na parede, junto a ele estão a imagem de Jesus Cristo crucificado, da Virgem Maria e do Papa Francisco. Se faço uma

pergunta sobre a própria Dona Zefinha, seu companheiro é o assunto mais falado. Ela conversa olhando o retrato, como quem vê sua vida misturada àquela imagem:

*Essa casa é minha, eu vivi aqui trabalhando e como eu fiquei a minha vida aqui com um cidadão, com um rapaz também que ele não era casado, era professor sabe?! Que ele era de Maceió, mas que ele veio muito novo ensinar numa fazenda. Olha ele aí! É esse o professor! É ele...*  
(Dona Zefinha em depoimento, 12/08/ 2014).

Tecendo ainda relações entre a memória e as imagens, é preciso ressaltar o quanto as fotografias antigas, junto com seus personagens e histórias marcam não só a composição dos interiores, mas também a experiência de atravessar estas casas. Essas pessoas (que às vezes é o próprio morador na juventude) habitam a casa, sem, no entanto, estarem lá. Participam da dinâmica doméstica, imprimem às casas sua presença silenciosa e quase sempre participam das conversas.

Pessoas que são sempre lembradas naquela hora em que o pensamento divaga pelo espaço, enquanto fita-se uma parede, um canto qualquer da sala. Mesmo que os olhos insistam em não ver, a memória consente ao pensamento a imagem daquele ente querido. A fotografia continua ali, resistindo às temporalidades da vida, como se ela, a vida, estivesse além das temporalidades que perpassam as casas.

Se “casas são álbuns de família” como bem definiu o arquiteto (MENEZES apud FERRARE, 2008) como tal, elas



**Figura 123: Retrato na parede de uma residência em Quebrangulo.** Fonte: Autora (2015).

guardam seus segredos, episódios caros, dias especiais que são ativados por esses

objetos. Os retratos vão contando essas histórias, de maneira sutil, eles funcionam como gatilhos da memória para muitos moradores. Quando a história que estava sendo lembrada aproxima-se do final, logo em seguida uma outra começa cujos personagens estão ali na parede a olhar para o morador. É dessa forma que Dona Juvenília conta a história do filho:

*[E quando o marido da senhora morreu, a senhora ficou sozinha?] Não, fiquei só uns dias, mas minha menina tinha dois filho e tava grávida de outro, aí eu tomei a mais velha. Peguei a mais velha, morou comigo 7 anos, aí já tinha uns 7 ano, ela veio buscar a menina pra botar junto com o irmão pra estudar aqui no Juvelino, aí eu fiquei só outra vez. Aí meu filho morreu. Tonho, esse aqui, aqui o retrato dele, que era o policiá, morreu em Maceió. Aí ele foi, me deu o menino, o casal de menino dele, a menina com seis anos, ia completar ainda. Ele pegado na minha mão disse: Ói mamãe, eu vou dá meu casal de fio pra senhora criar porque a senhora é uma boa mãe, criou nós, nós nunca fomo a uma delegacia, nunca nós fomo pra cadeia, nunca andamo fazendo bagunça na rua, a senhora soube criar nós e deu educação, apois do mesmo jeito mamãe, a senhora vai criar o meu casal de filho. Aí eu disse: meu fio, eu vou criar do jeito que eu puder e criei vocês. Aí quando foi três hora da tarde, morreu, pegado na minha mão. Me deu o menino, ele tava com um ano e um mês. (Dona Juvenília em depoimento, 30/09/2014)*

É em fragmentos que as histórias de vida vão sendo reveladas, elas não têm um começo e fim delimitados e estão longe de obedecer a um tempo linear. Como se suas vidas passassem diante deles enquanto falam, o ritmo da conversa se adianta ou se deixa demorar de acordo com o fato narrado. Os períodos da vida de grande dificuldade e sofrimento são contados com maiores detalhes do que ocasiões festivas, talvez isso se deva ao desejo do morador de mostrar sua competência de ter superado as fases ruins ou a necessidade de ter quem escute a dor. São conversas compridas, que revelam um cotidiano sem pressa, num ritmo próprio de quem olha pra trás com resignação, saudade, mas também com alívio. As lembranças surgem em meio aos aprendizados e as lições que se extraem das experiências vividas, muitas vezes marcadas pela pobreza.

*Já tenho 95 janeiros minha fia, eu sei o que é bom e o que é ruim, eu sei o que eu sofri, as inclemências que eu sofri, muitas noites dormi com fome, porque não tinha o que comer. (Dona Juvenília em depoimento, 30/09/2014)*

*[...]Aí quando ele morreu, o professor Antônio olhava assim e não achava justo eu ficar sem nada, porque nem sei ler, num sei nada... Ói, tem muita gente boa no mundo, muita gente boa e tem muita gente ruim... e também não tem, porque por ruim que seja, tem um pedacinho bom. Porque num*

*tem ninguém completamente bom? Porque bom mesmo só é Deus, isso eu falo pra você e falo pra qualquer pessoa. (Dona Zefinha em depoimento, 12/08/2014)*

Caminhando entre as narrativas, encontra-se a mudança de uma cidade para outra, as brincadeiras da infância no sítio, os tempos da mocidade, o trabalho árduo na roça, o casamento, o nascimento dos filhos... Tais acontecimentos são narrados com ajuda dos retratos de parede e dos objetos biográficos: o presente de casamento que está ali na sala há mais de trinta anos, a louça da estante, a toalha de mesa rendada que se ganhou no sorteio da igreja.

De acordo com Bosi, os velhos têm um sentido de evocação da memória diferente do adulto. Para este último, esta evocação acontece nos momentos de sonho e devaneio, estando ligada a ideia de fuga e descanso das atividades cotidianas, já que ele está muito mais entretido nas tarefas do presente do que os velhos. Estes, por sua vez, evocam conscientemente o próprio passado, e ao fazer tal evocação, realizam também um trabalho, que vai sendo pacientemente constituído por meio de um corpo fragilizado e que carrega o peso dos anos.

Quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis. Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. (BOSI, 1994, p. 39)

A narração da própria vida expressa os modos de lembrar e a memória de quem fala. Comparando a conversa evocativa de um velho a uma obra de arte, Bosi revela o sentido íntimo do narrar:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. (BOSI, 1994, p. 90)

Os moradores com seus dramas pessoais, conflitos, preconceitos, crenças e visões de mundo vão preenchendo as casas com um jeito de ser particular. Misturam-se a elas através de histórias, tradições e práticas domésticas. As casas adquirem o jeito dos seus donos, indo muito além da estrutura física que combina

pisso, paredes e teto (BARROS, 2013). Os móveis não “combinam” uns com os outros, as almofadas não estão em harmonia com as cortinas, porém estas salas harmonizam-se com os seus donos, carregam as marcas da vivência cotidiana.

Se o centro da casa é um coração angustiado, ela fecha-se sobre suas entranhas e torna-se escura e silenciosa. A casa de Dona Cícera carrega o mesmo ar de tristeza do olhar de sua dona. Dona Cícera é viúva há seis anos e perdeu o único filho em um acidente de trânsito. Luta pela casa com os filhos do primeiro casamento do marido e vive uma rotina de medicamentos e internações. Da casa de taipa que morava quando era jovem, herdou algumas lembranças e um “coração inchado”:

**Figura 124: Dona Cícera em sua sala.**

*Eu nasci aqui, mas no sítio, passei quatro anos em São Miguel, lá meu filho levou um atropelo de um caminhão, quebrou o pescoço e morre. Aí eu e a mulher dele viemo pra cá, ela mora numa casa ali pra cima. Mas eu num vou pra nenhum canto aqui, só vivo aqui, ou deitada ou aqui ou lá dento. Só tem aqui uma tia minha ali embaixo, pegado com a bodega. [A senhora é doente?] Só vivo doente, passei três semana internada, quase morria... É*

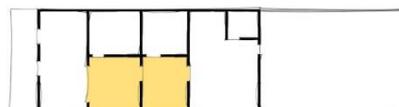


*doença do coração, coração inchado... Não tem um barbeiro, que diz que morde a pessoa?!*

Fonte: Autora (2015).

*Pronto é isso... Acho que me picou na casa que eu morava, essas casas de pau e terra não tem?! Tive começo de derrame também... Minha sobrinha que me internou no hospital. Passei três semanas e vim embora, que eu pedi ao doutor, que a casa tava aqui sozinha. Aí vim embora. Que é muito ruim a gente internada né? Agora que num fica boa não, tenho que tomar remédio direto. Tenho pressão alta também. (Dona Cícera em depoimento 12/ 08/ 2014)*

### 3.3 “SALAS DO MEIO”



Depois de acessar as salas, primeiros espaços que me são confiados, percorro os corredores em alguns casos ou as “salas do meio” em outros. Quando as casas possuem maior largura, por vezes o padrão de planta mencionado é quebrado e ao lado dos quartos ainda enfileirados surgem uma ou duas salas, que ganham diferentes usos e raramente são disponibilizadas para refeições, mesmo que aí estejam a mesa mais bonita e as cadeiras novas. Substituindo o corredor, estes espaços comportam-se como salas intermediárias: nem são de estar, nem de jantar, mas prenunciam a cozinha com mesas, cadeiras e armários. Para alguns moradores, elas são simplesmente as “salas do meio”.

Josefa Maria senta-se aí para fazer a contabilidade da casa. Já para Dona Josefa da Conceição, este cômodo ganha um uso mais demorado somente em datas festivas, como no almoço de final de ano, quando se reúnem os filhos, netos e familiares mais próximos e ela coloca os pratos de porcelana que ganhou de presente de casamento na mesa: “São pra datas especiais” afirma. (Josefa Maria da Conceição em depoimento, 08/08/2014).

**Figura 125: Sala do meio na casa de Dona Josefa da Conceição.**



Fonte: Autora (2015)

Outras vezes, essas salas do meio são uma continuação das salas principais, compondo-se com o mesmo acúmulo de móveis, objetos e imagens. As salas do meio geralmente comportam mesas e armários de louças novas, mas há casos em que há uma sobreposição de funções e atividades nesse espaço. Por exemplo, na casa de João e Ana há duas salas do meio, a primeira não difere muito da sala principal: é composta por uma estante, a cadeira de balanço e banquetas, apesar disso é raramente usada pelas visitas, já a segunda recebe uma cama de solteiro, na qual às vezes seu João tira a cesta da tarde, e a geladeira. Por mais distantes que possam parecer, o eletrodoméstico e o móvel dividem um mesmo espaço.

**Figuras 126 e 127: “Salas do meio” na casa de João e Ana.**



Fonte: Autora, (2015).

Já na casa de Josefa e Bié, a cozinha parece vazar para as duas salas do meio. Na primeira (mais próxima da sala principal), mesa e armário, na outra, geladeira e tripés de panelas. Essa segunda salinha também dá acesso ao quarto das visitas e ao banheiro, que nesta residência, foge do padrão de planta citado anteriormente e coloca-se próximo das salas, fora da cozinha (ver planta baixa em anexo).

Nestes dois espaços, desenvolvem-se tarefas que seriam próprias da cozinha: é na primeira sala que Bié escolhe o feijão que mais tarde será preparado por Josefa e na segunda que as panelas pouco usadas repousam em tripés de ferro.

**Figuras 128 e 129: “Salas do meio” na casa de Josefa e Bié.**

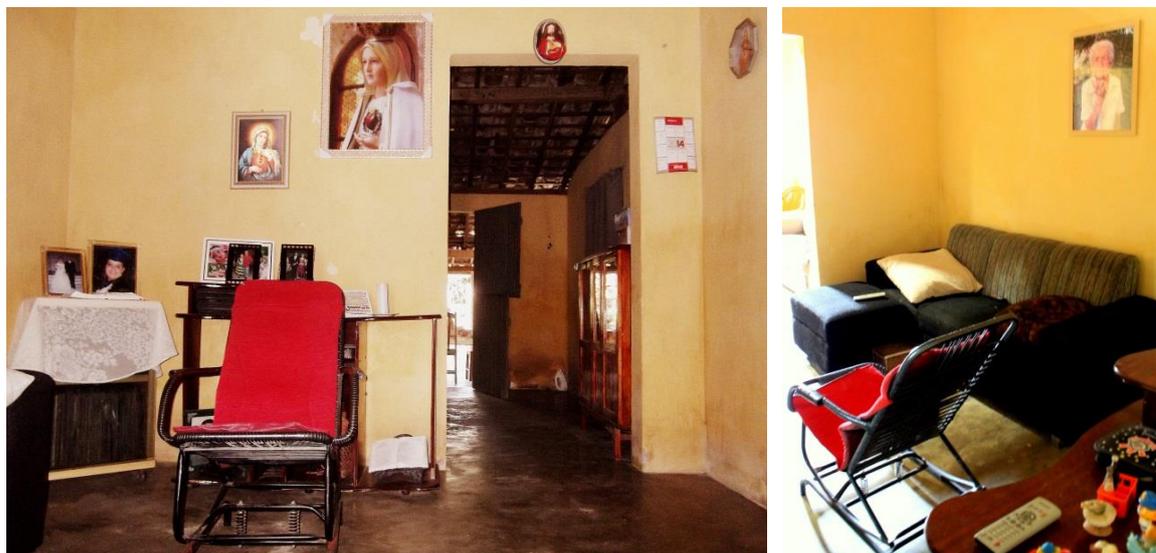


Fonte: Autora (2015).

Já casa de Dona Juvenília, um quarto foi derrubado para o surgimento da sala do meio, que conversa mais com sala principal do que com a cozinha. O sofá da sesta da tarde é escondido por um pedaço de parede que separa as duas salas, talvez seja um daqueles “cantos” a que Bachelard se refere: “*um quarto imaginário se constrói ao redor do nosso corpo quando nos refugiamos num canto*” (BACHELARD, 2008, p. 146). “*Só tem salinha*” (Juvenília Cabral da Silva, 30/09/2014), diz Dona Juvenília sentada no sofá explicando como o marido reformara a casa:

*Aqui era uma meia aguinha, aí nois fomo construindo devagarzinho, até que ela ficou assim desse jeito. Quando ele acabou de terminar aqui, que aqui era só dois quartos e uma cozinha, aí ele fez, aumentou. Desmanchou aqui, aqui era um quarto, esse quarto aqui tinha. Mas era tudo de taipa. Aí ele ajeitou, ajeitou o quarto, tirou o corredor, que era um corredor até fora. Aí o quarto ele desmanchou, fez uma área, fez dois quarto pra cá, fez uma sala aqui, fez outra sala ali, só tem salinha! E então fez uma puxada lá atrás que é uma beleza! E pra trás é o quintal. (Juvenília Cabral da Silva, 30/09/2014)*

**Figuras 130 e 131: Sala do meio de Dona Juvenília.**

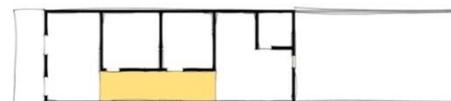


Fonte: Autora, (2015).

A sua nova “morada de rua” foi concebida com base na experiência de vida do casal, que prepararam a casa para acolher práticas e hábitos de uma família que sempre esteve ligada ao trabalho com a terra. Construíram, então, uma habitação mais aberta e, talvez, mais próxima da casa do sítio onde desde a infância moraram. Derrubando os corredores e parte das alcovas, arejaram a casa e buscaram maior proximidade entre ela e o quintal. As salas que nasceram com a

reforma além de transformar-se em espaços de estar, abriram os horizontes da casa e permitiram que a luz lhe penetrasse de porta à porta. Assim, esta foi crescendo em direção ao quintal, ganhando cômodos, alterando sua planta... Isso levou quinze anos.

### 3.4 CORREDORES



Quando não existem as “salas do meio”, entre as salas principais e a cozinha, e ao lado dos quartos ficam os corredores. Nestas outras residências, não é possível saber previamente o que se dispõe ao visitante até que o corredor vá entregando a casa aos poucos: quarto do casal, quarto das visitas, cozinha...

Sempre que percorria os corredores das residências estudadas, tinha a sensação de estar penetrando as casas em seus lugares mais profundos. Como se eles fossem me conduzindo a lugares pessoais demais para que neles eu entrasse sem nenhuma timidez. A que desvios me conduziriam aqueles espaços?

Em geral, estreitos e compridos eles garantem a privacidade dos quartos e não apenas ligam a porta da rua à porta dos fundos, como desempenham um papel importante na dinâmica cotidiana: assumem os fluxos domésticos do ir e vir e do percorrer longitudinal das casas.

Separados da sala na maioria das vezes por cortinas que são transpassadas pela luz que vem das portas, nos corredores são depositadas cadeiras, estantes, banquetas e mesas, mesmo



**Figuras 132 e 133: Corredores nas casas de Olívia e Iracema.**

Fonte: Autora, (2015).

que estejam longe de serem lugares de permanência. Talvez lhes falte o aconchego do sofá da sala, a televisão ruidosa que traz o alento da solidão ou a janela da qual se olha o movimento da rua.

Constituem-se ainda em passagens de ambientes de domínio mais público (as salas) para outros de caráter mais íntimo (as cozinhas). Somente por meio deles é possível acessar os demais cômodos da casa: quartos, cozinha, banheiro e quintal. São, portanto, territórios de transição, cruzam as casas em sua maior dimensão, ao mesmo tempo em que unem e separam seus ambientes.

Na casa de Cícera, o corredor comporta um mesa, uma estante, uma cadeira e um velho buffet de madeira pintado de verde. Nos dias de chuva, o varal de roupas é colocado também ao longo do corredor, costume verificado também em outras casas. As roupas molhadas umedecem ainda mais o ambiente, juntamente com o piso cimentado e as paredes. Tendo o conforto prejudicado pelas infiltrações e umidade, a casa parece se expandir, aumentar seu volume, de modo que o corredor, que tem 6 metros de comprimento, parece oferecer uma longa travessia composta por sombras e silêncios. Por isso, no inverno o corredor parece repelir qualquer movimento de permanência. Para Cícera, que mora sozinha, o lugar preferido nesta época do ano é o sofá com um cobertor diante da televisão.



**Figura 134: Corredor da casa de Cícera.** Fonte: Autora, (2015).

Na poesia de Mário Quintana, a casa é um tema bastante recorrente. Nela, os corredores são lugares privilegiados pelos mistérios e enigmas que encerram. No poema *Arquitetura funcional* Quintana volta-se para os corredores das casas antigas projetando neles seus fantasmas. Fantasmas, não no sentido do sobrenatural, mas de sonhos e memórias que habitam os espaços. Para o poeta, enquanto as casas modernas não deixam lugar para o sonho e o devaneio, as casas antigas proporcionam ao sonhador um encontro com seus próprios encantamentos:

Não gosto da arquitetura nova  
 Porque a arquitetura nova não faz casas velhas  
 Não gosto das casas novas  
 Porque as casas novas não têm fantasmas  
 E, quando fantasmas, não quero dizer essas assombrações vulgares  
 Que andam por aí...  
 É não-sei-que de mais sutil  
 Nessas velhas, velhas casas  
 Como, em nós, a presença invisível  
 da alma... Tu nem sabes  
 A pena que me dão as crianças de hoje!  
 Vivem desencantadas com uns órfãos;  
 As suas casas não tem porões nem sótãos  
 São umas pobres casas sem mistério.  
 Como pode nelas vir morar o sonho?  
 [...]

E as casas novas não tem ao menos aqueles longos e intermináveis  
 corredores  
 Que a lua vinha às vezes assombrar (QUINTANA, 2002, p.397)

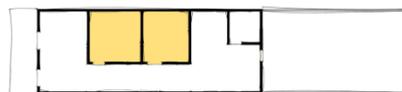
Além dos corredores, os porões e sótãos também colocam-se como redutos do encontro com o mistério. Bachelard, em sua clássica obra “A poética do espaço” usa a dupla imagem do sótão e do porão para falar dos temores que habitam a casa. “No porão, agitam-se os seres mais lentos, menos saltitantes, mais misteriosos. No sótão, os medos ‘racionalizam-se’ facilmente. [...] No sótão, a experiência diurna pode sempre dissipar os medos da noite” (BACHELARD, 2008, p.37). Recordando Jung, para Bachelard o porão traz consigo a conotação do inconsciente enquanto o sótão está ligado ao consciente. A figura porão/ sótão parece falar também de duas formas distintas de se relacionar com a casa: uma onde prevalece os valores de intimidade e de subjetividade e outra, mais positivista, em que a razão e a objetividade se sobressaem.

Assim como Quintana fala da arquitetura nova, para Bachelard as casas das grandes cidades já não têm os “valores íntimos de verticalidade”, faltando a elas uma “cosmicidade” (BACHELARD, 2008, p. 45) capaz de construir casas oníricas em que devaneio e lembrança se misturam na complexa experiência do habitar.

Os corredores não são espaços definidos apenas pela preposição entre, não há só dois lugares, entre sala e cozinha, entre sala e quartos, há um terceiro lugar, uma espécie de terceira margem, onde invisíveis, imateriais, existem “espaços de meio a meio” (ROSA, 1988, p.32). Neste lugar, ambientes íntimos e públicos ora se fundem, ora se apartam. Os corredores contemplam os movimentos de atravessar, cruzar, transpassar, que tem a ver não só com transpor fronteiras, mas também com fragilizá-las.

Também em suas paredes, habitam as fotografias antigas e imagens de santos, com as quais se depara logo que, ao acordar cedo da manhã, coloca-se o pé para fora do quarto. Além disso, suas paredes são marcadas pelo toque das mãos cansadas dos velhos moradores, que aí se escoram e tateiam mais do que nos outros cômodos. Por meio desses espaços é que sou conduzida até os quartos.

### 3. 5 QUARTOS



Os quartos são em geral guarnecidos pelo conjunto cama, guarda-roupa e mesinha. Eles são na maioria das vezes lugares estáveis, mas também são abalados pelos ruídos da rua e dos outros cômodos da casa. Além disso, em muitos casos o conforto é prejudicado pela umidade, conseqüente do geminamento e da falta de aberturas, e pelo reboco irregular das paredes. Sem circulação de ar suficiente, eles cheiram a móveis antigos e roupas há muito tempo guardadas. Algum aconchego desses ambientes parece vir da atmosfera de intimidade que lhes rodeia e da presença dos objetos pessoais: as colchas de retalhos, os oratórios com seus santinhos de gesso, a toalha bordada que cobre a mesinha...

Os mosquiteiros, ou seja, véus ou cortinados que protegem contra os mosquitos, são bastante comuns. Colorindo os quartos com renda e babados, eles são muitas vezes pendurados em varais e recolhidos durante o dia, ou então, sofrem laços que lhes diminuem o volume e deixam flutuando sobre as camas. Quando estão em uso, se derramam sobre estas como mantos a agasalhar o sono.

**Figuras 135 e 136: À esquerda quartos da casa de Iracema, à esquerda, Dona Maria.**



Fonte: Autora, (2015).

A função religiosa também marca presença nestes espaços, onde as estatuetas de santos são dispostas na maioria das vezes em pequenas mesas de madeira próximas aos pés da cama e estão juntas de livros de ladainhas, folhetos de letra miúda e da Bíblia Sagrada. O rosário pendurado na parede ou na cabeceira da cama também deixa pistas sobre a presença do sagrado nos quartos.

**Figuras 137 a 139: Quartos em diferentes residências em Quebrangulo.**



Fonte: Autora, (2015).

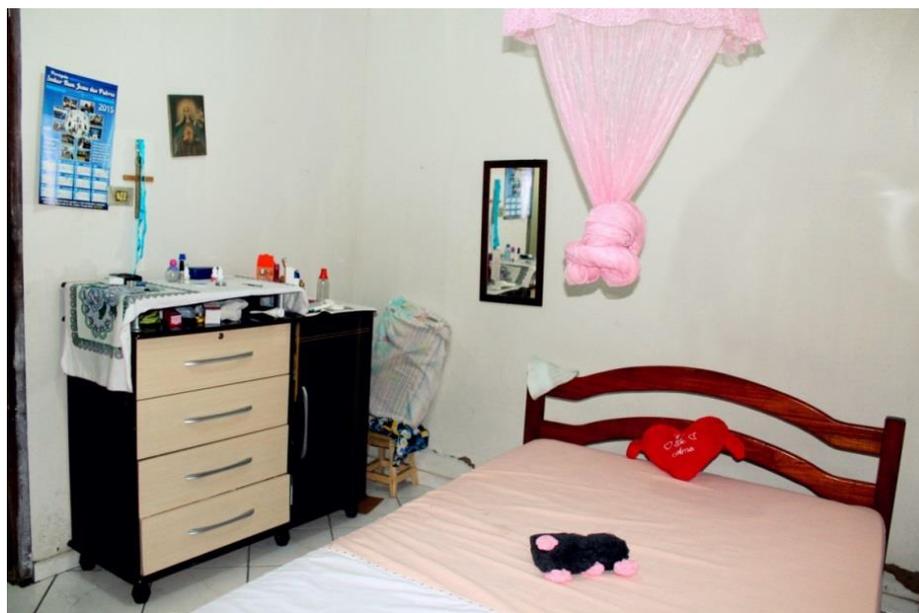
Há casos, porém, em que eles se privam completamente do uso religioso e colocam-se como ambientes cuja função de repouso prevalece sobre as demais. Quartos de dormir. Mas na maior parte das vezes, eles desenrolam-se como recantos da intimidade, onde é possível estar perto de tudo aquilo que é familiar.

É fácil pensar os quartos a partir da figura do ninho ou da concha propostas por Bachelard como cantos onde a pessoa se encolhe como um animal em sua toca: *“Todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo o espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa”* (BACHELARD, 2008, p.145). Assim, para o autor, o quarto traz em sua essência valores de intimidade e de imobilidade, ou seja, repouso.

Entretanto, os quartos estudados revelam-se como recintos de variadas possibilidades: servem ao descanso depois do dia de trabalho, à sesta depois do almoço, à reza baixa, à sexualidade, à vaidade em frente ao espelho, ao sonho e devaneio. Mesmo servindo ao sono e ao sexo, como outros quartos em geral, eles ultrapassam a dicotomia entre o sagrado e o profano.

Em geral, é a partir do quarto que se começa o dia, é lá que Dona Maria “*engraça o cabelo*” (Maria Vieira em depoimento, 29-05-2015) e veste a roupa depois de ter lavado o rosto. O quarto tem uma atmosfera delicada, juvenil. Mesmo com a mesinha dos santos e outros objetos indicando um uso ligado à experiência religiosa, este ambiente conserva a graça e alegria da moradora, adota também seu jeito de ser.

**Figuras 140: Quarto de Dona Maria.**



Fotos de Thalita Lins, 2015.

No quarto de Dona Juvenília, a roupa de domingo suspensa no cabide próximo ao guarda roupa lança um cheiro doce no ambiente, de certo já cumpriu sua rotina sagrada da missa do dia. No canto, uma estante com repetidos “padres Cíceros” e “Nossas Senhoras”. O amarelo das paredes refletindo o sol do fim de tarde ilumina o quarto e aviva suas cores. No chão, junto à cama, o pequeno tapete de fios plásticos trançados recebe os pés nas primeiras horas do dia. A cama encostada à parede e o terço na cabeceira completam a imagem que se tem do quarto.

No de Dona Josefa Maria, o estreito espaço do beco tornou-se um guarda roupa. Escondido atrás das cortinas que cobrem toda a parede, foi uma solução de aproveitamento de um espaço que em geral não é utilizado. Outras soluções para as

roupas são varais dispostos nos ângulos das paredes nos quais se pendura as roupas recentemente usadas.

**Figuras 141 e142: À esquerda quarto de Josefa Maria, à direita quarto de João e Ana**



Fonte: Autora, (2015).

Os quartos de visita geralmente seguem-se aos quartos da família, aqueles mais próximos da cozinha e pouco mais distantes da sala. Como não têm muito uso, conservam-se quase sempre bem arrumados. Nestes quartos, camas e mosquiteiros parecem esperar ansiosamente pelos filhos, netos e outros parentes.

**Figura 143: Quarto de visitas na residência de Josefa e Bié.**



Fonte: Autora, (2015).

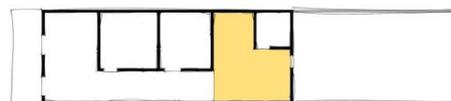
Os quartos são geralmente lugares cativos. Mesmo que as casas apresentem dois ou três deles, os moradores elegem um e aí permanecerem por bastante tempo. É assim na casa de Dona Juvenília, que se mantém no mesmo quarto desde que o marido era vivo, há quase trinta anos.

Como há as salas do meio, há também os quartos do meio nos raros casos em que as casas apresentam três quartos. Esta configuração foi observada em apenas duas das quinze casas.

[E o quarto da senhora sempre foi aquele?] *Toda a vida foi aquele do meio, toda a vida... com meu marido vivo, toda a vida foi aquele [...]* *Eu gosto do meu quartinho... Esse guarda roupa aqui tem muito mais de 50 ano... tem muito mais!* (Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 27-05-2015)

Assim como outros ambientes, o quarto recebe os cheiros que vêm da cozinha. Dialoga discretamente com ela: às vezes um espalha o vapor da panela que chega por cima das paredes, e o outro, devolve a gentileza, exalando perfume de lavanda no domingo de manhã. Outras vezes, os cheiros incômodos atravessam toda a casa, afetam os quartos, que mesmo sendo espaços mais reservados, não deixam de ser contagiados pelas atividades que acontecem nos demais cômodos.

### 3.6 COZINHAS



As cozinhas colocam-se como os últimos compartimentos dentro do bloco construído. Muitas vezes é de lá que surgem os cheiros que inundam a casa inteira e ultrapassam até mesmo a fachada, atingindo quem passa pela calçada. Mas não somente pelos cheiros as cozinhas se definem. Junto a outros elementos materiais e imateriais, elas vão ganhando as cores, formas, sons e texturas das experiências cotidianas.

Tendo somente a porta posterior como abertura, apresentam-se escuras, de modo semelhante aos outros cômodos. Como solução para o aumento da luminosidade interna, alguns moradores instalam uma ou duas telhas de plástico translúcido na cobertura (5 das 15 casas acessadas adotam este artifício). Tal estratégia funciona de maneira eficaz nesses ambientes, mesmo que irradiem o

calor do sol a pino nas horas mais quentes do dia. Assim, a luz que acende as telhas aquecem ainda mais as tardes na cozinha. A busca por uma maior iluminação nesse ambiente parece demandar do fazer manual que aí prevalece. É preciso luz para saber dosar o tempero dos alimentos ou para enxergar bem a sujeira da louça.

**Figura 144: Cozinha da residência de João e Ana**



Fonte: Autora (2015).

A abertura de janelas na cozinha não é uma solução adotada, às vezes o telhado é muito baixo, o que impossibilita qualquer abertura na fachada posterior das casas, outras vezes é a falta de espaço, mas na maioria dos casos, segundo os habitantes, a questão financeira se sobressai. Há casas que desde que foram erguidas não sofreram reformas ou qualquer intervenção física que não seja a habitual pintura do final de ano.

A tipologia das portas, em geral de madeira e com a folha dividida ao meio permite que estas se mantenham parcialmente abertas ao longo do dia. Assim, cumprem sabiamente o papel das janelas, cabendo a elas a tarefa de arejar e iluminar as cozinhas.

Em contraponto aos “aparelhos da modernidade”, ou seja, todos os equipamentos que surgiram para facilitar a rotina doméstica, observa-se que as cozinhas visitadas obedecem muito mais a uma organização na qual se destacam os utensílios tradicionais. Não se abre mão das panelas ao alcance do braço, expostas visivelmente nas paredes e prateleiras destacando o esmero da dona de casa.

**Figura 146: Cozinha da casa de Dona Juvenília.**



Fonte: Autora (2015).



**Figura 145: Tipologia das portas, residência de Cícera.** Fonte: Autora (2015).

Panelas de um lado, tampas do outro. As tampas das panelas ficam frequentemente suspensas em cordões junto à parede, estratégia que permite a organização desses utensílios de modo que sejam facilmente alcançados. Enquanto isso, as panelas descansam em suportes de ferro ou madeira também presos à parede ou no chão. Quando no chão, recebem o nome de tripé. Tais estruturas possibilitam tanto o acesso imediato aos objetos quanto a organização rápida da cozinha depois das refeições.

**Figura 147: Cozinha da casa de Josefa e Bié.**



Fonte: Autora (2015).

Os utensílios tradicionais, como potes de barro, bacias de alumínio, pilões de madeira e peneiras de palha, aproximam ainda mais essas casas das habitações rurais. Mesmo que em todas elas as geladeiras se façam presentes, a água de beber repousa nos filtros ou potes de barro. O gosto da água se mistura ao gosto do barro e toma-se uma mistura que remonta à água vinda de suas fontes naturais. Os potes conservam a água em uma boa temperatura seja nos dias de calor ou frio.

*Eu bebo a água do pote, que ela fica friinha né? Que da geladeira fica muito gelada, aí eu gosto não... eu gosto da do pote! Desdeu pequena, custumei, pronto. (Cícera Fortunata da Silva em depoimento, 28-05-2015)*

**Figura 148: Cozinha da casa de Cícera.**



Fonte: Autora (2015).

As vezes os potes dão lugar aos filtros também de barro, objetos bastante comuns nas cozinhas. Por vezes vestidos com paninhos que lhes são próprios, os filtros ficam ou sobre pequenas mesas destinadas especialmente a eles ou em cima da pia de lavar pratos, têm a mesma função do pote, apesar do processo de tratamento da água ser diferenciado (nos potes filtra-se apenas por decantação).

**Figura 149: Filtros de barro em diferentes residências de Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

Encontram-se nas cozinhas também as cuias<sup>10</sup>, utilizadas principalmente como recipientes para a guarda de grãos. A utilização desses objetos antes se dava para diversos fins, como tomar banho e tirar a água do pote, conforme lembra Dona Josefa:

*Tem umas cuia pequeninha, aquelas cabaça, que a gente usava pra tirar água do pote, pra tomar banho, por isso que o povo diz banho de cuia, num tem? É pro causa disso, que antigamente as pessoa tomava banho mesmo, que num tinha água encanada né?((risos))[E hoje, a senhora usa como?] Eu boto feijão, boto arroz, milho... agora que é essas grande né? As pequeninha tenho não mais. (Dona Josefa em depoimento, 29-05-2015)*

**Figura 150: Utensílio de cozinha na casa de Josefa e Bié.**



Fonte: Autora (2015).

<sup>10</sup> Segundo o dicionário Aurélio, a cuia pode ser definida tanto quando o fruto da cueira, também chamado de cuité ou coité, quanto a vasilha feita da casca desse fruto.

O pilão, antes utilizado para moer o café, tornou-se agora objeto de recordação para Dona Juvenília. Descansando num cantinho do quintal, ele há muito tempo deixou de cumprir sua obrigação. Ela me ensina com graça como se maneja o pilão. Os braços cansados se esforçam para fazer o mesmo movimento que durante muitos anos foi repetido. Certamente, não menos esforço fez a memória para lembrar o tempo em que a prática daquele instrumento era tão cotidiana quanto a limpeza das panelas que alumiam sob o sol.



*É pilão, desse antigo... deu pisar o café. Era, ói as mão de pilão como era! Tá vendo o pilão em pé e a mão? Tá vendo como é bom? [...] [E como era que pisava o café aí?] Segure aqui que eu vou lhe mostrar... Aí pisava o café, mas agora não que tá desprezado né?! Num usa mais né?![...] Eita minha fia, apois era assim...Tempo do pessoá véio num é?! 96 ano né brincadeira não! [E pisava o que mais no pilão?] Só usava pra pisar o café mesmo, todo limpinho, todo novinho...[...] Ói ali tem aquele pilãozinho miudinho que eu usava também. Faz muito tempo...(Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 25/05/2015)*



Figuras 151 e 152: Pilões de madeira de Dona Juvenília. Fonte: Autora (2015).

Um objeto que ainda é bastante utilizado é a “urupemba” ou urupema. Feita artesanalmente de palha trançada, ela é um tipo de peneira utilizada no preparo de alimentos como cuscuz e beiju, conforme explica Dona Juvenília:



Figura 153: Urupembas na cozinha de Dona Juvenília. Fonte: Autora (2015).

*É urupemba, de peneirar a massa... [a senhora usa ainda?] Uso sim minha fia, fazer um cuscuis, fazer um beju... né?! Aí a gente tem que usar... Peneira a massa do cuscuis, beju, tapioca... aí eu compro a massa e passa aí pra peneirar... (Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 25-05-2015)*

A relação que as cozinhas estudadas mantêm com os objetos não industrializados, produzidos e vendidos localmente, também é uma questão importante a ser mencionada. O uso e a vitalidade de tais utensílios parece demandar do proceder manual, quase artesanal, que envolve as cozinhas. O movimento de chacoalhar a massa para o beiju demanda uma gestualidade que agencia o corpo todo, que balança cadenciado pelo ritmo dos sucessivos esforços solicitados. Tais movimentos procedem tanto da natureza do instrumento que é utilizado, no caso, a urupema, quanto do próprio processo de preparo.

A massa de mandioca, ingrediente principal do beiju e da tapioca, é oferecida de porta em porta. Em uma das visitas à casa de Dona Epigênia, a nossa conversa foi interrompida pela vendedora, que, com a bacia na cabeça, oferecia o produto pela janela. Ela conhecia todos os moradores pelo nome, embora ela própria fosse identificada somente a partir do ofício que exerce: “a mulher da goma”. De maneira semelhante, o leiteiro é uma figura já esperada diariamente:

*Bem cedo, eu me alevanto, abro a janelinha ali e vou e me deito... mode o povo num pensar que eu num pude abrir a porta, aí eu abro a janelinha ali por cima, e a bandinha aqui dessa porta, vou e me deito, só me alevanto oito hora. Só me acordo mais cedo quando vou comprar leite, que o leiteiro passa aí chamando, aí eu vou comprar leite pra comer com arroz, fazer papa de avei... (Maria Vieira Cavalcante em depoimento, 29-05-2015)*

Assim como o leite e a goma de mandioca, outros alimentos, como doces, frutas e verduras são vendidos de porta em porta, o que denota uma outra relação de compra e venda, que apoia-se muitas vezes na teia de sociabilidade existente entre moradores e vendedores (que em sua grande maioria são moradores dos arredores e sítios próximos).

Somados aos utensílios tradicionais, a configuração de algumas cozinhas acessadas, que se mantêm abertas para os fundos conversando livremente com o quintal, trazem também a memória da casa rural.

Na casa de Dona Juvenília há duas cozinhas: a primeira, dentro do bloco edificado, é usada mais frequentemente pela neta na preparação de alimentos não muito corriqueiros como bolos e tortas; a segunda é cotidianamente utilizada por Dona Juvenília na preparação das refeições diárias. Enquanto na primeira, coloca-se o armário onde se guardam as louças novas e a cristaleira onde Juvenília deixa suas “miúdas grandezas”, a segunda obedece a uma dinâmica muito mais agitada, é aí

que são realizadas as atividades domésticas que demandam mais tempo e trabalho: cozinhar, lavar, secar e guardar a louça, passar ferro na roupa limpa.

Assim, além de estar ligada à produção e alimentação, esta cozinha incorpora também a área de serviço e o quintal, onde são cultivadas as hortaliças que mais tarde servirão à alimentação, onde o lixo é armazenado e as roupas, estendidas. Observa-se, pois, que os dois espaços têm dinâmicas próprias e funcionam de maneira independente. Como a segunda está mais próxima do quintal, é aí que Dona Juvenília passa a maior parte do dia:



[E qual parte da casa que a senhora passa mais tempo?] *Aqui, aqui na cozinha, que eu gosto mais do que lá na sala. [Por quê?] Porque minha fia, a minha fia sai pra ensinar, sim, que ela é professora há sete ano, que ela fez a faculdade e fez tudo... Eu fico aqui porque aqui fica um movimento deu aqui, tem o quintá, tem tudo, eu aqui pra cozinhar um feijãozinho, fazer um pedacinho de carne, fazer um arrozinho, um macarrãozinho, uma saladinha... e lá fora [na sala] eu... eu canso, né? Inda hoje eu faço tudo isso [...] Todo dia 5 hora da manhã eu tô de pé, com o cafezinho no fogo. (Juvenília Vieira Cabral em depoimento, 29-05-2015)*



Figuras 154 a 157: Acima cozinha interna e abaixo cozinha aberta na casa de Dona Juvenília.  
Fonte: Autora (2015).

Comparadas às cozinhas das casas rurais na Serra da Mantiqueira expostas por FERRAZ (1996), observa-se que as casas em estudo apresentam composição semelhante, mesmo que nelas, o fogão de lenha e o candeeiro já tenham há muito tempo sido substituídos pelo fogão a gás e a lâmpada elétrica. Há nas cozinhas retratadas por Ferraz a mesma atmosfera de cuidado que vêm da disposição dos móveis e do acumular de objetos utilitários e ao mesmo tempo decorativos. A engenhosidade das soluções simples que visam facilitar as tarefas domésticas

também permite a esses espaços revelar um saber tradicional que é praticado dia a dia.

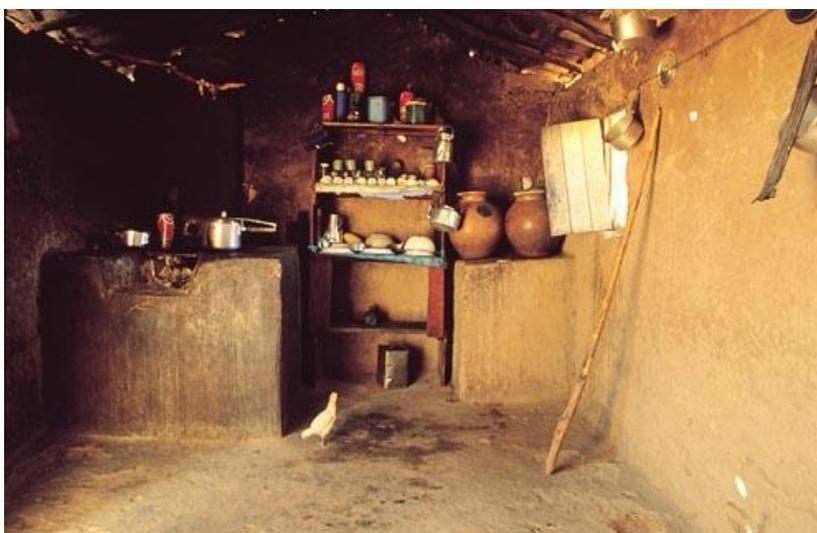
**Figuras 158 e 159: Fotografias de cozinhas em casas rurais na Serra da Mantiqueira.**



Fonte: FERRAZ, 1996.

A fotógrafa Ieda Marques, na exposição *Casas do Brasil* (2006) também se detém às cozinhas de casas rurais, desta vez, na Chapada Diamantina, BA. Nestas, a fotógrafa encontra composições bastante próximas às de Ferraz: os potes de barro, a “bateria” exposta, sempre bem areada, o fogão à lenha. As fotografias, produzidas de 1988 a 2004, falam não só de modos de morar característicos das zonas rurais, mas de uma infinidade de práticas que se desenvolvem em torno das cozinhas.

**Figura 160: Cozinha de casa rural na Chapada Diamantina.**



Fonte: MARQUES, 2006.

Em texto que compõe o catálogo da exposição, Carlos A. Lemos lembra a importância do fogão neste espaço desde tempos mais remotos:

No espaço do cotidiano da vida familiar, o fogão é o centro de interesse. Aliás, desde os tempos de muito antigamente, o fogo aceso para o cozimento dos alimentos é que indicava a habitação em pleno funcionamento e, daí, lar, o nome da pedra do fogão romano, hoje significar justamente o local onde a família sobrevive em paz. (LEMOS, 2006)

**Figura 161 e 162: Cozinhas de casas rurais na Chapada Diamantina.**



MARQUES, 2006.

Além da materialidade dos utensílios domésticos, das paredes de tijolo ou de taipa rebocada, do piso cimentado ou em terra batida, das frestas de luz abertas no telhado, essas cozinhas são compostas por diferentes maneiras de fazer, muitas das quais, certamente, envolvem saberes e práticas, que junto a outros elementos espaciais vão tecendo os seus espaços.

Enquanto a maior parte das fotografias de Ferraz detém-se especialmente aos detalhes da louça e do mobiliário, priorizando lugares específicos das cozinhas, as de Marques mostram tais espaços em maior extensão, relevando não só os equipamentos domésticos, mas também parte das dinâmicas destes espaços. Os homens, por exemplo, não aparecem nas fotografias das cozinhas, sinalizando que estas seriam habitadas especialmente por mulheres e crianças.



**Figura 163: Cozinha de casa rural na Chapada Diamantina. Fonte: Marques, 2006.**

Nos dois trabalhos, pode-se perceber uma aproximação com as casas de Quebrangulo, seja pela organização dos instrumentos (tais como as tampas em varais na parede), seja pelos utensílios utilizados em comum. Apesar das semelhanças que as aproximam, as cozinhas retratadas pelos dois autores diferenciam-se daquelas estudadas principalmente por uma maior relação com a paisagem.

Enquanto as segundas são mais voltadas ao interior da habitação, mesmo com todas as relações que estabelecem com o quintal, as primeiras são perpassadas pela paisagem em volta, seja a paisagem distante, que inunda este espaço pelas portas e janelas (sempre abertas), seja pela paisagem próxima, ou seja, o terreiro que circunda as casas, onde se desenvolve uma série de atividades que dialogam com a cozinha: a matança do porco e da galinha, a secagem do feijão, do café e do amendoim (FERRAZ, 1996, p.48). Aliás, a galinha que cisca no terreiro é a mesma que visita a cozinha da fotografia de Ieda Marques.

Cada qual com especificidades decorrentes do modo de viver dos habitantes e do lugar onde se instalam, as cozinhas dos dois tipos de habitação dialogam em alguns aspectos, se distanciam em outros. Em Quebrangulo trata-se de casas urbanas que trazem marcas da ruralidade seja nos hábitos, seja na memória de seus moradores, pois, conforme já dito, a grande maioria vem da zona rural. O espaço habitado por determinado tempo assinala não só a memória das pessoas, mas é também responsável por certa continuidade de costumes e práticas.

Nossos habitats sucessivos jamais desaparecem totalmente, nós os deixamos sem deixa-los, pois eles habitam, por sua vez, invisíveis e presentes, nas nossas memórias e nos nossos sonhos. Eles viajam conosco. No centro desses sonhos aparecem muitas vezes a cozinha [...] teatro de operação das “artes de fazer” e da mais necessária entre elas, “a arte de nutrir” (CERTEAU e GIARD, 2013, p.207)

Corroborando com o que afirma os autores, as cozinhas no universo estudado muitas vezes vão ser, juntamente com o quintal, o espaço protagonista das lembranças da infância. Elas marcam a memória afetiva dos moradores de modo que é comum encontrar nas histórias de vida a cozinha do sítio onde se morou quando criança:

*A casa era bem simplesinha, de pobe né? Tinha o piso encimentando, ai eu lembro que o piso da cozinha era assim meio laderado, o telhado bem baxinho, e o fogão era de lenha, que nós ía pegar no munturo as lenha pra*

*minha mãe botar no fogo... Mas minha mãe num gostava de menino na cozinha não, apois nois ficava no pé dela, ía umas vizinha, umas cumade dela, ficava assim na cozinha sentada debuiando feijão e nós por ali, pequeno... tudo muleque, ficava ouvindo as conversa, mas nois só queria reinar mesmo ((risos)) Eita... tempo bom né!? (Jorge em depoimento, 11/08/2014)*

A limpeza e organização da cozinha demanda bastante tempo na rotina diária. Sendo um dos principais espaços da residência, ela perpetua-se como um dos ambientes mais utilizados e priorizados pelos moradores entrevistados. Trazendo as marcas do tempo e o do uso cotidiano nas paredes e nos objetos, configuram-se como espaços substanciais dentro das casas.

**Figura 164: Cozinha interna de Dona Juvenília.**



Fonte: Autora (2015).

Mesmo com toda a atmosfera de cuidado que as envolve, elas não deixam de dialogar com a pobreza. Se por um lado estão presentes nas lembranças da infância como lugares ricos de vivências, por outro, as dificuldades enfrentadas para alimentar a família se mostram com mais ênfase nesta parte da casa, onde é preciso muitas vezes improvisar utensílios e fazer render o alimento para que todos sejam satisfeitos. Dona Juvenília lembra o cotidiano no sítio e os equipamentos de cozinha que utilizava na juventude:

*Ha, minha fia, eu trabalhava no cabo da enxada, de manhã quando eu chegava, meio dia, comia um carocinho de feijão, voltava outra vez, quando eu chegava seis horas, nois fazia um cafezinho pra tomar e ía tomo mundo, nois lavava os pratinho, nesse tempo nois não tinha nada, era uns pratinho de barro, umas panelinha de barro, uns potinho de barro, os armário pra gente botar os prato era três caixão de sabão, um em cima do outro pra botar os prato... uma mesinha pra comer, uma mesinha velha... e você sabe como era os banco? Era banco de murungú, daquelas taba... tirava o murungú, fazia aquelas taba e botava as pernas de pau, era os banco... Há minha fia, eu nunca fui rica não! Aí nois ia se sentar eu, mãe com uma almofada e eu com outra, se eu errasse um ponto ali daquele bilro, levava um croque na cabeça que só faltava afundar o casco! Até uma hora da madrugada! (Dona Juvenília em depoimento, 10/ 10/ 2014)*

Nas cozinhas, desenvolve-se uma série de situações que podem ser consideradas o que Dirceu Lindoso em seu estudo da cultura alagoana, chama de “soluções de pobreza” (LINDOSO, 1981, p.4). O autor usa a expressão para qualificar soluções que com um baixo custo financeiro buscam resolver determinadas necessidades. O arranjo dos móveis e utensílios mencionados por Dona Juvenília podem ser definidos como soluções de pobreza.

Mais do que lugar de cozer e de comer, a cozinha agencia atividades de diferentes naturezas: é onde Emanuela estuda e faz os trabalhos da faculdade, onde Geilza gosta de estar à toa, onde Arnaldo concerta os equipamentos eletrônicos que vão ser mais tarde negociados. Ela é também área de sociabilidade. Quando os moradores recebem visitas de pessoas mais próximas, gente que “é de casa”, a reunião acontece ali, onde se conversa e se prepara a refeição em conjunto como se fazia no passado. Na casa de Dona Maria, a grande quantidade de cadeiras à espera das visitas revela não só que a cozinha transforma-se em alguns momentos em espaço de estar como também em lugar de um convívio mais próximo: enquanto a boca fala de pessoas familiares e histórias comuns, as mãos trabalham o alimento.

A cozinha pode ser “o abençoado lugar de uma doce intimidade” (GIARD, 2013, p.259). O sentar-se à mesa denota mais do que suprir uma necessidade física: é na hora do café da manhã que se planejam as atividades do dia, que se diz: “vou à bodega” ou “vou fazer a feira”, ou ainda, é durante as refeições que se começam conversas, discussões, conflitos. Muitas vezes esse vai ser o único lugar que reúne todos os habitantes.

Assim como a cidade, as casas também são perpassadas por diferentes temporalidades: uma é a casa em dia de feira, outra, em dia de missa. Elas

metamorfoseiam-se, são transformadas pelo ritmo próprio que envolve alguns dias da semana, datas específicas ou épocas comemorativas. Em dias de feira, por exemplo, a cozinha se prepara para receber os novos mantimentos e ganha uma dinâmica diferenciada: frutas e verduras colorindo a mesa, o peixe fresco esperando para ser tratado, a correria para fazer o almoço quando se chega em casa: *“dia de sábado não dá tempo de nada”*, diz uma das moradoras.

No sábado seu Gabriel faz a feira, enquanto Josefa prepara o almoço, a irmã, Dona Maria, contribui lavando a louça. Como tem idade mais avançada, é poupada de parte dos serviços domésticos. Enquanto o sábado é um dia movimentado por causa da feira, o domingo demora a passar, mesmo quando as pessoas são aposentadas e não desenvolvem atividades fora de casa durante a semana. O domingo é percebido como no passado: dia de missa e de visita aos parentes. As casas parecem mais calmas e preguiçosas do que nos outros dias da semana.

As relações de gênero se deixam perceber mais facilmente neste espaço, que reforça ainda o papel da mulher como “boa dona de casa”: as panelas sempre bem areadas, a preparação caprichosa das refeições diárias. Neste sentido, as cozinhas são espaços femininos, não pela sua natureza, mas pela organização social que aí se reflete ao longo das décadas. Não são de maneira alguma “naturalmente” espaços de mulher como tantas vezes se afirmou no passado, mas são lugares que durante muito tempo foram destinados às mulheres por uma estrutura social sedimentada ao longo de séculos inteiros e que, ainda hoje deixa seus rastros na esfera do habitar doméstico.

Mesmo no campo da arquitetura moderna, que previa cozinhas funcionais e mecanizadas, as mulheres eram as principais protagonistas. Mesmo que já se adotasse um olhar diferenciado para a figura da dona de casa, que ganhara maior autonomia com o trabalho assalariado, ainda assim era ela a responsável pelas tarefas do lar. De maneira semelhante, em Quebrangulo, quando as casas em estudo são habitadas por casais, os homens utilizam a cozinha mais frequentemente na hora das refeições, enquanto para as mulheres ela se configura como lugar de longa permanência.

Essas relações vão formando sutis territorialidades no espaço doméstico. Na casa de Josefa e Bié, ele passa a maior parte do tempo entre a sala do meio e a sala principal, ambientes que dialogam mais com a rua, enquanto ela permanece

grande parte do dia na cozinha e no quintal. Observa-se que nessas residências habitadas por casais, o uso prolongado de determinados ambientes vai conferindo às casas espaços femininos e masculinos. Mesmo quando Bié ajuda na preparação do almoço com a tarefa de escolher o feijão, por exemplo, esta é realizada na sala do meio e não na cozinha: *“Esse home só faz é bagunça, ói ele fica daí pra lá!”* (Josefa Maria da Silva em depoimento, 29-05-2015)

Mesmo servindo a diversos tipos de atividades, a cozinha é, por excelência, palco das práticas culinárias, nela prevalece toda a dinâmica da produção dos alimentos. Por meio do cuidado que se tem com a comida, é possível enxergar as relações que se mantêm com o próprio corpo e com o corpo dos outros.

**Figura 165: Preparação do almoço na casa de Josefa e Bié.**



Fonte: Autora (2015).

O laborioso trabalho culinário é, de certo modo, o cuidado pelos entes queridos, é para eles que se prepara o alimento, são eles que são nutridos pela comida elaborada neste espaço. Por outro lado, há o cansaço que demanda dessa prática no final do dia, a irritação que vêm da repetida tarefa de cozer o feijão diariamente e a paciência necessária para vigiar o leite no fogão.

*Eu mesmo não assisto novela, porque eu fico na cozinha cuidando de café, botando coisa no fogo, comida no fogo, fazendo o café, aí não assisto. Assisto mais o Faustão dia de domingo porque não tem muita coisa pra fazer. Aí quando eu boto o café no fogo, que ferve, eu encho a garrafa, a comida que eu boto no fogo cozinha, aí deixo pra lá, venho pra cá pra frente e pronto. É porque a comida da noite é mais fácil de fazer, agora o almoço, eita Jesus! Tem que botar feijão no fogo, tem que fazer arroz, fazer macarrão, tem que botar carne no fogo. Eita! (Dona Josefa em depoimento, 18/08/2014)*

Para Dona Maria, o alimento que dá mais trabalho é o feijão, que ela prepara não mais no fogão a gás e sim no pequeno fogareiro posto no quintal. O preparo das refeições marca a rotina dela desde a hora que se acorda, quando tem que aprontar o café:

*Eu, quando é assim no inverno, eu acordo oito hora, oito e meia e no verão seis hora, sete hora [...]Depois lavo o rosto, engrajo o cabelo, visto ota roupa, aí faço um cafezinho e depois vou fazer o almoço... aí pronto.. No almoço é uma massazinha de arroz, é batata, é macaxeira, é inhame, tudo eu gosto... Um dia eu boto uma coisa, ota dia boto abroba... boto feijão, arroz no fogo, cozinha... [...] O que dá mais trabaio é o feijão. Que eu até cumprei agora um calvãozinho pra botar lá na frente, porque melava o fogão todinho, o feijão era verde, e ele subia aquele caldinho né? Aí agora eu faço o foguinho lá, quando vou reparar tá todo cuzinhadinho. (Dona Maria Vieira Cavalcante em depoimento, 29-05-2015)*

Na segunda parte do livro *A invenção do Cotidiano 2*, Luci Giard aborda as práticas culinárias que se situam no mais elementar da vida cotidiana. O estudo trata principalmente do papel das mulheres na preparação da comida no espaço doméstico. De acordo com a autora, o ato de cozinhar corresponde não só um fazer manual, mas também a uma atividade mental, pois ele mobiliza todos os recursos da inteligência e da memória: é preciso organizar, decidir, prever, memorizar, adaptar, modificar, inventar, combinar. (GIARD, 2013).

*Na cozinha, sempre é preciso calcular o tempo que se tem, o dinheiro, não ultrapassar o orçamento, não superestimar a própria velocidade de execução, não atrasar quem vai à escola. É preciso saber avaliar num pestanejar o que será mais vantajoso em preço, preparação e sabor. É preciso saber improvisar com brio quando o leite “derramou” no fogo, quando a carne desembrulhada e limpa se tornou insuficiente para quatro convivas. (GIARD, 2013, p. 271)*

Giard fala também do caráter efêmero e perecível do trabalho culinário. Comparando a arte de nutrir com desenrolar da vida humana, a autora lembra as antigas sociedades em que a morte era acompanhada por um grande banquete:

Nas cozinhas, luta-se contra o tempo, o tempo dessa vida, que sempre caminha para morte. A arte de nutrir tem a ver com a arte de amar, portanto também com a arte de morrer. Outrora, na aldeia, o enterro era ocasião de uma reunião da grande família em torno de um sólido banquete, grave e feliz, depois do sepultamento. Começava-se então o trabalho de luto partilhando alimentos terrestres. Outrora a morte fazia parte da vida, e me parece que não era tão terrível. (GIARD, 2013, p. 233)

As cozinhas estudadas obedecem a diferentes maneiras de fazer, cada dona de casa compõe este espaço a seu modo, de acordo com seu jeito próprio de cozinhar. A maneira particular de arrumar e organizar os pratos, copos, talheres e panelas visa facilitar uma sequência de gestos que são sempre recomeçados no dia seguinte. Nessas cozinhas, não se seguem receitas e regras complicadas: o tempo de cozimento é calculado pelo cheiro e a dosagem de sal é a que cabe na ponta dos dedos. De fato, o tempo mecânico do relógio não substitui o tempo da experiência ou o tempo da natureza quando se olha para o quintal e se sabe que já são seis horas da tarde. Nenhuma das casas acessadas exhibe o relógio de parede na cozinha, costume comum em outros tipos de habitação.

Giard menciona uma linguagem que é própria da cozinha, essa “língua usada para falar de cozinha” (GIARD, 2013, p. 287) segundo a autora, implica quatro domínios de objetos e ações no espaço: os ingredientes; os utensílios ou recipientes; os verbos de ação e descrições dos movimentos das mãos e os produtos finais, que são os pratos obtidos com a preparação. Tal sequência de elementos têm sua língua e seu corpo de referência – “todo um saber bem entendido, que a mais detalhada das receitas jamais conseguirá comunicar” (GIARD, 2013, p. 187). Assim, termos como “escaldar”, “refogar”, “untar”, exigem certo conhecimento prévio da arte de cozinhar. Em relação a essas expressões típicas da cozinha, elas são ainda mais interessantes quando características de lugares específicos.

Em *O Não me deixes, suas histórias e sua cozinha* (2010) a escritora Rachel de Queiroz descreve os rituais do preparo da comida em sua casa na fazenda Não Me Deixes, localizada no sertão do Ceará. As descrições da casa, da cozinha e dos trabalhos culinários são enriquecidas não só pelas expressões e costumes próprios do local, mas também pelas histórias ali contidas. Entre receitas e lembranças a cozinha de Rachel se desenha como um lugar rico em sabores, saberes e afetos:

Falar na cozinha do Não Me Deixes é falar na Nise, herdeira da cozinha de Antônia, no Pici. Embora elas divergissem no correr da vida, foi com a

cozinha da Antônia que a Nise se fez cozinheira. [...] Da Antônia, a Nise também herdou os mistérios do requeijão, uma das comidas mais deliciosas de que tenho lembrança: A coalhada era escorrida num saco, de um dia para o outro, até ficar bem-enxuta. Em seguida, era esfarelada dentro de uma panela (lembro que era uma panela de ferro) e levada ao fogo. Fogo baixo. Ela ia, então, derramando sobre a coalhada, lentamente, manteiga de garrafa (a chamada manteiga de garrafa ou manteiga da terra é a manteiga derretida que vai sendo colhida do soro quente, quando se faz o queijo), mexendo sempre com uma colher de pau, até obter uma mistura homogênea, coalhada e manteiga inteiramente incorporadas. O requeijão estava no ponto quando, levantando-se a colher, escorriam dela fios espessos e cremosos. Esse creme era, então, derramado numa travessa onde, aos poucos, endurecia, ficando numa consistência de canjica (curau), podendo ser cortado a faca e comido ainda quente. Quando frio era ainda muito bom. Mas a nossa preferência era com ele mal saído da panela, ainda quente e derretido na travessa. O melhor, entretanto, era as raspas, aquelas lascas de requeijão meio queimadas que Antônia retirava dos lados e do fundo da panela, punha num pratinho e vinha nos oferecer (claro que em primeiro lugar à caçula, Maria Luíza, sua querida, que ela ainda chamava Neném) (QUEIROZ, 2010, p. 32 e 36)

Nas páginas de Rachel de Queiroz os sabores também servem como veículo da memória. Nesta associação entre comida, lembranças e território, a cozinha coloca-se como lugar privilegiado, onde se desenvolvem uma infinidade de “artes de fazer”, para usar as palavras de Certeau. Fugidias e modestas, essas artes desenvolvem em torno de si todo um sistema de produção e organização do espaço do qual só é possível perceber evidências, nunca a totalidade. As práticas dos habitantes criam uma multiplicidade de combinações possíveis entre velhos e novos procederes, aglutinando experiências de tempos mais remotos em que a palavra continuidade ganha força, mas é ao mesmo tempo fragilizada pelas dinâmicas próprias que compõem a casa.

O ato de cozinhar foi sendo facilitado. Se no passado eram utilizados utensílios que demandavam grande esforço físico, hoje a tarefa de cozinhar foi simplificada pela utilização de novos objetos e pelos alimentos industrializados, já não é preciso moer o café ou o milho para preparar o cuscuz. Tal processo acompanha, de certa forma, o envelhecimento das pessoas, que já não têm a mesma força para manejar instrumentos como o pilão, conforme foi visto com Dona Juvenília.

Alguns hábitos mudaram, outros continuam. O café não é mais moído no pilão, embora ainda seja passado no coador de pano. Mesmo que falemos em continuidade, é preciso dizer que eles, os hábitos, não são cristais. Por mais que se usem certos instrumentos domésticos por um longo período de tempo, as maneiras

de fazer certamente mudam. Assim, certas práticas têm a ver não só com permanência, mas também com transformação, mesmo que esta ocorra lentamente ao longo dos anos.

Por meio das portas das cozinhas (quase sempre abertas ou semiabertas) se vê a extensão do quintal, mesmo que raramente ele seja tido à contemplação.

As portas abrem a casa para o quintal e por meio delas há o vaivem que se estabelece entre um e outro. Os fluxos da cozinha para este espaço são constantes ao longo do dia, mas hora ou outra, ele aumenta em função das atividades que se desenvolvem em um e outro ambiente.

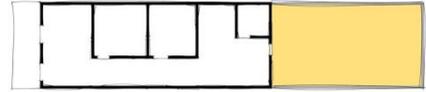
Colhe-se no quintal a erva para fazer o chá contra os males do coração ou ainda o coentro que tempera o feijão, assim essas duas partes da casa vão se comunicando e atravessando uma a outra.



**Figura 166: Vista para o quintal na casa de Dona Maria.**

Fonte: Autora (2015)

### 3.7 QUINTAIS



Nas casas acessadas, os quintais adquirem um sentido de intimidade, já que seu acesso só é possível depois de atravessar as casas, e portanto, é para “gente de casa”. Neles, revela-se uma dimensão da vida cotidiana que geralmente é escondida das vistas do outro. São tradicionalmente lugar dos banheiros, do tanque de lavar roupa, dos varais onde as roupas secam ao sol, do galinheiro, das árvores frutíferas, dos cachorros e dos quatinhos de despejo. No conjunto de casas acessado, 12 apresentam quintais, dentre os quais 7 serão referenciados no texto. Estes foram privilegiados por se tratarem de lugares que participam mais ativamente das dinâmicas domésticas.

**Figuras 167 e 168: Quintais de duas residências em Quebrangulo.**



Fonte: Autora (2015).

Como ficam mais próximos da cozinha, mesmo estando fora do bloco construído, os quintais estão relacionados à interioridade da habitação. A casa olha para a rua e para o quintal, conserva-se entre estes dois lugares de maneira que da rua não se vê o quintal, mesmo que o verde das bananeiras compareça na fachada. Somados às cozinhas, as dinâmicas dos quintais indicam mais um fator onde a casa investigada se colou à casa rural.

Eles vão ser tratados com muito cuidado pelos moradores. Mais do que meros fundos de lote, vão se configurando como lugares de lembrança para muitos deles. Ao perguntar em qual parte da casa Dona Maria passava mais tempo e qual

ela mais gostava, ela respondeu sem hesitação: “*Ha, o meu quintal!*”. O quintal cimentado é composto por quatro grandes canteiros de flores, verduras e outras plantas que emprestam cores ao jardim, o qual a moradora cultiva como quem cultiva um pedaço do seu passado, da vivência na zona rural, onde plantava e criava poucos animais. Assim, o quintal de Dona Maria recebe outro significado, passando ser também área íntima, onde acontecem as relações mais estreitas da moradora consigo mesma.

**Figura 169: Quintal de Dona Maria.**



Fonte: Autora (2015).

Obedecendo a ciclos temporais, os quintais são moldados pela ação humana, mas também pelo tempo da natureza, das plantas, que nascem, crescem e morrem a partir do cultivo e do clima: “*Essas plantinha é porque tá se formando agora, que o verão quente danado, mas o ano passado tava bonito!*” (Maria Vieira Cavalcante em depoimento, 29-05-2015). Há um replantio constante das espécies, algumas permanecem, outras são substituídas.

Entre a segunda e a terceira visita à casa de Dona Maria, o quintal mudou sua aparência, novas espécies de plantas surgiram, outras foram retiradas... O pé de chuchu foi arrancado por extrapolar os limites do muro em direção à casa vizinha, os

gerânios foram substituídos por roseiras... Assim o quintal segue o seu curso, em constante transformação, talvez daí proceda sua vitalidade.

**Figura 170 e 171: Quintal de Dona Maria em setembro de 2014 e em maio de 2015.**



Fonte: Autora (2015).

Ao fundo, uma mesa com quatro cadeiras e armário abriga, em certos momentos, confraternizações familiares. Em época de São João, quando a moradora recebe os filhos e a família, o espaço é embelezado com bandeiras coloridas para acolher o festejo doméstico.

*Vou mandar limpá, pra quando for no São João tá tudo bem bonitinho quando os menino vim, pintar as parede do quintá! No São João meus subrinho vem aqui fazer a festa, aí eu fiz a limpezinha lá... Tão lindo os meu subrinho, tão lindo! Eu gosto deles! [E a festa é lá no quintal?] É, pra assar carne e comere! (Dona Maria Viera Cavalcante em depoimento, 29-05-2015)*

**Figura 172: Área de lazer aos fundos do quintal.**

Portando, em determinados momentos, o quintal pode transmutar-se também em local de sociabilidade, abrindo-se a pessoas que, não sendo do grupo familiar, são, no entanto “de casa”: parentes, comadres e compadres. Talvez o único traço de união entre o quintal e a sala esteja na hospitalidade destes dois espaços.

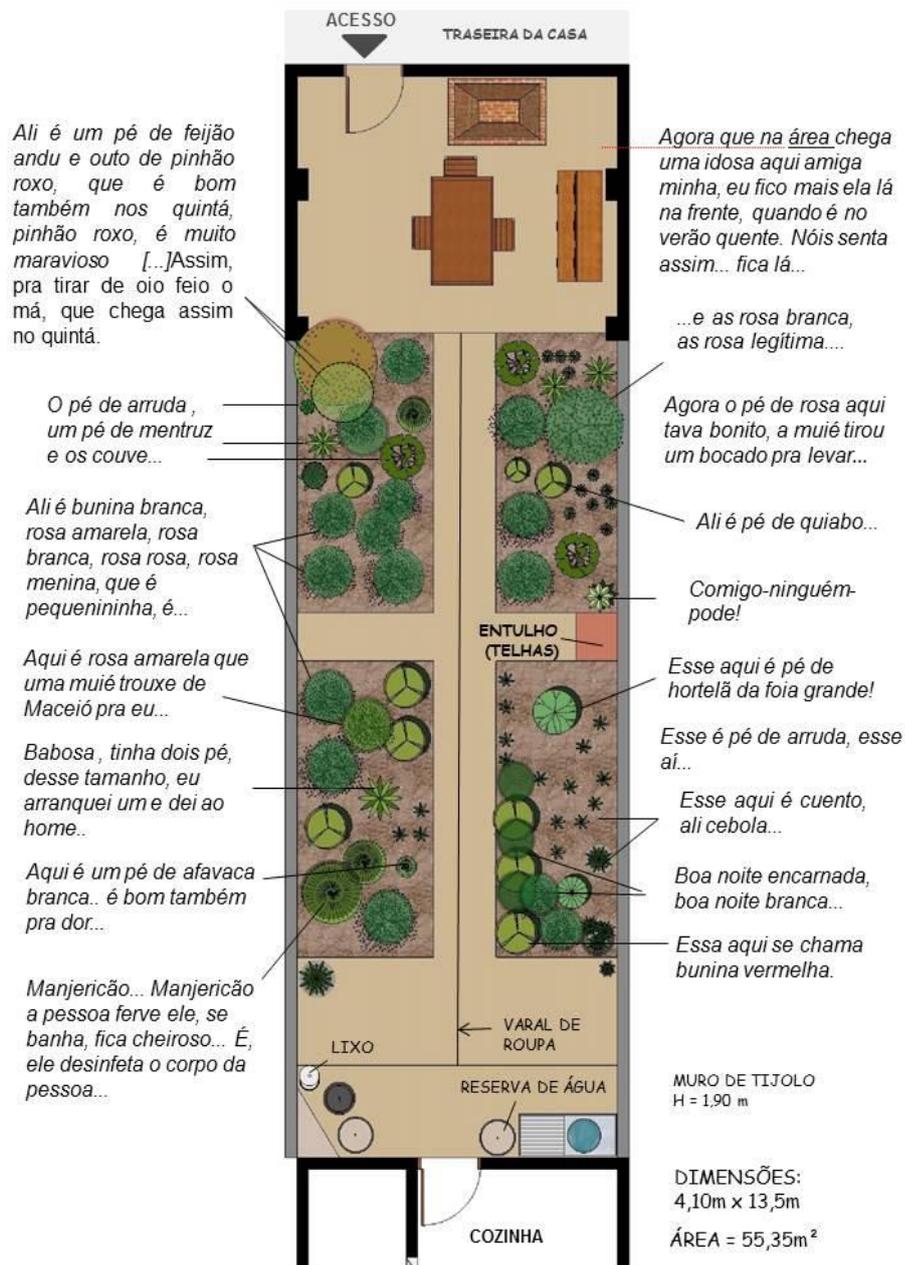


Fonte: Autora (2015).

A disposição das plantas no quintal sugere uma ordem aparentemente aleatória, em que cebolinhas dividem o espaço com as roseiras e as onze horas. Os

coentros são geralmente plantados em vasos, bacias de plástico ou alumínio por causa das formigas. O quintal de Dona Maria divide-se em três grandes zonas: área de lazer, aos fundos, que dá acesso à traseira da casa, canteiros na parte central e área para serviço logo após o bloco construído, que invade, de certa forma, o espaço destinado às plantações com o varal de roupas lhe corta no sentido longitudinal. Os fluxos são ordenados pelos caminhos entre os canteiros, que conferem ao quintal um caráter mais geométrico, mesmo que as plantas organizem-se organicamente dentro dos canteiros.

Figura 173: Planta baixa do quintal de Dona Maria.



São nos quintais que as relações entre pessoas e a natureza ganham formas e conteúdos. Se em outras casas este encontro é formatado pelos jardins mais voltados à contemplação, no conjunto estudado, as áreas verdes mesmo que ordenadas pelo cultivo, continuam desfrutando das sombras das mangueiras, encorajando a criação de plantas e bichos. Nestes, o meio natural aparece não como algo externo, que estivesse lá fora esperando para ser visitado, mas participa da atividade da casa, modelando sua experiência sensorial e lhe atribuindo significados. Pode-se mesmo falar em uma relação fenomenológica entre casas, quintais e natureza.

**Figura 174: Quintal de uma residência em Quebrangulo.**



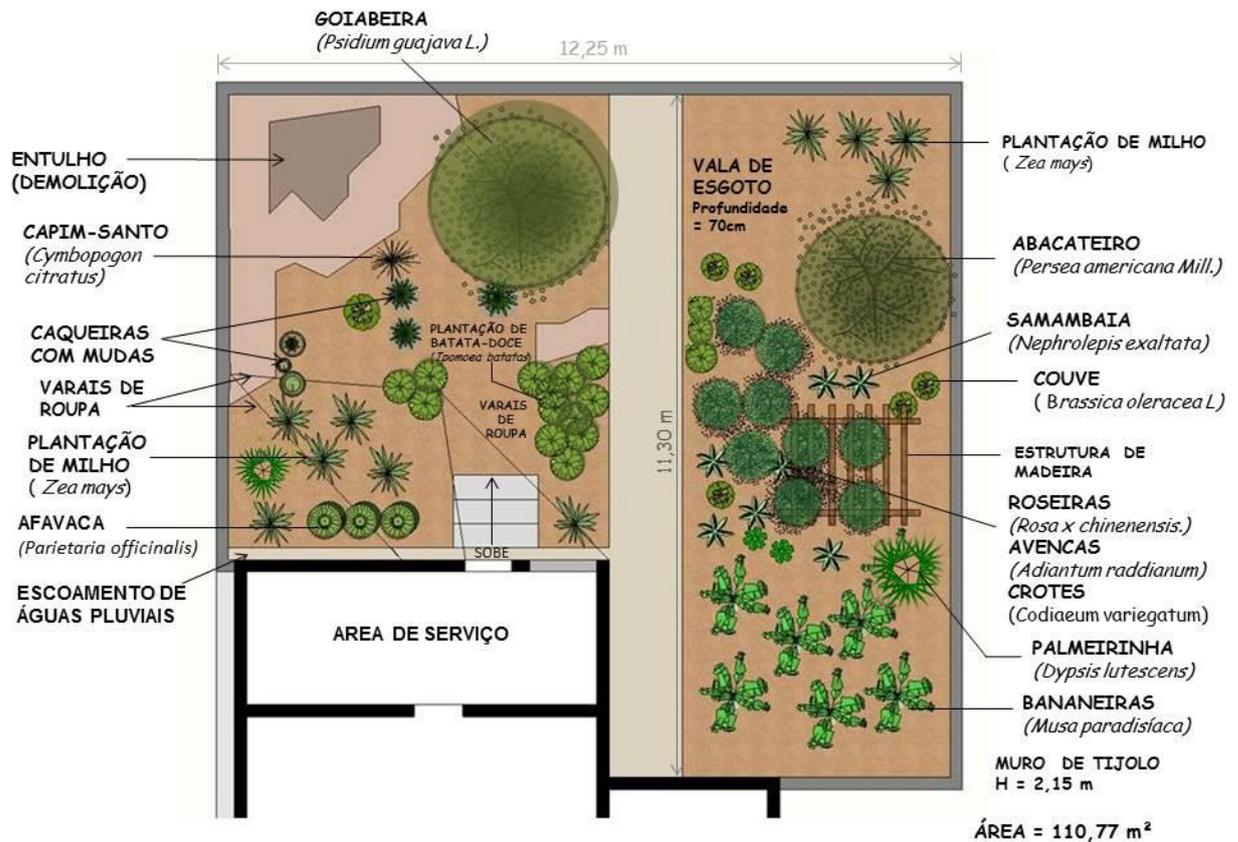
Fonte: Autora (2015).

Nos quintais frequentemente se plantam verduras, hortaliças (coentro, cebolinha, pimenta), flores (roseiras, gerânios, boa-noite, onze horas), espécies medicinais (capim santo, arruda, hortelã) ou mesmo milho e feijão. Como o de Dona Maria, alguns comportam uma grande diversidade de espécies cultivadas para diversos fins: alimentação, ornamentais, medicinais.

Na casa de Josefa e Bié, sobressaem-se as espécies voltadas para alimentação. O quintal ladeirado é cortado ao meio por uma extensa vala de esgoto

desativada que Dona Josefa explica estar ali antes mesmo da construção da casa. Como a área de serviço coloca-se dentro do corpo da casa, o quintal é caracterizado mais pelo cultivo de plantas do que pelos serviços. Mesmo assim é aí que as roupas são expostas ao sol nos varais próximos à casa e os restos de construção são acumulados, principalmente sobras de telhas, tábuas e tijolos.

**Figura 175: Planta baixa do quintal de Josefa e Bié.**



Fonte: Autora (2015)

As plantações de batata doce, milho e as bananeiras ganham destaque, apesar das árvores frutíferas (goiabeira e abacateiro) de maior porte. Das plantas que povoam os quintais, as roseiras parecem ser as preferidas das moradoras. Na casa de Dona Josefa as rosas do quintal deixam a sala mais colorida, durante nossa conversa ela lembrou com tristeza que elas enfeitaram também o velório de sua irmã Maria:

*Eu gosto do meu quintal. Eu planto as coisinha nele. Tem bananeira, rosas, tem tudo. Agora que eu num planto pra mim, planto pros outro. [A senhora dá?]É, eu dou, as rosinha... Quando minha irmã morreu, eu tirei um*

*cachinho branco bem assim e coloquei lá do ladinho dela no caixão.* (Josefa Maria da Silva em depoimento, 25-05-2015)

O manejo do quintal se dá a partir de pequenos cuidados cotidianos: *“Aqui o pé de planta morrendo, é preciso tirar, pra derrubar ele e plantar de novo.”* (Juvenília Vieira Cabral em depoimento, 25-05-2015). Diariamente é necessário retirar as folhas caídas, aguar as plantas na hora certa (geralmente na parte da manhã ou no final da tarde), varrer o terreiro, adubar a terra ou ainda podar alguma planta se necessário.

*Aí fico ali pelo quintal... Arrancando os pezinho de mato, com a coisinha aqui na mão, um pezinho que tiver trombado eu endereito com a enxada, já plantei tanto cuento que nasceu, chega tá brilhando! [...]Num tenho o que fazer, fico só traquinando aqui pelo quintal.* (Maria Viera Cavalcante em depoimento, 29-05-2015)

Em contraposição a um estilo de vida voltado para o interior da moradia, os quintais acessados colocam-se como lugares onde é possível um manejar livremente a terra. Tudo atrai o olfato no quintal, seja o cheiro das plantas, seja da terra molhada quando estas são regadas. Desta forma, são espaços de uma rica vivencia sensorial, chamando a ação não só do olfato e da visão, mas também dos outros sentidos quando o vento balança as folhas das plantas e sua textura insiste em tocar os braços.

Vão ser também lugar dos bichos domésticos, nas casas em questão são principalmente cães e gatos, estes últimos transitam mais livremente entre quintais e interiores. Na casa de Cícera, o cachorro “Gigante” que habita o pequeno quintal é a única companhia da moradora, na de Josefa e Bié, o gato “Naninho” passeia por toda a casa. Na de Olívia, por exemplo, o quintal abriga oito cachorros adotados ao longo de nove anos. Dona Juvenília foge do padrão e cria uma arara por quem demonstra um carinho



Figura 176: Dona Juvenília e sua arara. Foto de Thalita Lins, 2015.

especial.

Dona Zefinha lembra que no passado enquanto as mulheres estavam ocupadas com os afazeres domésticos, os filhos brincavam no quintal dos vizinhos, dessa forma eles eram habitados por gente e bichos. “*Hoje os meninos só querem saber do videogame*”, ressalta ela. Se hoje eles já não servem à brincadeira das crianças, permanecem na memória de alguns moradores como lugares onde é possível encontrar as brincadeiras da infância.

*Esse quintal aqui era bem grande, a gente chegava de manhã, passava a tarde toda, que estudava de manhã né? Tinha tanta árvore! A maioria era de mangueira, tinha umas 6 mangueira.. a gente jogava bola, se trepava no pé de mangueira ((risos)), nos tempo de manga né? Quando num tinha manga, a gente subia só pra amarrar o balanço, pra se balançar. Aí a gente inventava umas brincadeira no quintal, só que o quintal tinha muito buraco, num era certinho, eita.. a gente ia jogar aí arrancava os pedaço dos dedo ((risos)) [...]Aí a gente subia no muro da vizinha pra ir robar as fruta do quintal da casa dela ((risos)) mas ela deixava também... minha mãe gostava de criar galinha, mas minha vó gostava não, que fazia buraco no quintal. (Jorge em depoimento, 11/08/2014)*

Atento ao quintal como espaços de memória, o poeta Manoel de Barros, com a sua sensibilidade encantadora, revela o quanto de nós há em determinados espaços de nossas casas:

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre o nosso quintal é outra coisa. Aquilo que a negra Pombada, remanescente de escravos do Recife, nos contava. Pombada contava aos meninos de Corumbá sobre achadouros. Que eram buracos que os holandeses, na fuga apressada do Brasil, faziam nos seus quintais para esconder suas moedas de ouro, dentro de grandes baús de couro. Os baús ficavam cheios de moeda dentro daqueles buracos. Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. (BARROS, 2015, p. 151)

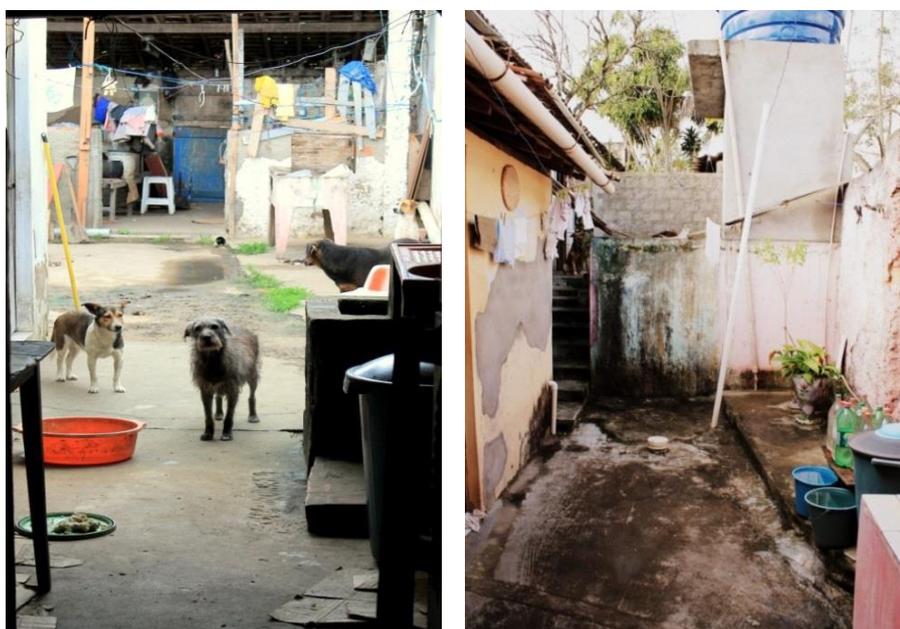
Voltando às casas de Quebrangulo, nota-se que além do cultivo de plantas os quintais têm sua dinâmica vinculada ao funcionamento diário da casa. Se é “dia de água”, as donas de casa aprontam-se aí a lavar a roupa suja; se o prato do dia é “galinha de capoeira”, é no quintal que elas são abatidas e limpas.

Em algumas casas, o chão de terra foi substituído pelo piso cimentado, nestes casos eles não permitem o cultivo de plantações e são incorporados às casas como grandes áreas voltadas prioritariamente aos serviços. Na casa de Dona Josefa da Conceição, o quintal foi quase todo coberto de piso cimentado, nas laterais ficam a área de serviço, o banheiro e o quartinho de despejo onde fica todo tipo de material que é pouco utilizado. Enquanto a maior extensão é também área de estar, onde às vezes a moradora senta-se para conversar com os parentes e amigos. No quintal, uma porta se abre para a casa do filho que neste caso é também o vizinho. Já na de Dona Zefinha, o quintal, antes extenso, foi sendo tomado pela casa, que cresceu em sua direção: *“Aí eu fui aumentando a casa, não sobrou mais quase nada mais do quintal, aí mandei foi encimentar o que restou do bichinho”* (Dona Zefinha em depoimento, 12/08/2014).

**Figura 177: Quintal de Dona Josefa Maria.**



Fonte: Autora (2015)



**Figuras 178 e 179: Quintais de Olívia e Zefinha.** Fonte: Autora (2015)

As casas se alongam em direção aos seus respectivos quintais. Portanto, as áreas de serviço fazem parte do quintal. São pequenas áreas cobertas e cimentadas que colocam-se, em geral, aos fundos do bloco construído. Na maior parte dos casos, elas abrigam o tanque de lavar roupa e objetos relacionados a esta tarefa, estocagem de água, de produtos de limpeza e do lixo. São utilizadas principalmente para o trato das roupas ou de suporte para algumas tarefas da cozinha.

**Figuras 180 a 182: Áreas de serviço no quintal.**



Fonte: Autora (2015)



**Figura 183: Residência de Dona Maria.** Fonte: Autora (2015).

Os banheiros, antes instalados do lado de fora da residência, vão ser posteriormente incorporados ao bloco da casa. Na maior parte das casas

acessadas, eles são dispostos dentro da cozinha. Entretanto, algumas delas ainda conservam o banheiro no quintal. É o caso da casa de Dona Juvenília, onde existem dois banheiros: o de tomar banho e a latrina. Ambos ficam localizados no quintal, arranjo espacial tão comum na casa rural. A moradora não se incomoda em enfrentar o sereno da noite ou das primeiras horas do dia para ir ao banheiro. O de tomar banho é definido somente pelas quatro paredes e um chuveiro de água fria, enquanto no segundo ficam a privada e a pia. Quando falta água “da rua”, o banho é “de cuia” e o corpo sofre os espasmos dá água gelada da caixa d’água.

**Figura 184: Banheiros no quintal.**



Fonte: Autora (2015).

Nos outros casos, os ruídos e odores dos banheiros invadem a cozinha. Eles exigem também que a pessoa atravesse a casa até chegar ao quarto enrolado na toalha depois do banho. O banheiro parece ser o único ambiente que tem seu uso prioritariamente funcional. Ele não faz parte da área íntima ou da área social, mas está próximo dos serviços. Apresentam-se pequenos e estreitos (a maioria tem largura e comprimento inferior a 2 metros) e raramente têm qualquer saída de ar, quando possuem, é uma pequena janela.

Eles parecem ser ainda lugares escondidos, onde se realizam atividades íntimas demais para se deixar ver ou saber. Porém, em alguns foi possível observar que não há qualquer objeto decorativo, comparados aos outros cômodos, são lugares onde o excesso não se instala. Compostos somente por chuveiro, privada e

pia, em regra aparece uma prateleira onde são colocados os produtos de higiene pessoal. As águas servidas são despejadas na fossa negra, que geralmente também fica no quintal.

Os quintais são regidos por um saber tradicional que se mostra principalmente no uso medicinal de suas espécies na forma de chás e banhos. Neles, há plantas que curam o corpo e outras que protegem a casa. O manjeriço evita derrame “*Manjeriço liso. Ele num serve pra fazer chá, ele dá a vida a pessoa!*” (Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 25-05-2015). Contra os males do coração: rosa branca, “*mas da legítima!*” (Dona Maria em depoimento, 29-05-2015); Para combater olho mau, comigo-ninguém-pode; para calmante, vicideira... Enquanto me mostra as plantas, Dona Maria vai revelando a utilidade de cada uma:

*[A senhora faz chá com esse aqui?]Faço! Chá de capim santo, foi que eu arranquei o campim santo, faço chá de hortelã da foia grande, chá de hortelã da foia miúda, faço chá de.. como é o nome? Num lembro... Babosa... tinha dois pé, desse tamanho, eu arranquei um e dei ao home... manjeriço... Manjeriço a pessoa ferve ele, se banha, fica cheiroso... É, ele desinfeta o corpo da pessoa [...]Aqui é um pé de afavaca branca.. é bom também pra dor... Aí eu faço o chá dele, como a foia do couve, faço chá de mentruz [...] Ali é um pé de feijão andu e outo de pinhão roxo, que é bom também nos quintá, pinhão roxo, é muito maravilhoso... [Porque?]Porque ele é de experiência [...] Assim, pra tirar de oio feio, o má que chega assim no quintá[...]Essa fulô branca da própria é bom pro coração! O cabra toma o chá. (Maria Vieira Cavalcante em depoimento, 29-05-2015)*

**Figura 185: Preparações de Dona Maria.**



Fonte: Autora (2015).

Além disso, são espaços enriquecidos pela experiência dos moradores com o campo, com o rural, onde os saberes estão relacionados mais intimamente ao trabalho com a terra e com a natureza, de uma forma geral. Para fazer o café das 25 sementes de Dona Juvenília não basta ter os grãos, a água fervente e o modo de fazer escrito num papel. Soma-se a isso elementos que só a experiência é capaz de consentir: o tempo de abafamento, a quantidade de grãos, o aspecto do líquido quando está pronto para ser consumido...

*Esse aqui é o café de fazer o café das 25 semente, é... O café que eu faço pra vender e tomar... [E como é que faz esse café?] Esse aí torra pra pisar... é... são 25 qualidade de semente [...]Tem umas que eu vou pra Palmeira e Arapiraca comprar. Semente de turco, semente de linhaça, café berão, a jenderoba, a manjerioba e vão assentando no papel.. até completar vinte e cinco qualidade, aí quando completa as 25 qualidade eu torro. Cada uma qualidade de semente, um bocado delas... [A senhora conhece tudinho?] Conheço sim! 96 ano né 96 dia não, eu criada no sítio, lá no Chorador, nesse meio de mundo [...]Aí pra fazer o café torra no fogo de carvão, aí são 25 qualidade: mio branco, bunina branca... faço o pó pra fazer o café, como a gente faz café pra tomar... é a mesma coisa. A gente bota a colé de café na xícara, vem com água ferveno, despeja ali, abafa e toma, fica que nem uma goma. Mas você acredita que você soa, que molha a roupa de suor [...]Todo mês eu tomo uma vez, duas... eu tomava antes.. mas agora eu todo mês eu tomo uma vez, duas... É porque a pessoa na minha idade já ta muito avançada [...] Mas a pessoa moia a roupa quando toma... é botando as mazela pra fora... Apois é aqui minha fia... isso aqui é quando, semente de gandu... tem uma semente de pinhão aqui também. (Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 25-05-2015)*

**Figura 186: Grãos para o café das 25 sementes.**



Fonte: Autora (2015).

Dialogando abertamente com a cozinha, o quintal de Dona Juvenília não só deixa transparecer costumes e hábitos rurais, como também traz um jeito de cuidar e se relacionar com o mundo que é particular da moradora. No quintal estão instalados o banheiro, o tanque de lavar roupa, o reservatório de água, entretanto, ele não é definido somente pelos serviços. Abrigando as pequenas plantações e a arara, ganha um sentido afetivo: *“Eu às vezes me senti aqui, fico aqui sentadinha, vendo esse pedaço inteiro... porque faz gosto a gente vê né?!”* (Dona Juvenília em depoimento, 25/05/2015). Ela afirma que fica a maior parte do tempo no quintal ou na cozinha (que é aberta para o quintal) *“cuidando das coisas”*. O *“cuidar”* é uma boa palavra para descrever o habitar de Dona Juvenília, que trata a casa e as pessoas queridas com a mesma generosidade com que maneja as plantas do quintal.

**Figura 187: Dona Juvenília no quintal.**



Fonte: Autora (2015).

**Figuras 188 e 189: Dona Juvenília mostrando as plantas do quintal.**



Fonte: Autora (2015)

*Ói, meus cuentrinho, né lindo! As minhas plantas, minhas rosas. Já viu orquídea? Tá vendo que pé de orquídea bonito!? Quer tirar o retrato? Tire o retrato dele! Ali é o pé de canela! Aqui outros pezinho mudando. Esse é rosa d'água, mas não tá abrindo ainda não... Cana... Isso aí é coisa da gente fazer chá... Ó, que rosa linda! Tem amarela! Esse aí é canela, já foi cortado duas vezes e fica nessa altura! Ó o pé de pimenta... é minhas coisinha minha fia, ói minhas torceira de cana que eu plantei, desse lado aqui como é lindo. Ha, minha fia eu tenho cuidado nas minhas coisa! Tenho!*  
(Dona Juvenília em depoimento, 30/09/2014)

**Figura 190: Quintal visto dos fundos do lote.**



Fonte: Autora (2015), 2014.

Assim como Dona Juvenília, quando perguntadas em qual parte da casa passam mais tempo, a maioria das mulheres entrevistadas citou a cozinha ou o

quintal. Ficam “*cuidando das coisas*”, nas palavras delas. Assim, nota-se que, como o quintal, a cozinha se define pelo cuidar: “*vou cuidar no almoço*”, “*cuidar no café*”, “*cuidar nas roupas*”. Na verdade, não só estes dois ambientes, mas às vezes toda a casa é envolvida pelo cuidar, não à toa, as expressões “cuidar na casa” e “cuidar na vida” denotam para os moradores a execução de algum trabalho de natureza doméstica.

Partindo de uma reflexão etimológica, Heidegger estabelece uma relação entre o conceito de habitar e a ideia de resguardar. O termo *bauen* (construir) descende de *buan*, antigo alemão, que significa permanecer, residir. Estes significados são também atribuídos a palavra *wuon*, que significa morar em alemão. Heidegger dirá, no entanto, que o termo que mais expressa como se dá a experiência desse permanecer é *wuniam*, que significa “ser e estar apaziguado, ser e permanecer em paz”. Ao mesmo tempo a palavra *Friede* (paz) traz em sua significação o preservar do dano, da ameaça, “preservado de... ou seja, resguardado” (HEIDEGGER, 1971). Para o autor, o traço fundamental do habitar é esse resguardo, que tem a ver não só com “não fazer nada com aquilo que se resguarda”, mas denota algo positivo, se relacionando, portanto, com o cuidar. Assim, se habitar traz na essência do seu significado o resguardar, cuidar, o trato com as coisas pode ser entendido como uma característica inerente à experiência do habitar nas casas estudadas.

Uma pequena porta se abre no fundo da casa de Juvenília. Pelas portas traseiras, os quintais comunicam-se com a cidade. Dali em diante esta se desdobra em mil caminhos familiares: “*Aqui é a traseira da minha casa! Ali é a Rua da Cachoeira! Era nessa rua que eu morava antes... Aqui é tudo... aqui é muito bom. Eu não deixo criar mato não, o rapaz vem aqui limpar... Ali mora um bisneto meu.*” (Dona Juvenília em depoimento, 30/09/2014). A porta baixa tem suas dimensões próximas à do corpo humano, o telhado está ao alcance das mãos. A casa termina tão próxima a ela de forma que no invisível cotidiano, casa e mulher se misturam, formam um só ser: corpo e espaço.

**Figura 191: Dona Juvenília atrás de casa.**



Fonte: Autora (2015).

Vistas do quintal, as casas parecem possuir uma fachada às avessas. Conforme Santos & Vogel (1985), uma exposição da casa, dentro da própria casa, o que coloca em questão se o quintal não seria ele mesmo a apropriação de um pedaço da cidade que de tão íntimo e particular que se tornou, nele foi construída uma habitação.

**Figura 192: Quintal de Dona Josefa.**



Fonte: Autora (2015).

### 3.8 PERPASSANDO OS CÔMODOS: O LUGAR DO SAGRADO



A grande maioria das casas investigadas é perpassada por uma marcante religiosidade que se revela seja nos ambientes domésticos seja nos discursos dos moradores, dos quais 14 são católicos e apenas um é evangélico. As imagens de santos estão ali: na sala, no quarto, na cozinha, nos corredores... A sacralidade não os afasta, ao contrário, faz parte do cotidiano dos moradores.

As casas têm recantos sagrados: altares de fé e altares de memória. Imagens de santos dividem as paredes e o espaço com os “santos de casa”, aqueles familiares que já partiram, mas continuam presentes nas fotografias. De certa maneira, são também santos de casa, canonizados pelos seus, simplesmente pelo amor e pelo afeto. É muito rara a casa que não tem na parede da sala uma imagem do Padre Cícero ou do Sagrado Coração de Jesus ladeado por retratos de um pai ou uma mãe mortos. “Porque a memória do morto entre os vivos tem a ver com a certeza de que a morte não dissolve os laços de família”. (BRANDÃO, 1986, p. 190)

Essa parte do trabalho dedica-se a entender como a religiosidade participa do habitar das casas em estudo, ou seja, como a experiência com o sagrado participa da composição, organização e utilização do espaços domésticos. Nesse sentido, foi feito um registro da iconografia religiosa presente nas casas a fim de se investigar como a fé se espacializa dentro das residências. Este se junta às falas dos moradores na tentativa de se observar a ordem destes objetos especiais nas casas estudadas.

Foram investigadas as denominações dos santos, representados na forma de estatuetas ou imagens, e os ambientes onde eles se encontram. Tal registro<sup>11</sup> foi feito através tanto das informações dos moradores, que durante as visitas iam falando sobre as imagens que cultivavam em suas casas, quanto da observação e pesquisas bibliográfica e iconográfica, quando os moradores não sabiam qual santo estava representado.

---

<sup>11</sup> O registro foi organizado em formato de tabelas, que se encontram anexas ao texto.

Observa-se que as iconografias mais recorrentes são Nossa Senhora (presente em 14 das 15 casas estudadas), o Sagrado Coração de Jesus (10 casas), seguidas do Padre Cícero (9 casas) e Frei Damião (7 casas). Entre os demais santos, destacam-se Santa Luzia (7 casas), Santa Quitéria (5 casas), São Francisco (4 casas) e Santo Expedito (4 casas), a representação da santíssima Trindade comparece em 5 casas.

Alguns santos prevalecem em determinados ambientes. Quanto às representações de Nossa Senhora, são as que mais aparecem nos quartos e salas. São mais comuns o Sagrado Coração de Maria e Nossa Senhora Aparecida. Entre os outros santos, prevalece o padre Cícero (ao todo foram encontradas 24 imagens em 9 casas), seguido de Frei Damião (7 imagens em 7 casas). Mesmo não sendo santos canonizados, são imagens bastante comuns nas casas acessadas.

Nota-se nos discursos de muitos moradores que os santos são caracterizados por verbos de ação. É muito comum o uso de expressões como “Jesus tirou” ou “Nossa senhora tirou” se referindo à morte de alguém próximo.

*A primeira missa foi a finada Crea que me levou, a minha grande amiga que eu tinha aqui e Nossa Senhora tirou ela, de uma comida que ela comeu em Maceió.. foi.. que ela morreu, camarão... era a minha amiga do coração [...]ela foi simhora e eu fiquei. (Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 25/05/2015)*

Num período marcante na história de vida de Dona Juvenília, Nossa Senhora teria sido responsável pelo milagre que devolveu a vida à moradora, quando esta se encontrava doente. Assim a devoção de Dona Juvenília à santa multiplicou seu poder de ação:

*O povo fazendo aquele cardinho e colocando na minha boca, aí o povo vinha me visitar aí dizia: Dona Juvenília amanhã num amanhece viva não, amanhã seu Né vai fazer o enterro dela, eu com as perna bem assim, os pés, inchada toda, até o estambo encheu, a barrigona [...] Aí pedi a Nossa Senhora das Dores da Passagem que ela tivesse compaixão de mim, deixasse eu completar uma data com os meus fio, se ela visse que eu merecia viver, ela continuasse com a minha saúde, se ela visse que eu num precisava mais viver, ela me tirasse, escolhesse uma boa hora e me tirasse, mas ela não me tirou ainda, e nem Nossa Senhora do Rusário, não me tirou ainda. (Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 25/05/2015)*

Brandão (1986), em seu clássico estudo sobre a religião popular *Os deuses do povo*, menciona o milagre como um dos atos mais visíveis e mais acreditados

entre os poderes do sobrenatural, assim boa parte dos momentos de oração é dedicada a pedir ou agradecer o milagre.

Entre os dogmas católicos e as profissões de fé dos protestantes, o milagre é um acontecimento de plena prova do poder absoluto e da vontade soberana de Deus. É um tipo de ocorrência extraordinária, por meio da qual a divindade quebra o curso natural das coisas em nome do seu amor por um fiel, ou por um grupo deles, com o uso do poder total de sua palavra. (BRANDÃO, 1986, p. 131)

Por vezes as imagens são mais do que objetos sagrados, merecedoras de respeito, e são dotadas também de valor afetivo. Dona Maria demonstra sua afeição pelos santos com um buquê de rosas brancas retiradas do quintal. Muito comum é também encontrar os santos envoltos em laços de cetim.



**Figura 193: Imagem na parede da residência de Dona Cícera.**

Fonte: Autora (2015)

*Essas florzinha que eu tiro lá do quintá. É, eu boto aí pros santinho, esses santinho é meus amores, é... de noite eu tô aqui assentada, quando vou dormir rezo mais eles e quando vou dormir. [E a senhora reza aonde?] Aqui assentadinha no sofá e rezando mais eles. Depois disso eu rezo lá dento, lá no quarto e depois vou dormir.*



**Figura 194: Altar de Dona Maria.** Fonte: Autora (2015)

Ela reza *para* os santos, ela reza *com* eles, participando, de certa forma, da sua sacralidade. Assim, através da fé, ela se torna capaz de agir em nome do santo. A história de São Lázaro é narrada com a propriedade de quem convive diariamente com ele:

*Esses aí é o coração de Jesus, esse dali é São Lázaro, aquele dos cachorrinho. Ele tava fazendo uma palestra mais um colega, aí tava com duas enfermidade, uma embaixo e outra no jueio, quando ele terminou as palestra mais o colega, tava os cachorrinho lambendo, aí ele disse: oxente! Pia, e os cachorro lambendo ele nem viu na palestra mais o colega, aí foi, ele fez uma prece, qualquer bichinho assim ele benze, porque ele já manda pros cachorrinho. Aí os cachorrinho curaro ele. Aí quando foi no outro dia a enfermidade manhiceu boinha, os cachorro só fez lamber [...] [E a senhora é devota dele?] É, sou. Essa semana veio dois cachorrinho pra curar e eu curei... mais ele... eu companhei ele, nós curou os cachorrinho. ( Maria Vieira em depoimento, 29-05-2015)*

A imagem do santo, mesmo sendo de material perecível, não é apenas uma figura simbólica, pois é efetivamente em sua materialidade que a santidade se manifesta, de modo que pode ser vista e tocada. Assim, conforme afirma Fernandes “A matéria não é morta. Ou melhor, a santidade vence a morte que permeia a matéria” (FERNANDES apud OLIVEIRA e ARAUJO, 2011, p. 82). No caso de Dona Maria, a santidade de São Lázaro pode ainda ser experimentada por ela no gesto de cura e na reza.

Em relação à disposição das imagens e estatuetas dentro das casas, observa-se que as salas são os lugares onde há um maior número delas. Embora haja quartos como o de Dona Zefinha e de Dona Juvenília, nos quais os oratórios ou mesmo as cômodas comportam grande diversidade de santos.

**Figuras 195 e 196: Santos do quarto.**



Fonte: Autora (2015)

Na casa de Dona Maria, um altar dedicado à Virgem Maria e São Francisco de Assis é também habitado pelo Padre Cícero e Frei Damião, “santos do povo”, não reconhecidos pela igreja católica, mas dotados de grande poder para os devotos. Assim, observa-se que o culto a estes “santos” não se opõe nem substitui o culto aos santos canonizados, há uma convivência pacífica entre eles. No altar, há espaço também para elementos mais cotidianos como folhetos religiosos, calendários, para Bíblia sagrada e a figura do papa.



**Figura 197: Altar no quarto de Dona Maria.** Fonte: Autora (2015)

Na residência de Ana e João, o Padre Cícero figura imperioso na parede da sala, envolto em fitas de cetim pretas, coloca-se ao lado da imagem de Santa Terezinha, do Padre Marcelo Rossi e do filho falecido. Quando perguntei o porquê das fitas enlaçadas à imagem Dona Ana respondeu: “*Porque aqui ele é o chefe da casa*” (Ana Nunes Vieira de Castro, 28/05/2015). Na casa de Dona Cícera, como o marido falecido era devoto do Padre Cícero, as seis imagens do santo permanecem nas paredes, no raque e na mesinha, sendo que para ela a presença do santo ali tenha a ver muito mais com a memória do marido do que um sentido religioso.

Enquanto o lugar preferido para se dispor o Padre Cícero são as salas (apesar de comparecer também em outros ambientes), Frei Damião prevalece nos quartos. Por estar mais próximo dos moradores, talvez estabeleçam com eles uma relação de maior intimidade.

[Ha, aqui no quarto a senhora tem um altazinho né?] *Tenho, pra dormir comigo! Frei Damião, sou muito devota dele, fui muito quando ele trabalhava aqui na cidade, na vila<sup>12</sup>... eu ia... [ E porque a senhora coloca esses de Frei Damião aqui e os outros na sala?] É, porque Frei Damião é especia, Frei Damião num morreu, ele virou santo, ele é um santo.* (Maria Vieira em depoimento, 29/05/2015)

<sup>12</sup> Dona Maria se refere à Vila de São Francisco, povoado de Quebrangulo.

Assim como Frei Damião, os santos do quarto são dotados de um sentido mais particular. Fazendo parte de uma experiência de humanização do divino, eles são trazidos para o cotidiano de modo a representar um sagrado que está ao alcance das mãos. Não à toa Dona Maria usa a expressão “*pra dormir comigo*”, “*conversar comigo*”. Diferente de santos nos quais apenas se crê e sabe-se da sua história, na experiência de Dona Maria com Frei Damião os atos de ver, escutar, tocar transmitem ao santo um status diferenciado e uma experiência de fé ainda mais sólida. Semelhante à Dona Maria, na casa de Dona Juvenília a figura de Frei Damião (ou “*pade Damião*”, como ela chama) está presente no quarto e na memória da moradora:

*Ha minha fia, quando ele [Frei Damião] passava aqui, oito dia aqui em Quebrangulo, eu não fazia nada dentro de casa, só era por o mundo... era... Ai a gente ia pra vila, era muito bom, muito bom! (Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 25/05/2015)*

Há também uma relação de apropriação que permite uma aproximação maior ainda entre o devoto e o santo: o padre Cícero é reconhecido apenas como “meu padin Pade Ciço”, a Virgem Maria é somente “a minha Nossa Senhora”. Há, assim, uma apropriação simbólica do santo não no sentido de posse, mas com o significado de pertencimento e comunhão entre ele e a pessoa.

Ainda em relação aos espaços consagrados por determinados rituais, os quartos revelam-se como lugares onde mais comumente a experiência religiosa imprime suas marcas. Quartos que obedecem uma outra lógica que não a do repouso, do devaneio ou da sexualidade, mas como recintos em que é possível também um encontro com o sagrado. Revestindo-se de temporalidades distintas das outras que perpassam as casas, esses quartos marcam outro tempo, parecem manter-se alheios às demais atividades domésticas, sendo inscritos por preces, orações e terços repetidos dia após dia. Crenças que organizam práticas em torno das quais se desenvolve a rotina de Dona Juvenília:

*Tenho São Francisco dento do meu quarto, tenho aquele oratório cheio de santo de toda diversidade: Nossa Senhora das Dore, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Graça, tudo.. tudo... tudo.. São Francisco, Padinho Ciço, Pade Damião, São José, Santo Antônio... [E a senhora reza pra eles?] Toda noite eu tenho minha petição de rezar pra meus santinho e pedir proteção a eles pra proteger os meus fio e livrar os meus amigo, as minhas amiga de tudo quanto é ruim de viagem. [A senhora reza no quarto?] Rezo no meu quarto. Bom da gente rezar é*

*doze da noite. Doze hora da noite que tá tudo silêncio. A gente reza e oferece ao santo que quer... doze hora da noite. Ói, se você quiser fazer uma viagem amanhã, quando é hoje de noite você vai e reza um rosário doze hora da noite, reza um terço e oferece a virgem Nossa Senhora da Conceição e você espere... Se você errar um padre nosso, num vá não! Que aquela viagem pra você num vai ser feliz! [...] A gente não pode fazer uma coisa, vê que ali não tá dando certo e continuar não... De jeito nenhum... Errou, pronto, deixa pra lá. Ói, toda segunda-feira eu rezo o ofício de Nossa Senhora, toda sexta-feira e todo sábado, que o sábado é de Nossa Senhora. (Juvenília Cabral da Silva em depoimento, 25/05/2015)*

**Figuras 198 e 199: Quarto e oratório de Dona Juvenília.**



Fonte: Autora (2015)

Acerca do significado religioso da casa, Elíade (1992) afirma que esta, assim como o corpo, é um microcosmo onde existe sempre a possibilidade de comunicação com os deuses.

Tal como a cidade ou o santuário, a casa é santificada, em parte ou na totalidade, por um simbolismo ou um ritual cosmológicos. É por essa razão que se instalar em qualquer parte, construir uma aldeia ou uma casa representa uma decisão grave, pois isso compromete a própria existência dos homens: trata-se, em suma, de criar seu próprio “mundo” e assumir a responsabilidade de mantê-lo e renová-lo. Não se muda de ânimo leve de morada, porque não é fácil abandonar o seu “mundo”. “A habitação não é um objeto, uma máquina de habitar”; é o Universo que o homem construiu para si imitando a Criação exemplar dos deuses. (ELÍADE, 1992 p.54)

Se, conforme o autor, sagrado e profano constituem duas modalidades de ser no mundo (ELÍADE, 1992, p. 20), caracterizam também diferentes maneiras de habitar, que, não existem como faces isoladas ou pólos opostos, de modo que sagrado e profano às vezes se cruzam, outras vezes se paralelizam.

Por exemplo, na casa de Dona Maria, ela conserva impecável um altar com diversas imagens de santos na sala, onde em determinados momentos mantém-se “*sentadinha no sofá, rezando mais eles*”, mas por outro lado, é também na sala que ela assiste à novela e ao noticiário e recebe as visitas, ou seja, este espaço, que os símbolos religiosos preenchem de sentido, não está desconectado das rotinas da vida tidas como profanas. Portanto, a sala em determinadas situações e contextos é sagrada e profana, outras vezes é sagrada *ou* profana.

Nas salas, os santos encontram-se frequentemente em mesinhas, raques ou estantes e nas paredes (no caso das imagens). É possível encontrar os altares permeados de brinquedos, objetos decorativos ou de uso cotidiano.

**Figura 200: Altar na sala de Dona Cícera.**



Fonte: Autora (2015).

O oratório, móvel de madeira destinado exclusivamente a abrigar as imagens e estatuetas de santos, foi encontrado apenas em duas residências. Albernaz e Lima (1998) definem o oratório como um “compartimento onde eram colocadas imagens sacras e onde se rezava em antigas construções” (ALBERNAZ e LIMA, 1998, p. 417).



Figura 201: Oratório no quarto de Dona Zefinha. Fonte: Autora (2015).

Se no passado eles eram importantes ferramentas na experiência devocional, hoje, pode-se fazer de uma estante um oratório, desde que se constitua em morada dos santos.

Acerca da importância dos oratórios para a experiência religiosa, Lopes (2010) lembra que ele é como um “habitat das imagens” onde se cruzam registros de histórias de vida e religiosidade:

O oratório torna-se um item crítico da experiência devocional, porque se tornou o espaço/habitat das imagens, que casa com a morada dos devotos, vinculando-se aí a outros registros de sua história de vida: imagens trazidas de viagens, de romarias, recebidas pela morte de parentes e amigos, presenteadas por comadres, etc. Dessa forma, o oratório torna-se onde se cruzam as noções de familiaridade e identificação com as imagens. (LOPES, 2010, p. 116)

Nos oratórios, há tanto os santos principais, aqueles para os quais os moradores rezam pedindo alguma graça e proteção, como aqueles que lá figuram somente para compor o espaço de rezar, dos quais os moradores não sabem nem os nomes, muitos são presentes de amigos e parentes ou recebidos como prêmios de sorteios da igreja. Semelhante aos oratórios, os altares domésticos também são formados por um santo ou grupos deles, mas sem o mesmo sentido de resguardo. Sendo mais abertos, parecem se revestir de um sentido mais público, dependendo do local em que se encontrem.

Como nos outros cômodos, a fé também se expressa na cozinha. O quadro da Santa Ceia dialoga com esse espaço, que torna-se mais do que lugar de produção de alimentos: *essa imagem é pra lembrar de agradecer pelo pão de todo*

*dia*”, diz Geilza. As imagens não estão na cozinha à toa, muitas vezes o morador passa mais tempo neste cômodo da casa.

Os quadros da Santa Ceia geralmente ficam próximos à mesa onde se realizam as refeições, sinalizando, junto a outros elementos, que a cozinha está longe de obedecer apenas a um uso funcional. Na Santa Ceia, segundo a fé católica, Jesus distribuiu o pão e o vinho simbolizando seu corpo e sangue, estes se constituiriam em alimento para a alma dos discípulos e de todos aqueles que simbolicamente continuam participando do ritual, pois a partir daí formariam com Jesus um só corpo. Esse simbolismo presente na imagem faz com que as cozinhas sejam perpassadas também pela experiência do sagrado: ali alimenta-se o corpo, enquanto a imagem sugere o alimento espiritual.

**Figuras 202 e 203: Cozinhas em Quebrangulo,**



Fonte: Autora (2015).

Em algumas casas acessadas a religiosidade se espacializa de maneira mais evidente do que em outras. Enquanto para alguns moradores as imagens de santos colocam-se mais como elementos decorativos ou representativos da religião católica, em outros casos, elas participam mais ativamente das dinâmicas domésticas. Como na casa de Dona Maria, onde os santos estão cuidadosamente distribuídos por quase todos os cômodos obedecendo a uma lógica pessoal da moradora: à noite, ela reza *com* os santos no sofá; pelo dia, Santa Luzia a escuta na cozinha; ao se recolher, os santos do quarto velam seu sono. Por isso ela fala deles com a intimidade de quem se refere a um amigo próximo. O desenho a seguir surge da tentativa de entender como as imagens religiosas estão organizadas na casa e como participam do cotidiano de Dona Maria.

“A Santa Ceia tem que ser no jantál, aí num tem sala de jantál, é cozinha e jantál junto... aí eu boto aqui.”

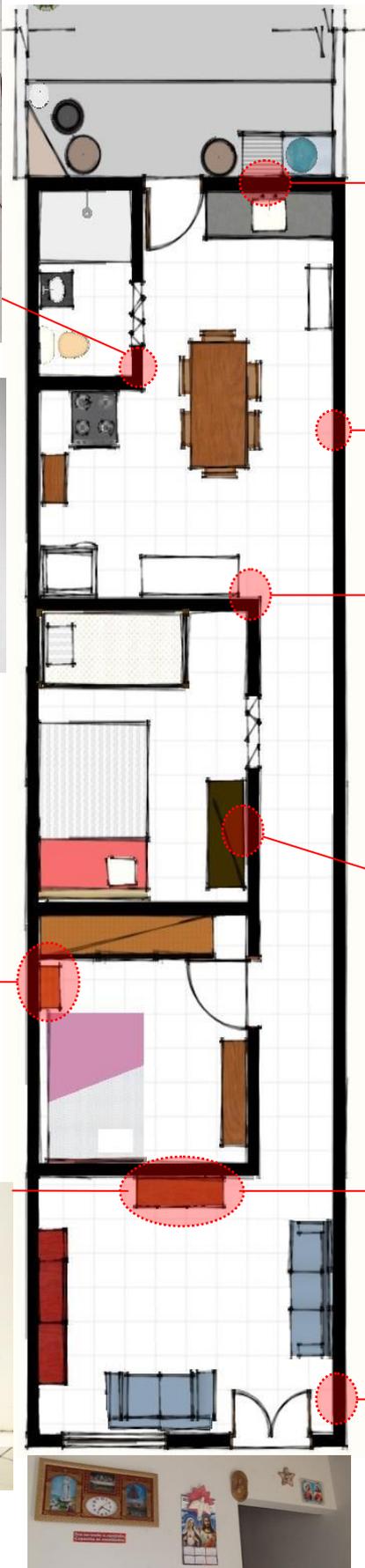


- Frei Damião
- Calendário do Papa Bento
- São Francisco
- Sagrado Coração de Maria



Tenho, pra dormir comigo! Frei Damião... sou muito devota dele, fui muito quando ele trabalhava aqui na cidade, na vila.. eu ía [...] É, porque Frei Damião é especiá. Frei Damião num morreu, ele virou santo, ele é um santo.

[A senhora mora sozinha?]  
Não, moro eu e essas imagens!



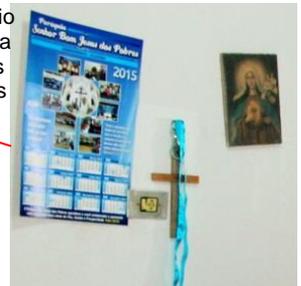
“Agora eu coloquei Santa Luzia aí, pra quando eu tiver lavando os prato espiá pra ela.”



“É Santa Luzia, Coração de Maria e Coração de Jesus . [E porque que a senhora coloca eles na cozinha?] Pra eu ficar conversando, preu num ficar sozinha quando eu tô aqui...”



- N.S. do Sagrado Coração
- Calendário da paróquia Bom Jesus dos Pobres



- Sagrado Coração de Jesus
- São Lázaro
- Padre Cícero
- Jesus menino
- Nossa Senhora das Dores
- N. S. Aparecida
- N.S. do Sagrado Coração
- N.S. das Graças
- Santa Quitéria
- Divina trindade com Maria



Na primeira visita a esta casa, quando perguntei se Dona Maria morava sozinha, prontamente ela respondeu: “*Não, moro eu e essas imagens!*” apontando para o pequeno altar da sala. Conversamos durante um tempo, e depois fiquei pensando sobre a primeira frase que ela tinha me falado, porque o discurso dela demonstra um modo singular de relacionar-se com as coisas e com as imagens especialmente. Revelam a casa como lugar onde não só se desenvolvem as tarefas cotidianas, mas também enquanto um espaço simbólico onde convive ela e os santos, porque o fato dela “morar com imagens” tem a ver não só com fé, mas também com afetividade.

Assim como algumas plantas do quintal protegem a casa do mal, os santos parecem proteger os moradores dos perigos da existência humana. Ao entrar na casa de Dona Maria, o visitante é recebido pelo altar que olha para rua e afasta o mal. Portanto, as casas têm seus guardiões: santos, velas acesas, bíblias abertas marcadas por fitas de cetim, terços nas paredes, folhetos de salmos poderosos.

Os moradores seguem demarcando em suas casas espaços sagrados, tornando alguns objetos mais próximos de Deus do que outros. Muitas vezes, a organização das imagens se dá a partir de uma sensível conexão entre as pessoas e o divino, de modo que faz todo sentido o retrato do filho morto próximo à imagem do Coração de Maria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Estou agora no que parece ser minha última visita à Quebrangulo, pelo menos no contexto desta dissertação. Passei pela Rua Pernambuquinho, que mais do que outro lugares, exerce sobre mim uma atração imponderável. Como um imã, ela bruscamente me arrasta e quase que me força a atravessá-la. Vou caminhando entre as casas, que parecem ter a mesma continuidade infinita da linha do trem que se esconde em suas traseiras. Passo pelas que me são familiares: Cícera, Juvenília, Maria, Olívia, Iracema... Casas que são também mulheres, plenas em sua feminilidade, às quais conheci por dentro. Me acenam, me abraçam, me confiam histórias íntimas como se há muito estivessem familiarizadas comigo. Certamente, a sua matéria, feita de carne, tijolos e espírito, deixava-se afetar por uma alteridade cuja presença somente a princípio lhes causava certo espanto. Tais casas ensinaram-me muito sobre arquitetura, mas também sobre a vida. (...) Acomodo-me agora ao sofá de um apartamento, e que estranha sensação! Estas casas vêm tocar-me ainda aqui, e me transportam para a velha cadeira de balanço de suas salas para lhes desfrutar seus ensinamentos. Certo estava o poeta<sup>13</sup>: “os espaços amados nem sempre querem ficar fechados! Eles se desdobram. Parece que se transportam facilmente para outros lugares, para outros tempos, para planos diferentes de sonhos e lembranças”. (Diário de Bordo, 07 de novembro de 2015)*

O que estas casas têm a falar para os arquitetos? Em que medida ajudam a pensar a produção arquitetônica, inclusive a “erudita”, tal como vem sendo concebida hoje? Vimos que as casas estudadas são universos íntimos, pessoais, mas o seu habitar materializa também relações sociais, culturais e traz a tona importantes questões para os estudos da arquitetura e do espaço habitado, tais como a relação entre humano e não humano ou a concepção do espaço enquanto expressão de subjetividades, valores e identidades. É um pouco sobre isso que pretendo tecer comentários agora.

Conforme foi visto, as casas acessadas obedecem a distintas temporalidades, onde, conforme disse Gullar, “a velocidade da cozinha não é igual à da sala, nem a do quintal” (GULLAR, 1995). Se a postura tradicional do arquiteto racionaliza o espaço, traça linhas entre cômodos, define zonas, fluxos e medidas, o estudo destas casas mostra que o habitar cotidiano rasura essas invisíveis fronteiras, às vezes as

---

<sup>13</sup> Bachelard in A poética do Espaço, 1989.

consentem, outras vezes as diluem; forma nuances entre espaços; territorializa gestos, ações, relações de poder. As casas acomodam gradações entre espaços públicos e privados, rurais e urbanos, dentro e fora. Legitimam lugares sagrados onde a fé se corporifica em práticas, e lugares de lembrança nos quais o passado se materializa na forma de objetos e imagens. Elas se desprendem muitas vezes de sua objetividade física, contestam o fio de prumo que lhes deixou suas marcas e tornam-se outras. Uma é a casa em dia de feira, outra em dia de domingo; uma é a casa que se acessa pela porta da frente, outra, porém, é a que se adentra pelos fundos. Em suas muitas formas de ser, essas casas deixam transparecer humores, emitem ruídos, exalam cheiros de quintal, de cozinha.

A casa não é uma entidade passiva que serve apenas ao abrigo, proteção ou privacidade de seus moradores, ela é um território ao mesmo tempo material e simbólico que atua diretamente no modo de viver dos indivíduos. Se as pessoas atuam diretamente na concepção do espaço doméstico, o movimento inverso também acontece. As casas induzem jeitos característicos de morar, articulam, emolduram, estruturam, facilitam ou proíbem maneiras de fazer. Dizer que a casa é viva não só significa dizer que ela está povoada de gente, como também que ela participa efetivamente da construção das pessoas. “A casa remodela o homem” dirá Bachelard (BACHELARD, 2008, p. 63). O habitante de um apartamento não será o mesmo de uma casa de meia morada, por mais que se trate da mesma pessoa. Há certas singularidades dos espaços que imprimem aos moradores suas marcas próprias, mas a subjetividade destes nunca é relativa a um eu individual, interior, que sofre os efeitos ou a influência do mundo “lá fora”, mas é perpassada também por aquilo que aparentemente se coloca como externo. Somos também as casas que nos produzem.

Ao longo do processo de investigação, aprendi que o que está disposto nas casas diz muito sobre quem está falando. Não me refiro a uma relação direta, é preciso perceber sutilezas. Há uma linguagem das coisas inanimadas que ultrapassa o sentido do elemento meramente decorativo. Sua disposição e organização dentro dos espaços domésticos obedecem a lógicas pessoais e têm a ver com a importância que algumas delas adquirem durante seu convívio com os moradores. A disposição dos santos nos altares domésticos, bem como da vegetação no quintal segue também lógicas próprias, em que as relações entre

pessoas e objetos ultrapassa as barreiras temporais e se constituem em rastros do habitar definido conforme Heidegger: como um “demorar-se junto às coisas”.

Os quadros das paredes, as fotografias, os objetos caros falam de continuidades e rupturas, traçam percursos de uma vida. Ao mesmo tempo em que se constituem em fragmentos de memórias, acalentam também um sentido de permanência frente à fugaz experiência do habitar. Também eles têm uma trajetória, e porque não, uma biografia? Se para alguns o corpo é morada da alma, as coisas que nos rodeiam abrigam também seus espíritos.

Olhar esses elementos implica também em questionar as relações mediadas apenas pelo consumo, nas quais a produção e aquisição constante de objetos, muitas vezes descartáveis e passageiros, colocam-se como ponto central. Como se não tivessem aprendido a lidar com o descartável, os velhos moradores entrevistados seguem acumulando e reutilizando objetos que para outros são apenas embalagens, de modo que é possível encontrar o pote de iogurte abrigando as flores que enfeitam cozinha ou a caixa de margarina guardando o material de costura.

Em meio à miudeza dos objetos, imagens, utensílios e “inutensílios” de uso diário, às tarefas rotineiras de limpar, arrumar e cuidar das coisas domésticas, é possível ainda uma experiência estética da casa: *“Eu às vezes me sento aqui, fico aqui sentadinha, vendo esse pedaço inteiro.. porque faz gosto a gente vê né?!”*. Dona Juvenília senta-se no quintal e observa as plantações, o terreiro, o pé de canela... Talvez o pensamento visite outros lugares enquanto os olhos são inundados pelo quintal ou talvez permaneça exatamente ali, onde as coisas não entram simplesmente pelos olhos e mostram a sua imagem, elas aparecem de dentro.

Assim, essas casas possibilitam pequenas epifanias, conquistam valores poéticos. Não seriam maneiras de abrandar do cotidiano o buquê de rosas amarelas que perfumam a sala ou a fita de cetim azul acolhendo o retrato do Padre Cícero? Não haveria, pois, uma estética próxima da vida comum e cotidiana, em que pequenos gestos são capazes de causar rupturas, ainda que breves, na sucessão ordinária dos dias e aproximar estas habitações do que Ecléa Bosi denomina “casas adoráveis”?

As histórias de vida muitas vezes decorrem em sobrados de pequena classe média que não merecem tombamento porque lá não morou nenhum barão, mas foram adquiridos com prestações custosas, privações sem fim, que resultaram nessas casas adoráveis que conhecemos: a máquina de costura a um canto da sala, a TV redimida por uma toalha de crochê, os gerânios... (BOSI, 2013, p. 74)

Além disso, a personificação das casas em alguns momentos e dos objetos em outros fragilizam os limites entre o humano e o não humano na arquitetura. Na casa de Juvenília, a máquina de costura é resguardada por um paninho rendado para não sentir frio, na de Dona Zefinha o “bichinho” do quintal foi engolido pela casa e para Dona Maria não ficar só, a imagem de Santa Luzia lhe faz companhia na cozinha. A casa aparece quase como um ser vivo, ser de sensações. Ela respira, transpira, se expande e se retrai, expõe humores. A casa pensada como o invólucro do corpo transforma a sua matéria em segunda pele, face humana.

Uma questão significativa no trabalho é o fato da maioria das habitações estudadas serem habitadas por velhos. Mas quais as implicações de se ouvir pela voz dos velhos? Quais contribuições estas antigas casas e seus velhos moradores trazem?

Bosi fala em diferentes tipos de opressão a que o velho está submetido, seja por mecanismos burocráticos invisíveis, com a burocratização da aposentadoria e do asilo; seja por mecanismos psicológicos, como a tutela e a falta do diálogo e reciprocidade; ou mesmo por mecanismos técnicos, como as próteses e a precariedade existencial de quem não pode pagar por elas. Assistem ainda à descontinuidade de suas obras e à ação de mecanismos velados cuja ideologia é da supremacia das gerações mais jovens sobre as mais velhas. Mesmo sendo um fator tão natural quanto a cor da pele, a velhice ainda é tomada preconceituosamente. Na sociedade da competição e do lucro, expressa a autora, ser velho é lutar para continuar sendo humano. (BOSI, 1994, p.79).

Entretanto, há múltiplas formas de envelhecer, experiências e vivências plurais nesta fase da vida. Se por um lado, os velhos são privados de muitas benesses que a contemporaneidade é capaz de oferecer, se sofrem as inúmeras dificuldades que chegam com o galgar dos anos, por outro lado, eles são sujeitos de suas próprias histórias. Não são vítimas da vida, do tempo, da pobreza, mesmo sofrendo as implicações de viverem na condição de velhos numa sociedade que

glorifica o corpo-mercadoria, bonito, esbelto, sadio. Os que povoam este trabalho muitas vezes reproduziram o discurso da velhice como um peso que se carrega, outras vezes negaram estar nesta condição, em que o velho parece ser sempre o outro. Mas, o corpo fragilizado é capaz de deixar seus humanos rastros no espaço, imprimir neste as marcas de uma vida e protagonizar histórias que continuam. Corpo que pensa, recorda, planeja, experimenta e age em ritmos que lhe são particulares.

Buscou-se, pois, quebrar o sentido de uma linha do tempo desenhada como vetor de direção única, a favor das muitas temporalidades que nos habitam e que atravessam também a arquitetura. Ouvir pelos velhos é também uma forma de contestação de discursos hegemônicos. De transgredir modelos impostos à arquitetura quando desprovida do seu compromisso com a expressão humana e os valores simbólicos, éticos e afetivos dos espaços.

Assim como os moradores, as casas também se submetem à passagem do tempo, cujas marcas penetram os retratos, atravessam paredes, afetam a materialidade das casas, atingem o corpo dos moradores, de forma que casa e corpo suportam ambos o peso da matéria. A casa exhibe também suas rugas, sinais de cansaço. Corpo e arquitetura sucumbem ao tempo.

Além do corpo que habita a casa, quero falar também de um corpo que experimentou casas, ouviu emocionantes relatos sobre perdas, encontros, superação, conflitos... Corpo que sentiu cheiros de cozinha ou do mofo que às vezes inunda quartos inteiros. De um corpo que viu e tocou e sentiu lugares e deixou-se afetar por eles.

Foi preciso em alguns momentos curvar-se diante da casa na pretensão de atravessar suas portas. Sentar, levantar, subir degraus, afastar cortinas, abrir caminhos entres os varais de roupas estendidas no quintal. Foi necessário vivenciar espaços para entender suas dinâmicas, entrar nessas dinâmicas para falar sobre elas. E ainda conhecer pessoas, escutar narrativas, compreender pausas, silêncios, hesitações. Mas como compreender construções, de tijolos e discursos, se não juntando a estas a própria experiência de mundo?

A investigação destas casas parece provocar fissuras no pensamento que se quer demasiado científico, profissionalizado, especializado. Sendo elaboradas sob outros códigos e construídas sob valores que não aqueles considerados “acadêmicos”, elas desafiam o arquiteto a buscar desvios, novas ferramentas de

apreensão, compreensão e representação do espaço. Reafirma-se, portanto, a importância do empírico para a construção do conhecimento. O saber “científico” muitas vezes se afirma hegemonicamente sobre todas as outras formas de saber, em alguns casos deslegitimando impressões, subjetividades, apagando singularidades. Entretanto, esta dissertação buscou mostrar que há muitos caminhos possíveis para se acessar e interpretar a arquitetura, um deles é o experimentar.

Pallasma parte da noção de um espaço da experiência, em que não só os olhos, mas todos os outros sentidos são chamados a atuar. Em direção a uma “arquitetura dos sentidos”, ele defende uma arquitetura de experiências multissensoriais em que a vivência humana é colocada como questão crucial.

A experiência do lar é estruturada por atividades distintas – cozinhar, comer, socializar, ler, guardar, dormir, ter atos íntimos – e não por elementos visuais. Uma edificação é encontrada; ela é abordada, confrontada, relacionada com o corpo de uma pessoa, explorada por movimentos corporais, utilizada como condição para outras coisas. A arquitetura inicia, direciona, organiza o comportamento e o movimento. Uma edificação não é um fim por si só; ela emoldura, articula, estrutura, dá importância, relaciona, separa, une, facilita e proíbe. Assim, experiências autênticas de arquitetura consistem, por exemplo, em abordar ou confrontar uma edificação, em vez de apropriar formalmente uma fachada; em olhar para dentro ou para fora de uma janela, em vez de olhar a janela em si como um objeto material; ou de se ocupar o espaço aquecido, em vez de olhar a lareira como um objeto visual. (PALLASMA, 2011, p. 60)

De maneira semelhante, Ludmila Brandão (2008) ressalta a importância de outras formas de experimentação do espaço arquitetônico, onde a corporeidade possa ser explorada em suas múltiplas camadas sensíveis.

é como se a arquitetura precisasse fechar os olhos por uns tempos, se permitisse ouvir, cheirar, perceber com o tato, com o deslocamento do corpo, flagrar o nascimento do espaço nessa conjunção de elementos e suas capacidades afetivas... O olho, bom, nada contra o olho. Ele só precisa ser “desprogramado”, particularmente na arquitetura. (BRANDÃO, 2008, p.135)

A arquitetura está numa dinâmica constante com as pessoas e com outros elementos espaciais, sejam eles materiais ou não. O cheiro também pode definir um espaço, bem como os ruídos. Ecléa Bosi menciona um mapa sonoro da cidade que é fundamental para um sentido de identificação dos seus habitantes. Quantas outras cidades não se relevariam a partir dos sons que mesmo cotidianos passam despercebidos? Assim como as cidades, as casas, enquanto espaços habitados, se

revelam não somente em termos visuais, mas a partir de múltiplas percepções. Perceber a imaterialidade da arquitetura, as sutilezas dos gestos, das práticas, das “artes de fazer” passa não só pelo crivo da sensibilidade, mas também tem a ver com uma nova postura do arquiteto frente ao espaço habitado.

A vivência dos lugares, a experimentação do espaço do “outro”, enquanto método para se fazer arquitetura poderá auxiliar os arquitetos na busca por soluções mais próximas do cotidiano dos habitantes, que respondam a demandas específicas de determinados grupos e não a uma ideia universal do morar. O negligenciamento das diferenças e o apagamento das singularidades que seguem produzindo habitações alheias aos lugares onde se instalam e de precária qualidade arquitetônica decorrem muitas vezes da distância adotada entre o profissional e o usuário. A experiência desta dissertação mostrou que mergulhar nos espaços do cotidiano, estejam eles relacionados à cidade ou à habitação, é também uma forma de retroalimentar o saber e o fazer “erudito” com a dimensão do vivido.

Esta dissertação incorpora narrativas pessoais, mas ela própria coloca-se como uma narrativa sobre casas e pessoas e vivências e práticas domésticas. Se a narrativa tem a ver, conforme Benjamin, com a “faculdade de intercambiar experiências”, aqui, ao lado das falas dos moradores houve um esforço de articular uma polifonia de vozes, inclusive a minha própria, no sentido de dizer casas através da literatura, das imagens e da matéria narrada.

Ainda sobre a relação entre pesquisadora e entrevistados, transparece muitas vezes no texto o cultivo da simpatia, os laços de afeto, ainda que recentemente formados, que resultaram do compartilhar de experiências. Ao emprestar falas, caçar lembranças, alinhar histórias, refletir sobre questões sobre as quais nunca antes haviam se debruçado, eles construíram o alicerce das minhas reflexões. Portanto, são também, de certa forma, sujeitos desta pesquisa. O processo de investigação não se coloca como uma via de mão única, “sou vista também pelos olhos que vejo”. As pessoas entrevistadas não devem ser tomadas, de maneira alguma como passivas, ingênuas, de cujas falas me aproprio. Nesse sentido, as velhas polarizações entre sujeito e objeto são desmanteladas a partir do momento em que este “outro”, às vezes tão próximo, outras vezes tão diferente de mim, toma também o fio que conduz a narrativa.

Contra-pondo-se a outras maneiras de se construir ciência em que tudo se explica, a narrativa abre espaço para uma construção atenta às diversas vozes que se atravessam, aos saberes desqualificados e aos muitos sentidos das palavras. Ao considerar a dimensão do vivido, ela possibilita uma reflexão aberta às múltiplas dimensões do espaço habitado. Incita, além disso, diálogos entre arquitetura e outros campos do saber, como o da literatura, que atuando nos interstícios da ciência, mobiliza saberes insuspeitados, como recorda Barthes:

Todas as ciências estão presentes no monumento literário [...] a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta [...] Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro [...] A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distancia que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. (BARTHES, 1978, p. 18-19).

A literatura neste trabalho possibilitou construir pontes entre diferentes vozes, seja a do poeta, do escritor, do teórico, do morador ou da pesquisadora; trançando diferentes tipos de conhecimento. Constituiu-se, ainda, numa tentativa de alcançar dimensões do espaço que somente a ciência não é capaz de acessar. Ao diluir as fronteiras do mundo visível, explicável, luminoso, leva-nos por caminhos insuspeitados de uma interpretação dos lugares, em que, o espaço do habitar, pleno de afeto, é também terreno poético e sensível.

Assim como a literatura, as fotografias falam em seus códigos próprios. A imagem de uma sala, onde há uma estante recheada por animais de porcelana e paredes azuis vestidas por fotografias antigas não atua apenas no sentido de representar um espaço, mas é também a construção de um espaço. Se o fotografar requer uma percepção atenta aos elementos espaciais, à luz, à organização dos elementos e ao posicionamento diante deles, é muitas vezes dessa sensibilidade e desta procura pela melhor posição que nós arquitetos precisamos. Assim, a fotografia e a literatura, que não são prerrogativas habituais dos arquitetos, podem também se constituir em fontes mais humanas para o fazer arquitetônico.

A primeira vez que visitei Dona Juvenília, recebi uma flor: “bonina vermelha”, planta ditosa que tinge de pontos vermelhos o verde do quintal. Na segunda vez, ela

me deu galhos de manjeriço, cujo chá tem propriedades específicas para curar as mazelas do corpo e na forma de banho poderia proteger-me do mau olhado e inveja alheia. Na terceira visita, Dona Juvenília me deu sementes e me ensinou a plantá-las: é preciso cavar um buraco não muito fundo, regar, esperar; depois do nascimento da planta, aguardar diariamente, tirar as folhas mortas, podar em noite de lua cheia. São miúdos cuidados, sutis substâncias da existência que revelam gestos específicos do habitar das casas investigadas. Modos de viver em que, no mundo confidencial das raízes, humano e natureza estabelecem profundas relações. Falei natureza, mas tudo ao redor da casa não será também construção humana?

O último presente de Dona Juvenília me levou a pensar se aquelas casas não seriam elas também sementes, que, em puro devir, nascem, crescem e depois voltam a terra. Enquanto vivas, espalham seus grãos de pólen pelo vento e levam a outros lugares sua matéria. Estas casas irão morrer, mas quem sabe em sua potência latente de semente, não ressurgem? Quem sabe não se traduzam em formas de pensar a arquitetura em que pessoas e espaços estejam próximos?

Contra-pondo-se à arquitetura do espetáculo, que segue alimentando mercados e concebendo ambientes amorfos e escassos de adjetivos, o habitar das casas investigadas em Quebrangulo nos instrui acerca da concepção de lugares mais humanos, onde o habitante é parte da arquitetura. Tais casas são também territórios de expressão, de ação, de micro resistências frente às atuais tensões de homogeneização e standardização dos espaços. Nesse sentido, cabe recordar o discurso de Lina Bo Bardi em relação ao sentido humano da arquitetura:

Um templo, um monumento, o parthenon ou uma igreja barroca existe em si por seu peso, sua estabilidade, suas proporções, volumes, espaços mas até que o homem não entre no edifício, não suba os degraus, não possua o espaço numa “aventura humana” que se desenvolve no tempo, a arquitetura não existe, é frio esquema não humanizado. O homem cria com o seu movimento, com os seus sentimentos. Uma arquitetura é criada ‘inventada de novo’ por cada homem que nela anda, percorre o espaço, sobe uma escada, se debruça sobre uma balaustrada, levanta a cabeça para olhar, abrir, fechar uma porta, sentar e se levantar é um tomar contato íntimo e ao mesmo tempo criar formas no espaço, expressar sentimento; o ritual primogênito do qual nasceu a dança, primeira expressão daquilo que será a arte dramática. Mas este contato íntimo, ardente que era ‘percebido’ pelo homem no começo, é hoje esquecido. A rotina, o lugar comum fizeram esquecer ao homem a beleza natural do seu ‘se movimentar no espaço’, se movimentar conscientemente no espaço, nos mínimos gestos, na menor atitude. O homem perdeu o sentido da harmonia interior, estranho num mundo por ele criado, as situações fogem das mãos dele. Um ver ‘grosso modo’ afogou a sensibilidade viva, cancelou a vida; e subir uma escada, levantar a cabeça para olhar uma forma, abaixá-la, não são mais gestos

conscientes, mas uma triste rotina que não desperta mais no homem a maravilha, a felicidade. Queremos repetir aqui, através de Adolphone Appia, uma citação de Schiller: 'Quando a música chega à mais nobre possança é forma no espaço' (BARDI apud OLIVEIRA, 2006, p.358)

Este estudo pode contribuir também para que pensemos a produção de casas populares, tal como estas vêm sendo concebidas hoje no Brasil. Através do programa habitacional Minha Casa, Minha Vida produz-se conjuntos de casas padrão que se erguem apartados da cidade consolidada e repetem uma mesma tipologia arquitetônica em todas as regiões do país.

Nestas habitações, a disposição dos cômodos como sala, dormitórios, banheiro e cozinha rigidamente separados e definidos a priori revelam uma ideia universal e genérica das demandas do morar, em que há uma correspondência direta entre ações e espaços: dormir-quarto, cozinhar- cozinha, socializar-sala. Como se tais funções não fossem capazes de gerar configurações e arranjos espaciais mais complexos. Soma-se a isso o reduzido dimensionamento destas habitações, elaboradas sob as medidas mínimas aceitáveis. Ora, vimos nas casas estudadas que as cozinhas podem ser áreas de sociabilidade e os quartos estão longe de servirem apenas ao descanso. E o que terá sido feito com o espaço do quintal?

Além disso, a setorização dos espaços domésticos em área social, de serviços e íntima, que continua presente em grande parte da produção formal de moradias, mesmo daquelas não destinadas a famílias de baixa renda, constitui ainda uma reprodução generalizante de padrões arquitetônicos modernistas. E quanto do moderno ainda existe em nossas escolas de Arquitetura! É certo que a partir do uso, as pessoas vão se apropriando das casas, transformando-as aos poucos em lugares de morada. Mas a arquitetura não deve dificultar este processo, deve sim atuar como facilitadora de ações e de processos de identificação.

Contra-pondo-se a esse modelo único de habitação cuja construção baseia-se num modo de morar pré-determinado, as casas investigadas nesta dissertação sinalizam a importância de uma aproximação maior entre aquele que projeta e para quem se projeta. Alertam para uma prática arquitetônica que leve em consideração as distintas formas de viver das pessoas. Nesse sentido, o entrar nas casas e conhecer seus sujeitos pode ser um método eficaz – um a mais- para se conceber

uma arquitetura comprometida com as vivências das pessoas no seu estar no mundo.

Como seriam mais apazíveis as intervenções urbanísticas baseadas em cartografias do vivido, em mapas que abrangessem o movimento e que aproximassem cidadão e cidade! A construção de mapas enquanto ferramentas essenciais aos arquitetos e urbanistas pode também ser guiada pela escuta comprometida e pelo olhar atento. Os mapas construídos neste trabalho deixam pistas de como as ferramentas metodológicas para se pensar e atuar na cidade podem ser construídas sob outros pressupostos e não apenas tomando como referência estatísticas, documentos e mapas “oficiais” que mostrando os lugares do alto, distanciam-se muitas vezes das pessoas “lá embaixo”.

Um trabalho nunca diz tudo que pode ser dito, nunca está finalizado por completo, apenas chega o momento em que precisa ser entregue. E sempre haverá muito a falar sobre o que envolve uma casa. Espera-se que as estudadas aqui toquem, de alguma maneira, aquelas outras, que construídas sob o manto do “erudito”, colocam-se muitas vezes como um dos inúmeros espaços vazios de encantamento que somos obrigados a suportar. Anunciando condições de deslocamentos ao fazer dos arquitetos contemporâneos, este trabalho se configurou também como um plantar de sementes, fomentando possibilidades para que, neste solo às vezes pedregoso, outras vezes movediço da contemporaneidade, outras arquiteturas germinem.

## REFERÊNCIAS

- ÁBALOS, Inak. *À boa vida – visita guiada às casas da Modernidade*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.
- ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*. 1. ed. São Paulo: Pro Editores, 1998.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AMORIM, Luiz & LEITÃO, Lúcia (Org). *A casa nossa de cada dia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- BACHELARD, Gaston (1989). *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BARDI, Lina Bo. *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.
- BARROS, Alice de Almeida. Hábitos no habitar. Hábitos de morar e a criação do espaço arquitetônico. *Drops*, São Paulo, 12.057, Vitruvius, jun 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.057/4386>>. Acesso em 14/09/2013.
- BARROS, Francisco Reinaldo Amorim. *ABC das Alagoas: dicionário bibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas*. Brasília: Senado Federal, 2005.
- BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BARTHES, Roland. *A aula*. São Paulo, Cultrix, 1978.
- BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Mágia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

- BRANDÃO, Ludmila Lima. *A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 17. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994
- \_\_\_\_\_. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 3. ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Velhos amigos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 morar e cozinhar*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_, Michel. *Andando na cidade*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. n 23, 1994.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. 1. ed. São Paulo: FFLCH, 2007.
- COSTA, Lúcio. *Documentação necessária*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. n 01, p. 31-30, 1937.
- ELÍADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FAQUINI, Rui e LEMOS, Carlos A. C. *Moradas do Brasil*. 1. ed. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2008.
- FELIX, Loiva Otero. *Pensando a história*. In: FELIX, Loiva Otero. *História e Memória: a problemática da pesquisa*. Passo fundo: EDIUPF, 1998.
- FERRAZ, Marcelo Carvalho. *Arquitetura rural da Serra da Mantiqueira*. 1. ed. São Paulo: Instituto Lina BO e P.M. Bardi, 1996.
- FERRARE, Josymary Omena Passos. *Inventário do patrimônio construído arquitetônico e percepções da cidade histórica de Marechal Deodoro: livro e leitura de valoração para os moradores*. In. *Arquimemória*, 4, Salvador. *Anais*. Salvador, 2008.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- GULLAR, Ferreira. *Poema sujo*. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 1995.

HEIDDEGER, Martin, *Ensaio e conferências*, Petrópolis: Vozes, 2006.

JACQUES, Paola Berenstein. *A estética da ginga: arquitetura das favelas através da obra de Helio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra e Salvador: EdUFBA, 2007.

\_\_\_\_\_(Org.) *Apologia da deriva, escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

\_\_\_\_\_. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008 .

Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>.

Acesso em: 30/06/2015

KAUFMANN, Jean Claude. *A entrevista compreensiva, um guia para a pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes. Maceió. Edufal, 2013.

LEÃO, Gonzaga. *Casa somente canto, casa somente palavra*. São Paulo: Escrituras, 1995.

LEMOS, Carlos A. C. *História da Casa Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

\_\_\_\_\_. *Cozinhas, etc*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LINDOSO, Dirceu A. *Uma cultura em questão: a alagoana*, Maceió: Edufal, 1981.

LOPES, José Rogério. Velhas devoções, novas devoções: mediações e mudanças no cristianismo devocional contemporâneo. In *PLURA Revista de Estudos da Religião*, vol. 1, nº 1, 109-135p, 2010.

LOUREIRO, Juliana Coelho. *Pelas entranhas de Olinda: um estudo sobre a formação dos quintais*. 2008. 229p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2008.

MARIANI, Anna, *Pinturas e platibandas*. 1. ed. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2010.

\_\_\_\_\_. *Pinturas e platibandas*. 2. ed. São Paulo: Mundo Cultural, 1987.

MARQUES, Ieda. *Lembanceiras, imaginário e realidade*. Lauro de Freitas: Solisluna editora, 2012.

MEIRELES, Cecília. *Obra em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

NASCIMENTO, Thalita Lins. *Quando o popular vira moderno: transformações e contaminações da arquitetura popular de Palmeira dos Índios*. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas, Arapiraca, 2013.

NASCIMENTO, Thalita Lins & SILVA, Maria Angélica. A memória moderna e a casa popular na contemporaneidade: possibilidades, permanências e devires. In: 5º SEMINÁRIO DO COMOMOMO NORTE/NORDESTE, 5, Fortaleza. *Anais*. Fortaleza, 2014.

NETO, João Cabral de Melo. O cão sem plumas. In: *Poesias Completas (1940-1965)*. 3. ed. 1979.

OLIVEIRA, Olivia. *Lina Bo Bardi. Sutis substâncias da arquitetura*. São Paulo/Barcelona: Romano Guerra/GG, 2006, p.358.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro e ARAUJO, Maria das Graças Ferreira. “Pequenos Santos”: uma devoção familiar. In *PLURA Revista de Estudos da Religião*, vol. 2, nº 1, 80-100p, 2011.

PALLASMA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PARENTE, Cristiane. O retrato pintado: manufaturas e utilização de fotografias pintadas à mão no Nordeste do Brasil. In: TURAZZI, Maria Inez (org.) *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*. n 27, p. 270-277, 1998.

VAUTHIER, Lous-Léger. Casas de residência no Brasil. In. PONCIONI, Claudia. *Pontes e Ideias: Lous-Léger Vauthier – um engenheiro fourierista no Brasil*. Recife: Cepe, 2010. p. 267-317.

QUEIROZ, Rachel de. *O Não Me Deixes: suas histórias e sua cozinha*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2010.

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*. 7.ed. São Paulo, Globo, 2002.

QUINTANA, Mario. *Caderno H*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*. 19. ed. São Paulo: Record, 2007.

\_\_\_\_\_ *Vidas Secas*. 107. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_ *Caetés*. 31 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ROSA, Guimarães. A terceira margem do rio. In *"Primeiras Estórias"*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SANT'ANNA, *Marcia*. Arquitetura popular: espaços e saberes. In. *Políticas Culturais em Revista*. V.6, nº02, p. 40-63.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira & VOGEL, Arno. *Quanto a casa vira rua: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 3. ed. São Paulo: Projeto, 1985.

SILVA, Maria Angélica. *Arquitetura Moderna – A atitude alagoana 1950 - 1964*. 1. ed. Maceió: Edufal, 1991.

\_\_\_\_\_. "A alma aqui não faz sombra no chão": Lúcio Costa e o saber vernáculo. *Cadernos PPGAU/FAUFBA*, v. 8, p. 103-117, 2009.

TENÓRIO, José Maria. *Quebrangulo, Quebrangulo sempre serás*. Quebrangulo: Prefeitura Municipal de Quebrangulo, 1996.

WEIMER, Günter. *Arquitetura Popular Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Enciclopédia dos Municípios de Alagoas. Maceió: Instituto Arnon de Melo, 2012

#### **Sites consultados:**

<http://quebrangulo.blogspot.com.br/>. Acesso em 21/09/2014 às 16: 25.

<http://www.quebrangulo.com/>. Acesso em: 21/09/2014 às 17:00.

<http://www.mcb.org.br/pt-BR/programacao/exposicoes/casas-do-brasil-2006>. Acesso em: 06/06/2015 às 19:00

<http://caminhosdasalagoas.blogspot.com.br/>. Acessado em 21/09/2014.

## APÊNDICES



## APÊNDICE A – IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS E PLANTAS BAIXAS

Nome:	João Mariano de Castro (74 anos) Ana Nunes Vieira de Castro	
Endereço	Rua 16 de Setembro (Rua da Cachoeira), Nº 58, Quebrangulo/AL	
Total de depoimentos concedidos:	18/08/2014	Demais habitantes: (Apenas o casal)
	30/09/2014	Casa própria
	28/05/2015	



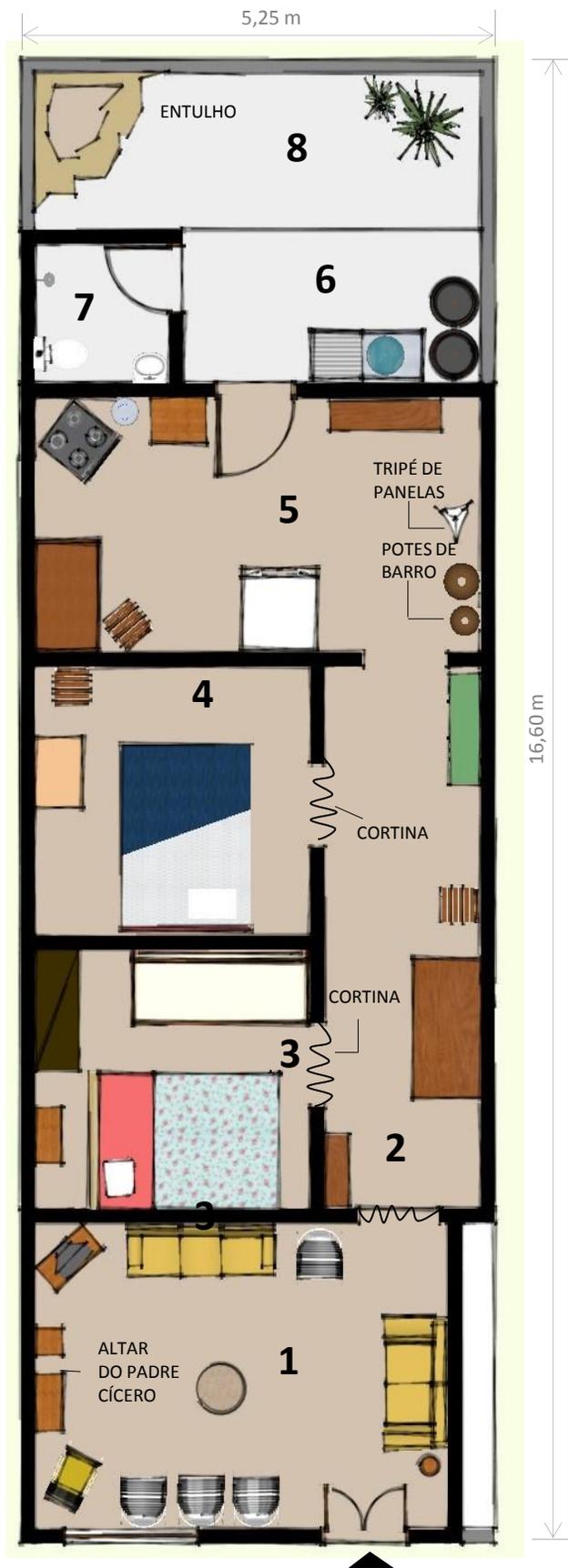
1. SALA
2. SALAS DO MEIO
3. QUARTO DO CASAL
4. QUARTO DE VISITAS
5. COZINHA
6. BANHEIRO
7. AREA DE SERVIÇO
8. QUINTAL



Nome:	Cícera Fortunata da Silva	
Endereço	Rua Paulo Jacinto (Rua Pernambuco), Nº 125, Quebrangulo/AL	
Total de depoimentos concedidos:	12/08/2014 16/09/2014 28/05/2015	Demais habitantes: (mora sozinha) Casa própria



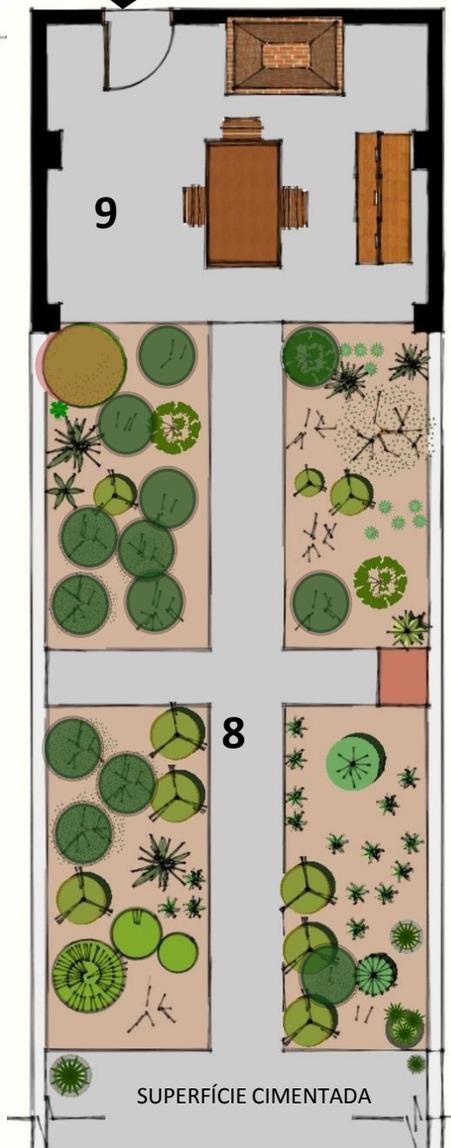
1. SALA
2. CORREDOR
3. QUARTO DE CÍCERA
4. QUARTO DE VISITAS
5. COZINHA
6. BANHEIRO
7. ÁREA DE SERVIÇO
8. QUINTAL



Nome:	Maria Vieira Cavalcante (78 anos)	
Endereço	Rua Paulo Jacinto (Rua Pernambuquinho), Nº 68, Quebrangulo/AL	
Total de depoimentos concedidos:	13/06/2014	Demais habitantes: (mora sozinha)
	30/09/2014	Casa própria
	29/05/2015	



ACESSO SECUNDÁRIO



1. SALA
2. CORREDOR
3. QUARTO DE MARIA
4. QUARTO DE VISITAS
5. COZINHA
6. BANHEIRO
7. AREA DE SERVIÇO
8. QUINTAL
9. AREA DE LAZER

PLANTA BAIXA

ACESSO

Nome:	Josefa Maria da Silva (56 anos) Bié (74 anos)	
Endereço	Rua 16 de Setembro(Rua da Cachoeira), Nº 36, Quebrangulo/AL	
Total de depoimentos concedidos:	18/08/2014	Demais habitantes: Maria (irmã de Josefa)
	29/05/2015	Casa própria



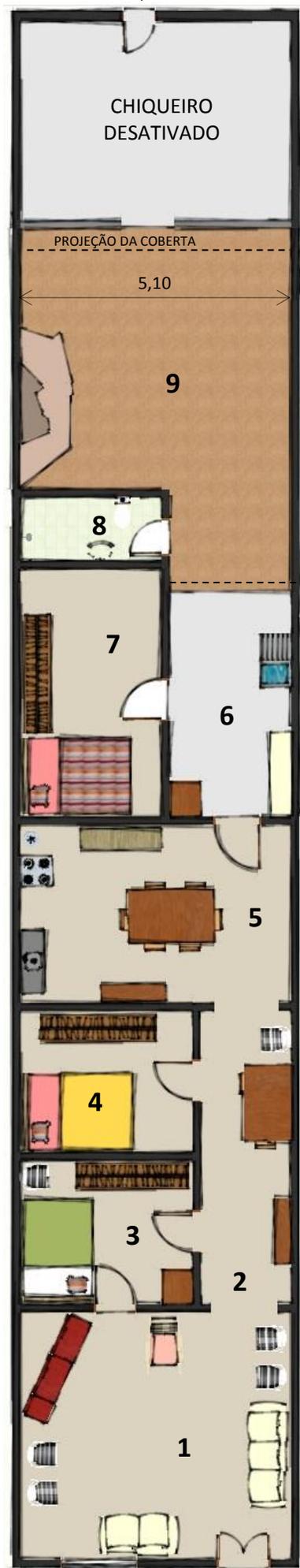
1. SALA
2. SALAS DO MEIO
3. SALA DO MEIO
4. QUARTO DO CASAL
5. QUARTO DE MARIA
6. QUARTO DE VISITAS
7. BANHEIRO
8. COZINHA
9. AREA DE SERVIÇO
10. QUINTAL



Nome:	Olívia Francisca de Albuquerque (76 anos)	
Endereço	Rua Paulo Jacinto (Rua Pernambuco), nº 164, Quebrangulo /AL	
Depoimentos concedidos:	12/08/2014	Demais habitantes: Filho
	30/09/2014	Casa própria



1. SALA
2. CORREDOR
3. QUARTO DE OLÍVIA
4. QUARTO DAS VISITAS
5. COZINHA
6. AREA DE SERVIÇO
7. QUARTO DO FILHO
8. BANHEIRO
9. QUINTAL



Nome:	José Soares de Mendonça (42 anos)	
Endereço	Rua Paulo Jacinto (Rua Pernambuco), Nº 58, Quebrangulo/AL.	
Depoimentos	13/06/2014 26/05/2015	(mora sozinho)



1. SALA
2. CORREDOR
3. ANTIGO QUARTO DA MÃE DE JOSÉ
4. QUARTO DE JOSÉ
5. COZINHA
6. AREA DE SERVIÇO
7. BANHEIRO
8. QUINTAL
9. ÁREA
10. QUARTO DE DESPEJO



Nome:	Juvenília Cabral da Silva (96 anos)	
Endereço	Rua Paulo Jacinto (Rua Pernambuquinho), Nº 54, Quebrangulo/AL.	
Depoimentos concedidos:	30/09/2014 25/05/2015	Demais habitantes: Daysiane (neta)



- |                             |  |
|-----------------------------|--|
| 1. SALA                     | 6. COZINHA INTERNA                             |
| 2. QUARTO DE DEYSIANE       | 7. COZINHA EXTERNA                             |
| 3. QUARTO DE DONA JUVENÍLIA | 8. BANHO                                       |
| 4. QUARTO DAS VISITAS       | 9. LATRINA                                     |
| 5. SALA DO MEIO             | 10. CHIQUEIRO DESATIVADO/<br>QUARTO DE DESPEJO |

Nome:	Iracema Ferreira de Lima (84 anos)	
Endereço	Rua Paulo Jacinto, Nº 203, Quebrangulo/AL.	
Depoimentos concedidos:	14/08/2014	Demais habitantes: Filha, neta e bisneta



1. SALA
2. QUARTO DA NETA E BISNETA
3. QUARTO DE DONA IRACEMA
4. CORREDOR
5. COZINHA
6. QUARTO DA FILHA
7. BANHEIRO
8. AREA DE SERVIÇO
9. QUINTAL



Nome:	Emanuela Gama Ferreira de Melo (23 anos)	
Endereço	Rua Paulo Jacinto (Rua Pernambuco), Nº 252, Quebrangulo/AL.	
Depoimentos concedidos:	20/08/2014	Demais habitantes: mãe



1. SALA
2. CORREDOR
3. QUARTO DA MÃE
4. QUARTO DE EMANUELA
5. COZINHA
6. BANHEIRO
7. QUINTAL



## DEMAIS ENTREVISTADOS:

Nome:	Epigênia Alves (67 anos)		
Endereço	Rua Paulo Jacinto (Rua Pernambuco), Quebrangulo/AL.		
Depoimentos concedidos:	20/08/2014	Demais habitantes: nora, filho e 2 netos	

Nome:	Dona Zefinha (80 anos)		
Endereço	Rua Major Cícero de Goes, Nº 34, Quebrangulo/AL.		
Depoimentos concedidos:	12/08/2014 20/08/2014	Demais habitantes: ( mora sozinha)	

Nome:	Josefa da Paz (62 anos)		
Endereço	Rua Paulo Jacinto (Rua Pernambuco), Nº 54, Quebrangulo/AL.		
Depoimentos concedidos:	13/06/2014	Demais habitantes: marido	

Nome:	Josefa Maria da Conceição (80 anos)	
Endereço	Rua do Comércio, Nº 296, Quebrangulo/AL.	
Depoimentos concedidos:	08/08/2014 18/08/2014	Demais habitantes: (mora sozinha)

Nome:	José Arnaldo da Silva ( 46 anos)	
Endereço	Av. 15 de Novembro (Rua do Beco), Nº 291, Quebrangulo/AL.	
Depoimentos concedidos:	30/09/2014	Demais habitantes: (mora sozinho)

Nome:	Geilza da Silva (47 anos) Jorge	
Endereço	Av. 15 de Novembro (Rua do Beco),Quebrangulo/AL.	
Depoimentos concedidos:	11/08/2014	Demais habitantes: mãe de Geilza



**APÊNDICE C - REGISTRO DA ICONOGRAFIA RELIGIOSA DAS CASAS**

Morador	Ambientes	Imagens e estatuetas de santos	
Dona Zefinha	Sala:	Paredes:  Sagrado Coração de Maria (2) Papa João Paulo Crucifixo	
	Corredor	Santa Luzia	
	Quarto:	Paredes:  São João Batista São Sebastião Santo Antônio N.S. do Perpétuo Socorro	

		<p>Estatuetas nas cômodas:</p> <p>São João Batista          Nossa Senhora Aparecida          Sagrado coração de Jesus (3)          N.S. do Rosário          N.S. da Penha          N.S. de Fátima (3)          N.S. das Graças          N.S. de Lurdes          N.S. da Conceição          Padre Cícero (2)          Jesus crucificado          Mãe rainha (2)          Santa Edwirges          Divina Trindade com Maria</p>	
		<p>Oratório:</p> <p>São Francisco de Assis          N.S. Aparecida          N.S. do Rosário          N.S. de Fátima          N.S. da Penha          Cristo Redentor          Jesus crucificado          Santo Expedito</p>	
	<p>Cozinha</p>	<p>Paredes:</p> <p>Sagrado Coração de Jesus e Coração de Maria          N.S. de Fátima</p>	
<p>Dona Maria</p>	<p>Sala:</p>	<p>Paredes:</p> <p>Sagrado coração de Jesus          Sagrado coração de Maria          Divino Espírito Santo          Jesus crucificado com São Francisco          Mãe Rainha          Calendário da paróquia          Senhor Jesus dos Pobres</p>	

		<p>Altar:</p> <p>Sagrado Coração de Jesus          São Lázaro          Padre Cícero          Jesus menino          Nossa Senhora das Dores          N. S. Aparecida          N.S. do Sagrado Coração          N.S. das Graças          Santa Quitéria</p>	
	<p>Quarto</p>	<p>Paredes:          Frei Damião          Papa Bento          N. S. do Sagrado Coração          Mesinha:          Padre Cícero          Sagrado Coração de Maria          São Francisco</p>	
	<p>Cozinha</p>	<p>Paredes:          Santa Luzia          Santa Ceia          Sagrado Coração de Jesus          Sagrado Coração de Maria</p>	
<p>Dona Cícera</p>	<p>Sala</p>	<p>Paredes: Santa Luzia          Padre Cícero (4)          Frei Damião (2)          Crucifixo          Santa Quitéria</p> <p>Raque da TV:          Padre Cícero          N. S. Aparecida (2)          Cristo Redentor</p> <p>Mesinha:          Padre Cícero</p>	

Josefa e Bié	Sala	<p>Paredes:  N.S. da Guia  Nossa Senhora com o menino Jesus  Sagrado Coração de Jesus  Santo Expedito  São Benedito  Crucifixo  Santa Luzia  Mãe Rainha</p> <p>Estatuetas:  Na estante:  N. S. de Fátima  Sagrada Família  Santa Quitéria  Santíssima Trindade com Maria  Banqueta: Sagrada família</p>	 
	Sala do meio	<p>Santa Ceia  Sagrado Coração de Jesus (2)  Santa Luzia  Padre Cícero</p>	  
Josefa	Sala	Sagrado Coração de Maria Mãe Rainha	

Maria	Quarto	Rosário na parede	
Emanuela Gama	Sala	Estante: N. S. Aparecida N.S. das Graças	
José Soares	Sala	Paredes: Sagrado Coração de Jesus Frei Damião  Estatuetas na estante: N. S. da Rosa Mística N.S. da Imaculada Conceição N.S. Aparecida Padre Cícero	 
	Corredor	Sagrado Coração de Jesus Santa Luzia Papa João Paulo (João Deus)	

	Cozinha	Santa Ceia	
Iracema Ferreira	Sala	<p>Nas paredes:</p> <p>Mãe Rainha</p> <p>Estatuetas:</p> <p>Mesinha:</p> <p>Sagrado Coração de Jesus</p> <p>N.S. Aparecida</p>	
		<p>Estante:</p> <p>N.S. Aparecida</p> <p>Sagrado Coração de Maria (2)</p> <p>Sagrado Coração de Jesus</p> <p>N.S. de Fátima</p> <p>N.S. das Graças</p> <p>Divina Trindade com Maria</p> <p>N.S. Desatadora dos Nós</p> <p>Santa Edwirges</p> <p>N.S. das Graças</p> <p>Mãe Rainha (2)</p> <p>Santa Quitéria</p>	
	Cozinha	Santa Ceia	
João e Ana		<p>Paredes:</p> <p>Santa Luzia</p> <p>Padre Cicero</p> <p>Padre Marcelo Rossi</p>	

	Sala	Santa Tereza Sagrada Família (relógio)	
	Sala do meio	Sagrado Coração de Jesus	
	Cozinha	Sagrado Coração de Jesus e de Maria	
Olívia	Sala	Na estante: N.S. Aparecida N.S. das Graças Mãe Rainha	
Epigênia	Sala	Na parede: Crucifixo Na estante: N.S. da guia Sagrado Coração de Maria	

Jorge e Geilza	Sala	<p>Paredes:          Padre Cícero          Sagrado Coração de Maria          Sagrado Coração de Jesus          Crucifixo          Santa Quitéria          N.S. do Perpétuo Socorro</p> <p>Na estante:          Padre Cícero          Mãe Rainha          N.S. das Graças          N.S. Aparecida          Santa Quitéria          Sagrado Coração de Maria</p>	
	Cozinha	Santa Ceia	
José Arnaldo	Obs.: evangélico		
Juvenilda	Sala	Sagrado Coração de Jesus e de Maria	
	Sala do Meio	Sagrado Coração de Maria (2) Sagrado Coração de Jesus	

		<p>Paredes:</p> <p>Santo Expedito          Frei Damiano          Mãe Rainha          Sagrada Família          Rosário</p>	
Quarto		<p>Oratório:</p> <p>Padre Cícero (7)          N.S. da Conceição          Sagrado Coração de          Jesus e de Maria          Santíssima Trindade          com Maria (2)          Santa Terezinha          N.S. das Dores (3)          Mãe Rainha (3)          N.S. Aparecida          Sagrada Família          Frei Damiano          N.S. das Graças          São Francisco          N.S. Desatadora dos          Nós          N.S. de Fátima          N.S. do Perpétuo          Socorro          Santa Rita de Cássia          Crucifixo</p>	

	Cozinha	Santa Ceia	
Josefa da Paz	Sala	Nossa Senhora Padre Cícero Sagrado Coração de Jesus	 <small>Tu és a mão, ó meu Deus que contém o amor</small> 
	Quarto	Nossa Senhora Aparecida Frei Damião Coração de Maria	  

## APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA

---

### **SOBRE A PESSOA**

1. Nome
2. Idade
3. É casado (a)?
4. Profissão? Faz o que pra se ocupar?
5. Mora com quem?
6. Tem filhos?
7. Onde nasceu?
8. Há quanto tempo mora em Quebrangulo?

### **SOBRE A CASA**

9. Há quanto tempo mora na casa?
10. Quando ela foi construída? Quem construiu?
11. Por que construiu assim?
12. Já fez reformas? Mudou muito desde que foi construída?
13. Você gosta de morar na casa?
14. Mudaria alguma coisa na casa? O que gostaria de mudar?
15. Passa muito tempo em casa?
16. Qual parte da casa gosta mais? Porque?
17. Que parte da casa usa mais?
18. O fato de ser colada dos lados incomoda? Ou o fato de a casa estar diretamente ligada à rua?
19. Como é a relação com os vizinhos?
20. Você tem amigos na rua?

### **SOBRE A CIDADE**

1. Quais os lugares mais importantes da cidade pra você?
2. Quais lugares você mais frequenta, quais mais gosta na cidade?
3. Quais as principais ruas?
4. E quando você era jovem? Como era? Quais lugares você frequentava mais?
5. Me fale uma característica de Quebrangulo.
6. O que tem de mais importante aqui na cidade?
7. E quais as festas que tem aqui? Vai a alguma?
8. Onde começa e onde termina Quebrangulo?
9. Sabe porque o nome da cidade é nome Quebrangulo?
10. Sabe alguma coisa sobre a história da cidade?
11. Sabe algum acontecimento importante que teve aqui? Alguma lenda ou história que o povo conta?

## APÊNDICE E – ROTEIRO DE PESQUISA DE CAMPO

.....

Entrevistado: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

### 1 FACHADA

#### 1.1 Geminada

SIM ( ) Não ( )

Dos dois lados ( )

De um lado ( )

#### 1.2 Gigante

SIM ( ) Não ( )

Material e cor: \_\_\_\_\_

#### 1.3 Detalhes geométricos

SIM ( ) Não ( )

Onde: Platibanda ( )  
Corpo ( )  
Parte inferior ( )  
Toda a fachada ( )

Características: \_\_\_\_\_

#### 1.3. Platibanda

Reta ( )

Escalonada ( )

Recortada ( )

Deslocada ( ) Completamente ( ) Parcialmente ( )

Borboleta ( )

Outra ( )

#### 1.4. Revestimento

Pintura ( ) Cor: \_\_\_\_\_

Cerâmica ( )

Textura ( )

Pedra ( )

Chapisco ( ) Onde: Parte inferior ( ) ou Toda a fachada ( )

Outro ( ) qual: \_\_\_\_\_

### 1.5 Esquadrias

Madeira ( )

Ferro e vidro ( )

Cor: \_\_\_\_\_

### 1.5 Calçada

Cimentada ( )

Revestimento cerâmico ( )

Nível da rua ( )

Alta ( )

### 2 PAREDES

Tijolo ( )

Taipa ( )

Blocos de cimento ( )

Outro material ( )

### 2.1 Reboco

Areia ( )

Argamassa( )

Outro ( ) \_\_\_\_\_

### 2.2 Cor das paredes internas:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### 3 Telhado

#### 3.1 Configuração:

Perpendicular à fachada ( )

Paralelo à fachada( )

Outro tipo ( ) Qual: \_\_\_\_\_

#### 3.2 Material:

Telha de barro ( )

Telha cerâmica ( )

Outro tipo ( )

### 4. escoamento das águas pluviais

Calha: Sim ( ) Não ( )

Onde: \_\_\_\_\_

Outro tipo de sistema de escoamento: \_\_\_\_\_

PISO

Cimento ( )

Cimento Liso ( )

Ladrilho ( )

Cerâmica ( )

Cor: \_\_\_\_\_

IMAGENS DE SANTO (quais são os santos?)

SIM ( )

Não ( )

Onde:

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

SALA ( )  
 QUARTO( )  
 CORREDOR ( )  
 COZINHA ( )

ESTATUETAS DE SANTO (quais são os santos?)

SIM ( )

Não ( )

Onde:

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

SALA ( )  
 QUARTO( )  
 CORREDOR ( )  
 COZINHA ( )

QUADROS COM FOTOS (perguntar de quem são as fotos)

SIM ( )

Não ( )

Onde:

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

SALA ( )  
 QUARTO( )  
 CORREDOR ( )  
 COZINHA ( )

ORATÓRIOS OU ALTARES

SIM ( )

Não ( )

Onde:

SALA ( )  
 QUARTO( )  
 CORREDOR ( )

COZINHA ( )

COZINHA

Dentro da casa ( )

Fora da casa ( )

Equipamentos eletrônicos:

---

---

Utensílios tradicionais (filtro de barro, pote, etc):

---

---

---

Olhar onde guarda as panelas

---

---

BANHEIRO

Dentro ( )

Fora ( )

Onde: SALA ( )

QUARTO( )

CORREDOR ( )

COZINHA ( )

QUINTAL ( )

AREA DE SERVIÇO

SIM ( )

Não ( ) Onde: \_\_\_\_\_

Serviços : Onde lava roupa? Onde estende? Onde passa?

---

---

Onde dorme? À noite e pelo dia?

---

---

Onde come: cozinha, sala?

---

---

Onde recebe as visitas?

---

---

QUINTAL

Grande ( )

Pequeno ( )

Plantações? SIM ( )

Não ( )

Quais? \_\_\_\_\_

Jardim? SIM ( )

Não ( )

Animais? SIM ( )

Não ( )

Quais? \_\_\_\_\_

Fez reformas na casa? SIM ( )

Não ( )

Quais: \_\_\_\_\_

---

---

---